

ARMANDO CHAVES COHEN

ESTUDOS SOBRE O APOCALIPSE

Um comentário versículo por versículo

ARMANDO CHAVES COHEN

ESTUDOS SOBRE O APOCALIPSE

Um comentário versículo por versículo

No último livro da Bíblia, encontra-se o cumprimento de todas as profecias desde o Gênesis. Suas páginas revelam o passado, o presente e o futuro, descortinando a glória da Igreja, a fidelidade de Deus quanto às promessas a Israel, a oportunidade concedida aos gentios na Dispensação da Graça e o destino dos que se opuseram aos desígnios de Deus. A figura central é Jesus Cristo, consumador de todo o plano divino. É o Cordeiro de Deus que foi morto, e resgatou para o Todo-Poderoso homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação.
Ao compulsar as páginas de Estudos sobre Apocalipse, o leitor:

- Sentir-se-á introduzido nas regiões celestiais
- Perscrutará profundamente as coisas divinas
- Terá prazer em divulgar o Evangelho, para que outros também tenham a vida eterna

Nestes últimos dias, quando todos os sinais anunciam para breve o retorno de Cristo, este livro constitui uma solene advertência a todos os cristãos.

AUTOR

Armando Chaves Cohen destacou-se entre os pastores brasileiros como conferencista e escritor de temas escatológicos e históricos. Suas outras obras são: *A Segunda Vinda de Cristo*, *A Vida Terrena de Jesus* e *Notas sobre o Gênesis*.



ISBN 85-263-0300-
9 788526 303003


ESTUDOS SOBRE O
APOCALIPSE
Um comentário versículo por versículo

Todos os direitos reservados. Copyright © 2001 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais e revisão: Mardônio Nogueira
Capa e projeto gráfico: Flamir Ambrósio
Editoração: Oséas Felicio Maciel

CDD: 170 – Estudos sobre o Apocalipse
ISBN: 85-263-0300-7

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

8ª Edição 2001

Sumário

Uma palavra 5
Uma explicação 7
Introdução 9
1. Alguém semelhante ao Filho do homem 27
2. As quatro primeiras cartas 37
3. As três últimas cartas 69
4. O Trono no Céu 97
5. O livro selado e o Cordeiro 105
6. Os seis primeiros selos 111
7. Os 144.000 assinalados e os mártires na glória 131
8. O sétimo selo e as quatro primeiras trombetas 139
9. A quinta e sexta trombetas 149
10. O anjo e o livrinho 161
11. As duas testemunhas e a sétima trombeta 167
12. A mulher e o dragão 179
13. A besta que subiu do mar e a que subiu da terra 191
14. Mensagens das sete visões 207
15. O cântico da vitória 221
16. As taças da ira de Deus 225
17. A mulher assentada numa besta 239
18. Lamentação sobre a Terra 255
19. Alegria e triunfo nos céus 267
20. Mil anos de bênçãos 283
21. O novo Céu e a nova Terra 295
22. A eternidade com Cristo 309

Uma palavra



O Apocalipse sempre foi o livro das Escrituras que mais me chamou a atenção. Impelido pela curiosidade, por ouvir de muitos que ele é o texto mais difícil da Bíblia e sua interpretação jamais poderá ser feita a contento, pus-me a estudá-lo pacientemente, durante quase toda a minha vida de crente em Jesus Cristo. Nesse afã, tudo o que se referia ao citado livro, quer notas adquiridas em estudos bíblicos ministrados por eminentes professores, quer anotações extraídas de livros, jornais e revistas, tudo o que vinha concordar com a minha fraca opinião acerca da interpretação desse livro, eu coletava, com o objetivo de formar um caderno que me fornecesse subsídio para alguns estudos particulares sobre o assunto.

Nunca tive interesse em publicar essas notas, porque eu as achava insuficientes, sujeitas a sérias críticas por parte dos grandes expoentes da literatura evangélica. Eu as queria só para mim e depois deixá-las em meu arquivo como relíquia a meus filhos. Porém, por necessidade, tive o privilégio de ministrar alguns estudos a obreiros nas igrejas no Estado do Pará e na Escola Bíblica da Assembléia de Deus em Belém, quan-

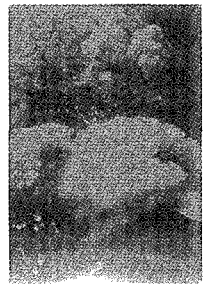
do fui forçado a usar o meu caderno de notas, guardado com muito cuidado. Isso despertou a atenção de alguns colegas e de moços da igreja, que me entusiasmaram e deram-me coragem para enfrentar a publicidade por mim tão temida.

Peço clemência aos meus leitores. O meu propósito não é polemizar nem contradizer alguém. Desejo apenas ajudar os mais simples e quem queira fazer uso deste humilde trabalho. Usei o mesmo método de Orlando Boyer no seu livro *Visão de Patmos*, do qual tomei algumas notas. Também utilizei anotações de *A Bíblia Explicada*, de S.E.Mc Nair e de *Estudos sobre o Livro de Apocalipse*, de James H. Ingleby, que tomei a liberdade de transcrever alguns trechos.

São apenas estudos e notas sobre o Apocalipse, os quais, com a ajuda do Senhor, muito poderão servir aos que de bom grado deles queiram fazer uso. Também servirão a meus filhos, a quem dedico como lembrança.

O Autor

Uma explicação



"Apocalipse é uma palavra derivada do grego *apokalypsis*. No latim, é *revelatio*, que significa revelar, expor à vista e, metaforicamente, descobrir uma verdade que se achava oculta" (*Dicionário da Bíblia*, John D. Davis).

O Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João mais ou menos no ano 96 d.C., logo após ter sido solto por Nerva, substituto de Domiciano, o imperador sob cuja crueldade ele foi exilado na Ilha de Patmos. Ao regressar a Éfeso, agora com liberdade, João passou ali os últimos dias de vida na Terra, onde escreveu esse livro.

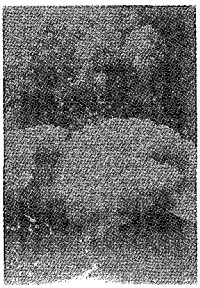
O Espírito Santo divide o livro em três partes (1.19):

1. *"As coisas que viste";* as que João presenciou antes de escrever o livro (cap. 1).

2. *"As que são";* as existentes nas sete igrejas, no tempo em que João escreveu o Apocalipse (caps. 2 e 3).

3. *"As que hão de acontecer";* as constantes dos capítulos 4 a 22.

Introdução



(Cap. 1.1-8)

v. 1. *"Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus servos..."*

O Apocalipse é a revelação de Deus aos homens. É o esclarecimento sobre o juízo e a condenação dos ímpios e sobre a segurança e a garantia da vida eterna dos fiéis. O prefácio do livro deve ser considerado como um convite de Jesus aos seus servos, para receber as bênçãos no santuário do Senhor, a exemplo de Moisés, que tirou as sandálias dos pés para aproximar-se da sarça ardente. Assim deve ser a nossa atitude reverente ao entrarmos na presença de Deus.

"Revelação de Jesus" quer dizer Cristo revelando ou fazendo saber algo para a nossa instrução (1 Pe 1.7,13). O segredo do Senhor é para os que o temem (Sl 25.1; Mt 11.25; 13.10-13; 16.17). Quando temos um coração sincero e humilde, todas as parábolas e profecias nos são bem compreensíveis (Jo 15.15; leia Deuteronômio 29.29; Daniel 12.10; João 7.17; 1 Coríntios 2.9-16).

"... as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo".

O texto não diz que as coisas reveladas iam começar logo, nem que seriam realizadas de uma só vez, tampouco com alguma delonga; mas compreende-se que será cumprida toda esta escritura de acordo com os eventos. Exemplo: Pedro declarou: "Está próximo o fim de todas as coisas" (1 Pe 4.7); Tiago afirmou: "A vinda do Senhor está próxima" (Tg 5.8). De acordo com estas expressões, ainda há muitas coisas preditas que não aconteceram (Ap 1.7; 21.10). Para elas chegará o dia de se cumprirem.

v. 2. *"O qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto".*

João não ficou calado, medroso, ainda que já houvesse sofrido grandes perseguições e passasse pela condenação da morte naquela ilha infecta e perigosa, cheia de serpentes venenosas. Mas, como recebera do Senhor, não ficou calado; porém, testificou de tudo e a todos, das maravilhas que viu e ouviu. Este é um sublime exemplo para os que se dedicam à obra do Senhor. Todo o medroso que teme enfrentar o trabalho sofrerá as conseqüências de seu receio. "O temor tem consigo a pena e o que teme não é perfeito em caridade" (1 Jo 4.18).

João, agora liberto, morando outra vez em Éfeso, poderia recear os homens, pois ele já havia sido levado ao suplício para morrer; mas certamente se recordava das palavras do grande Mestre: "E não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo" (Mt 10.28).

v. 3. *"Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas..."*

"Bem-aventurado aquele que lê". É grandemente abençoado o que lê [atenta para a Palavra de Deus] (Pv 4.20), porque será guardado do erro e de toda sorte de pecados em sua vida (Sl 119.11; Mt 22.29). A Palavra de Deus é uma lâmpada (Sl 119.105) que ilumina o nosso caminho; é escudo para os que confiam no Senhor (Pv 30.5); é espada bigúmea, que penetra até a divisão da alma e do espírito (Is 49.2; Hb 4.12); é fogo e martelo que esmiúça a penha (Jr 23.29); é a boa semente (Lc 8.11; 1 Pe 1.23); é espírito e vida (Jo 6.63); é a verdade (2 Sm 7.28; Sl 119.142,151; Jo 17.17); é a água que lava (Jo 3.5; Ef 5.26; Tt 3.5; Hb 10.22); purifica o pecador para ser salvo; é doce ao paladar (Sl 119.103), melhor do que o licor dos favos e do que se pode desejar (Jó 28.15-19; Pv 8.11). A Palavra de Deus permanece para sempre (Sl 119.89; Is 40.8; Mt 24.34,35).

Deus nunca permanece sem testemunho (At 14.17); por isso tem falado aos homens de diversas maneiras: a) através da própria natureza (Sl 19.1-4; Rm 1.19,20); b) diretamente ao ser humano (Dt 5.24); c) por meio dos anjos (Gn 16.7-12; Lc 1.28); d) por intermédio dos profetas (2 Pe 1.21). Mas somente falar pela natureza ou pela revelação natural não foi suficiente, embora pudesse levar o homem ao conhecimento de Deus e exigir dele a adoração devida; por isso, o Senhor concedeu a revelação escrita ou sua Palavra, pela qual não só fez com que o ser humano o conhecesse, como também ouvisse sua voz (Is 8.19,20; 34.16; Jo 5.39,40; Rm 2.14,15). Não podemos confiar muito na nossa memória e na tradição, para retermos tudo o que é necessá-

rio; por isso, tornaram-se as Escrituras uma necessidade. Em suma, a Palavra de Deus é um guia infalível, para preparar o homem quanto ao conhecimento do Senhor e indicar-lhe o caminho a seguir em sua vida (2 Tm 3.15-17).

"E os que ouvem". O Senhor tem reservado bênçãos especiais para os que o ouvem (obedecem). Através de Isaías o Senhor diz: "Inclinai os vossos ouvidos e vinde a mim, ouvi e a vossa alma viverá, porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de Davi" (Is 55.3). Jesus recomenda: "Vede pois como ouvis; porque a qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver, até o que parece ter, lhe será tirado" (Lc 8.18); "Na verdade vos digo, que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão" (Jo 5.24,25).

"E guardam". José, filho de Jacó, guardava as revelações que Deus lhe dava e as conferia (Gn 37.5-7,9,10; 42.6-9). Maria, mãe de Jesus, também guardava tudo quanto lhe era revelado acerca de seu Filho (Lc 2.19-51). Feliz é o homem que não se deixa levar por todo o vento de doutrina (Ef 4.14), mas examina bem para certificar-se da verdade, como fizeram os bereanos (At 17.10-12). Paulo recomenda a Tito e a Timóteo a conservação da sã doutrina (1 Tm 6.13,14; 2 Tm 1.13; 3.14,15; Tt 1.9; 2.1,7). Há muitos desordenados que não se conformam com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade (1 Tm 6.3-5). Isso para provar o que diz o Espírito santo: "apostarão alguns da fé, dando ouvidos a doutrinas de demônios" (1 Tm 4.1-3) e "obede-

cendo a outro evangelho ou outra palavra, que é segundo os homens" (Gl 1.8-12). São, portanto, bem-aventurados os que ouvem e guardam as coisas contidas na Palavra de Deus.

"... porque o tempo está próximo".

Nunca antes presenciamos a angústia das nações, em perplexidade, como agora (Lc 21.25,26). O interesse do mundo está voltado para as coisas inteiramente materiais (Mt 24.38; Lc 17.28-30), dentro de todos os prismas sociais e políticos, e não há quem busque a Deus (Rm 3.11,12; leia Salmo 14.1-3), e se interesse pela pregação da Palavra (Is 53.1; leia João 12.38,39; Romanos 10.16). Na própria Igreja, o amor já é escasso (Mt 24.12) e os grandes males se sucedem (1 Tm 4.1,2; 2 Tm 3.1-9). Isso não obstante a boa e agradável advertência do Senhor (Mt 24.13; Lc 21.34-36). Nós afirmamos que o tempo está próximo e convidamos o leitor a conhecer os seguintes sinais que evidenciam a segunda vinda de Jesus:

1. As inúmeras religiões surgidas no mundo, antes de sua volta (Mt 24.23,24; Lc 21.18).

2. A manifestação da apostasia (2 Ts 2.1-12; 1 Tm 4.1-3).

3. A extrema corrupção que atingirá o mundo nos últimos dias (2 Tm 3.1-9):

a. avarentos (Fp 2.19-21; 2 Pe 2.3; Jd 17,18);

b. sem afeto natural (Rm 1.28-32);

c. traidores (2 Pe 2.10,13,14);

d. com aparência de piedade (Tt 1.11,16).

4. A manifestação dos escarnecedores (2 Pe 3.3,4; Jd 18).

5. O princípio de dores (Mt 24.6-8); sinais nas nações (v. 9); perseguição contra os fiéis (vv. 10-

12); falta de amor, escândalos e heresias no seio da Igreja.

6. A evangelização na sua maior força (At 1.7,8); Cristo acompanha seus discípulos (Mc 16.15-20); Jesus envia (At 13.41; Rm 10.18) e a obra de evangelização é efetuada.

7. A volta do povo de Israel para a sua terra.

Sua dispersão: Israel - Reino do Norte por Sargom, rei da Assíria, em 722 a.C. (2 Rs 17.5,6,23,24); *Judá* - Reino do Sul por Nabucodonosor, rei da Caldéia, em 587 a.C. (Jr 52); e entre as nações, por Tito, general romano, em 70 d.C. (Dt 4.27; Ez 22.15; 36.16-23; Lc 21.20,24).

Sua volta [de Judá] (Ez 24.11-13; 36.24-38; 37.21,22).

Israel dado como sinal: "a figueira" — advertência para os crentes (Mt 24.32; Lc 21.29,31).

A promessa de Deus (Rm 11.25-27).

8. Os sinais no céu (Lc 21.25,26) [sinais evidentes em nossos dias].

v. 4. "*João, às sete igrejas que estão na Ásia...*"

A mensagem foi dirigida às sete igrejas locais então existentes e, de acordo com a situação que cada uma enfrentava, o Senhor lhes deu a necessária advertência. Mas aqui, estas sete igrejas representam, simbolicamente, a *Igreja de Deus* durante a presente dispensação, isto é, desde o Pentecoste até a segunda vinda de Jesus. São em número de *sete*, porque o tempo está dividido em sete períodos ou dispensações, onde cada fase corresponde à situação espiritual da Igreja em determinado período.

O número SETE é símbolo de perfeição ou plenitude, e é um número sagrado.

"SETE é um dos algarismos empregados no processo de calcular, sem ligação alguma com assuntos religiosos. Era, contudo, um número considerado sagrado pelos hebreus e por outros povos de raça semítica, entre os quais se contam os arianos da Pérsia e até mesmo os gregos. Encontra-se esse número na descrição do templo da Sabedoria (Pv 9.1), nas sete tranças da cabeleira de Sansão, consagrado a Deus (Jz 16.13,19), nas vítimas que eram sacrificadas na violação do pacto (2 Sm 21.6,9), e nas cordeiras que serviam para atestar o tratado entre Abraão e Abimaleque (Gn 21.23-30). A idéia de que o número sete deriva o seu caráter sagrado da soma três, mas o número quatro, é pura fantasia. Considera-se número sagrado, porque Deus o empregou na contagem dos luminares postos no firmamento; o Sol, a Lua e os cinco planetas; as fases da lua renovam-se de sete em sete dias. Todos estes fenômenos servem para confirmar a sagração do número sete. Deus abençoou o dia sétimo e o santificou" (Dicionário John D. Davis).

" ... Graça e paz seja convosco..."

Palavras de ânimo para todos os filhos de Deus. O vocábulo "graça" lembra-nos o amor divino e as bênçãos imerecidas do passado e do presente; bênçãos que nunca nos faltarão no futuro (leia Tito 2.11). O termo "paz" sempre nos fala daquele que é a nossa paz e que sobre a cruz fez a paz em nosso favor. Por Ele temos agora paz com Deus, porque Ele nos justificou (Is 32.17; Jo 14.27;16.33; Rm 5.1; Ef 2.14; Cl 1.20); é a paz de Deus que domina os nossos corações e nos proporciona alegria perene (Fp 4.7; Cl 3.15).

A invocação da paz foi sempre uma saudação entre os homens, através dos tempos (Gn 43.23; Dn 4.1; 1

Sm 25.26), e Jesus nos dá este exemplo, ao saudar os seus discípulos com a paz (Lc 24.36). Assim desejamos permanecer, conforme os ensinos do Senhor, a fim de mantermos entre nós a grande saudação — A PAZ DO SENHOR (Mt 10.12,13; Lc 10.5,6), que é a mesma saudação apostólica (2 Co 13.13; Ef 6.23; 1 Pe 5.14).

"... da parte daquele que é, que era, e que há de vir e dos sete espíritos que estão diante do trono";

Quem é Deus? — "Deus é espírito, infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade":

1. Deus é espírito (Jo 4.24);
2. Deus é eterno (Êx 3.14; Dt 33.27; Sl 90.2; 1 Tm 1.17);
3. Deus é imutável em seu ser (Sl 102.27; Ml 3.6; Tg 1.17);
4. Deus é sabedoria (Sl 104.24; Rm 11.33; Ef 1.8);
5. Deus é poder (1 Cr 29.12; Sl 62.11);
6. Deus é santidade (Sl 99.9; Is 6.3);
7. Deus é justiça (Sl 145.17; Dn 9.14; 1 Jo 1.9);
8. Deus é bondade (Sl 23.6; 31.19; 52.1; Mt 19.17);
9. Deus é verdade (Sl 100.5; 146.6; 2 Tm 2.13);
10. Deus revela-se a si mesmo, faz-se conhecer e proclama o seu nome (Êx 3.15; 6.2; 34.5-7).

Nas notas dos estudos apresentados pelos pastores Alcebíades Pereira Vasconcelos e Geziel Nunes Gomes, na Escola Bíblica em São Cristóvão (RJ), no período de 5 a 19.7.71, temos os principais nomes pelos quais Deus é conhecido nas Escrituras Sagradas:

1. **EL.** Este nome designa Deus como o Forte, o Primeiro, o Poderoso, a Origem de tudo.

A primeira menção deste nome ocorre em Gênesis 14.18. Aparece 220 vezes em toda a Bíblia Sagrada.

2. **ELOHIM.** Traduz Deus, cujo vocábulo está no plural. Refere-se ao Senhor como CRIADOR e ADMINISTRADOR DO UNIVERSO. Literalmente, ELOHIM significa "o que põe o poder para fora" (Gn 1.1; 2.3). Este nome aparece 2.701 vezes na Bíblia, principalmente nos livros de Deuteronômio e Salmos.

3. **ELOAH.** É singular de ELOHIM; fala e define DEUS como o único Deus (Sl 18.31);

4. **ELAH.** Corresponde ao nome ELOAH da língua hebraica. ELAH é um nome de origem caldaica e aparece na Bíblia cerca de 75 vezes, nos livros de Esdras e Daniel. Interpreta Deus como vivo e verdadeiro.

5. **JEOVAH.** É traduzido por Deus ou Senhor. Encontra-se registrado cerca de 6.437 vezes nas Escrituras Sagradas e expressa a autoridade de um Deus autoexistente. Tem a sua origem no verbo SER em hebraico: IWVH. Inclui os três tempos: passado, presente e futuro: "Ele que era, que é e que há de vir" (Êx 3.14; 6.3-4). Este é o nome nacional de Deus entre os judeus. Existem várias composições do nome de Deus nas quais aparece JEOVAH:

a. JEOVAH-HOSSEU, o Senhor que nos criou (Sl 95.6);
b. JEOVAH-JIRÊ, o Senhor que provê (Gn 22.14);
c. JEOVAH-SHALOM, o Senhor que é paz (Jr 6.24);
d. JEOVAH-RAFA, o Senhor que nos cura (Êx 15.26);
e. JEOVAH-ELOHEKA, o Senhor teu Deus (Dt 16.1);
f. JEOVAH-NISSI, o Senhor nossa bandeira (Êx 17.15);
g. JEOVAH-RAHA, o Senhor meu pastor (Sl 23.1);
h. JEOVAH-SAMÁ, o Senhor está aqui (Ez 48.35);
i. JEOVAH-EL, o Senhor que é Deus da verdade (Sl 31.5);
j. JEOVAH-TSIDEKENU, o Senhor nossa justiça (Jr 23.6).

6. **ADONAY.** Esse termo vem do vocábulo ADON, que significa Senhor, em hebraico. O sentido de ADON é "MEU SENHOR". Define Deus como mestre, senhor e dono de seu povo. A palavra ADONAY sugere o seguinte conceito:

a. autoridade (Ez 16.3);
b. poder (Is 61.1);
c. deidade (Sl 35.23);
d. reverência (Dn 9.3);
e. responsabilidade (Is 6.8-11);
f. posse ou parentesco (Sl 16.2).

A REVELAÇÃO DA TRINDADE

Não cremos em três deuses e sim em um só Deus, conforme Efésios 4.4-6. Deus constituiu-se a si mesmo essencialmente UNO (Dt 6.4; Is 44.6; 1 Co 8.4; Tg 2.19), porém manifestamente TRINO. Deus é uma Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A ação da Trindade revela-se na Bíblia clara e insofismavelmente. Vejamos os textos e comparemos as expressões:

Gênesis 1.26: "Façamos", "nossa".
Gênesis 3.22: "É como um de nós".
Gênesis 11.5,7: "Desçamos e confundamos".
Em Isaías 7.14 lemos:
1. O Espírito Santo fala pelo profeta;
2. Fala em nome do Senhor;
3. Dá o sinal - o nascimento do Filho.
Em Isaías 63.9,10 lemos:
1. Deus angustiado;
2. O anjo de sua face, o Filho;
3. Contristaram o Espírito Santo.
Em Mateus 3.16,17, lemos:
1. O Filho sendo batizado;

2. O Espírito Santo vem sobre Ele em forma corpórea de pomba;
3. O Pai, dos céus, aprovando o Filho.

Em Mateus 28.19, o batismo deveria ser feito:
1. Em nome do Pai;
2. Em nome do Filho;
3. Em nome do Espírito Santo.

Em Lucas 24.49, lemos:
1. O Filho promete enviar;
2. A promessa do Pai;
3. O Espírito Santo.

Em João 15.26, lemos:
1. O Filho promete enviar;
2. O Espírito Santo;
3. Da parte do Pai.

Em 2 Coríntios 13.13, lemos:
1. A graça de Jesus Cristo;
2. O amor de Deus;
3. E a comunhão do Espírito Santo.

Podemos dizer:

a. que o Pai é Deus (Mt 11.25; Jo 6.27; 8.41; Rm 15.6; 1 Co 8.6; Gl 1.1; 3.4; Ef 4.6; 1 Ts 1.27; 1 Pe 1.2; Jd 1);

b. que o Filho é Deus (SI 45.6; leia João 1.1,18; 10.30; 20.28; Atos 28; Romanos 9.5; Filipenses 2.6; Colossenses 2.9; Hebreus 1.8; 2 Pedro 1.1; 1 João 5.20). Ele se apresenta a si mesmo como o Deus da Aliança (Gn 17.1-21; Êx 24.1-8; Hb 12.24; 1 Pe 1.1,2; leia João 8.58; Hebreus 13.8). Examinemos também Isaías 40.3; leia Números 21.5,6; Isaías 6.1-3; Joel 2.31,32; Lucas 1.76; João 3.28; Romanos 10.13; Apocalipse 6.16,17;

c. que o Espírito Santo é Deus (At 5.3,4; 1 Co 2.10,11; 3.16; Ef 2.22).

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são, pessoalmente, distintos um do outro, e entendem-se perfeitamente

entre si. Amam-se e honram-se mutuamente (Is 11.2; Jo 15.26; 16.13,14; 17.8,18,23; 1 Co 2.10,11). Contudo, há um só Deus e dizemos não só que cada Um é Deus, mas que Um é o mesmo Deus.

Os sete Espíritos. Isso significa a perfeição da Onipotência, Onipresença e Onisciência de Deus.

v. 5. *"E da parte de Jesus Cristo..."*

Disse o anjo a José: "E chamarás o seu nome JESUS; porque Ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Disse o anjo a Maria: "Eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome JESUS" (Lc 1.31).

JESUS significa Salvador (At 4.12; 5.30,31; CRISTO, Messias, Ungido (Mt 16.16,20; Mc 8.29; Jo 1.41).

"... que é fiel testemunha..."

Cristo é a fiel testemunha em contraste com todos os outros que falharam: Abraão (Gn 12.10; 20.1-18); Moisés (Nm 20.7-12); Davi (2 Sm 11.1-27); porém Jesus jamais errou (Jo 8.46; leia João 8.14,29; Apocalipse 19.11). Alguns ilustres pregadores firmam a sua mensagem em João 19. 23,24, quando declaram a integridade de Jesus: "A sua túnica não tinha costura" - sua vida também não tinha emendas.

Vejamos o que os apóstolos afirmam: Pedro - "O qual não conheceu pecado, nem na sua boca se achou engano" (1 Pe 2.22); João - "Nele não há pecado" (1 Jo 3.5); Paulo - "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21); "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós..."(Gl 3.13). Ele é a fiel testemunha.

"... o primogênito dos mortos..."

O primeiro que penetrou na ressurreição da vida (1 Co 15.20-23; Cl 1,18). O ressurgimento do filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17); da filha de Jairo (Lc 8.40-42,49-56); de Lázaro (Jo 11.1-45); e outros apontados nos evangelhos, foram apenas uma demonstração da parte de Deus, como sinal, para trazer muitos à fé (Lc 16.31; Jo 12.9,11,17,18); houve neles uma ressurreição parcial, porque não foram poupados de morrerem outra vez (Jo 12.10), porque somente Cristo é a ressurreição e a vida (Jo 11.15,26).

"... o príncipe dos reis da terra".

Coube a Jesus a promessa feita por Deus a Davi: "Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti a tua semente, que sair das tuas entranhas e estabelecerei o teu reino. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre"(2 Sm 7.12,16). [Esta bênção está confirmada nas seguintes referências: Is 55.4; Dn 2.44; 7.14,27; Ob 2.1; Mq 4.7; Lc 1.31,33; Ap 11.15].

"... Aquele que nos ama..."

"Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15.13). O Pai nos demonstrou o seu grande amor, ao conceder seu bendito Filho para morrer por nós (Jo 3.16). Jesus provou a consagração do mesmo amor, pois voluntariamente deu a sua vida por nós (Jo 10.11,17,18; leia Isaías 53.7,8,12; Hebreus 2.9); e disso vemos a prova no Jardim do Getsêmani, quando Cristo foi preso (Jo 18.5-8).

Se o Senhor não quisesse sofrer a morte, ninguém conseguiria prendê-lo. Aqui na Terra o Senhor amou os seus até o último momento de sua vida, não obstante ter entre os seus discípulos um Judas Iscariotes (Jo 6.70; 13.1; 17.12). Agora, no Céu, Jesus continua a amar e a dar provas desse amor (Is 49.15,16; Jo 13.34).

"... e em seu sangue nos lavou dos pecados".

Sem derramamento de sangue não há remissão de pecado (Hb 9.22). O sangue representa a vida (Dt 1,23; Lv 17.14); e pelo pecado é exigida a vida: "O salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Esta era a condição em que se encontrava a humanidade, porque todos pecaram (Rm 3.23). Assim, o derramamento do sangue é sinal típico da expiação do pecado. Por isso, Deus, para beneficiar os homens, instituiu o sacrifício de animais pelo pecado do homem (Lv 16 e 17), cujo sangue era derramado sobre o altar para expiação pela vida (Lv 17.11), o qual servia apenas para cobrir o pecado (Sl 32.1; Rm 4.6,7).

"Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado eterna redenção. Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza duma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" (Hb 9.11-14).

Cristo é o nosso "Cordeiro Pascoal", o substituto legal dos homens, figurativamente imolado "desde a

fundação do mundo". Leia Êxodo 12.3; Isaías 53.7; Atos 8.32. Ele é representado pelo cordeiro substituto de Isaque (Gn 22.13), e é o nosso "Cordeiro de Deus que tira (não cobre) o pecado do mundo" (Jo 1.29). Ele foi imolado por nós e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados (Is 53.4-9; Ef 1.7; 1 Pe 1.18,19).

v. 6. *"E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a Ele glória e poder para todo o sempre. Amém".*

O propósito de Deus para com Israel era ter o seu povo separado e santificado tão-somente para si (Lv 20.26, comp. Dt 10.15; Êx 19.5,6), mas Israel não obedeceu à palavra do Senhor (Sl 81.8-16), e por isso perdeu a bênção (Dt 4 e 28; 2 Sm 7.23) que lhe estava destinada (Êx 19.6). Deus a deu a outra nação (Is 55.5), que resgatará dentre todos os povos, línguas, tribos e nações (Rm 9.22-26; 1 Pe 2.10), constituindo-a sacerdócio real e nação santa, para o seu louvor (1 Pe 2.5,9; Hb 7.5,23,24).

v. 7. *"Eis que vem com as nuvens..."*

Deve-se distinguir entre esse evento visível e o Arrebatamento da Igreja (1 Ts 4.17), que será em secreto (Mt 24.36-42).

Fatos que acontecerão no ARREBATAMENTO (rapto):

1. Cristo vem de repente (Mt 24.27; Lc 17.26-30).
2. Vem como relâmpago (Lc 17.24). Isso caracteriza o momento do rapto (só para a Igreja).
3. Vem como ladrão de noite (Mt 24.42-44; 1 Ts 5.2; Ap 11.15), a fim de significar a maneira do rapto: silencioso, momentâneo.

4. No mesmo momento haverá:

a. *A ressurreição dos que morreram em Cristo* (1 Ts 4.13,14). Jesus levantar-se-á da direita do Pai Eterno e todos os santos que estão no Paraíso "Deus os tornará a trazer com Ele" (v. 14). Enquanto Cristo se dirige como um relâmpago (Lc 17.24) aos ares, para ali recepcionar a Igreja (Ap 22.12), os santos que já estão na glória virão à Terra para que se efetue a ressurreição de seus corpos (1 Co 6.14; compare Romanos 6.5 com 1 Coríntios 15.35,36-43) [Estes versículos devem ser lidos parceladamente]. Todos receberão um corpo igual ao de Jesus (compare Filipenses 3.21 com 1 Coríntios 15.48,49; Hebreus 2.14,17;1 João 3.2).

b. *A transformação dos fiéis vivos* (1 Ts 4.15-17). [Aconselhamos o prezado leitor que adquira o nosso livrinho *A Segunda Vinda de Jesus*, que trata bem desse assunto]. "Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar com o Senhor" (v. 17). Será um acontecimento excessivamente rápido (1 Co 15.51-54). Os fiéis subirão para estarem com o Senhor (Lc 17.34-36), enquanto os infiéis e desobedientes ficarão para receberem o pagamento de sua ingratidão (leia Mateus 7.21-23; 25.11-13; Romanos 2.6-11).

Cristo, no rapto, vem para os seus santos (Jo 14.3,18), mas, na sua manifestação em glória, vem com os seus santos (Zc 14.4,5; Cl 3.4; 1 Ts 3.13; Jd 14). O rapto será secreto e momentâneo, mas na sua manifestação em glória "todo olho o verá" (At 1.11).

"... e todo olho o verá, mesmo os que o traspassaram..."

Como repressão à manifestação do Anticristo, Jesus aparecerá nas nuvens (Dn 7.13; Mt 24.29,30;

26.64), acompanhado de um grande cortejo desde o Céu (Ap 19.14), o qual tomará parte na grande vitória sobre a Besta e o Falso Profeta (Ap 16.14-16; 19.19-21). Depois seus pés pisarão no monte das Oliveiras (Zc 14.4), que se partirá ao meio para formar um grande vale onde serão reunidas as representações das nações que ainda sobreviverem. Estas entrarão em juízo com o Senhor (Jl 2.13). Como Ele diz: "... por causa do meu povo, e da minha herança, Israel, a quem eles espalharam entre as nações, repartindo a minha terra" (Jl 3.2). Cumpre-se aí Mateus 25.31-46 e 1 Tessalonicenses 1.7-10.

"... e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Sim. Amém."

Lamentar-se-ão os pecadores que o rejeitaram e também os judeus que o traspassaram. Então, estes o reconhecerão e arrepender-se-ão (Zc 12.10-14; 13.6).

Façamos a comparação entre José e Jesus:

José (aumentador) é um tipo de Cristo:

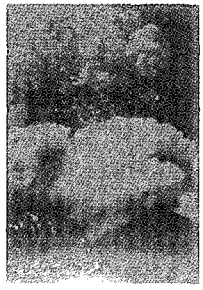
1. Ambos eram objeto do amor do pai (Gn 37.3; Mt 3.17; Jo 3.35; 5.20).
2. Ambos eram odiados por seus irmãos (Gn 37.4; Jo 15.25).
3. A sabedoria de ambos foi negada por seus irmãos (Gn 37.8; Mt 21.37-39; Lc 19.14).
4. Seus irmãos conspiraram para os matar Gn 37.18; Mt 26.3,4);
5. José foi, em figura, morto por seus irmãos como o foi Cristo (Gn 37.24; Mt 27.25-37).
6. Ambos se tornaram uma bênção entre os gentios e ganharam uma esposa gentia (Gn 14.45; Ef 5.25-27).
7. José reconciliou seus irmãos consigo mesmo e depois os exaltou; assim acontecerá com Cristo e seus irmãos judeus (Gn 45.1-15; Rm 11.1,15,25,26).

v. 8. *"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, o que há de vir, o Todo-poderoso."*

Alfa é a primeira letra do alfabeto grego e Ômega, a última. Ele é de A a Z; Jesus é todas as letras entre as duas. Por Ele foram feitas todas as coisas (Jo 1.3; leia também Isaías 41.4), que há no Céu e na Terra. Visíveis e invisíveis, sejam tronos, dominações, principados, potestades, tudo foi feito e criado por Ele e para Ele (Cl 1.16-18).

Foi Ele que começou e terminou (Hb 12.2), ao estabelecer e também salvar o que havia criado (Fp 2.5-8; Hb 1.1-3).

1 Alguém semelhante ao Filho do homem



(Cap. 1.9-20)

v. 9. "*Eu, João, que também sou vosso irmão e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo...*"

João não aceitou qualquer título; era apenas companheiro de todos os irmãos (2 Co 3.1,2; Fp 1.7; 2 Tm 1.8). Aqui não diz *reino e glória de Jesus Cristo*, mas "*reino e paciência de Jesus Cristo*" (Rm 8.17; 2 Tm 2.12; Ap 14.12). Na verdade o Reino manifestar-se-á em glória (Ap 19.11-16; leia Salmo 45.6,7; Hebreus 1.3,8), mas Deus já colocou à sua destra o seu Filho, e Jesus agora espera, pacientemente, por aquele momento, quando o Senhor porá todos os seus inimigos por escabelo de seus pés (Sl 2.7-9; 110.1-2; Hb 1.12; 2.9,10).

"*... estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo*".

"PATMOS (hoje Palmosa), ilha da Ásia Menor, no mar Egeu, com 40 km² de superfície e 3.000 habitantes. Solo acidentado, vulcânico, pouco fértil, com alguma cultura de oliveiras, figueiras e limoeiros. Patmos é célebre pelo exílio do apóstolo João no go-

verno de Domiciano. Aportou, segundo a tradição, no lugar chamado Phora e foi morrer em Êfeso, após ter escrito o Apocalipse, numa gruta chamada hoje pelo nome desse livro, onde se faz peregrinação. Perto desta localidade está a 'Escola Grega', com uma sala onde se encontra uma inscrição posterior ao reinado de Alexandre relativa a jogos públicos. Também há o 'Mosteiro de São João' com uma biblioteca fundada em 1088 e construída à semelhança de uma fortaleza, com seus muros ameados, onde há curiosas obras. Em volta do mosteiro, agrupam-se as ruas tortuosas da capital da ilha" (*Enciclopédia e Dicionário Internacional*).

v. 10. *"Eu fui arrebatado em espírito, no dia do Senhor..."*

Certamente aconteceu com João, à semelhança do que se sucedeu com Pedro (At 10.10), ou com Paulo (2 Co 12.2). No momento da oração foi tomado pelo Senhor.

Nós entendemos "dia do Senhor", o domingo, o primeiro da semana, por ser o escolhido pelos primitivos cristãos para se consagrarem ao Senhor (At 20.7; 1 Co 16.2); dia da ressurreição de Cristo (Mt 28.1; Mc 16.2; Lc 24.1; Jo 20.1); dia preferido por Jesus para as suas manifestações aos discípulos (Jo 20.19,26).

Não se trata aqui, absolutamente, do sábado, o sétimo dia da semana, mesmo que Deus o haja denominado "meu santo dia" (Is 58.18), porque ele foi dado como sinal ao povo de Israel (Êx 31.12-17; Ez 20.12,20), na dispensação da Lei, e nunca houve a expressão "dia do Senhor", para referir-se ao sábado, entre o povo judeu. Agora, João estava bem lembrado, quando ele mesmo testemunhou no sepulcro de que Cristo res-

suscitara dentre os mortos (Jo 20.1-8); por isso deu ênfase ao domingo, para determinar assim o primeiro dia da semana. Cremos que nesse dia, conforme o costume dos primitivos cristãos de realizar cultos de louvor ao Senhor, João lembrava-se de seus irmãos da igreja em Éfeso, da qual era pastor; e cheio de emoção e verdadeiro cuidado e sentimento de amor pelos seus queridos, curvou os joelhos, com o rosto em terra, para pedir ao Senhor em favor de tão amada congregação. Foi justamente quando orava com ardor e súplica que alguém lhe falou.

"... e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta..."

Note como no livro fala de grandes vozes (4.1; 5.2; 21.3). Aqui lembra a convocação para comemorar o ano do jubileu (Lv 25.8,9) e a partida das hostes israelitas para levantar acampamento (Nm 10.2-7); enfim, como em todos os acontecimentos, era usada a trombeta (Nm 10.8-10). Também lembra a vinda do Senhor para o Arrebatamento da Igreja (1 Ts 4.16; leia Mateus 24.31).

v. 11. *"... que dizia: O que vês, escreve-o num livro..."*

Muitos afirmam que Deus nada escreveu para o nosso ensino, e a Bíblia é simplesmente um livro dos homens. Mas, à luz das Escrituras, verifica-se o contrário: o Senhor entregou a Moisés as duas tábuas da Lei, feitas e escritas pelo próprio Deus (Êx 31.18; 32.15,16; Dt 9.10); além disso, o Senhor usou os seus agentes para escreverem (Êx 34.27; Jr 30.2; leia João 5.46). Jesus não rabiscou à toa na terra (Jo 8.6), mas, naque-

le momento, ante a acusação à mulher adúltera, quis demonstrar a série de pecados dos acusadores, ao registrá-los na areia. Ele não somente riscava, como dizem alguns, mas escrevia mesmo! E aqui o Senhor ordena que João anote (Ap 2.1,12,18; 3.1,7,14; 21.15).

"... e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia, e a Laodicéia."

João estava velho e muito cansado; sofrera as mais duras perseguições; com certeza sentia a aproximação da morte. A vida parecia-lhe finda e julgava que nada mais poderia fazer.

Agora, exilado naquela ilha para morrer, não mais tinha esperança; porém, o Senhor não pensava como ele (Is 55.8,9); e quando estava naquela aflição, e orava em favor de seus queridos, Jesus deu-lhe nova missão e entregou-lhe outra responsabilidade: "O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia".

Ele teria muito que fazer agora e para isso precisava viver ainda muito tempo. As cartas às sete igrejas foram dirigidas a congregações locais, conforme já descrevemos. Nelas temos um quadro profético sobre a Igreja na Terra até a vinda do Senhor. Corresponde este período ÀS COISAS QUE SÃO.

v. 12. *"E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro";*

João contemplou sete castiçais de ouro, que são as sete igrejas (v. 20), em primeiro plano nesta importante visão. Sempre os servos de Deus tiveram revelações: Jacó viu a Deus no seu exílio (Gn 28.10-17; 32.22-

30); Moisés, na sarça ardente (Êx 3.1,2); Ezequiel, junto ao rio Quebar (Ez 1.1); Elias ouviu a voz mansa e delicada do Senhor (1 Rs 19.12,13); Daniel viu "o ancião de dias" (Dn 7.9; leia Daniel 10.4-21).

v. 13. *"e, no meio dos sete castiçais, um semelhante ao Filho do Homem..."*

Os castiçais de ouro representam sete igrejas. Cristo está no meio de sua Noiva (entre todas as igrejas locais do mundo), a fim de alimentá-la com o óleo de sua graça (leia Zacarias 4.1-5,11-14); Ele está onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome (Mt 18.20), a fim de cooperar com a Igreja na realização da grande obra (Mc 16.20; leia Mateus 28.20).

"... vestido até aos pés de uma veste comprida..."

O linho puro significa a "justiça dos santos". Aqui, o Senhor apresenta-se à semelhança de um homem (Dn 10.5,6; 12.6,7).

"... e cingido pelo peito com um cinto de ouro".

O apóstolo Paulo diz: "Estai pois firmes, tendo cingido os vossos lombos com a verdade" (Ef 6.14); e Isaías declara: "E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade o cinto dos seus rins" (Is 11.5). Com essa indumentária Cristo apresenta-se a João.

v. 14. *"E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve..."*

Jesus e o Pai são UM (Jo 10.30; 17.21); aqui, o Senhor apresenta-se a João da mesma maneira que "o

ancião de dias" a Daniel (Dn 7.9). Sua cabeça e cabelos brancos bem demonstram estar nele a eterna experiência da verdade.

"... e os olhos, como chama de fogo;"

Jesus é "Onisciente" (Mt 9.4; 12.25; Lc 6.8; 1 Co 3.20). Os seus olhos perscrutadores penetram em toda parte e ninguém poderá fugir de sua presença (Ap 2.2,9,13,19; 4.1,8,15; leia Filipenses 4.5).

v. 15. *"e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivesse sido refinado numa fornalha..."*

Isaías, o chamado profeta messiânico, pelos seus vaticínios ligados à vida de Jesus, antevê-o como "o Servo Sofredor" (Is 42). O cordeiro memorial da páscoa era morto e sua carne assada no fogo (Êx 12.5,8,9), para tipificar o sofrimento do verdadeiro Cordeiro de Deus (Jo 1.29; 1 Pe 1.18,19; leia Isaías 53).

"... e a sua voz, como a voz de muitas águas."

A voz que ordena (Gn 1.3), a voz que desperta a Igreja para o Arrebatamento (1 Ts 4.16).

v. 16. *"E Ele tinha na sua destra sete estrelas..."*

Aqui indica autoridade suprema (Dn 7.14; Mt 28.18; leia Mateus 11.27; João 13.3; Atos 2.36; Romanos 14.19; 1 Coríntios 15.27; Filipenses 2.9-11; 1 Pedro 3.22). Cristo tem em suas mãos a direção dos anjos ou pastores da Igreja militante.

"... e da boca saía uma aguda espada de dois fios..."

Da sua boca saía a palavra e o seu tipo era semelhante a uma espada bigúmea (Hb 4.12). A mesma mensagem Ele tem colocado na boca de seus servos (Is 49.2; leia 1 Coríntios 10.4,5).

"... e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece."

Como um homem de dores, no dia de sua morte seu rosto ficou desfigurado mais do que outro qualquer (Is 52.14); agora Ele resplandece como o sol da justiça e traz salvação para todos os povos (Mt 4.2; Ef 5.14). "Porque Deus, que disse que das trevas resplandece em nossos corações para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Co 4.6; leia Salmo 84.11).

v. 17. *"E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo-me: Não temas; eu sou o Primeiro e o Último..."*

Diante do Senhor nenhuma carne pode resistir. A mesma coisa aconteceu com Daniel (8.18; 10.9,10); Ezequiel (Ez 1.28); e muitos outros que tiveram o privilégio de contemplar a presença de Jesus glorificado (At 9.3,4). Mas a sua mão confortadora animou o apóstolo. "Não temas, eu sou contigo" (Gn 26.24), disse o Senhor a Jacó (leia Isaías 51.12; Salmo 27.1,2). Cristo disse assim, a fim de lembrar que Ele permanece para sempre: "Eu sou o Primeiro e o Último".

v. 18. *"... e o que vive..."*

A encarnação do Senhor Jesus não deu origem à sua existência, mas veio manifestar a vida que já exis-

tia (Jo 1.4; 11.25; Rm 16.25,26; 1 Jo 1.2). Não foi com o nascimento de Cristo em carne que começou a sua existência: "Porque Ele é antes de todas as coisas" (Cl 1.17); "Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.2,3).

"... fui morto..."

A morte, o salário do pecado (Rm 6.23), não podia ter domínio sobre Jesus. Era necessário que Ele, voluntariamente, desse a sua vida (leia Mateus 27.50; Marcos 15.37; Lucas 23.46; João 19.30).

"... mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém!..."

Exclamação triunfante da vitória: "Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu agilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15.54-57); "Mas agora, Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20; leia João 5.28,29 e Romanos 4.9). Vitória completa, perfeita e eterna.

A morte e ressurreição de Jesus não são um mito nem uma forma aparente de padecimento, mas uma realidade. Seus sofrimentos, com todas as agruras que passou (veja Isaías 50.6; Lamentações 1.12) e sua morte e paixão (Jo 19.30-32), como seu sepultamento e ressurreição (Lc 24.36-49; Jo 20.1-10), foram uma realidade e nunca um mito. Quando lemos Lucas 24.36-46, vemos que Ele não ressuscitou em um corpo fluídico, como querem ensinar hereticamente, mas com o mes-

mo que possuía. Ele ressuscitou dentre os mortos, da mesma maneira como ressuscitarão os fiéis em sua vinda.

"... E tenho as chaves da morte e do inferno."

A morte relaciona-se com o corpo, enquanto que o Hades (inferno transitório), com a alma ou espírito. O vocábulo *chaves* dá idéia de autoridade ou direito de posse. Satanás não mais tem o poder da morte (Hb 2.14).

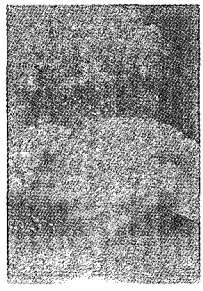
v. 19. *"Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer:"*

Esta é a divisão dada pelo Espírito Santo ao livro. Nenhum outro modo de estudá-lo surte o efeito desejado. O maior problema é arranjar a cronologia de acordo com esta divisão lógica e perfeita.

v. 20. *"O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas."*

Esta é a interpretação dos versículos 15 e 16 (castiçais e estrelas). Como princípio fundamental do livro, Cristo revela-se à sua *Igreja* por intermédio das sete cartas dirigidas às sete igrejas locais, então existentes na Ásia Menor. Cada uma se refere a um período por que a Igreja passou e passará, do Apocalipse à vinda do Senhor.

2 AS QUATRO PRIMEIRAS CARTAS



(Cap. 2.1-29)

Primeira Carta (2.1-7)

Éfeso - Termo que significa "desejado", ou seja, a Igreja como objeto do amor de Cristo. Corresponde à Igreja no fim da idade apostólica, quando o primeiro amor começou a arrefecer, motivado pelos sofrimentos e provas feitas contra os maus obreiros, que já começavam a aparecer.

"Éfeso - cidade da Lídia, na costa ocidental da Ásia Menor, na embocadura do rio Caister. Nela se encontrava o templo da famosa Diana, que os gregos identificavam como a deusa Árthemis. Quando Paulo fez à sua viagem a Jerusalém, já no fim de sua segunda viagem missionária, foi ligeiramente a Éfeso, pregou na sinagoga e deixou Áquila e Priscila naquela cidade, para continuarem a evangelização (At 18.19,21). Quando fez a terceira viagem trabalhou ali, pelo menos dois anos e três meses, e só saiu da cidade por causa do tumulto levantado por Demétrio, fabricante de nichos de Diana, que se viu prejudicado na sua indústria de ourivesaria pela pregação de Paulo" (At 19.1-41; leia 1 Coríntios 15.32; 16.8; 2 Timóteo 1.18) [Dicionário J. D. Davis].

v. 1. *"Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro:"*

O Senhor sustenta com a sua destra as estrelas (pastores) e anda no meio dos castiçais de ouro (igrejas), a fim de indicar que é Ele e não outro o que deve e quer dirigir tanto os pastores como as igrejas, movendo-os à sua vontade. Não foi aos anjos (seres celestiais) que Deus confiou a obra da redenção ou da salvação da humanidade (1 Pe 1.12), mas aos homens, como continuadores do trabalho iniciado por Jesus. A eles o Senhor enviou (Mt 28.20; Mc 16.15-20), como suas testemunhas (At 1.8), e mandou que "em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém" (Lc 24.47). O Senhor chamou e enviou, como continua a chamar e enviar, os homens para a sua obra (Lc 10; leia João 4.1-30,39-42). Porém, Ele sustenta com a sua destra os pastores (estrelas), e requer que cada um seja digno de ser testemunha e apto no seu ministério. Vejamos:

Um ministro (pastor) de Deus, precisa ser:

1. Nascido de novo (Jo 3.3-6; 2 Co 5.17; 1 Pe 1.23; 2 Pe 1.4);

2. Humilde (Mt 11.9; At 20.19; Fp 2.3-11; 3.18,19);

3. Fiel (Sl 101.6; 1 Co 4.1,2; Ap 2.10; leia Daniel 3):

a. na vida pública e nos negócios (Dn 6.4; Rm 12.17; 1 Ts 4.11-12; 1 Pe 4.14-16);

b. na administração financeira (2 Rs 12.13,15);

c. na administração espiritual (Lc 16.10-12; 1 Pe 4.10,11);

4. Idôneo [capacidade moral] (At 6.3);

5. De boa reputação e cheio do Espírito Santo e de sabedoria (Êx 18.21; 2 Cr 3.5; 26.5; Tg 1.5);

6. Íntegro (Jó 1.7,8; 2.3; Is 41.13);
7. Abnegado (Fp 2.20,21; 1 Tm 6.9-12).

Deus procura homens que coloquem o mundo nas condições morais de sua vontade. Porém, o Senhor tem um plano para cada indivíduo na face da Terra (Et 4.14; leia Juízes 13.3-5). Procura homens que o conheçam (leia Isaías 1.3; Jeremias 8.7; 9.23,24; 1 João 2.4). Homens que sejam segundo o seu coração (At 13.22; leia Gálatas 2.20). Homens que vão para onde Ele mandar (Mt 3.4; Lc 1.17; Jo 1.6,17; leia Gênesis 12.1-3). Quem estará disposto a pagar o preço? (Mt 14.3-11; leia 2 Timóteo 4.7,8). Poderá você, meu caro leitor, responder como fez Isaías: "Eis-me aqui"? (Is 6.8). O pastor ou ministro deve ser o exemplo do rebanho (Jo 13.15; 1 Tm 4.12; Tt 2.7) e nunca ter domínio sobre o rebanho (Mt 20.25-28; 1 Pe 5.3).

A palavra "ministro" significa servo dos servos (leia Filipenses 1.1) ou servo de todos (1 Co 9.19). Paulo considera-se "servo" [escravo do amor] (leia Atos 16.7; Romanos 1.13,14; 1 Coríntios 9.16); "servo de Deus" (Tt 1.1). Isto é a prova de submissão e obediência. Um servo de Deus é abnegado e persistente em servir (leia Gálatas 2.20). Deus chama os seus ministros para uma vida de piedade (1 Tm 6.3; Tt 1.1; Hb 12.28). Esta doutrina é a prática da conformação ou resignação em Cristo. Exemplo: Lucas 18.9-14. A piedade penetra no ministério da fé (1Tm 3.16; 2 Pe 1.3). Aqui, o Senhor tem na sua destra os pastores, os quais significam domínio e direção.

v. 2. *"Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência..."*

Já dissemos que o Senhor é Onisciente e tudo está claro e bem patente aos seus olhos (Hb 4.13; leia Sal-

mos 1.6; 33.13,14; 90.8; 139.11,12). O Senhor não nos desampara nas nossas lutas e dificuldades (Hb 13.5) e se houver em nós a paciência necessária ao bem-estar da obra para a qual somos comissionados, Ele nos recompensará (2 Tm 2.11-13).

"... e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos..."

Devemos sofrer e suportar com o máximo amor as fraquezas do nosso próximo (Rm 15.1,2; Gl 6.1,2). Mas nunca devemos nos tornar sócios no erro de alguém, a fim de agradá-lo (1 Co 6.9,10; Ef 5.5-7; 1 Tm 1.9-11), e sim andar com sabedoria para com os que estão de fora (Ef 5.15-17; Cl 4.5). Nunca devemos compactuar com os erros e heresias dos chamados falsos irmãos (Rm 16.17,18; 1 Co 5.9-13; 2 Ts 3.6,14,15). Precisamos ter todo cuidado com a doutrina (Tt 2.1,7; 2 Tm 3.14) e nunca aceitar os falsos ensinadores (Gl 1.8,9), pois sabemos que os tais são obreiros fraudulentos, transfigurados em apóstolos de Cristo (2 Co 11.13-15; leia 2 Pedro 2.1-3,10-22).

v. 3. *"... e sofreste e tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome e não te cansaste."*

Todo o nosso esforço na obra de Deus tem uma recompensa (1 Co 3.8; 15.58; leia Apocalipse 22.12). Diz o Senhor pelo profeta: "Mas esforçai-vos, e não desfaleçam as vossas mãos; porque a vossa obra tem uma recompensa" (2 Cr 15.7); "Dizei aos turbados de coração: Esforçai-vos, não temais, eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá e vos salvará" (Is 35.4). Disse Jesus, no grande sermão

do monte: "E, como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também. E, se amardes os que vos amam... E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem... E, se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo" (Lc 6.31-34).

v. 4. *"Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade."*

Cristo menciona não menos de nove virtudes que achou na igreja de Éfeso, mas nem por isso podia deixar de destacar a falta do primeiro amor (caridade: amor em ação) de seu povo (Jr 2.2). Toda decadência que se verifica na igreja tem como motivo inicial a falta que se exprime nas palavras: "...deixaste a tua primeira caridade". Os que têm deixado o primeiro amor são:

1. Os que servem a Deus só exteriormente (Jo 4.20-24);

2. Os que não mais sentem temor de pecar, pois consideram as coisas insignificantes, sempre com um "não faz mal". Exemplo: Davi com Bate-Seba (2 Sm 11); Acã em Ai (Js 7); Adão ao comer o fruto proibido (Gn 3.6);

3. Os que nada sentem ao se ausentarem dos cultos (Hb 10.25);

4. Os que voltam para junto dos antigos companheiros (1 Co 15.33,34);

5. Os que não oram em secreto e descuidam-se dos cultos domésticos (Js 24.15; Is 55.6);

6. Os que não se esforçam por levar o próximo a Cristo (1 Co 9.16,17; 2 Tm 5.2);

7. Os que não se sacrificam em prol da causa de Cristo (Rm 12.1);

8. Os que rejeitam o Senhor por serem semelhantes aos companheiros do mundo (1 Sm 8.7).

Uma pergunta sincera ao meu querido leitor: Qual é a sua condição perante Cristo?

v. 5. *"Lembra-te, pois, de onde caíste..."*

O Senhor nunca repreende nem pune o culpado, sem primeiro adverti-lo de seu erro. Gênesis 6.5,7: "E viu o senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente. E disse o senhor: Destruirei de sobre a face da terra o homem que criei, desde o homem até ao animal, até o réptil, e até a ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito!"

Deus revelou-se a Noé, o qual "achou graça aos olhos do Senhor" (Gn 6.8) e por instrumentalidade dele, Deus proclamou, durante 120 anos (leia Gênesis 6.3), a mensagem de exortação ao arrependimento, que foi rejeitada, razão pela qual veio o Dilúvio. Deus avisou o povo de Sodoma e Gomorra, por intermédio de Ló (Gn 19.9), mesmo ciente que não haveria arrependimento. Deus também usou Jonas, para lembrar Nínive do seu pecado; a mensagem foi aceita e Deus revogou a sentença (Jn 3). Assim, sempre o Senhor traz à memória o pecado do homem e oferece-lhe o perdão, antes de entrar com ele em juízo.

"... e, arrepende-te, e pratica as primeiras obras..."

O arrependimento é a reflexão sobre o erro; é o reconhecimento do pecado. O arrependimento traz ao homem a repulsa contra o pecado e o firme propósito de corrigir-se. Pedro diz: "Arrependei-vos, para que

sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos de refrigério pela presença do Senhor" (At 3.19). O filho pródigo da parábola (Lc 15.11-32), após refletir sobre o seu erro, compreendeu a maneira indigna como abandonara o lar paterno, teve verdadeiro horror ao pecado, e correu à casa de seu pai, a fim de pedir-lhe perdão. Um dos ladrões crucificados com Jesus (Lc 23.39-43), ao sentir verdadeiro peso dos seus pecados, que lhe surgiram à memória, rogou a Jesus que o perdoasse, pois via o Filho de Deus receber impropérios da turba que o crucificava; mas o outro ladrão, seu companheiro de suplício, fazia coro com a multidão na mesma blasfêmia - "se tu és o Filho de Deus, salva-te a ti mesmo e a nós também".

No entanto, Jesus não disse sequer uma palavra de maldição ou condenação. O que se ouviu foi o Senhor perdoar e orar: "Pai, perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem". É interessante notar que em todos os casos de arrependimento logo se evidencia o perdão (Is 55.7). Aqui o Senhor diz: "Arrepende-te e pratica as primeiras obras". Obras são frutos (Mt 3.8) e o Senhor espera que a sua Igreja sempre proceda como nos primeiros dias de fé, "onde havia perseverança na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações". Por essa demonstração de fé, "em toda alma havia temor, e muitos sinais de maravilhas se faziam pelos apóstolos" (At 2.42,43). Apresentemos pois, em nossas vidas, os frutos do espírito (Gl 5.22).

"... quando não, brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres."

Isso aconteceu em muitas igrejas locais então existentes e ainda se sucede em muitas outras nos nossos dias. Já dissemos que somente o Senhor deve dirigir

tanto os pastores como as igrejas, a fim de movê-los à sua vontade. Deus tem mudado, de uma para outra parte, igrejas inteiras, tão-somente por falta da observância dos cristãos. Até algumas denominações o Senhor tem retirado de seu lugar e levantado outras para continuarem a sua obra. Nunca devemos julgar tão importante e necessário, quer individual, quer coletivamente.

Enquanto formos fiéis, e permanecermos no centro da vontade de Deus, tudo será bênção; seremos bem-sucedidos e contaremos com a ajuda do Senhor (Jo 15.4-7; Cl 1.23; leia Tiago 4.8). Mas, se negligenciarmos à fé e começarmos a dar ênfase à nossa própria importância; se deixarmos o nosso eu aparecer em lugar de Deus, acercando-nos das conveniências do próprio mundo, então o Senhor também nos rejeitará para sempre (1 Cr 28.9; leia Isaías 43.4,22-28).

"Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e a ligará" (Os 6.1); "O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela. O Senhor empobrece e enriquece, abaixa e também exalta. Levanta o pobre do pó, e desde o esterco exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são os alicerces da terra, e assentou sobre eles o mundo" (1 Sm 2.6-8); "Vede agora, que eu, eu o sou, e mais nenhum Deus comigo; eu mato e eu faço viver, eu firo e eu saro; e ninguém há que escape da minha mão" (Dt 32.39; leia Jó 5.18-27).

v. 6. *"Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço."*

"Nicolaíta: Denominação de uma seita cristã de gentios de Éfeso e Pérgamo, que rejeitou o parecer da as-

sembléia em Jerusalém, a respeito da carne e da abstinência da fornicação (At 15.20,29). O termo vem de niko (subjugar) e laos (o povo ou leigos). Aquilo que em Éfeso eram obras tornou-se doutrina em Pérgamo. O nome Nicolau significa conquistador do povo; era natural de Antioquia e foi um dos sete diáconos (At 6.5). Pensam alguns escritores que ele se afastou da fé e foi chefe dos nicolaítas" (Pequeno Dicionário Bíblico).

v. 7. *"Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus."*

Primeira promessa ao vencedor: Terá direito de participar da árvore da vida, da qual o primeiro homem foi privado pela desobediência (Gn 3.22-24). O pecado de Adão foi tão-somente a desobediência (leia 1 Samuel 15.22), através da qual ofendeu a Deus e fez toda a raça humana herdar a mesma sorte (Rm 5.12). Porém, Cristo foi submetido à mesma prova (Mt 4.1-11), como representante da humanidade, e venceu (Rm 5.17-19). Por isso, o Senhor Jesus pode prometer muito aos vencedores. Sobre a árvore da vida e a da ciência do bem e do mal, conquanto haja intérpretes que as queiram considerar tão-somente como símbolos, e afirmam a inexistência de ambas como reais, desejamos apresentar a nossa opinião. Deus plantou arbustos que produziam frutos para alimentar os seres que habitavam no jardim (Gn 2.9). Embora a árvore da vida e a da ciência do bem e do mal tenham o seu significado espiritual, isto não exclui a existência delas como reais nem decresce a sua finalidade.

Expliquemos: Deus usou muitas coisas materiais, como tipos, para apresentar as espirituais. Fez túnicas

de peles para vestir Adão e sua mulher (Gn 3.21), a fim de significar as vestes da salvação (Is 61.10); mandou Moisés ferir, na primeira vez, a rocha, e falar a ela, na segunda, para saciar a sede dos israelitas que marchavam pelo deserto (Êx 17.1-17; Nm 20.7-11), e a rocha era Cristo (1 Co 10.4); mandou os israelitas comemorarem a páscoa no Egito; deviam eles para isso matar um cordeiro sem mancha alguma e prepará-lo assado no fogo, inteiro, além de pintarem com o sangue dele os umbrais das portas e vergas das janelas de suas casas (Êx 12). Esse cordeiro prefigurava o Cordeiro Pascoal (Is 53.7; Jo 19.14; 1 Co 5.7), que deveria ser sem mancha alguma (1 Pe 1.19), preparado e assado no fogo (Ap 1.15), inteiro (Êx 12.46; Nm 9.12; Sl 34.20; Jo 19.31-36), cujo sangue serviria como escudo, proteção e livramento (Jo 11.29; Hb 9.12,14).

Moisés preparou uma serpente de metal e levantou-a numa haste, para que todo o israelita que fosse atingido pelas cobras venenosas, ao olhar para a serpente de metal, ficasse curado (Nm 21.4-9); isso prefigurava a maneira como Cristo seria levantado (Jo 3.14; 12.32,33). E mais, o próprio Jesus usou dois emblemas materiais para significar espiritualmente a sua carne e seu sangue (Lc 22.19,20; leia João 6.51-56). Assim, são inúmeras as citações bíblicas que apresentam parábolas e muitas outras figuras, nas quais Deus usou as coisas materiais para simbolizarem as espirituais. A lição é espiritual e o sentido é simbólico, mas quem poderá negar que essas árvores não eram literais? Em Gênesis 2.9 lemos que Deus plantou árvores e nelas estavam incluídas a da vida e a da ciência do bem e do mal. Quem poderá provar o contrário à luz da Bíblia? O certo é que Adão perdeu a bênção (Gn 2.17; leia Gênesis 3.1-6), da qual somente os vencedores participarão (Ap 22.2).

Segunda Carta (2.8-11)

v. 8. *"E ao anjo da igreja que está em Esmirna escreve: Isto diz o Primeiro e o Último, que foi morto e reviveu:"*

Esmirna corresponde ao segundo período da Igreja, até o ano 316 d.C.

"Smirna, mirra, nome de uma substância aromática, que em hebreu se chama *mor*, e em grego *smirna*. A árvore que a produz cresce na Arábia; é um arbusto, de casca e madeira aromática; tem galhos curtos e espinhosos, e folhas trifoliadas; produz uma fruta semelhante a ameixa" (Dicionário de Davis).

Essa foi a época da Igreja do sofrimento. Período de grande perseguição; de heresias trazidas pelos nicolaítas e pelos pretensos guardadores da Lei de Moisés. Esse período culminou com grandes perseguições por parte do Império Romano. A história registra dez perseguições religiosas movidas pelo paganismo dominante (v. 10). No meio dos sofrimentos, Esmirna ouve que há um Salvador "Primeiro" e "Último" (Sl 90.2; Hb 13.8), o qual soube sofrer, "foi morto e reviveu".

v. 9. *"Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus e não o são; mas são a sinagoga de Satanás."*

Esmirna, como igreja local, era um dos centros ministeriais e o lugar do martírio de Policarpo, separado para o episcopado por João. Ela ficou com as marcas das aflições, causadas pelos judeus, que levaram sobre seus próprios ombros a lenha para queimarem vivo o seu líder (Policarpo) em praça pública. O Senhor não

somente sabe o que sofremos, mas é Ele quem nos dá ânimo para suportarmos as tribulações (Jo 16.33). Desde os primórdios da Igreja levantaram-se grupos de homens, pretensos guardadores da Lei de Moisés, para perturbar o bom progresso e a felicidade da comunidade cristã (At 15.1,5,24).

Estes desejam ser judeus, porque se fazem guardadores da Lei e dizem-se também cristãos e não são nem uma coisa nem outra; constituem-se apenas uma denominação religiosa (sinagoga), cuja doutrina é adversa aos ensinamentos de Cristo (Rm 6.15; Gl 5.4; leia Romanos 9.31,32 e Gálatas 2.21), pois não aceita a salvação exclusivamente pela fé em Jesus (Ef 2.4-10; leia Romanos 3.21-26 e 2 Timóteo 1.9). "A Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (Jo 1.17); "Logo, para que é a Lei? Foi ordenada por causa das transgressões, até que viesse a posteridade a quem a promessa havia sido feita; e foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro"(Gl 3.19; leia os versículos 16,21 e 22); "Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da Lei, e encerramos para aquela fé que havia de se manifestar, de maneira que a Lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados" (Gl 3.23,24; leia os versículos 8-11 e o capítulo 5.4).

A Lei durou entre o Sinai e Cristo 1.494 anos (Gn 4.4,5; leia Gênesis 3.15 e 49.10), e Jesus a cumpriu (Ml 2.5,6; Mt 5.17), pois só Ele não a transgrediu (Rm 10.14). Nós vivemos agora sob a "Lei de Cristo" (leia 1 Coríntios 7.22; 9.16-27; Romanos 1.14), e nele gozamos:

1. A "Lei da Liberdade" (Tg 2.12; 1.25; leia João 8.31,32; Romanos 6.16-18,22; Gálatas 5.1; 1 Pedro 2.16);

2. A 'Lei do Amor" (Jo 13.34,35; 15.12; 1 Jo 2.7-11; 4.7,8);

3. A "Lei da Fé" (Rm 3.27-31; leia Hebreus 7.18,19);
4. A "Lei do Espírito e Vida" (Rm 8.2; leia Gálatas 2.19,20);
5. A "Lei da Compensação" (Lc 6.38).

O MINISTÉRIO DA LEI EM CONTRADIÇÃO COM O MINISTÉRIO DA GRAÇA

1. A Lei diz: "Olho por olho e dente por dente" (Êx 21. 23-25; Mt 5.38);	1. A Graça diz: "Não resistirá ao mal" (Mt 5.39; Rm 12.17; 1 Co 6.7);
2. A Lei diz: "Aborrecerás o teu inimigo" (Dt 23.6; Mt 5.43);	2. A Graça diz: "Amai os vossos inimigos" (Mt 5.44; Rm 12.20);
3. A Lei exige: "Fazei e vivei" (Lv 18.5) [a segurança de Israel, tudo o que lhe diz respeito, consiste em fazer algo para poder viver] (Ne 9.29; Ez 2.11; Gl 3.12);	3. A Graça diz: "Crede e vivei" (Jo 5.24; 11.40; At 16.31), para que pela fé recebamos a promessa do Espírito (Rm 4.13,16; Gl 3.3-18);
4. A Lei foi dada por causa da transgressão (Gl 3.19; 1 Tm 1.9,10; 5.13,20);	4. A Graça foi dada como promessa a Abraão e sua posteridade: Cristo (Gl 5.3-18);
5. A Lei condena a melhor criatura (Sl 14.1-3; 53.2,3; Rm 3.10);	5. A Graça justifica graciosamente a pior criatura (Lc 23.43; Rm 5.5-8; Ef 2.8-10; 1 Tm 1.15);
6. A Lei opera a ira de Deus (Rm 4.15);	6. A Graça nos livra da ira futura (Is 54.8);
7. A Lei fecha toda a boca (Rm 3.19);	7. A Graça abre toda a boca (Mc 16.15-18; Rm 11.33-36; 2 Tm 4.1,2);

8. A Lei opera a morte (Rm 7.4-11; 2 Co 3.7);

8. A Graça opera a vida eterna (Jo 5.24,39,40; Rm 5.12-21; 6.23);

9. A Lei afasta o culpado para longe de Deus (Rm 3.20; Gl 2.16);

9. A Graça conduz o homem para bem perto de Deus (At 13.38,39; Ef 2.5-8,11-19);

10. A Lei não justifica alguém diante de Deus (At 13.39; Rm 3.20; Gl 4.4; Tt 3.5);

10. A Graça nos justifica mediante a fé (Rm 3.21-28; 4.1-5; 5.1,2);

11. A Lei tornou-se uma maldição (Dt 27.26; Gl 3.10,13; leia Tiago 2.10);

11. A Graça é uma bênção para o que crê (Gl 3.14);

12. A Lei é imponente para salvar (Rm 8.3; leia Gálatas 3.5-7);

12. A Graça é salvadora (Ef 2.4-9; Tt 2.11; leia 2 Coríntios 5.14-21);

13. A Lei é a força do pecado (Rm 4.15; 5.13; 1 Co 15.56);

13. A Graça nos livra do pecado (Rm 6.14,15,22;1 Co 5.17);

14. A Lei nunca teve um missionário; era um regime nacional dado aos israelitas; era a Constituição de Israel, a Carta Magna da nação, e nunca é achada no plural; e por ser um regime nacional, nunca houve necessidade de ser outorgada a outros povos;

14. A Graça é pregada a toda criatura (Mt 28.19,20). A sua mensagem é universal. Ela tem missionários para anunciá-la em todo o mundo (Dt 31.10; Mc 16.15,16; Jo 1.27,28; Rm 10.14);

15. Sob a Lei a ovelha morria pela mão do pastor [sacrifício] (Lv 6.6; 4.32) - o sacrifício de Abel (Gn 4.4,6,7).

15. Sob a Graça, o Pastor morre em lugar da ovelha (Jo 10.17,18).

v. 10. *"Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias..."*

As perseguições sofridas pela Igreja, que correspondem ao período de Esmirna, foram cruéis e sangrentas. Os imperadores romanos levantaram todas as suas forças para exterminar o Cristianismo, ao usarem de toda malignidade de que é capaz o homem; mas Deus usaria a tribulação e o grande sofrimento como provas de bênçãos para a Igreja que estava no seu segundo período de vida e desenvolvimento (leia Zacarias 13.9 e Lucas 22.31). O anúncio do sofrimento é prefaciado com uma palavra de encorajamento por parte do Senhor: "Nada temas das coisas que hás de padecer".

Os homens só poderão ofender o corpo e até mesmo destruí-lo; porém nenhum poder mais terão sobre os remidos de Deus (Mt 10.28). O Senhor diz: "Não temas!" Isso significa dizer: "sofre com paciência, resignação e fé como Eu também sofri" (leia Mateus 10.24-26; Lucas 6.40; João 15.18-21); sofre até a morte, e Eu te recompensarei com a vida (Jo 3.15,16; 6.40,47,54). Notem quantas vezes Jesus diz: "Não temas" (Mt 14.27; 28.5; Lc 2.10; 12.32; Jo 14.1; Ap 1.17).

"... Sê fiel até à morte..."

Em meio à aflição Jesus pede fidelidade. Pedro, ao seguir o exemplo de seu Mestre, escreve nessa mesma época: "Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei" (1 Pe 2.17). Leia desde o versículo 11 desta citação. São vários exemplos que a história

registra naquela época de perseguição. Conta das fogueiras, onde eram queimados vivos os cristãos, que, mesmo atingidos pelo fogo, citavam o nome do Senhor em alta voz. Conta das arenas, onde eram jogados os cristãos para serem estraçalhados pelas feras, a fim de servirem de espetáculo ao público romano e de divertimento ao rei. Conta, enfim, de vários episódios de dor e sofrimento, e quanto mas o diabo inspirava os ímpios e pagãos para exterminar os cristãos, tanto mais aumentava o número de fiéis e o nome de Jesus era glorificado. Aprendemos na Bíblia a maneira de sermos fiéis em tudo (Sl 101.6):

1. Para com Deus (Nm 12.7; Jó 31.6; Dn 3.10,12,15-18,21-30);

2. Para com a Igreja (Ml 3.10; At 2.42; 1 Co 15.58; Hb 10.25);

3. Como ministro de Deus (Lc 12.42; 1 Co 4.1,2,17; Ef 6.21,22; 1 Tm 2.2);

4. Exercendo qualquer função como crente (Dn 6.3-5; Rm 13.12-14; 1 Ts 4.11,12; Tt 2.9,10; 1 Pe 4.14,16);

5. Fiel no cumprimento da doutrina (Gl 1.8,9; 1 Tm 6.3-5; Hb 6.1; 13.19);

6. Fiel até a morte. Leiamos mais os textos de Mateus 10.39; 24.13; Lucas 17.33; João 12.25.

"... e dar-te-ei a coroa da vida."

Aqui não se afirma como são estas coroas; porém, entendemos que são privilégios especiais que o Senhor destina aos que lhe são fiéis, além de resplendores e diademas significativos ao mérito de cada um. A coroa é a recompensa, em alegria eterna, que devemos ter pelo nosso trabalho (leia 2 Coríntios 1.14 e Filipenses 2.15-17; 4.1). Estão destinados gloriosos galardões aos que operam a vontade de Deus, aqui na Terra:

1. Coroa da Justiça (2 Tm 4.7,8);
2. Coroa de Glória (1 Pe 5.1-4);
3. Coroa da Vida (Tg 1.12) [como provação e aprovação].

Leiamos também Isaías 40.10 e Apocalipse 3.11; 22.12.

v. 11. *"Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte."*

Está subentendido que haverá duas mortes:
1. a morte do corpo (Gn 3.19; Jó 34.15);
2. a morte do espírito (Ap 20.10,15; 21.8).

A morte física do justo, do verdadeiro cristão, não é mais que o transpor de uma porta: deixar a vida terrena e passar a estar com o Senhor. "Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos" (Sl 116.15). No momento da passagem do salvo, o Senhor dá ordens aos seus anjos, que o transportam ao seu seio (Lc 16.22). O corpo, na verdade, volta para o pó (Gn 3.19), mas o espírito retorna para Deus (Ec 12.7). Assim, os vencedores não sofrerão o dano da segunda morte, que é a eterna separação de Deus. Assim como a morte é o desmembramento entre o corpo e o espírito, da mesma forma é a separação eterna entre o espírito e Deus (leia Isaías 66.24 e Marcos 9.43,44). "Os ímpios serão lançados no inferno, e todas as gentes que se esquecem de Deus" (Sl 9.17). Aqui está a segunda morte, o inferno, o lago que arde com fogo e enxofre (Ap 19.20; 20.10,15). Os maus, que não atentaram para Deus (Sl 50.22,23; Is 55.6,7), sofrerão a morte do corpo e do espírito, que é a segunda morte. Os vencedores cantarão o hino da vitória (Os 13.14; Rm 8.35-38; 1 Co 15.55).

Terceira Carta (2.12-17)

v. 12. *"E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve:"*

O termo Pérgamo significa "elevado ou casado", e corresponde à época em que a Igreja viveu sob os auspícios imperiais, com a conversão de Constantino - 320 a 500 d.C.

"Constantino, com golpes políticos, a fim de evitar hostilizar ou perseguir os pagãos, afirmou a vitória do Cristianismo por atos significativos: em 321 d.C. tornou obrigatório o descanso aos domingos e em 325 d.C. convocou o grande Concílio de Nicéia (na Bitínia). Mas a sua glória embaciou-se com crueldades, as quais demonstram que a sua adesão à doutrina de Cristo não foi mais do que um cálculo político. Apesar destas faltas, Constantino mereceu o nome de Grande que lhe deu a história, porque compreendeu o seu tempo e soube portar-se com grande largueza de espírito à frente do movimento que levava o mundo a novos destinos. Só recebeu o batismo à hora da morte, em Nicomédia, das mãos do bispo ariano Euzébio. Antes de morrer dividiu o império entre seus três filhos: Constâncio, Constante e Constantino II e seus dois sobrinhos: Dalmácio e Anibaliano" (Enciclopédia e Dicionário Internacional).

"... Isto diz aquele que tem a sua espada aguda de dois fios:"

Com a espada aguda de dois fios, que penetra até a divisão da alma e do espírito (Hb 4.12), que fere de morte (Ap 19.21), ou corta para curar, na execução do juízo e extinção do mal; com esta espada que procede

de sua boca (Ap 1.16), o Senhor apresenta-se a Pérgamo.

v. 13. *"Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás..."*

O Senhor conhece toda e qualquer situação em que esteja a sua Noiva. Pérgamo, como igreja local, passou a admitir doutrinas heréticas surgidas em Éfeso, a dos nicolaítas e a de Balaão, as quais o Senhor aborrece (cap. 2.6). Como período dispensacional da Igreja, predominaram essas heresias em alta escala. Por isso o Senhor diz: "Eu sei onde habitas" (o que bem significa a palavra Pérgamo) e como te tens portado na minha presença, que é onde está o trono de Satanás", que significa dizer: "Que é onde o diabo tem estabelecido o seu domínio e poder" (leia Gênesis 41.40). Quão difícil era para os fiéis cristãos de Pérgamo permanecer no Senhor. As dificuldades eram inúmeras, a posição de cada um era hostil às circunstâncias desfavoráveis do meio (leia Salmo 120.6).

"... e reténs o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita."

Apesar da situação desfavorável em Pérgamo, que causava tormenta aos verdadeiros cristãos, o nome do Senhor era glorificado, e todos os fiéis perseveravam na mesma doutrina e fé que haviam recebido do Senhor e delas não se afastaram. Esta atitude Jesus não deixa de louvar: "Ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita". Nada se sabe sobre a biografia desse grande servo de Deus; apenas se conhece o

fato, porque Cristo mesmo menciona, o que bem demonstra o zelo do Senhor e seu reconhecimento aos que lhe são fiéis (leia Salmo 116.15 e Apocalipse 14.12,13). "Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Ap 2.10).

v. 14. *"Mas umas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem."*

O Senhor está pronto a elogiar e até mesmo louvar as ações dos que são fiéis (Jó 1.8; 2.3); mas, também, adverte quando existe erro, para que haja arrependimento. Como já dissemos, Pérgamo passou a admitir como doutrina as obras heréticas, surgidas em Éfeso, dos nicolaítas e os ensinos de Balaão, e assim muitos seguiam os ensinamentos daquele profeta venal que, quando viu que não podia amaldiçoar Israel, ensinava Balaque (o rei moabita que o alugara), como corromper o povo (Nm 25.1-3; 31.16), ao lançar tropeços diante dos filhos de Israel. Da mesma maneira os falsos ensinadores da "igreja casada" introduziram a doutrina de Balaão (2 Pe 2.1-3,13-16), para os quais o Senhor apresenta-se como juiz.

v. 15. *"Assim, tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que eu aborreço."*

Além de franca idolatria, quiçá de uma prostituição absurda contra Deus, que foi o resultado do ensino de Balaão, Pérgamo fazia a vontade da carne e afirmava ser crente em Deus (leia Tiago 2.19); e isso foi observado como doutrina contrária à delibera-

ção do Concílio de Jerusulém (At 15.20,29). Paulo esclarece que os que vivem segundo a carne morrerão (Rm 8.12,13), porque a inclinação da carne é morte e inimizade contra Deus (Rm 8.6,7; leia 1 Coríntios 6.9.10 e Gálatas 5.19-21). A estes o Senhor aborrece (Jd 23).

v. 16. *"Arrepende-te, pois; quando não, em breve virei a ti e contra eles batalharei com a espada da minha boca."*

Quando Deus adverte e exorta, a fim de mostrar o mal, sempre convida ao arrependimento. Quem está disposto a defrontar-se com o Senhor? Quem o poderá vencer na luta? A espada de sua boca é bigúmea e quem o enfrentar não resistirá (leia Apocalipse 19.15,18,21). A idolatria é o pecado contra Deus (1 Co 10.16,19,20; leia Êxodo 20.3-5 e Isaías 42.8); e a prostituição é a transgressão contra o próprio corpo (1 Co 6.18; leia 1 Coríntios 3.17; 6.19,29). A comunhão com o mundo é, de modo figurado, adultério; e significa infidelidade para com Deus (Tg 4.4; leia Mateus 6.24; Romanos 12.2; Gálatas 1.10; 1 João 2.15-17). Se aceitar a exortação do Senhor e arrepender-se cada criatura de seus pecados, alcançará de Deus perdão e salvação (Is 55.7).

v. 17. *"Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe."*

Maná escondido. O Espírito Santo sacia o crente com um alimento espiritual desconhecido pelo mundo. É muito mais apetecível o maná que Cristo tem para nos

dar do que o administrado por Moisés no deserto (Êx 16.4,14-31). Como recordação permanente da graça de Deus para com Israel, ele deu ordem para que fosse colocado um vaso cheio de maná perante o Senhor (Êx 16.33). A carta aos Hebreus informa que este recipiente era de ouro (Hb 9.4). Durante quase 500 anos foi esse vaso escondido. O maná que o Senhor deu a Israel, como pão que desceu dos céus (Êx 16.4), permaneceu durante toda a viagem de 40 anos através do deserto, não obstante, as contendas e murmurações do povo (Nm 11.4-9; 21.5). Mas o benefício que eles tão mal reconheciam não deixou de cair dos céus, durante todo o tempo da peregrinação através do deserto (Êx 16.35; Dt 8.3,16; Ne 9.20; Sl 78.24). E somente parou no dia em que atravessaram o Jordão e acamparam-se em Gilgal, quando começaram a se alimentar dos frutos de Canaã (Js 5.10-12).

"Há várias plantas que produzem uma substância semelhante ao maná, emanação espontânea da planta, ou resultado de uma operação realizada por um inseto. Esta planta é conhecida tecnicamente por *tamarix mannífera,* variedade de *tamarix gallica,* que se encontra na península do Sinai e emite uma substância amarela que passa a ser branca quando cai sobre as pedras, e que se derrete ao calor do sol. A sua produção é de seis a dez semanas durante a metade do ano, em que o mês de junho é o de maior colheita. A *lhagi maurorum* e a *desertorum* são duas espécies de espinhos que também fornecem uma substância parecida com o maná, e assim diversas plantas. Os árabes usam os produtos destas plantas em lugar da manteiga e do mel. Atualmente a colheita anual em toda a península é menos de meia tonelada nos melhores anos. Nunca usam esse maná em lugar de pão. Tomado em dose elevada tem efeito purgativo. Mesmo que fosse

abundante, seria difícil identificá-lo com o maná das Escrituras" (Dicionário de Davis).

Davi descreve a rebelião de Israel e cita o maná como trigo do céu e pão dos poderosos (Sl 78.23-25), mas Cristo se apresenta como o verdadeiro pão do céu (leia João 6.31-35,48-51,57,58). Quão precioso será este maná escondido que Jesus tem destinado aos vencedores!

Pedra branca. Essa era a que, nas eleições, o leitor colocava na urna; nela estava gravado o nome de seu candidato. Ela fala da aprovação como sinal de apreciação, mas aqui se apresenta da parte de Cristo, que nos elegeu (Is 65.9,22; Rm 8.17; Cl 3.12; 1 Pe 1.2). O novo nome é o adquirido pela integração na família de Deus, um nome significativo da vida e do caráter do crente, que passa para a eternidade (Gn 17.4,5; 32.27,28; Jo 1.42). Êxemplo dos que sabem vencer (1 Rs 17.1-16; 19.1-7; Hb 11,24-26).

Quarta Carta (2.18-29)

v. 18. *"E ao anjo da igreja de Tiatira escreve..."*

Tiatira leva-nos ao período do pleno desenvolvimento do romanismo, do ano 500 a 1.500 d.C. A igreja está sob o balaonismo e o nicolautismo. O romanismo tem o seu apogeu e apenas um restante de crentes é fiel. Ao iniciar-se o período da história que a Igreja de Tiatira simboliza, subseqüente ao de Pérgamo, nesse tempo de trevas, seis séculos depois de Cristo, as relações com o mundo desenvolveram-se e estreitaram-se tanto a ponto de muitos cristãos professos serem nomeados para os elevados cargos do governo de Roma. A Igreja adquiria assim poder e bem-estar para

os seus membros; mas para conseguir isso sacrificava a fidelidade a Cristo.

A Igreja, ao unir-se ao mundo que rejeitara o seu Senhor, desobedecia inteiramente à Palavra de Deus (Mt 6.24; 1 Jo 2.15). Mas isso não era tudo: prevalecia a adoração de imagens (Êx 20.4-6; Lv 26.1; Os 13.4 ; leia Isaías 45.9-20; 1 Coríntios 10.14-31; 2 Coríntios 6.14-16). Esse erro continua até o dia de hoje e juntamente com todas as inovações persistirá até a vinda do Senhor (v. 25). Como igreja local, era Tiatira a cidade onde morava Lídia (At 16.14). Não sabemos se foi essa crente que pregou o Evangelho ali. O certo é que a Palavra foi anunciada e muito se desenvolveu.

"... Isto diz o filho de Deus, que tem olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao latão reluzente:"

Aqui Jesus fala de si mesmo como Filho de Deus e invoca a sua autoridade divina. Seus olhos perscrutadores tudo vêem e ninguém pode esconder-se de sua presença. Também apresenta-se como aquele que venceu a mais dura prova de fogo, cujos pés bem expressam a sua vitória. O romanismo fala de Jesus unicamente como filho de Maria; tira-lhe seus títulos (Is 9.6) e direitos como Único Salvador e mediador (Mt 1.210; 1 Tm 2.5), e corrompe a maneira de adorar a Deus, ao proceder como os judeus apóstatas no tempo de Jeremias, que adoravam uma falsa divindade chamada "rainha dos céus", em honra da qual ofereciam tortas, libações e incensos (Jr 7.8; 44.5-30). A virgem Maria, como vaso nas mãos de Deus, nunca desejou os títulos e as honras que ela reconhecia pertencerem unicamente ao Senhor; por isso, ela canta alegremente

o seu "Magnificat" (Lc 1.45-56; leia os versículos 26 a 38).

v. 19. *"Eu conheço as tuas obras, e a tua caridade, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras."*

Esse reconhecimento de Jesus não se manifestava à igreja de Roma e sim às restantes ainda sobreviventes, que se mantinham escondidas nas montanhas e lugares fora do alcance do exército papal.

Diz a Enciclopédia Internacional, pp. 11.781 - Vol. XX:

"As doutrinas dos valdenses, assim como as dos albigenses, só admitiam como origem da fé o Antigo e o Novo Testamentos; repeliam o culto das imagens, a missa, a confissão auricular, etc. Só conservavam dois sacramentos: o batismo e a ceia. Para eles a salvação estava não nas obras, mas na fé. A sua disciplina regulada por pastores era severa e suas vidas e costumes eram simples. Animados de um ardente espírito de proselitismo, espalhavam a sua doutrina. Sob o impulso de Pedro de Bruis e Pedro Valdo, fundaram colônias na Ligúria, na Apúlia, na Calábria e até na Sicília. Esses povos simples e humildes, considerados escória da Igreja Romana, foram o principal motivo da criação da chamada 'Santa Inquisição'. Mas o Senhor zelava por esses grupos fiéis, por reconhecer o amor que eles dedicavam ao seu nome, e a maneira como trabalhavam para conservar a fé sem mácula, que os levava ao sacrifício, muitas vezes maior que os sofrimentos impostos pelos pagãos. O Senhor apreciava essas obras de fé, que eram demonstradas na paciência de suportar as afrontas e o desprezo dos falsos irmãos. O valor de seus feitos era maior em privi-

légios diante do Senhor que o dos alcançados pelos primitivos cristãos."

v. 20. *"Mas tenho contra ti o tolerares que Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensine e engane os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria."*

Jezabel, que espiritualmente é mencionada como a ímpia soberana da casa de Acabe, por cuja influência foi introduzido em Israel o culto a Baal (1 Rs 16.31) e moveram-se as mais atrozes perseguições contra os profetas do Senhor (1 Rs 18 a 21), representa aqui a doutrina do paganismo, que veio com toda a sua "bagagem" de idolatria e feitiçaria para dentro da Igreja. São incrementadas nessa época as mais cruéis perseguições.

"Nos primeiros séculos do Cristianismo, até pouco mais ou menos a conversão do Imperador Constantino, a heresia era punida com excomunhão de tribunais especiais presididos por bispos. Já no fim do século XII, esses sínodos alargavam a sua esfera de ação que a autoridade eclesiástica lhes tinha limitado e principiaram a rechaçar os hereges, ao atormentá-los e espoliá-los dos seus bens, que eram imediatamente confiscados. Nessa época ainda se permitia ao réu fazer a sua defesa, ao dar-lhe conhecimento do processo. Mas tarde, robustecida a seita dos albigenses, o Papa Inocêncio III ordenou uma Cruzada contra ela e recorreu à Inquisição, para o auxiliar a destruir essa 'heresia' que ameaçava alastrar-se pelo mundo. Os albigenses foram vencidos. A Inquisição triunfou em 1229, mas um número de fiéis continuou. A história registra fatos como a fatídica noite de S. Bartolomeu, na França, em 24 de agosto de 1572" (notas da Enciclopédia e Dicionário Internacional).

Disse Jesus: "Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos; mas ai daquele por quem o escândalo vem!" (Mt 25.40; leia Provérbios 14.31; Mateus 10.28-31; Marcos 9.42).

v. 21. *"E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu."*

A prostituição é pecado contra o próprio corpo, que é o templo de Deus, onde o Espírito Santo habita. Se alguém o destruir, o Senhor também o aniquilará (1 Co 3.16,17; 6.16-19). A infidelidade para com Deus é prostituição, espiritualmente falando (leia Jeremias 3.1-4 e Apocalipse 17; 19.2). Por mais que o Senhor usasse de sua misericórdia, ao conceder tempo para o arrependimento, prevalecia a idolatria como acinte a Deus.

v. 22. *"Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras."*

v. 23. *"E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda as mentes e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras."*

A linguagem aqui é figurada, mas o julgamento é inevitável (leia Isaías 2.18,20; 31.7; Jeremias 50.41,42; Apocalipse 16.8; 17.16,17; 18.2,3,8,20-24;). Só aquele que é a cabeça da Igreja, o divino Filho de Deus, pode e há de julgá-la. O apóstolo Paulo diz: "E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos

que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder" (2 Ts 1.7-9).

v. 24. *"Mas eu vos digo a vós e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei."*

Mais uma vez o Senhor dirige a sua palavra aos grupos que permaneciam fiéis, tanto os de Roma, como os restantes que viviam isolados, mas se mantinham fiéis aos princípios ensinados por Jesus, e não se haviam contaminado com a doutrina do romanismo (Jezabel com sua prostituição).

"Os que não conheceram as profundezas de Satanás". O clero romano intitula-se como a única parte pensante da Igreja, os únicos que podem ler e interpretar a Bíblia Sagrada, os únicos que formam o corpo da Igreja, e os únicos que conhecem, como dizem, as profundezas de Satanás. O restante do povo é qualificado apenas como fiéis à Igreja (leia Mateus 13.11; João 14.26; 1 Coríntios 1.19-21; 2.1-10; 1 João 2.27).

O Senhor não admitirá outro sofrimento, além do já sofrido por aqueles fiéis. Nunca mais haverá sofrimento semelhante, mesmo que se levantem perseguições atrozes contra os que permanecem fiéis ao Senhor e à sua Palavra, movidos por esses falsos irmãos.

v. 25. *"Mas o que tendes retende-o até que eu venha."*

O Senhor anima os seus fiéis a conservarem todas

as virtudes que possuem, até a sua volta. A alusão à sua vinda é referida na mensagem a cada uma das últimas quatro igrejas. Isso nos faz entender que o estado da Igreja, figurado em cada uma delas, continuará até o fim (v. 25; cap. 3.11,20).

v. 26. *"E ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações,"*

v. 27. *"e com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de meu Pai."*

A Igreja Romana tem procurado em todos os tempos conquistar e vencer o mundo, mas os seus conquistadores são os que obedecem à Palavra e guardam a verdade com firmeza (1 Co 6.2; leia Lucas 19.17,19 e 2 Timóteo 2.11,12).

"Como também recebi de meu Pai". Da mesma maneira como o Pai deu sublimes promessas ao seu amado Filho (Sl 2.8,9), assim Jesus concederá de sua parte aos seus fiéis (Rm 8.15-17; Gl 4.6,7; 2 Tm 2.11,12).

v. 28. *"E dar-te-ei a estrela da manhã."*

"Uma estrela procederá de Jacó" (Nm 4.17). O Senhor Jesus mesmo é a "raiz e geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã" (Ap 5.5; 22.16). Ele mesmo é a promessa. Todos os vencedores participarão do seu reino de glória (1 Ts 2.12; leia 2 Pedro 1.19).

v. 29. *"Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas."*

O Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, tem a sua missão especial na Terra:

1. Para com o mundo

"Convencer os homens do pecado, da justiça e do juízo" (Jo 16.8-11). Nesta função tríplice, o Espírito Santo fala ao pecador, e usa para isso a maneira que achar própria, contanto que o possa trazer a Deus para ser salvo. Por mais erudito que seja o pregador do Evangelho, por mais eficientes que sejam as organizações de ensino sobre moral e caráter do homem, jamais poderá ser transformada uma só criatura e convertido um único pecador a santo de Deus, um homem vil e nocivo a verdadeiro cidadão, útil a Deus e à pátria. Só o Espírito Santo convence o homem e transforma-o (leia Tito 3.5,6).

2. Para com a Igreja

a. Habitar com a Igreja, a fim de permanecer nela de modo coletivo; habitar é estabelecer-se no coração de cada crente fiel, transformado em sua morada (Jo 14.16,17; leia João 14.23; 1 Coríntios 3.16; 6.19.20);

b. Ensinar os servos de Deus e lembrar tudo o que a Igreja já recebeu do Senhor (Jo 14.26; 1 Jo 2.20-27);

c. Guiar em toda a verdade e dizer à Igreja tudo quanto tiver ouvido da parte de Jesus e anunciar o que há de vir (Jo 16.13);

d. Testificar por meio de Igreja ao pecador, mediante a apresentação das verdades sobre Jesus (Jo 15.26; leia 1 Pedro 1.12 e 1 João 5.6).

Eis porque em todas as cartas está a advertência: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas". Devemos ter ouvidos para ouvir (Mc 4.23,24), a fim de não sermos ouvintes esquecidos (Tg 1.22-25), mas tendo toda a atenção naquilo que ouvimos. Disse Jesus: "Vede pois como ouvis" (Lc 8.18). Devemos ficar certos e bem inteirados da mensagem que ouvimos, quer doutrinária, quer profética, a fim de

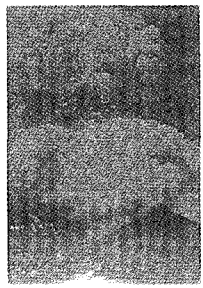
que saibamos distinguir a vontade do Senhor, pela revelação do Espírito santo (1 Co 2.9,10; leia João 16.12-15).

Dizer que o Espírito Santo não mais fala à Igreja é negar ou tirar esta parte das Escrituras e menosprezar a advertência que bem evidencia esta mensagem (leia Apocalipse 22.18,19).

O Espírito Santo é Senhor sobre o homem e não está sujeito ao ser humano para seguir as suas conveniências e modos de pensar. A mensagem é sem rodeios:

"Quem tem ouvidos, ouça o que o espírito diz às Igrejas". O Espírito Santo faz como quer, usa quem quer e fala da maneira como deseja à Igreja (leia Romanos 11.33-36).

Não confundamos a manifestação do Espírito Santo com espiritismo ou coisa semelhante; nunca tal coisa aconteça. São dois caminhos antagônicos. Cuidado, leitor, para não dizer e nem pensar assim, porque é blasfemar contra o Espírito Santo (leia Marcos 4.28,29).



(Cap. 3.1-22)

Quinta Carta (3.1-6)

v. 1. *"E ao anjo que está em Sardes escreve..."*

Sardes ou Sardo, foi a primeira cidade dessa região a receber o Evangelho, e a primeira a desviar-se da fé, e uma das primeiras a cair em ruínas. Como período da Igreja, Sardes corresponde ao tempo da Reforma, que produziu o protestantismo com suas ramificações (1600 d.C.).

"... Isto diz o que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas..."

O título usado pelo Senhor, ao dirigir-se à igreja de Sardes, indica claramente a ação do Espírito de Deus, que simboliza a perfeição e a plenitude do Espírito Santo em suas múltiplas operações (1 Co 12.4-11) nas diversas igrejas locais então existentes.

"... Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto."

O grande despertamento que originou a Reforma do Século XVI, foi a operação do Espírito de Deus; mas

esse despertamento foi logo sufocado pelo crescente formalismo que surgiu concomitantemente com a Reforma, o qual trouxe graves e sérias conseqüências. Grande foi a bênção: ter a Bíblia traduzida na língua do povo, ter liberdade para cultuar e servir ao Senhor e também ter a ajuda e garantia do Espírito Santo como Autor do movimento. Esses privilégios não deveriam jamais ser esquecidos, porque deles dependiam o progresso espiritual e material da Igreja, a qual acabava de sair da escravatura em que viveu por doze longos séculos (de IV a XVI), sob o domínio da Igreja de Roma.

Logo apareceram as controvérsias entre os reformadores, e, à proporção que se desenrolavam os acontecimentos, surgiam opiniões e heresias que modificaram o ardor e o espírito da Reforma. Ao invés de ser uma luta para a conquista espiritual da Igreja, para a sua elevação em santidade e perfeição diante de Deus, tornou-se a Reforma em tremenda batalha carnal, de ambições e conquistas de melhores posições. Não faltavam as cerimônias e os ritos de uma religião ortodoxa, mas o Espírito Santo era excluído do ardor da luta (leia 1 Timóteo 5.6) e somente os sentimentos carnais prevaleciam (Ef 4.30,31).

"*Tens nome de que vives, e estás morto*". Se não houver liberdade para o Espírito santo, a vida da Igreja sucumbe (2 Co 3.17). O Espírito de Deus é o Espírito de amor (Rm 5.5; 1 Jo 4.18); é chamado "o óleo de alegria" (Is 61.1; Hb 1.9; leia Lucas 4.1,14; Atos 4.27; 10.38). Com a sua presença e atuação, vem o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de reconhecimento e de temor do Senhor (Is 11.2). O Espírito Santo é que dá vida à Igreja (2 Co 3.17; leia Romanos 8.11).

v. 2. *"Sê vigilante e confirma o restante que estava para morrer, porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus."*

A razão da morte espiritual é ocasionada pela falta de vigilância (Mt 26.41; leia Efésios 6.8). A expressão "*confirma* o restante que estava *para morrer*" significa dizer: fortalece ou ajuda (Lc 22.32) os que vivem com os mesmos sentimentos.

A reforma foi inspirada e feita pelo Espírito Santo. O espírito da reforma, que bem caracterizava os sentimentos de cada reformador, era o mais nobre e sublime. Deus havia sido excluído da Igreja pela união desta com o mundo e agora todos estavam cheios e possuídos de um grande desejo: os poucos fiéis que existiam no mundo deveriam unir-se e voltar para o Senhor, com um só sentimento de fé e nos moldes da vontade de Jesus (Jo 17.21,23). Porém, não houve vigilância: abriu-se a porta aos inimigos da alma (1 Pe 5.8), o diabo, o mundo e a carne, que tomaram partido na luta, e como não puderam extinguir completamente a Igreja, fracionaram-na e enfraqueceram-na de morte. Contudo, Deus é longânimo e não permitirá que mais nada aconteça (leia Isaías 42.3; Mateus 12.20), até a vinda de Jesus.

As obras da igreja em Sardes não eram perfeitas diante de Deus porque tudo era feito fora do espírito e ensinamento dos apóstolos. Paulo dizia: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros" (Fp 2.3,4); "Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros" (Gl 5.26). Tiago também diz: "Mas, se tendes amarga

inveja, e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade" (Tg 3.14). Estas eram as obras que Sardes apresentava. No zelo da Reforma cada um fazia algo de sua parte, cada reformador pregava a seu modo, cada grupo independia de outrem, e todos excluíam completamente o amor fraternal e o interesse coletivo (Rm 12.10; 1 Ts 4.9; Hb 13.1; 1 Pe 1.22).

v. 3. "*Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te...*"

Uma advertência. O autor da carta aos Hebreus diz no cap. 2.1: "Portanto convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas". Aqui, uma advertência à lembrança de tudo quanto o Senhor fez à Igreja, privilégios de que não éramos dignos, mas Deus concedeu aos homens que salvou (1 Pe 1.12). Se fôssemos nos lembrar quem éramos e quem somos (1 Pe 2.10); nós que nada merecíamos e temos alcançado tudo do Senhor (Cl 7.13-15); que vivíamos sem Deus, sem luz e sem salvação (leia 1 Pedro 2.9), e agora temos tudo em Cristo, viveríamos em um eterno espírito de gratidão e talvez nossa consagração fosse completa.

"*Guarda-o e arrepende-te*", diz o Senhor a Sardes, e também a nós nestes últimos dias. "Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram...?" (Hb 2.3); "Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós" (2 Tm 1.13,14; leia Tito 1.9; Hebreus 10.23; 1 Timóteo 6.20; Romanos 8.11).

"... E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei."

Há uma espécie de vigilância que inclui todas as outras: "Vigiar a vinda do Senhor" (Mt 24.36-44; Lc 21.34-36; leia 2 Pedro 3.10). Alguém perguntou-me certa ocasião: "Por que a Bíblia chama Jesus de ladrão?" Fui obrigado a explicar: A Bíblia não o chama de ladrão. Ele foi quem disse que a sua vinda será como ladrão de noite, para ilustrar a maneira inesperada e surpreendente desse evento. Será uma ação rápida e momentânea, e quem não estiver vigilante não perceberá quando Ele vier. Por Lucas, Jesus diz: "Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa. Portanto, estai vós também apercebidos, porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais" (Lc 12.39,40);

"*E não saberás a que hora sobre ti virei*". Fala aqui de juízo e vingança (leia Isaías 35.4; 2 Tessalonicenses 1.7-8; Hebreus 10.26,27; 2 Pedro 2.20,21), quando então será vista a diferença entre o justo e o ímpio, entre o serve a Deus e o que não o serve (Mt 3.18; leia Malaquias 4.1).

v. 4. "*Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram as suas vestes e comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso.*"

Como o Senhor guardou os sete mil joelhos em Israel que não se dobraram a Baal (1 Rs 19.18); como guardou os restantes fiéis, não obstante o apogeu do romanismo com suas perseguições e atrocidades, os quais viviam isolados e foragidos, mas permaneciam sem se contaminarem, assim Ele soube guardar estas pessoas que não mancharam seus vestidos com o ar-

dor da Reforma. "O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade" (2 Tm 2.19).

v. 5. "*O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.*"

v. 6. "*Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.*"

A promessa tríplice ao vencedor:

1. "*Será vestido de vestes brancas*". Branco resplandecente (Lc 24.4), branco como luz (Mt 17.2), que é a justiça dos santos.

2. "*De maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida*". O nome de nenhum morto permanecerá escrito no livro dos vivos. Deus não é Deus dos mortos (Lc 20.38). Disse o Senhor a Moisés: "Aquele que pecar contra mim, a este riscarei eu do meu livro" (Êx 32.33; leia Salmo 69.28; Apocalipse 21.27; 20.15).

3. "*Confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante de seus anjos*". Não se envergonharam de serem crentes verdadeiros e fiéis, mesmo em meio à luta e indiferença; nas críticas e zombarias dos circunstantes, não se envergonharam de confessar o nome de Jesus (Mt 10.32; Lc 12.8; Rm 10.9). O contrário acontecerá aos que desobedeceram e não guardaram a sua Palavra: Ele se envergonhará deles diante do Pai e de seus anjos (Mt 10.33; Mc 8.38; Lc 9.26, 12.9).

Sexta Carta (3.7-13)

v. 7. "*E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve:...*"

Filadélfia, a igreja do avivamento. O Espírito Santo tomou o seu lugar na Igreja e voltaram, com toda a liberdade, as manifestações espirituais, como no princípio (At 2.42,43 - 1646, 1666, 1857, 1859, 1900 d.C. Filadélfia era uma cidade da Lídia, 40 km distante de Sardes, e foi edificada por Atalo Filadelfo, rei de Pérgamo. Era uma igreja irrepreensível. Ela e Esmirna foram as únicas das sete que não receberam censura.

Filadélfia significa "amor fraternal". Sardes saiu de Tiatira e é um protesto contra ela, assim Filadélfia (no sentido histórico e profético) saiu de Sardes e é um protesto contra ela. Mesmo nos tempos mais obscuros, Deus concedeu alguns preciosos despertamentos à Igreja. Os primeiros avivamentos foram entre os valdenses e os albigenses. Mas, no fim do Século XVIII, houve entre as igrejas um notável avivamento que tirou a Igreja daquela condição mortal que caracterizava Sardes, para um movimento que visava despertar entre os cristãos um amor forte e ativo.

Diz Emílio Conde, no seu livro *O Testemunho dos Séculos:*

"Um dos maiores avivamentos religiosos que a História registra é o movimento conhecido por *Pietista,* que se manifestou em toda a Alemanha, a começar de 1666. Foi um momento que não deixou dúvidas quanto à sua origem, entre os historiadores, embora sofresse a oposição do luteranismo. O programa desse movimento era combater o exemplo indigno de alguns ministros (Oh! quantos hoje seriam alcançados!), combater a embriaguez, as controvérsias teológicas que foram a ruína da Reforma; lutar contra a imoralidade e o egoísmo entre os leigos. Exigir dos pastores uma verdadeira experiência religiosa e não somente uma biblioteca. Esforçar-se para dar ao povo uma mensagem necessária, destinada à edificação e a transformar a

vida dos ouvintes, sem se preocupar se a pregação fere a conduta ímpia dos grandes que possam estar presentes. E, finalmente, levar o povo à abstinência do teatro, da dança, dos jogos de toda a espécie, coisas estas que o luteranismo tolerava escandalosamente. Diante de tal programa, houve reação: os religiosos comodistas acharam logo a arma preferida em todas as ocasiões para dizerem que esse avivamento era dirigido por 'hereges'. Não fora a proteção do eleitor de Bandenburgo, Frederico III, mais tarde rei Frederico I da Prússia, dada a Spener, um dos homens eminentes da Alemanha e pietista sincero, e teríamos de registrar mártires nesse movimento. Mas esse avivamento tinha que triunfar. As idéias desse movimento eram tão puras, que ganharam o coração de muitos intelectuais, os quais se transformaram em seus ardorosos defensores" (p. 43).

"Em 1646, quando ainda não existia liberdade religiosa na Inglaterra, começou um grande despertamento a que foi dado o nome de Amigos ou Tremedores (Quakers), o qual passou à história como um dos movimentos religiosos mais sinceros e de princípios mais puros de quantos os anais assinalam. Esse despertamento com exigências tão rígidas encontrou forte oposição de todos os lados. Consideraram-no um movimento de fanáticos, loucos, extravagantes: deram-lhe o nome de 'tremedores', porque o poder de Deus descia no meio deles. O Espírito Santo manifestava-se de muitas maneiras, pois falavam línguas estranhas e tinham outros dons. Em 1661, durante uma perseguição, nada menos de três mil, cento e setenta e nove foram presos, inclusive os seus principais orientadores. Prenderam os 'perturbadores' e quiseram acabar com as extravagâncias (manifestações do Espírito), mas não calaram a Palavra. A obra crescia: as classes começa-

ram a interessar-se pelo que hoje chamariam 'pentecostalismo'" (p. 70).

"Encontramos, logo a seguir, o avivamento de 1857-1859 que se tornou conhecido em todo o mundo. Os frutos desse despertamento chegaram até os primeiros dias do presente avivamento, numa linha que não sofreu solução de continuidade, pois o fogo não estava ainda extinto quando, de novo, começou a arder, na América, em 1900 (p. 104)".

Jesus revela-se aqui como é realmente (Sl 16.10; Mc 1.24; Lc 1.35; At 3.14; 4.27; 1 Jo 5.20). Ele veio constituir santos entre os homens (leia Salmo 16.1 e 1 Pedro 1.15,16); santos que cantam (Sl 30.4; Ef 5.19; Cl 3.16); santos que oram (Sl 32.6; Ef 5.13,16; 1 Ts 5.17,25; 1 Tm 2.8); santos que se congregam (Sl 50.5; Hb 10.25); santos que vivem em justiça e santidade (Lc 1.74,75; Rm 6.18; Ef 4.24; 2 Ts 2.13; 2 Tm 1.9; Tt 2.12; 2 Pe 1.3,4); santos que se manifestarão com Ele em glória (Zc 14.4,5; Mt 25.31; Cl 3.4; Jd 14).

"... Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro..."

A luz da verdade brilha, a fim de convidar as almas sequiosas e oprimidas a aceitá-la e a se deixarem guiar por ela (Jo 14.6; leia Mateus 11.28-30).

"... o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre:"

Enquanto "as chaves da morte e do inferno" (Ap 1.18) se referem à vitória de Cristo sobre a própria morte e o mundo invisível, "a chave de Davi" refere-se ao seu direito como Senhor e cabeça da casa de Davi (Is 22.22), a fim de evidenciar o seu reinado na Terra (Dn 7.13,14,21,22,26,27; 1 Cr 17.12-14; Ap 11.15).

v. 8. *"Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar..."*

A exemplo dos avivamentos sucessivos verificados em fins dos séculos XVIII e XIX (leia todo o livro *Testemunho dos Séculos*, de Emílio Conde), época que corresponde ao período de Filadélfia, o Espírito Santo, com toda a sua força e liberdade de ação, operou na Igreja de um modo maravilhoso. Tem sido até hoje uma "porta aberta" que se evidencia pelas conversões das massas, pelos sinais de milagres e operações de maravilhas, resultantes do poder de Deus que está derramado (Pv 1.23; Is 44.3; Jl 2.28,29; At 2.17,18,33) sobre a Igreja. O Pentecoste não é privilégio de uma denominação. O Espírito Santo, à semelhança da Igreja primitiva (At 2.47; 5.14; leia Atos 8.14,15; 10.44-48; 19.2-7), continua a batizar os fiéis, a curar os enfermos e a dar dons aos homens que se salvam.

Somos testemunhas de como o Espírito Santo tem operado em "nossa igreja": as multidões são salvas cada dia At 2.47); crentes recebem o selo da promessa acompanhado do sinal de línguas estranhas (At 2.4; 19.6; leia Atos 10.44-47), que é um fator característico do revestimento de poder (At 10.46); e maravilhas são feitas em nosso meio, pois o Senhor opera em todos os aspectos, através dos quais os cegos vêem, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, as doenças malignas e incuráveis são repreendidas e até os mortos são ressuscitados, graças a Deus. Também os demônios são expulsos, para que se cumpra a Palavra de Deus durante todos os nossos dias (Mc 16.17-20). Deus seja louvado!

"... tendo pouca força, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome."

Forte é o Senhor. "Em Deus faremos proezas" (Sl 60.12; 108.13). Realmente, não há força nem poderio humano que possa conservar de pé esta obra. Diz o Senhor: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6). A fidelidade dos salvos tem movido o braço de Deus, cuja promessa repousa sobre os fiéis (leia Isaías 54.2,3). O Espírito Santo tem ajudado a Igreja na sua conservação como coluna e firmeza da verdade (1 Tm 3.25), a qual tem procurado guardar a Palavra de Deus para a sua preservação (leia Romanos 8.31-39).

v. 9. *"Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus e não são, mas mentem..."*

Já dissemos que desde os primórdios da Igreja levantam-se grupos de homens, pretensos guardadores da Lei de Moisés, para perturbar o bom progresso e a felicidade da comunidade cristã (At 15.1,5,24). Estes que o Senhor denomina de "sinagoga de Satanás" (Ap 2.9) reconhecerão o erro que cometem na atualidade (Gl 5.4; leia Romanos 9.31,32; Gálatas 2.21), e voltarão a compreender que somente pela graça (Ef 2.8,9; leia João 1.17) e firmeza na fé em Jesus Cristo (Cl 1.21-13) poderão ser salvos. Hão de reconhecer a verdade e pregá-la, sem enganarem os outros nem serem iludidos com falsos discursos [doutrinas] (leia Romanos 1.21).

"... eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo."

Pelo amor de seu grande nome, o Senhor faz essa sublime promessa aos seus fiéis. O mérito não está na Igreja. Para provar tão-somente o amor que Cristo tem

dedicado aos seus, esta promessa foi feita, e já em parte a vimos cumprida.

"*Venham, e adorem prostrados a teus pés*" (leia Isaías 60.14). Isso não significa que a Igreja espera ou vai ser adorada, mas apenas reconhecida como verdadeira (leia João 3), como a que está realmente em Cristo. Impelidos por esse reconhecimento, o Senhor mesmo os trará, e conjuntamente com a Igreja, prostrados, adorarão a Deus. Diz o Senhor: "Por mim mesmo tenho jurado; saiu da minha boca a palavra da justiça, e não tornará atrás; que diante de mim se dobrará todo o joelho, e por mim jurará toda a língua" (Is 45.23). Isto prova a submissão de todos os que se opõem a Cristo e sua Igreja (Sl 110.1; leia Filipenses 2.9-11). A adoração pertence a Deus (Ap 22.9).

"*... e saibam que Eu te amo*". O amor de Cristo é concreto como o do esposo que realmente ama a sua esposa (Ef 5.25-30; leia Cantares 5.1; Isaías 54.5; João 3.29; 2 Coríntios 11.2). Este amor será reconhecido e todos os inimigos de Cristo e de sua Igreja hão de confessá-lo.

v. 10. "*Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra.*"

A Igreja fiel não sofrerá a Grande Tribulação, pois será arrebatada antes (leia 1 Coríntios 10.13; 1 Tessalonicenses 1.10; 1 Pedro 2.9). A Grande Tribulação é um tempo de angústia para Jacó (Jr 30.7; Is 10.22; leia Oséias 12.2; Miquéias 6.2), e de indignação e angústia como nunca houve na face da Terra (Dn 12.1; Sf 1.15).

"*Para tentar os que habitam na terra*". Aqui há duas grandes meditações:

1. Os que habitam (têm como sua pátria, sua morada permanente) a Terra (Sl 17.14; Rm 8.5; Fp 3.18,19);
2. Os que têm a sua pátria nos céus (Ef 2.6,19; Fp 3.20,21; Cl 3.1,3; Hb 11.13-16).

Aos que preferem sua morada na Terra, e nela terem seu tesouro, a eles está destinada a Grande Tribulação que é o dia da vingança do Deus Todo-poderoso contra os homens ímpios. Qual a habitação que você deseja, amigo leitor? Jesus disse: "Porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6.21).

v. 11. *"Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa."*

Mais a advertência da parte do Senhor sobre a sua vinda (leia Apocalipse 22.12): "Venho sem demora" ou "cedo venho" é uma palavra que estimula o preparo de cada crente para a sua volta imediata. Foi nesta esperança, como se o Senhor viesse a qualquer momento, que viveu a Igreja primitiva (1 Ts 5.1-11). Diz alguém nos nossos dias: "Por que o Senhor prometeu que 'vem sem demora', que 'cedo vem', e já são passados quase dois milênios, e ainda não veio?" Dizemos nós: esta pergunta é mais um sinal da sua vinda (2 Pe 3.4). Sim, "daquele dia e hora ninguém sabe, mas unicamente o Pai" (Mt 24.36).

Mas Deus é sábio que, para o nosso próprio bem, nada disse, nem mesmo ao seu próprio Filho (quando na carne, pelo menos), porque se o Pai houvesse revelado o momento da vinda de Jesus, o dia certo do arrebatamento da igreja seria aos homens prejudicial, e certamente muitos perderiam a salvação. Nós pregamos e a Palavra de Deus afirma que Jesus vem breve. O próprio Senhor, pelo Espírito Santo, sempre adverte, de todas as maneiras, os crentes, que a sua vinda

está próxima; e, mesmo assim, são poucos os que permanecem e estão prontos para esse grande evento. Se estivesse marcada a data, talvez para alguns séculos distantes, o que poderia ter acontecido aos crentes primitivos? Eles poderiam dizer: ainda está muito longe a vinda de Jesus; vou brincar mais um pouco, vou desfrutar os deleites do mundo que é bom e folgado, e quando eu estiver bem velho, quase para morrer, vou aceitar Jesus como meu Salvador para esperar a morte. Perguntamos: qual é a idade em que o homem morre? A morte só vem ao indivíduo de uma maneira?

Somos advertidos a estarmos preparados para qualquer momento, conservando o que já temos recebido do Senhor (2 Tm 1.14), a fim de não perdermos a bênção. Para o Senhor (Ele poderá demorar o tempo que desejar) sempre é cedo. Diz o salmista: "Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite" (Sl 90.4). O apóstolo Pedro afirma: "Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia" (2 Pe 3.8).

"*Guarda o que tens*". Equivale a dizer: "Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas (de ensinar outra doutrina, que não é segundo a piedade), e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão. Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna, para a qual foste chamado..." (Tm 6.11,12; leia os versículos 3-10). "Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós" (Tt 2.7,8). "Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós"

(2 Tm 1.13,14). "Mas o que tendes retende-o até que eu venha" (Ap 2.25).

"*Para que ninguém tome a tua coroa*". Coroa é galardão (Is 40.10; 62.11; leia 1 Tessalonicenses 2.19,20; 2 Timóteo 4.8; 1 Pedro 5.4), e esta coroa é o galardão ou o pagamento que havemos de receber naquele dia por tudo que tivermos feito através do nosso corpo (2 Co 5.10). O mal citado neste versículo não é condenação, mas é o menor galardão; são as vestes da salvação (leia 1 Coríntios 3.15).

v. 12. "*A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá...*"

Colunas de Jacó (Gn 28.18; 31.45,51,52; 35.14); pilares de Moisés (Êx 24.4); pedras do rio Jordão e Siquém (Js 4.8,9; 24.26,27); colunas que serviam de marcos (1 Sm 20.19). Colunas em metáforas: "Coluna de nuvem, de fogo, de fumo" (Êx 13.21; Jz 20.40). Jó fala de coluna do Céu e da Terra (Jó 9.6; 26.11). Paulo fala da Igreja como coluna (coluna e firmeza da verdade) (1 Tm 3.15); Absalão levantou para si um pilar para que o seu nome não fosse esquecido (2 Sm 18.18). Assim a promessa para o vencedor é um lugar de permanência, honra e utilidade no Templo divino.

"*... e escreverei sobre ele o nome de meu Deus, e o nome da cidade de meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu de meu Deus, e também o meu novo nome.*"

Os nomes escritos sobre as pessoas ou os distintivos usados designam a função ou o emprego delas, quer no comércio, na indústria, ou em qualquer empresa em que exerçam suas atividades.

Aqui, o nome escrito é o de *Deus*, como o Grande Empresário, o Dono, o Proprietário, o Senhor da pessoa que o receber (leia Êxodo 19.5; Deuteronômio 7.6; Salmo 135.4); é o *da cidade de Deus*, como designação do seu nascimento ou cidadania (Sl 87); é o *novo nome de Jesus*, como confirmação de sua aquisição, quando nos comprou para Deus com o seu precioso sangue (1 Co 6.20; 7.22,23; Ef 1.7; Ap 5.9,10;).

v. 13. *"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas."*

Para que não haja esquecimento, o Senhor repete esta advertência em cada carta.

Sétima Carta (3.14-22)

v. 14. *"E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve..."*

Laodicéia era chamada Theópolis, cidade de Zeus; foi melhorada e ampliada por Antíoco II, que lhe pôs o nome de "Laodicéia", em honra de sua mulher Laodice. Era uma cidade sobre o rio Lice. Parece que Paulo esforçou-se para introduzir o Evangelho em Laodicéia, para onde escreveu uma epístola, acerca da qual se refere em Colossenses 4.16. A cidade foi destruída por um terremoto em 62 d.C., e reconstruída pelo próprio povo.

O nome compõe-se de duas palavras que juntas significam: "julgamento pelo povo" ou "direitos do povo". É o retrato exato da igreja que se envaidece. É o período final da apostasia.

"... Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus."

Ao dirigir-se às igrejas, Cristo apresenta-se a cada uma no caráter mais adequado à condição da igreja local, que corresponde aos sete diferentes períodos da Igreja na Terra.

"*Isto diz o Amém*". Para Laodicéia, Jesus é o "Amém de Deus". Ele é o "Assim Seja". Amém significa o fim; significa aprovação; significa a prova triunfante; significa a promessa imutável; significa o selo de Deus.

A confirmação final é afirmativa: "Porque todas quantas promessas há de Deus, são nele amém" (2 Co 1.20). Cristo é a garantia de todas as promessas e nele estão confirmadas as que foram feitas aos pais, para a salvação dos gentios (leia Deuteronômio 32.43; Salmo 117.1; Romanos 15.8-11).

"*A testemunha fiel e verdadeira*" (Jo 5.36). Ele é fiel ao Pai e ao seu povo (Rm 3.3; 2 Tm 2.13).

"*O princípio da criação de Deus*". Cristo, o Originador e Autor da criação de Deus. Em João 1.1-3, lemos: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez". Veja o Deus Trino e Uno realizando uma criação física e completa (Gn 1.1,26).

Deus está em Cristo dirigindo toda a Criação. Ele é tanto Criador quanto Sustentador (Cl 1.16,17). Ele está exatamente no meio de tudo. Agora, Ele está no meio de sua Igreja, trabalhando fielmente como o Grande Pastor das ovelhas, e revelando-se a si mesmo como nova criação de Deus, o Deus humanizado (Is 7.14), o Emanuel [Deus conosco] (leia Hebreus 10.5-7). O anjo disse a Maria: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35). O homem e Deus encontraram-se e uniram-se. Ele foi o primeiro e a Cabe-

ça desta nova raça (Cl 1.18; leia 2 Coríntios 5.17). Agora, sua própria existência é para os seus; Ele os ama e cuida deles.

No Salmo 2.7, lemos: "Recitarei o decreto: O Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei", e em Hebreus 1.1-5: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quando herdou mais excelente nome do que eles. Porque, a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho?"

E para enfatizar, Paulo escreveu aos colossenses: "Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transformou para o reino do Filho do seu amor; em quem temos redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados; o qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Cl 1.12-17).

Esta "nova criação" não é a velha criação reformada; também não poderia ser chamada de "uma nova criação", no sentido de ser abandonada aquela e feita

outra criação independente; mas é nova criação surgida daquela (Jo 3.7; leia 1 Coríntios 5.7; 2 Coríntios 5.17; Gálatas 6.15). Aqui é o Deus Criador, criando para si mesmo uma *nova criação*, e elegendo pelo seu decreto os membros desta criação. Por isso, Cristo, como o *princípio da criação de Deus*, podia olhar direto para a última era, quando tudo está prestes a acabar, e ver a si mesmo ainda no meio da Igreja, como autor desta *nova criação de Deus.*

Com esta prerrogativa, afirmando os títulos que credenciavam a sua própria pessoa, Cristo apresenta-se a Laodicéia.

v. 15. "*Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente. Tomara que foras frio ou quente!*"

Laodicéia tinha-se afastado do que é real e verdadeiro. O seu estado era completamente desagradável ao Senhor, por causa do seu espírito de conformismo.

"Ne*m frio nem quente*". Tinha apenas um pouco de frio e de quente. Tal coração dividido, tal vida indiferente, produz cegueira espiritual, na qual o homem sente-se satisfeito com a sua condição, mas torna-se insensível ao apelo a à admoestação. É a vida vivida apregoando uma condição espiritual altamente privilegiada, mas mantendo-se ainda ligada ao mundo, com todas as suas participações.

Destes dois estados, origina-se um terceiro: *morno.* É a condição moderna das igrejas atuais. "Não faz mal!" é sempre a expressão ouvida dos lábios de muitos "crentes" modernos. Dizem outros: "Vocês são antiquados e querem ser santos demais: Isso é fanatismo!" - respondem outros sempre que são censurados.

O Senhor não se deixa levar por respeitos humanos (Dt 10.17; At 10.34; Rm 2.11; 1 Pe 1.17). As obras de Laodicéia provaram o que ela era: *morna* e *indigna*. A igreja conformada, que quer somente agradar à vista, que fica sempre em meio termo; representa os últimos tempos de frieza, de decadência espiritual (Mt 24.12). Quantos membros nominais de igrejas estão nas mesmas condições!?

v. 16. "*Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.*"

Aqui o Senhor está revelando o estado espiritual da Igreja:

1. Ser *quente* é estar vivo, como um corpo vivo é quente; essa vida produz em si mesma o calor. Assim todos quantos se chegam a Deus recebem vida de Deus (Dt 4.4). Disse Jesus: "Examinais as Escrituras, porque cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam, e não quereis vir a mim para terdes vida". Cristo é a própria vida (Jo 4.4; 11.25,26; Cl 3.4; 1 Jo 1.1,2). Estar nele é permanecer vivo para sempre (Jo 6.53-56; 15.6,7;).

2. Ser *frio* é estar morto; como um corpo morto é frio, sua vida extinguiu-se e nele não há mais calor. A Bíblia diz:

a. "*Duas vezes morto*" (Jd 12). Morto para Deus e morto para o mundo; isto é estar destinado à segunda morte (Ap 21.8). Estes são os que pereceram sem Cristo, e o juízo os aguarda (Hb 9.27).

b. "*Morto no pecado*" (Ef 2.1,5; 4.18; Cl 2.13); é estar morto para Deus (leia Mateus 22.32), mesmo que esteja vivo para o mundo. Estes, Cristo os pode ressuscitar: "Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá" (Jo 11.25). Com a vida tornar-se-ão *quentes*.

3. Ser *morno* é não estar vivo nem morto; é não ser nem espiritual nem carnal; é desejar estar em Cristo e também no mundo. Disse Jesus: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mt 6.24); "Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca, e com os seus lábios me honram, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído, eis que continuarei a fazer uma obra maravilhosa no meio deste povo; uma obra maravilhosa e um assombro, porque a sabedoria dos seus lábios perecerá e o entendimento dos prudentes se esconderá. Ai dos que querem esconder profundamente o seu propósito do Senhor, e fazem as suas obras às escuras, e dizem: Quem nos vê? E quem nos conhece?" (Is 29.13-15); "Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: O espírito que em nós habita tem ciúmes? " (Tg 4.5).

Por isso, o *morno* é repugnante e o Senhor não o tolera. A sentença é: "*Porque és morno, vomitar-te-ei da minha boca*". É o mesmo que dizer: "Tu me tens repugnado; por isso lançar-te-ei fora como vômito". Simboliza isto um duro juízo. Disse Jesus: "Oxalá foras frio ou quente (melhor te seria do que seres *morno* compenetrado)"; resta apenas juízo para esse.

v. 17. "*Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta...*"

Cristo não pode proclamar o nome de semelhante "crente" diante do Pai quando Ele vier, porque esse crente está cheio do orgulho de sua riqueza carnal (Os 12.8,9; 1 Co 4.6), e ainda se julga o único conhecedor

do que é divino (1 Co 1.19-29). Para um cristão exaltado, o arrependimento é difícil, porque a vaidade lhe cega a visão espiritual. Aqui o Senhor censura, ao invés de convidar ao arrependimento.

"... e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu,"

Esta é a descrição exata da igreja moderna, que se vangloria no número de seus membros; que se orgulha dos recursos financeiros e da posição e influência dos seus membros na sociedade. Orgulha-se dos seus templos suntuosos, com aparatos e ornamentos ostensivos. Orgulha-se de possuir como seus dirigentes homens doutos e cheios de pergaminhos, que exigem ser chamados de "doutores", de "reverendos". Orgulha-se das suas organizações sociais, clubes e departamentos da igreja, que servem para sua exaltação e para menosprezo das suas coirmãs que desejam servir humildemente ao Senhor.

A carta é dirigida ao anjo da igreja de Laodicéia, o responsável direto pela igreja diante do Senhor nosso Deus. Isto posto, é dirigida aos pastores de cada igreja local dos nossos dias, que constituem no seu todo a Igreja de Cristo na Terra nesta dispensação.

Começa o versículo com uma advertência, que também é uma repreensão do Senhor contra o domínio do "eu": "*Como* (tu) *dizes.* Tu dizes assim. Tu te julgas assim: "*Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta*". Mas, "*e* (tu) *não sabes*". Pela cegueira espiritual em que vives, ainda não é do teu conhecimento esta verdade: "*que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu*".

Triste é esta verdade revelada. Eis porque não nos convém emudecer e ficar de braços cruzados, sem ne-

nhum grito de alerta; mormente quando estamos vivendo nestes últimos dias e vemos o retrato perfeito pintado por esta profecia.

Convidamos o leitor a meditar conosco; de que valem os hinos em acordes maviosos, os bonitos sermões do púlpito, as "grandes orações" bem formadas e até decoradas para serem recitadas, as cerimônias executadas com todo o ritual, quando tudo isso não agrada ao Senhor? A quem é que cultuamos? A quem nos interessa agradar? Paulo diz: "Por que, persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo" (Cl 1.10).

O membro da igreja que assim se apresenta ao Senhor, está realmente nesta penúria espiritual: *é um desgraçado, miserável, pobre, cego e nu.* Isto fala da miséria espiritual em que vive: Nada tem, nada vê, anda despido na presença de Deus (1 Co 1.20; leia Jó 5.13; Jeremias 9.23,24). Todo o aparato e luxo de vestir o corpo não vale coisa alguma; o que vale é o incorruptível traje do espírito (1 Pe 3.5), que esconde a nudez espiritual.

v. 18. "*aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças...*"

Laodicéia considerava-se tão rica, que o Senhor não fala a ela em dar, mas a exorta a *comprar.* O que ela possui é falso (Tg 5.1-3; leia Mateus 19-21). O Senhor lhe oferece "*ouro provado no fogo*" (Pv 3.14). - Mas como podem comprar ouro? - Justamente como podem comprar de Cristo vinho e leite, sem dinheiro e sem preço! (Is 55.1; leia Mateus 13.44; 25.9).

"*... e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez...*"

É igualmente exortada a comprar vestidos brancos para que se vista, significando que deve vestir-se da pureza e praticar a justiça de Deus na Terra. O linho fino são as justiças dos santos (Ap 19.8; leia 2 Coríntios 5.1-5). Andar despido na presença do Senhor é não estar preparado para encontrar-se com Ele no arrebatamento da Igreja.

"... e unjas os olhos com colírio, para que vejas."

A cegueira espiritual é o que há de pior, mormente em se tratando de perversão, como no caso de Laodicéia. Nada vê: é cega (leia Provérbios 22.2 e Mateus 6.22,23).

v. 19. *"Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te."*

Vemos em Provérbios: "O filho sábio ouve a correção do pai, mas o escarnecedor não ouve a repreensão" (13.1); "Castiga a teu filho enquanto há esperança, mas para o matar não alçarás a tua alma" (19.18); "O que retém a sua vara aborrece a seu filho; mas o que o ama, a seu tempo o castiga" (13.24).

Diz ainda o escritor da carta aos Hebreus: "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos. Além do que tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiram como bem lhes parecia; mas

este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.6-10).

Ante toda esta admoestação, ainda o Senhor, grandemente compassivo e misericordioso, convida: *"sê pois zeloso e arrepende-te!"* A fé precisa ser exercitada. O Senhor não abandona jamais a Igreja; porém deixa de dirigir-se à coletividade para falar a cada um (Jó 5.17,18; Pv 3.11,12; Hb 12.5-11).

v. 20. *"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo."*

Cristo bate à porta de cada coração, quando fechada para Ele, como na igreja de Laodicéia. Este apelo não é para os perdidos descrentes, mas para cada crente em particular. Os crentes modernos têm deixado o Senhor do lado de fora do coração e da própria casa em que habitam. O coração está ocupado dos sentimentos, em como há de agradar o mundo, os amigos, para que tenham uma vida folgada e possam ser estimados por todos. Não querem desgostar ninguém e desejam sempre ser elogiados. Suas casas estão cheias de tudo quando há de melhor do mundo, procurando proporcionar ao mundo uma melhor acolhida.

Mas Cristo diz: *"Eis que estou à porta e bato!"* Ele está batendo porque deseja ser um hóspede especial. O Senhor é santo, puro e imaculado. Ele não poderá ser hóspede de uma casa onde haja manchas e sentimentos abomináveis. O Senhor não pode compactuar com o pecado nem se acomodará com a corrupção deste mundo. Para hospedá-lo é preciso abrir o coração e retirar do lar tudo que possa desagradar-lhe.

Será que o Senhor gosta de assistir a programas de televisão? Gostará Ele de novelas? Ou assuntos de fu-

tebol o interessam? Será que Ele vai observar as brigas constantes entre os cônjuges e os falatórios profanos dos filhos? Será que Ele não vai notar as brigas com os vizinhos e o falar mal da vida alheia? Estas e muitas outras coisas devem ser observadas por quem deseja hospedar Jesus em nossos dias. Cristo continua falando ao nosso coração. Como vamos recebê-lo? Como vamos usar a divisa: "Cristo é o hospede desta casa"?

"Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? ou que dará o homem em recompensa da sua alma?"(Mt 16.26; leia Tito 4.4; João 5.19; Gálatas 6.14). Cristo está à porta (Ct 5.2), como o grande amado clama para entrar! Aquele que ama o Senhor não o deve deixar do lado de fora (Jo 13.23), porque assim será perigoso para a criatura quando bater também à sua porta (Lc 13.24-29).

"Se *alguém ouvir a minha voz*". Se ouvires a voz do Senhor, consagrares o teu amor para Ele, tirares do teu coração e também do teu lar todos os obstáculos, tudo o que possa desagradar-lhe, Ele será o teu hóspede e participarás com Ele de uma comunhão mútua: "*entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo*".

v. 21. "*Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.*"

Cristo, mesmo do lado de fora, oferece um prêmio ao vencedor. Aos que ouvem a sua voz, Ele os convida a partilhar do seu trono do mesmo modo como Ele recebeu do Pai (Sl 110.1; Hb 1.3; leia Mateus 19.28,29; Lucas 22.29,30; João 12.26).

Laodicéia, ela que tanto tem falhado, é, das sete, a que mais graciosamente tem a promessa do Senhor: pode ser reanimada pela sua graça, firmar-se e ven-

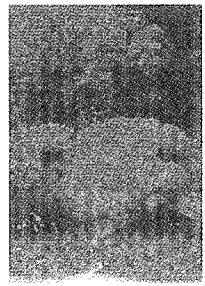
cer, herdando a mais alta promessa de comunhão íntima com Cristo em seu reino de glória.

v. 22. "*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.*"

Em todas as cartas, há esta advertência. Realmente, o Espírito Santo está continuando a sua obra na Igreja (Jo 14.26), avisando e mostrando claramente a aproximação do fim (leia Apocalipse 22.17).

Como foi dito, o estado da Igreja, figurado em cada uma das últimas quatro cartas, continua até a vinda do Senhor. O atual dia da graça está prestes a terminar. A dispensação cristã aproxima-se do fim. Gozos e alegrias perenes aguardam o cristão fiel. Cumprir-se-á a promessa do nosso bendito e amado Salvador: "Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (Jo 14.3).

4 O Trono no Céu



(Cap. 4.1-11)

A VISÃO DO TRONO DA MAJESTADE DIVINA.
OS 24 ANCIÃOS E OS QUATRO ANIMAIS.

João é arrebatado em espírito e penetra no Céu; ali contempla o trono de Deus e o grande séquito que contempla a glória da majestade nas alturas.

v. 1. *"Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu..."*

Depois que passaram os acontecimentos dos caps. 2 e 3, João vê uma porta aberta no Céu. Há diversos exemplos de pessoas que viram o Céu: "o terceiro céu" (2 Co 12.2); "foram vistas coisas do céu" (Ez 1.1; Mt 3.16; At 7.56; 10.11). A João foi feito um convite para entrar por esta porta; então ele contemplou a Câmara do Rei dos reis (leia 1 Reis 22.19,23; Jó 1.6; 2.1). Diante do Trono foi que Satanás obteve permissão de cirandar Pedro como trigo (Lc 23.31,32). Ali é o lugar onde todos os eventos prediletos no Apocalipse são resolvidos e decretados por Deus, antes de sua execução.

"... e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer."

"A primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo", disse João, era a mesma do cap. 1.10. O próprio Jesus glorificado convida agora o seu servo: Sobe aqui!

v. 2. *"E logo fui arrebatado em espírito..."*

Ao soar essa voz, João foi arrebatado ao Céu. Há poder nessa voz para ressuscitar os mortos (Jo 5.28,29; 11.43,44). O arrebatamento de João serve de tipo ao da Igreja (Lc 17.34-36; 1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.17). É interessante verificar o que diz O. Boyer em seu livro *Visão de Patmos*: "Encontram-se as palavras 'igreja' e igrejas dezenove vezes nos caps. 1 a 3; porém não aparecem mais, até o cap. 22.16. A Igreja desapareceu da Terra, depois do tempo citado no cap. 3.22: Ela foi arrebatada ao Céu com o seu Senhor. Como Enoque (Gn 5.24; Hb 11.5), a Igreja será trasladada invisível, silenciosa e milagrosamente".

"... e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono."

O primeiro objeto que João viu após o seu arrebatamento ao Céu foi um trono. Sobre ele UM estava assentado, não havendo descrição de sua aparência exterior (Dt 4.14; Jo 1.18). A sua glória refulgia e enchia todo o ambiente (leia 2 Crônicas 7.1,2). O trono aqui é de conservação e paz; "justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto" (Sl 89.14). Revela-se a garantia do poder e da autoridade do Deus eterno (leia Isaías 6.1).

v. 3. *"E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra de jaspe e de sardônica..."*

A pedra jaspe não era um jaspe comum, mas uma pedra resplandecente (Ap 21.11), representando o Senhor na sua glória e poder. A pedra sardônica é igual ao rubi, uma pedra preciosa cor de sangue, que representa o Senhor na sua obra redentora.

Duas pedras preciosas, iguais, havia no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.17-26). A primeira e a última das ordens de pedras.

"... e o arco celeste estava ao redor do trono e era semelhante à esmeralda."

Lembra o pacto de Deus com Noé (Gn 9.8-17), no final do Dilúvio, e releva a Nova Aliança de Deus com a sua Igreja, onde os salvos podem fitar o arco-íris semelhante à esmeralda, confirmando a esperança de todos os salvos de compartilhar da paz de Deus.

v. 4. *"E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro."*

Estes tronos não estavam vazios, mas havia assentados sobre eles vinte e quatro anciãos, com vestidos brancos e coroas de ouro em suas cabeças. Aqui não são anjos, porque os anjos nunca são vistos assentados sobre tronos, nem coroados e nem podem cantar o cântico da redenção. Lembra, sim, as vinte e quatro turmas de sacerdotes no templo (1 Cr 24). Duas vezes doze sugerem os santos do Antigo e do Novo Testamento. Note-se os nomes das doze tribos de Israel e dos doze apóstolos do Cordeiro, que estarão escritos na nova Jerusalém (Ap 21.12-14).

Os vinte e quatro anciãos estavam assentados. Aqui, nem mesmo os maiores anjos poderiam estar assentados; mas esses anciãos estavam assentados, indicando a mais íntima relação com Deus. *Trajavam vestidos brancos,* que figuram aqui as justiças dos santos (Ap 19.8).

Os vinte e quatro anciãos são homens e não seres sobrenaturais, e estão coroados, já vencedores (1 Co 9.25), assentados sobre tronos, mostrando um tempo depois da vinda de Jesus (2 Tm 4.8). A ressurreição e o arrependimento já haviam passado e agora estão os anciãos representando a real companhia dos remidos; foram levados ao seu juízo e coroados, logo antes de começar essa cena no Céu (2 Co 5.10; Ap 22.12).

v. 5. "*E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes...*"

Atualmente, Deus está assentado sobre o trono da graça (Hb 4.16). Porém, nesse tempo, Ele estará sobre o trono do juízo. É bem significativo que, aos relâmpagos e trovões já conhecidos por nós, acrescentam-se vozes (Ap 8.5; 11.19; leia Êxodo 19.16), do mesmo modo como quando o Senhor desceu no monte Sinai. Aqui é um sinal do supremo poder e do governo de Deus (Sl 29.3-5).

"*... e diante do trono ardiam lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.*"

Moisés preparou o tabernáculo com todos os seus pertences, conforme o modelo que lhe fora mostrado no monte (Êx 25.40). Era o modelo do verdadeiro santuário de Deus (Hb 8.5), que deveria ser feito nas mesmas condições como estava no Céu. Foi determinado

fazer sete lâmpadas, para estarem perante o Senhor (Êx 25.37), as quais deveriam permanecer acesas continuamente (Êx 27.20,21). Assim João observa as sete lâmpadas diante do Trono, que são interpretadas como a plenitude do Espírito Santo.

v. 6. *"E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal..."*

O mar de vidro lembra a pia de cobre feita por Moisés (Êx 30.18-21) e o mar de bronze do templo terrestre (1 Rs 7.23-26), que era para a purificação. Aqui a purificação está consumada; não há mais necessidade de água. Vê-se agora um mar de vidro, que representa a pureza. Ali tudo é sempre calmo e de perfeita paz.

"... e, no meio do trono e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás."

v. 7. *"E o primeiro animal era semelhante a um leão; e o segundo, semelhante a um bezerro; e tinha o terceiro animal rosto como de homem; e o quarto animal era semelhante a uma águia voando."*

v. 8. *"E os quatro animais tinham, cada, respectivamente, seis asas e, ao redor e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir."*

Há várias interpretações, mesmo sem sentido de dogmatizar, referentes aos quatro seres vivos. Alguns comentadores acham que representam toda a criação: os homens, os animais domésticos (boi), os animais selvagens (leão), as aves e os anjos.

Outros são de parecer que representam a perfeição na Terra, tanto antes de entrar o pecado, como depois da criação estar livre da maldição. Ainda outros dizem que representam a perfeição quadrangular do trabalho de Deus: o leão, domínio majestoso; o novilho, a força divina e sua paciência; a face humana, a ternura e o amor de Deus e sua inteligência; a águia voando, a rapidez e a exatidão nas suas obras (Jó 9.26; Am 3.8; 1 Co 9.9,10; Hb 2.6,7).

O. Boyer, em seu livro *Visão de Patmos*, diz que essas criaturas viventes correspondem à significação dos quatro evangelhos e à sua apresentação em Cristo: Assim, em Mateus, o evangelho do reino, vemo-lo como o leão da tribo de Judá; em Marcos, o evangelho do servo, vemo-lo na figura de um boi, ou seja, aquele que serve sem restrições à vontade de Deus e à necessidade humana; em Lucas, vemo-lo semelhante a um homem perfeito, porque é o evangelho do Filho do homem; e em João, o evangelho celestial, vemo-lo na águia voando.

"*Eram cheios de olhos*". Penetração intelectual, vigilância e prudência. Essas criaturas viventes não representam a Igreja nem uma classe especial de santos, mas são os seres sobrenaturais vistos no Antigo Testamento, que estão sempre em conexão com o trono e a presença de Jeová. São os querubins dos caps. 1 a 10 de Ezequiel (leia Salmo 80.1; 99.1; Isaías 37.16). Eles velam em todas as direções, numa perfeita visão, e, sem cessar, glorificam a Deus: "Santo, Santo, Santo!", lembrando os serafins (Is 6.1).

v. 9. "*E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre,*"

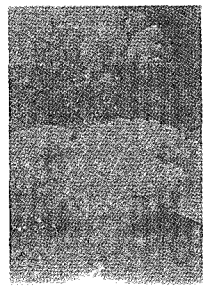
Como representantes da criação, os quatro seres vivos dirigem os anciãos, os anjos e toda a criação à adoração a Deus.

v. 10. "*Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:*"

v. 11. "*Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas.*"

Sinal de adoração e respeito supremo, a que segue-se o lindo cântico de vitória, que mostra o verdadeiro culto no Céu ao supremo Criador. Temos a adoração mais profunda da parte dos anciãos, que se prostram diante do trono, e lançam as suas coroas, num gesto de submissão e respeito ao que vive para sempre. É a oração inteligente dos remidos que compreendem a santidade e o amor do Senhor. E num gesto de magnífica adoração prostram-se cantando o lindo hino de louvor: "*Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas*".

5 O LIVRO SELADO E O CORDEIRO



(Cap. 5.1-14)

João assistiu a uma grande assembléia presidida pelo próprio Deus, que consistia da entrega da escritura da Terra, àquele que, por méritos especiais, havia vencido e se constituído no único com o direito de abrir o livro selado - Cristo, "o leão da tribo de Judá", "a raiz de Davi", que venceu para abrir o livro e desatar os seus selos.

v. 1. *"E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos."*

A cena é a mesma e o culto de adoração a Deus continua. João viu na mão direita daquele que está assentado sobre o trono, um livro ou rolo de pergaminho, um documento escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. Não era o livro da vida, mas a escritura da Terra (leia Jeremias 32), um livro das pragas do Senhor (Zc 5.1-4) a serem derramadas sobre a Terra depois do arrebatamento dos santos. Um programa divino para expurgar o mal do mundo e estabelecer o reino de Deus.

Deus tinha o livro em sua mão direita, porque Ele é dono e o único possuidor de todos os direitos desse documento, e Ele só dará o livro àquele que tiver capacidade de abri-lo e desatar os seus selos (Êx 2.8-10; Is 29.11-13).

v. 3. *"E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele."*

Todo o Universo emudeceu diante da interrogação do anjo e ninguém apareceu para tomar o livro da mão daquele que está assentado sobre o trono. Com este acontecimento, o apóstolo rompe em choro, como Jesus sobre Jerusalém (Mt 23.37-39).

v. 4. *"E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele."*

João afligia-se e chorava, porque temia que não houvesse alguém capaz de vencer o mal. Teria de ser UM que fosse apto para cumprir os propósitos daquele que estava assentado sobre o trono (Ef 1.21), e pudesse vencer o mal, governando sobre os principados, poderes, potestades e domínios e, assim, pôr um fim ao grande conflito.

v. 5. *"E disse-me um dos anciãos: Não chores..."*

Lembra as palavras de Jesus à viúva de Naim (Lc 7.13); à casa de Jairo (Mc 5.39). Bem-aventurados os que choram (Mt 5.5; 2 Pe 2.8).

"... eis aqui o leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos."

Este título, leão da tribo de Judá, traz à luz a antiga profecia de Jacó (Gn 49.9,10). O Leão venceu o mundo (Jo 16.33); venceu a Satanás (Hb 2.14); venceu a Morte e o Inferno (Ap 1.18); e venceu e assentou-se no trono com seu Pai (Hb 1.3,13; Ap 3.21). A raiz de Davi fala do Senhor da casa de Davi (Is 11.10; leia 2 Samuel 7.12,16; Isaías 11.1,2; 9.6,7; Lucas 1.32,33).

v. 6. *"E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra."*

Quando João levantou os olhos para ver aquele poderoso leão, descobriu logo, no meio da glória central do trono, a figura de um cordeiro, em pé. Embora fosse um cordeiro, tinha sete pontas, simbolizando plenitude de poder (Dt 33.17); e sete olhos que tudo vêem, pois "*que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra*" (Is 11.2-5).

O Cordeiro lembra aquele sistema sacrificial de Israel, o cordeiro típico da antiga ordenação divina, que acha o seu representante na pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor. O verdadeiro Cordeiro de Deus, o grande e único sacrifício pelos pecados do homem (Is 53.7; Jo 1.29; 1 Pe 1.19). É em referência à sua morte expiatória que João viu o Cordeiro em pé, junto ao trono, como havendo sido morto, com a ferida mortal sobre si, contudo vivo.

v. 7. *"E veio, e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono."*

Só a Ele coube o direito de tomar o livro. A majestade e a força do leão, e a docilidade e o espírito de

sacrifício do Cordeiro, se evidenciam no Filho de Deus. Ninguém lhe pode negar o direito de ser o executor dos planos de Deus. Na Terra não lhe deram lugar (Mt 8.20). Mas como Cordeiro de Deus, que tem em seu corpo os sinais dos sofrimentos, Ele é agora alvo da adoração do próprio Céu.

v. 8. *"E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos."*

Ali não estava somente Jesus — o Cordeiro de Deus — mas, também, a Igreja do Antigo e do Novo Testamentos, representada nas pessoas dos vinte e quatro anciãos (4.4; v. 14).

Agora, diante do Cordeiro, como antes diante do trono de Deus, os seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se em adoração, confirmando o momento supremo pelo qual toda a criação suspirava: o governo é colocado sobre os seus ombros (Ap 9.1).

"*Tendo todos eles harpas*". Aqui refere-se particularmente aos anciãos, e "harpas" significa manifestação de louvor.

"*E salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos*". Os santos aqui, cujas orações estão subindo como incenso, são os mártires do Israel fiel, que não apostaram de sua fé e firmemente mantiveram-se na prova da tribulação. E também são os gentios salvos, como através do fogo, nos tempos dos terríveis julgamentos de Deus sobre a Terra (leia Ap 6.6-11; 7.9-17; 20.4).

v. 9. *"E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque*

foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação;"

v. 10. *"E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra."*

O primeiro louvor teve como base somente a criação (Ap 4.11), no início desse sublime culto; mas o novo cântico celebra o glorioso feito da redenção. Os vinte e quatro anciãos e as quatro criaturas viventes, numa verdadeira homenagem ao Cordeiro, rompem o "Cântico da Redenção" (Sl 33.3; 144.9), um cântico novo ainda desconhecido no Céu — "Digno és de tomar o livro, e abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra" (Ef 1.7-14; Hb 9.12,14,15; 1 Pe 1.18-22; 3.18; leia Isaías 61.6; 1 Pedro 2.9; Apocalipse 20.6).

v. 11. *"E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares,"*

v. 12. *"que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças."*

Enquanto os anciãos representantes dos remidos cantavam o 'Cântico da Redenção', lembrando o ato sacrificial de Cristo em favor de toda tribo, língua, povo e nação, um grandioso coral de anjos, composto de milhões de milhões e milhares de milhares, responde em estribilho, exaltando a dignidade do Cordeiro, de

receber poder, riqueza, sabedoria, força e ação de graças. Tudo num perfeito louvor e ato de adoração (leia Hebreus 1.6).

Não é para os anjos, ainda que interessados em compartilhar o Cântico da Redenção (1 Pe 1.10); porque este cântico maravilhoso é exclusivo privilégio dos remidos.

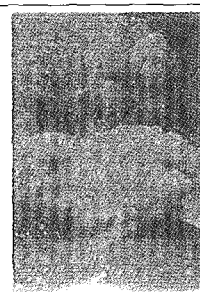
v. 13. *"E ouvi a toda criatura que está no céu, na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre."*

Mas o coro de louvor não se extingue, antes cresce e se propaga e, finalmente, todas as criaturas no Céu, na terra e no mar, em todo o vasto Universo de Deus, unem as suas vozes em acordes harmoniosos, para tributar ações de graças, honra, glória e poder à majestade augusta de Deus e ao seu bendito Cordeiro. Esse tributo de louvores perdurará por toda a eternidade.

v. 14. *"E os quatro animais diziam: Amém! E os vinte e quatro anciãos prostraram-se e adoraram ao que vive para todo o sempre."*

Que culto maravilhoso! É concluído com um "Amém" bem forte, dito pelos seres viventes, que representam a criação. E os vinte e quatro anciãos voltam genuflexos a adorar ao que vive para todo o sempre.

6 Os seis primeiros selos



(Cap. 6.1-17)

Primeiro Selo (6.1,2) - manifestação da Besta

v. 1. *"E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem e vê!"*

v. 2. *"E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer."*

Enquanto a Igreja e o Espírito Santo estiverem na Terra, a Besta não se manifestará (2 Ts 2.6,8).

"Do livro selado com sete selos que o Cordeiro tomou da destra do Todo-poderoso, saem duas séries de juízos: as sete trombetas e as sete taças da ira. Ver-se-á que os sete selos contêm todos estes juízos, porque as trombetas e as taças são visões sobre os selos. O sétimo selo revela as sete trombetas (cap. 8) e o som da sétima trombeta (caps. 11.15-19; 14.6 até o 16) envolve as sete taças da ira" (do livro *Visão de Patmos*).

Quando o Cordeiro rompeu o primeiro selo, um dos quatro animais viventes disse com voz de trovão:

"Vem". E assim saiu um *cavalo branco* para a Terra. Em Zacarias 1.8-11 e 6.1-8, aparecem cavalos de muitas cores como símbolos, representando a força irresistível e o zelo de Deus.

Há várias teorias sobre este *cavaleiro do cavalo branco,* sendo a mais aceitável a seguinte: "É evidente que o *cavalo branco* é o símbolo da vitória e paz; o arco indica a sua extensão e a coroa da vitória fala-nos dos seus triunfos ao alcançar o objetivo desejado. Não há suposição de haver derramamento de sangue, mas tudo demonstra que a Besta surgirá com aspecto singular como um só homem agindo entre as massas, sem maldade aparente e sem muita ação. Pregará 'paz' e 'segurança' para este mundo conturbado e, sob tal condição, ganhará terreno. Ao assumir o governo mundial, manterá ficticiamente essa 'paz'" (é visto como um cavaleiro montado em um cavalo branco — símbolo de paz).

Apoiados em fatos históricos, alguns comentadores dizem que este cavaleiro representa Roma vitoriosa sobre o mundo, e assim afirmam: "Os generais que faziam em Roma a sua entrada triunfal, montavam em cavalos brancos e traziam uma coroa. Da mesma maneira, esse super-homem de Satanás fará a sua entrada triunfal em Roma, após ser levantado como o grande imperador, saindo das nações, numa vitória completa do Império Romano ressuscitado (Ap 13.1-3; leia Isaías 17.12,13; Apocalipse 17.15).

É evidente a veracidade desta teoria, pelos acontecimentos atuais entre as nações, mui especialmente na Europa. Já existe um agrupamento das nações européias, na formação do *Mercado Comum Europeu.* Fala-se francamente no futuro "Estados Unidos da Europa", na "Federal Africana ", na "Liga Árabe", além de muitas outras organizações, ligas e "união de clas-

ses", que se juntam com o objetivo de formar um todo, através da globalização.

Quem aceita a ressurreição do Império Romano baseia-se em Deuteronômio 7.7,8,19,20,23,24; leia Apocalipse 13.3 (a chaga mortal foi curada), que fala, de qualquer modo, em morte e ressurreição.

As Escrituras hão de cumprir-se e Deus faz como quer, usando os meios necessários para essa realização (leia Lucas 2.1-4); para cumprir-se a Bíblia, Deus usou até o próprio César (Mt 2.5,6).

As nações estão se unindo através da globalização e será um movimento pacífico que chegará a dominar o mundo. Dessa união, surgirá (do mar — Ap 13.1; 17.15), o super-homem de Satanás, que se identifica com as expressões bíblicas, espiritualmente falando: "*a ponta pequena*" (Dn 7.8); "*o rei feroz de cara*" (Dn 8.23-26); "*o príncipe que há de vir*" (Dn 9.26,27); "*o rei*" (Dn 11.36-38); "*a abominação da desolação*" (Dn 12.11; Mt 24.15); "*o homem do pecado*" (2 Ts 2.3,4,9); e "*a Besta*" (Ap 13.1).

Da mesma maneira que o Pai ungiu e enviou o seu Filho Jesus Cristo para salvar os perdidos, assim o Dragão (Satanás) ungirá e enviará o seu representante (2 Ts 2.9), para conquistar o mundo e evitar que Cristo reine na Terra, usando para isso toda a sua artimanha. Satanás, quando tentou Jesus, ofereceu-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória (Mt 4.8,9), com a condição de ser adorado por Cristo. Num futuro bem próximo, Satanás encontrará um homem que vai aceitar a sua oferta.

REALIZAÇÕES DA BESTA

1. *Aspecto do reino.* Visto materialmente, o império da Besta será tão próspero e tão magnífico, que o mun-

do vai recebê-lo e aceitá-lo como divino. Cedo, o arrebatamento da Igreja será esquecido. Será decretado e estimulado pelo governo o binômio "paz e segurança" para todos os povos que constituem o império. Haverá, também, grande prosperidade, mesmo que aparente, em todos os setores da atividade humana, especialmente na tecnologia, na agricultura, na indústria e no comércio: tudo será aparentemente abundante. Notemos, porém, que esta "paz e segurança" já é proclamada no mundo de nossos dias, como o alvo, o desejo de todas as nações.

Roma, a chamada cidade eterna, como demonstraremos mais tarde, será a sede do governo imperial (Ap 17.9,17,19). O mundo romano na antigüidade incluía todas as nações do Ocidente e muitas do Oriente; assim será o novo império da Besta, porém com mais vantagem territorial, devido às descobertas realizadas depois daquele domínio. O governo da Besta será constituído de dez reinos, cujos monarcas governarão juntamente com ela (Ap 13.1; 17.12,13).

2. *Pacto com Israel.* Israel, como nação, firmará um concerto especial com a Besta, por uma semana (Dn 9.27), quando lhe será concedido um rei (um dos dez). Em Daniel 9.24-26, encontramos a seguinte profecia:

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo..." — Setenta semanas de anos (como são contadas, de acordo com Levítico 25.8), ou 490 anos, é o período determinado por Deus para Israel, desde o exílio babilônico até os fins dos tempos, assim divididos nos vv. 25 e 26:

a. Do cativeiro babilônico, sob Nabucodonosor (Jr 39), em 587 a.C., até a ordem expedida por Ciro (o ungido príncipe: Isaías 45.1), em 538 a.C., para a edificação da casa do Senhor em Jerusalém, dos muros e da pró-

pria cidade (Ed 1.1-11), cuja ordem foi confirmada por Dario (Ed 6.1-12) e por Artaxerxes I, filho de Assuero (Ed 7 e Ne 2) — *sete semanas ou 49 anos.*

b. Da ordem de Ciro (538 a.C.), até o domínio egípcio sobre Israel, por Ptolomeu I (301 a.C.) — 237 anos. Da revolta dos macabeus contra o domínio sírio, sob os selêucidas (167 a.C.), "até ser tirado o Messias" (a morte de Cristo, 30 d.C.) — 197 anos, que somam 434 anos ou "sessenta e duas semanas de tempos angustiosos".

Somando os dois períodos: 49+434, temos o total de 483 anos já cumpridos, ou seja, sessenta e nove semanas de anos, faltando apenas uma semana (sete anos), para completar o tempo decretado por Deus, que compreende a aliança ou concerto entre a Besta e Israel. Não estão contados os demais tempos ou períodos que Judá passou exilado ou fora de sua terra, sob o domínio de Ptolomeu I, do Egito (301 a.C.), até o controle da Síria, sob os selêucidas, do qual se libertaram pela revolta dos macabeus, 167 a.C.

Será nesse tempo restaurado o reino a Israel como no princípio (Am 9.11). Nessa época será recebido pelos judeus o Anticristo ou Falso Profeta, como o seu grande "Messias" (Jo 5.43). Tem havido muitos anticristos (1 Jo 2.18,19), mas aqui, pela declaração de João, o autêntico Anticristo ou Falso Profeta é um judeu cristianizado, um apóstata e ateísta (leia Daniel 11.37), que se mantém em franca rebelião contra Deus. Ele será o segundo chefe visível do mais terrível sistema do mal, assumirá na Terra o lugar e os títulos de Cristo, operará sinais sobrenaturais (leia Ap 13.11-18) e enganará o mundo com sinais e prodígios de mentira (2 Ts 2.9,10); por isso é chamado de Falso Profeta.

Haverá grande bonança e aparente prosperidade para Israel, como verdadeiro milagre na transforma-

ção da terra (porque para isto Deus mesmo tem ajudado como bem o sabemos (Is 41.15-20). Deus, porém, não se agradará da atitude de Israel (leia Isaías 1.3 e 2.6-9); por isso a nação não chegará a desfrutar o produto dessa amizade, e tudo voará nos dias das dores insofríveis (Is 17.10,11). Os sacrifícios e holocaustos, assim como todos os rituais do santuário e a liturgia do culto, instituídos por Moisés e mantidos palas gerações de Israel, serão também restaurados nessa época; porém, devido à maneira de ministrá-los, serão aos olhos de Deus como é apresentado em Isaías 66.3,4.

3. *Liberdade religiosa.* Nesse tempo haverá liberdade religiosa para todos os povos. Amigos do Evangelho, crentes desviados e crentes membros de igrejas, que haviam ouvido a mensagem de Cristo, e que, por amor ao mundo perderam a bênção do Arrebatamento, ficaram na terra e não subiram com a Igreja. No rapto os templos, as bíblias, tudo quanto pertencer à Igreja ficará. Porém, os crentes fiéis irão com Jesus, mas o mundo ficará nos seus pecados, sem ter quem pregue e sem poder contar com a ajuda direta do Espírito Santo.

Aproveitando a liberdade religiosa, mesmo fictícia e momentânea, muitos decidirão, arrependidos, servir ao Senhor, dispostos a enfrentar todo o perigo que a situação apresente. Irão por toda a parte em busca de quem pregue a Palavra de Deus (Am 8.11,12). Constituirão para si novos pastores e líderes, e formarão novas igrejas e congregações.

Animados pelos pregadores israelitas (dos 144.000 assinalados, Ap 7.1-8), que são os mesmos do cap. 12 (os guardados e protegidos por Deus, v. 14), entregarão a mensagem do "Evangelho do Reino" com a dura mensagem do juízo de Deus, conforme Apocalipse 14.7,9-11.

Logo no início do seu governo, a Besta fará um pacto amistoso com o "poder religioso da época", a Mulher (Ap 17), que é "a grande prostituta de escarlata", a grande "Babilônia Mística" formada pela cristandade alienada de Deus, da qual falaremos mais tarde.

Seguem-se os outros cavaleiros, que bem evidenciam os acontecimentos funestos do governo da Besta e do Falso Profeta.

Segundo Selo (6.3,4) — A paz é tirada da Terra

v. 3. "*E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem e vê!*"

v. 4. "*E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.*"

Não há governo que satisfaça plenamente aos homens ímpios. A Besta começa a sofrer o desagrado de muitos povos e as guerrilhas e atos subversivos começam a surgir e a se desenvolver em grande escala e com feroz agressividade. Hoje já sentimos os efeitos desses acontecimentos que, graças a Deus, são impedidos de mais graves conseqüências, por estar a Igreja na Terra.

Não será uma guerra entre nações, mas a luta de homem contra homem, de grupos contra grupos, numa verdadeira anarquia em toda a parte. Não é revelada a causa, mas isto prova que os julgamentos de Deus terão descido sobre o mundo, pois "*a paz será tirada da terra*". Diz o apóstolo Paulo: "Quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição" (1 Ts 5.3).

A cor do cavalo significa sangue; é símbolo de vingança e guerra (leia Daniel 11.37,38). Nessa oportunidade o império da Besta já está tenebroso: começará a reviver a ciência satânica, isto é, a demonstração dos sentimentos satânicos que são próprios do enviado do Inferno: começará a luta entre os povos e o governo do Anticristo. Isso será o início da Grande Tribulação, justamente "na metade da semana" (Dn 9.27), depois de três anos e meio de governo, quando a Besta já houver realizado o seu desejo e alcançado o domínio sobre as nações da Terra.

Então começará a tribulação que envolverá de certo modo, o mundo inteiro (Jr 30.4-7; Dn 12.1; Mt 24.21,22; Ap 3.10). Nessa época o Anticristo ou Falso Profeta já estará entronizado como rei de Israel e no apogeu de seu domínio e força. Agora iniciar-se-ão no mundo inteiro as manifestações de desagrado dos súditos da Besta.

Jesus vem arrebatar a sua amada Igreja (Jo 14.1-3). O mundo fica embevecido pela manifestação do Império Romano ressuscitado, tendo à frente a primeira Besta, que proporciona paz e felicidade aos seus súditos. O grande evento, a vitória dos remidos do Senhor, será esquecido. Porém, com a manifestação do *cavalo vermelho*, a paz é tirada da Terra. Hoje Deus espera pacientemente que os pecadores aceitem Cristo como Salvador e ainda conserva aberta a porta da misericórdia. Esta porta será fechada muito breve, e então, ai do pecador que não se tiver arrependido; que deixar passar a oportunidade, pois será deixado à mercê dos terríveis juízos de Deus.

Terceiro Selo (6.5,6) — Fome e grande miséria

v. 5. "*E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi o terceiro animal, dizendo: Vem e vê! E olhei, e eis um ca-*

valo preto; e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão."

v. 6. *"E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho."*

Este cavalo negro, que figura a opressão dos habitantes da Terra, é a conseqüência triste do após guerras e calamidades que hão de assolar o mundo. A balança é destinada a pesar os gêneros de mais necessidade (Lv 26.20,26; Ez 4.16). João ouviu uma voz que partia do meio dos quatro seres viventes, mas foi impossível identificar quem falava: "Uma medida de trigo" chegará apenas para uma refeição; e "três medidas de cevada" para três refeições de um homem. Deduz-se que seja um dinheiro equivalente ao salário de um dia (Mt 20.2), importância que o homem há de ganhar para sustento seu e de sua família. Tipifica, portanto, fome e grande miséria.

Quarto Selo (6.7,8) — a morte

v. 7. *"E havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê!"*

v. 8. *"E olhei, e eis um cavalo amarelo; e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhe dado poder para matar a quarta parte da terra com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra."*

Para alguns comentadores, João tinha visto a morte personificada, demonstrando o seu poder destruidor

(Lv 26.22; Is 51.19; Ez 5.12,27; 14.21). A morte é seguida pelo inferno (casa dos mortos ou Hades; leia Lucas 16.19-31 — a parábola do rico e Lázaro. Aqui tipifica o resultado da conquista); leia Provérbios 1.12; 27.20.

"*Foi-lhe dado o poder para matar a quarta parte da terra*". Este poder foi emanado do trono. No juízo final, diante do Trono Branco, a Morte e o Inferno darão conta desses mortos (Ap 20.31).

Isaías diz, referindo-se a Israel: "E o vosso concerto com a morte se anulará, e vossa aliança com o inferno não subsistirá; e, quando o dilúvio do açoite passar, então sereis oprimidos por ele" (Is 28.18). Cumprir-se-á essa profecia nessa oportunidade.

Com a abertura desse selo, rompem-se os concertos. Decorridos três anos e meio, e após o Falso Profeta erigir a estátua da Besta em Jerusalém (Ap 13.14; leia Mateus 24.15), a própria Besta romperá com o Israel fiel e, igualmente, com todo o sistema religioso existente na Terra, inclusive com a "Babilônia Mística" (Dn 7.21,25; Ap 17.16,17), aceitando plena adoração de todos os povos como se fosse o verdadeiro Deus, tudo em desrespeito ao pacto estabelecido com Israel (Dn 9.27).

O rompimento será com o Israel fiel; a nação inteira não sofrerá essa questão, cumprindo-se literalmente Daniel 7.25: "Eles serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (três anos e meio, ou 1.260 dias, ou ainda 42 meses), os dias da Grande Tribulação (Ap 11.3; 13.7).

Os verdadeiros adoradores, os fiéis, serão por Deus separados (medidos) dos apóstatas e infiéis (Ap 11.1,2) e serão assinalados (Ap 7.1-8) e guardados da fúria do Dragão e seus asseclas (Ap 12). "*O átrio foi dado às nações*" (Ap 11.2), significando o estado de sujeição à Besta.

Continuará a Besta, que se estabelecerá como deus (leia 2 Tessalonicenses 2.4), sendo adorada universalmente, e o que é levado a efeito pela ação direta do Falso Profeta, que trabalha como agente informativo da Besta e faz milagres em seu nome (leia 2 Tessalonicenses 2.9,10) e levanta uma imagem à Besta, decretando adoração obrigatória, sob pena de morte (Ap 13.8; leia Daniel 3.1,6; 12.11; Mateus 24.15; 2 Tessalonicenses 2.4). Será nesse tempo que se levantarão as *duas testemunhas* referidas no cap. 11.3-13.

Quinto Selo (6.9-11) — Primeira visão dos mártires da Grande Tribulação

v. 9. *"E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor do testemunho que deram."*

v. 10. *"E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?"*

v. 11. *"E a cada um foi dada uma comprida veste branca e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos que haviam de ser mortos como eles foram."*

Aqui não se ouve mais ordem: "Vem e vê". Não aparecem mais cavalos. João viu *"debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor à Palavra de Deus, e por amor do testemunho que deram"*. Debaixo do altar, lembra o altar de holocaustos no Templo em Jerusalém, e o sangue das vítimas que era derramado na base, ao pé do altar (Lv 47). Era crença em Israel

que todo o homem morto junto ao altar era como sacrifício a Deus (leia 1 Reis 2.28-32; Salmo 118.27).

Não devemos esquecer que a abertura dos selos do livro, que está na mão do Cordeiro, tem lugar depois do arrebatamento da Igreja. O Espírito Santo, que foi dado como Paracleto, veio buscar a Noiva de Cristo, do mesmo modo, como em figura, o mordomo Eliezer foi buscar Rebeca para o filho do seu senhor Abraão (Gn 24). Depois de ataviá-la, guiou-a pelo caminho até ao encontro do noivo. Assim fará o Espírito Santo, que subirá com a Igreja, ficando a Terra à mercê da fúria de Satanás. Porque somente depois que o Espírito Santo sair da Terra, é que o Iníquo será manifestado (2 Ts 2.6).

O Espírito de Deus, todavia, continuará operando desde os céus, que resultará na conversão de muitos judeus e gentios, salvos "através do fogo". São estes os *santos*, cujas orações são oferecidas como incenso nas salvas de ouro, os quais percorrerão o mundo e hão de pregar, não a mensagem do Evangelho da Graça, porque essa cessou com a retirada da Igreja da Terra, mas a mensagem do Evangelho do Reino (Mt 24.14), que se diferencia por ser uma mensagem semelhante à de João Batista e Malaquias (Mt 3.1-10,18; 4.1-6). Todos estes vêm a ser mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que deram.

Essas almas ou espíritos, cujos corpos estão na terra e ainda não foram ressuscitados (é o começo da Grande Tribulação), são completamente distintos dos mártires que morreram pela fé no tempo da Igreja (todos os mártires da Igreja, nesta altura, já foram ressuscitados e arrebatados, e pertencem à Igreja; são vistos coroados no Céu, representados pelos anciãos, e estão livres da Grande Tribulação).

Eles clamam por vingança, o que faz lembrar o Salmo 79, em contraste com a súplica de Jesus (Lc 23.34)

e de Estevão (At 7.60). O tempo da graça passou e eles oram com o mesmo ardor no juízo de Deus. Em resposta, recebem vestidos brancos e lhes é dito que repousem ainda por um pouco de tempo, até que sejam mortos os seus conservos e irmãos, assim como eles foram. Qual será a interpretação que darão a este texto os chamados "testemunhas-de-jeová" e os nossos amigos adventistas, que dizem que a alma ou espírito fica junto ao corpo na sepultura até o dia da ressurreição?

Aqui dá-nos a entender que entre essas almas existem judeus e gentios, que sofrerão o mesmo martírio. Essas almas, cujos corpos foram degolados, viverão e reinarão com Cristo (Ap 20.4). Todos estes tomarão parte da primeira ressurreição, por ordem: Cristo, as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda [o arrebatamento] (1 Co 15.23).

Sexto Selo (6.12-17) — Deus responde às orações dos mártires da Grande Tribulação

v. 12. *"E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue."*

v. 13. *"E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte."*

v. 14. *"E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos do seu lugar."*

v. 15. *"E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo servo, e todo livre*

se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas;"

v. 16. "*e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono e da ira do Cordeiro;"*

v. 17. "*porque é vindo o grande Dia da ira; e quem poderá subsistir?"*

Nessa oportunidade, a Besta estará furiosa, lutando contra os santos, subjugando os seus súditos e desafiando o próprio Céu: "E abriu a sua boca em blasfêmia contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu" (leia Daniel 7.8; Apocalipse 13.6).

"Quem é semelhante à Besta? Quem poderá batalhar contra ela?" (Ap 13.4). Deus responde na sua ira (Dn 7.27,28; Ap 12.10,11; 13.10). Rompe-se o sexto selo, que se inicia com "um grande tremor de terra" — é apenas o começo do grande "Dia da Ira", que se estenderá por toda a "Grande Tribulação".

Os quatro primeiros selos incluem todo o período do governo da Besta, ou seja, o *cavaleiro do cavalo branco*, que é o Império Romano ressuscitado (como já dissemos), com os demais cavaleiros, que são a seqüência dos acontecimentos desse reino (Dn 7.25; leia Apocalipse 13.4-18). O quinto selo é o efeito desse governo bestial, cuja finalidade é destruir os santos e lutar contra Deus (Dn 7.25; Ap 13.7). O sexto selo, o que estamos estudando, é o início da manifestação da ira de Deus em resposta aos seus santos (Dn 7.27,28; Ap 12.10,11; 13.10). E, finalmente, o sétimo selo, que se ultima com as trombetas e as taças, é a conclusão do grande Dia da Ira do Todo-poderoso.

Aceitamos a aplicação dos símbolos nesta visão, mas cremos aqui numa verdadeira ação da Natureza que se manifestará concomitantemente com os símbolos. Aqui são as primeiras manifestações dos céus contra o reinado da Besta e seus seguidores do mesmo modo como foi com Faraó e os egípcios. Deus ouvirá a oração dos mártires da Grande Tribulação, assim como ouviu as orações de seu povo Israel, e desceu para livrá-lo (Êx 3.7-9).

Como houve manifestação da Natureza nas pragas do Egito, haverá também na abertura do sexto selo, isto de acordo com Pedro, que diz: "Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios" (2 Pe 3.7).

A manifestação sísmica, que terá início com a abertura deste selo, irá até a consumação da ira de Deus (cap. 16). Fatos: 1. Tremor de terra; 2. O Sol perderá a sua luz; 3. A Lua também escurecerá e tornar-se-á semelhante a sangue; 4. As estrelas cairão do céu; 5. O céu vai retirar-se como um livro que se enrola, porque haverá novo céu (2 Pe 3.13); 6. E os montes e as ilhas serão removidos de seus lugares e haverá nova terra, onde o mar não existe (cap. 21.1). A terra mudará a sua configuração, de acordo com Isaías 65.17; leia Apocalipse 21.27. Diante de tudo isso, o horror invadirá os homens. Será uma hora de verdadeiro terror, quando grandes e pequenos, ricos e pobres, servos e livres, tribunos e poderosos, clamarão no seu desespero aos montes e rochedos para que caiam sobre eles e os escondam da face do que está assentado sobre o Trono do Cordeiro (leia Isaías 2.10,19,21; 51.16; 66.22; Oséias 10.8; Lucas 23.28-32).

Seis são as manifestações aqui descritas:

1. *Houve um grande tremor de terra.* A Bíblia cita vários tremores ou terremotos, mas aqui se verifica *um*

grande e intenso tremor de terra, não igual ao do cap. 16.18, mas um tremor que atinge o céu, a terra e o mar, uma mudança completa das coisas móveis, e uma manifestação sublime dos prodígios do Todo-poderoso, trazendo completa obscuridade e abalando toda a força da Natureza; isso inclui o colapso da autoridade humana pelo derrubamento dos governos terrestres (Jl 2.20,30; 3.15,16; Is 13.9-11; Ag 2.6,7; Hb 12.26-29).

2. *O Sol tornou-se negro como um saco de cilício.* Na penúltima praga do Egito, houve trevas espessas por três dias (Êx 10.22). Diz Orlando Boyer, em seu livro Visão de Patmos: "Houve na América do Norte, em 19 de maio de 1780, um dia que ficou escuro desde as nove horas da manhã até ao anoitecer. Não era efeito de eclipse nem de nuvens, pois as estrelas permaneceram visíveis; mas faltava o brilho suficiente para iluminar a Terra". Admitimos aqui, que o Sol é atingido literalmente, mas admitimos também que o Sol se refere à autoridade máxima do governo, que sofrerá um desmoronamento no próprio Império Romano ressuscitado. Temos em Isaías 50.3 a idéia ampla dessa obscuridade.

3. *A lua tornou-se como sangue.* Joel diz: "Antes que venha o grande e terrível dia do Senhor, o sol se converterá em trevas e a lua em sangue" (Jl 2.32). Isto fazendo menção à volta do Senhor em glória, junto com os seus santos, e ao estabelecimento do reino milenar. Cremos ser nesta ocasião o cumprimento desta profecia quando, com essa manifestação literal na Lua, serão desmoronadas as autoridades do governo anticristão.

4. *As estrelas do céu cairão sobre a Terra,* como quando a figueira lança de si os seus figos verdes abalada por um vento forte. O profeta Naum dá esta idéia sobre a figueira (Na 3.12), que aqui é a continuação

da mesma manifestação sísmica literal, iniciada com a abertura do sexto selo. Diz ainda O. Boyer, em em seu livro Visão de Patmos: "Na noite de 13 de novembro de 1883, houve uma assombrosa manifestação meteórica, na qual, durante o período de três horas, bolas de fogo tão numerosas e tão brilhantes como as estrelas, atravessaram o céu."

Isto também verifica-se em nossos dias, como podemos ver pelos testemunhos dos jornais: "Bola de fogo cai no mar na Baía de São Francisco. Moss Beach, California, 11. Uma grande bola de fogo, aparentemente de um meteóro, surgiu ontem no céu na região da Baía de São Francisco; explodiu violentamente e se precipitou no Oceano Pacífico a vários quilômetros da costa. Milhares de habitantes locais viram o objeto e todas as dependências policiais da zona receberam chamados de pessoas que desejavam saber do que se tratava. Roger Goad, funcionário do Condado de San Mateo, disse que a explosão sacudiu literalmente a costa. Acrescentou que, segundo a maioria das pessoas que viu o objeto, esse explodiu antes de cair na água e emitiu um clarão azul e depois outro alaranjado". (Da Folha do Norte, 11-XI-1963).

A ciência moderna não pode desacreditar da criação do mundo em que habitamos, e agora deixa transparecer o seu testemunho: "Porque os cientistas consideraram impossível o fim do mundo. No mundo sideral está o começo e o fim da Terra. Todos os cientistas concordam, atualmente, no fato de que, outrora, houve um momento em que o Universo teve início. As provas do nascimento do mundo já são por demais numerosas para que se possam estabelecer dúvidas. Não fosse outra coisa, bastaria mencionar a presença dos chamados elementos radioativos — urânio, tório, rádio, etc., os quais, com maior ou menor velocidade,

se transformam noutros elementos, ou seja, são consumidos. É evidente, pois, que se ainda hoje existem, algum dia foram criados. A expansão do Universo é, de certo modo, o fenômeno mais grandioso que a vista humana possa contemplar, e representa, igualmente, um dos sinais da agonia do mundo. Segundo cálculos que, embora com aproximação, devem ser considerados aceitáveis, toda a matéria que constitui o Universo era contida, inicialmente, em forma superdensa, numa pequena esfera — pequena em relação à imensidão do Universo — com um raio de duzentos e vinte milhões de quilômetros, ou seja, a distância média entre o Sol e Marte.

"Esse 'átomo primigênio', esse 'ovo de que nasceu o mundo', explodiu há quatro bilhões e meio de anos, aproximadamente, e nesse momento o Universo teve início, como nos aparece hoje. Essa explosão, porém, foi de certo modo o princípio do fim. Será esse, pois, o destino do Universo? Perder-se no espaço, esvair-se na profundidade do nada, antes mesmo de perder toda a sua energia calorífica? Os fragmentos da grande bomba que explodiu há quatro bilhões e meio de anos não conservam velocidade de movimento sempre igual; pelo contrário, essa velocidade diminui progressivamente em conseqüência da força de gravitação que exercem uns sobre os outros. Deverá, portanto, chegar o momento em que os fragmentos avulsos do Universo se deterão na sua fuga gigantesca. A partir daí, recomeçarão a atrair-se reciprocamente e a percorrer em sentido contrário, a trilha que seguiram por efeito da explosão do 'átomo primigênio'. A corrida continuará até o momento em que toda a matéria do Universo se concentrará novamente numa esfera de duzentos e vinte milhões de quilômetros de diâmetro. O calor produzido pela contração fará explodir novamente o novo

'átomo primigênio' e o Universo tornará a nascer". (Do Correio da Manhã, 1960.)

Isto faz-nos entender como surgiu o nosso mundo habitável, com os nove planetas já descobertos e seus respectivos satélites. Também compreendemos o que quer dizer o apóstolo Pedro em sua segunda carta (3.10-12; leia Isaías 65.17; Apocalipse 21.1).

5. *O céu retirou-se como um livro que se enrola.* Diz o apóstolo Pedro: "Mas nós aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pe 3.13). Compreendemos que, ao retirar-se este céu que nos é visível, depois de todas essas maravilhosas manifestações do poder de Deus, passaremos a contemplar outro céu, que agora não vemos. Concordamos, portanto, com o artigo acima, com a opinião dos cientistas modernos, que o calor produzido pela contração fará explodir novamente o novo "átomo primigênio" e o Universo tornará a nascer. Novo cataclismo se verificará, surgindo novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Diz alguém que aqui desaparece a fé, simbolicamente, pelo extermínio das religiões da Terra.

6. Todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. A Terra mudará a sua configuração. De acordo com o que já foi explicado, e com Isaías 65.17; 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1,27, a Terra voltará a ser igual como era no "princípio", como diz Gênesis 1.1. Convém levarmos em consideração esse acontecimento. Se hoje, quando há pequenos tremores de terra esparsos em alguns lugares; a queda de um ou outro meteoro ou aerólito, ou mesmo de algum objeto candente, ou um simples eclipse do Sol ou da Lua, todos os homens ficam alarmados e, às vezes, há pânico e terror, como será naquele grande dia?! Os continentes serão divididos, países inteiros desaparecerão, montes e ilhas mudarão de lugar. Notem que já estamos

vivendo nos prenúncios desses acontecimentos. Vejamos o que aconteceu ultimamente no Paquistão! Que dizem os cientistas que estão estudando sobre as rochas? Leia a Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia, Portugal, 1971, pp. 50 a 65, sob o título: "As Mil Faces do Mundo".

Ó Deus, apieda-te desta pobre humanidade e dá compreensão aos homens para que se salvem, sim, amém! "*Porque é vindo o grande Dia da sua ira e quem poderá subsistir?*"

7 Os 144.000 assinalados e os mártires na glória



(Cap. 7.1-17)

Primeiro Quadro: Visão dos assinalados (7.1-8)

v. 1. *"E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma."*

v. 2. *"E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,"*

v. 3. *"dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado na testa os servos do nosso Deus."*

v. 4. *"E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel."*

v. 5. *"Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Rubem, doze mil; da tribo de Gade, doze mil;"*

v. 6. *"da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil;"*

v. 7. *"da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil;"*

v. 8. *"da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil."*

Vê-se aqui dois importantes quadros, como dois parênteses entre os selos, e João observa essa sublime visão como para descansar sua mente dos horrores das visões dos seis selos: *"Eis quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra"*, o que significa os quatro pontos cardeais, isto é, o mundo inteiro. Estavam retendo os ventos da ira do Todo-poderoso, até que fossem assinalados os servos de Deus que se encontravam em toda Terra.

"E o número dos assinalados era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel". É de lamentar a confusão que querem fazer os homens, na interpretação desses cento e quarenta e quatro mil. A visão de João não pode ser mais clara e mais inteligível do que é. Os cento e quarenta e quatro mil falam das próprias tribos de Israel, as quais foram numeradas pelos seus próprios nomes (vv. 4-8) e nada dizem a respeito dos gentios salvos ou perdidos. Estes cento e quarenta e quatro mil são o remanescente que será salvo em Israel (Is 10.22; 17.6; Rm 9.27). Eles, iluminados e protegidos pelo Espírito Santo desde os céus, são guardados sob os cuidados de Deus em lugar especialmente preparado (Ap 12.6), e sub-

sistirão durante todo o período dos sete anos da Grande Tribulação.

É curioso notar que na lista dos numerados é mencionado o nome de José em lugar de Efraim (que deixou de ser povo: Is 7.8), e é omitida a tribo de Dã. Os rabinos judaicos costumam dizer que o falso Messias (o Anticristo) virá da tribo de Dã, baseados nas palavras de Jacó (Gn 49.17). Podemos salientar que a tribo de Dã foi a primeira a cair na idolatria (Jr 18.30,31).

Lemos dos anelos e orações dos 144.000 assinalados, nos cânticos de Davi (Sl 44.10-26; 55.5-8; 64.7-10; Is 63.15-19). Serão os primeiros pregadores do Evangelho do Reino, no que, salientando-se, alguns sofrerão o martírio; porém passarão guardados e protegidos por toda a Tribulação. Certamente, esses assinalados são os de que fala Ezequiel 9.4; leia Malaquias 3.17. Aqui compreendemos o cap. 12.1,2,6 do livro que estudamos. Esses assinalados em Mateus 25.33,40 são chamados "ovelhas" e "irmãos". Para eles estão destinadas as bênçãos do Milênio (Mt 25.34; leia Hebreus 11.16). Logo que a maldição desaparecer da Terra, o deserto florescerá como um jardim de rosas (Is 35.1,2); e durante mil anos o Senhor reinará pessoalmente, quando então haverá a verdadeira justiça.

Segundo quadro: visão dos mártires da Grande Tribulação (7.9-17)

v. 9. "*Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos...*"

Esta multidão não é a Igreja, como também os assinalados não o são. Aqui João vê os gentios, aqueles

que serão salvos como "através do fogo", no período da Grande Tribulação. Ali é o remanescente de Israel que será assinalado, salvo e guardado por Deus no mesmo período. Estes são aqueles dos quais já falamos, amigos do Evangelho e crentes fiéis, que vão ficar na Terra depois do arrebatamento da Igreja.

Com a atitude da segunda Besta (Ap 13.12-18), o Falso Profeta, que entroniza a imagem da primeira Besta (o imperador) dentro do Templo do Senhor em Jerusalém (Dn 9.27; Mt 24.15), consagrando por este ato todo o louvor e adoração à primeira Besta, esta, que é o ditador do Império Romano ressuscitado, moverá grande e tremenda perseguição contra essa multidão, que, sendo atingida frontalmente, terá que enfrentar cara a cara Satanás e sujeitar-se à decapitação. Muitos negarão outra vez o nome de Jesus e renunciarão à fé; porém, muitos, como uma multidão incontável em todo o mundo, voluntariamente, permanecerão fiéis, preferindo morrer pelo testemunho de Jesus.

Convém notar que nesse tempo o Espírito Santo não estará mais na terra como agora, quando serve de guarda, guia, de Diretor e "Paracleto" da Igreja (Jo 14.17,26; 16.13,14). Eles terão uma ajuda indireta do Espírito Santo, que operará desde os céus. Eles terão de enfrentrar sozinhos as hostes do mal, com o único desejo de serem salvos.

Note-se a diferença entre esses dois grupos: o primeiro é de judeus, os selados e numerados, que está sendo preparado para a Grande Tribulação; e o segundo é de gentios, inumeráveis, que completa o número daqueles que "estavam debaixo do altar", vistos por João, na abertura do quinto selo, agora tirado da Grande Tribulação. O primeiro grupo está na Terra e o segundo está no Céu, diante do trono e perante o Cordeiro, *trajando vestidos brancos*, significando que es-

tas pessoas tinham alcançado, não somente a justiça e a pureza, mas também a vitória e o gozo; e com *palmas nas mãos.* Estas palmas simbolizam os mártires. A Igreja representada pelos anciãos está coroada, e os fiéis receberam galardão após o arrebatamento, no Tribunal de Cristo (leia 2 Coríntios 5.10; Apocalipse 22.12).

v. 10. "*... e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus que está assentado no trono, e ao Cordeiro.*"

Sempre no Céu há louvores. Esses remidos, salvos e vitoriosos, não podem deixar de expressar o seu sentimento de alegria por tão grande vitória, pela qual só Deus é digno de receber louvores e ações de graças.

v. 11. "*Todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus...*"

O trono permanecia no centro e logo ao redor estavam os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes, e os anjos completavam a grande assistência daquele culto de adoração, quando a grande multidão prostra-se diante do Trono, sobre os seus rostos, e adora a Deus, continuamente no mesmo louvor.

v. 12. "*... dizendo: Amém! Louvor, e glória, e sabedoria, e ações de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém!*"

Assim tributam a Deus a sua adoração, dando louvores e glórias ao seu nome, que é bendito para sempre. Amém.

v. 13. *"E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são e de onde vieram?"*

v. 14. *"E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro."*

João estava observando aquela cena de adoração e compartilhando daquela magnífica alegria, sem entender perfeitamente a visão, quando foi despertado pela pergunta de um dos anciãos: *"Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são e donde vieram?"* João ficou surpreso, mas respondeu ao ancião: *"Senhor, tu sabes"*. E logo o ancião lhe respondeu: *"Estes são os que vieram de grande tribulação"* (versão Almeida antiga).

Aos judeus fiéis, o remanescente de Israel, foi dado um sinal na testa para que ficassem isentos dos sofrimentos da Grande Tribulação. Os gentios deixados na Terra após o arrebatamento da Igreja, depois de despertados e de reconhecerem Jesus como seu Senhor e Salvador, foram oferecidos como mártires, sendo decapitados no período da Grande Tribulação. Não "de grande tribulação" ou apenas "de muitas tribulações" (At 14.22); mas da Grande Tribulação (versão Almeida moderna), da grande tribulação sem igual, que durará três anos e meio (Dn 9.24-27), ou seja, a última metade da setuagésima semana de Daniel. Esse é um período de tribulação como nunca houve, nem haverá jamais (Jr 30.4-7; Dn 12.1; Mt 24.21,22; Ap 3.10).

"E lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro". O intenso sofrimento na Grande

Tribulação não é suficiente para purificar os homens dos seus pecados. Somente o sangue de Cristo nos purificará de todo o pecado, nas condições contidas em João 1.7.

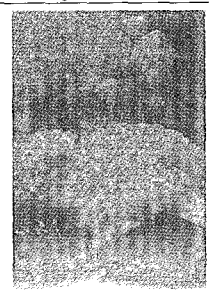
v. 15. *"Por isso estão diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra."*

v. 16. *"Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles;"*

v. 17. *"Porque o cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda lágrima."*

Deus mostra o seu precioso carinho para as criaturas que lhe são fiéis. Carinho de pai e mãe que querem bem aos seus filhos (Is 44.15,16). Esta é a grande e sublime promessa que alcançarão todos os vencedores. Amém.

8 O SÉTIMO SELO E AS QUATRO PRIMEIRAS TROMBETAS



(Cap. 8.1-13)

Sétimo Selo (8.1-6)

v. 1. *"E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora."*

Aqui há uma diferença. Na abertura do primeiro selo, os quatro animais rompem "com voz de trovão", e em cada selo seguinte aquelas criaturas viventes exclamam: "Vem e vê". Na abertura do sexto selo, há "um grande tremor de terra". Mas quando foi rompido o sétimo selo, e aberto o livro completamente, *"fez-se silêncio no céu quase por meia hora"*. Todos permaneceram calados, aguardando, respeitosamente, o que havia de acontecer. Era a introdução solene aos futuros acontecimentos.

Com a abertura desse selo, seriam reveladas surpresas extraordinárias quanto aos julgamentos já em evidência pelas sete trombetas que haviam de ser tocadas.

v. 2. *"E vi os sete anjos que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas."*

Os sete anjos, a quem é dado o privilégio de estar diante de Deus (Mt 18.10; Lc 1.19), receberam cada um a sua trombeta para anunciarem novos juízos de Deus.

A trombeta servia para proclamar as grandes festas de Israel (Lv 25.9), suas alegrias nacionais e religiosas (2 Sm 6.15; 2 Cr 5.12,13; 29.26-28); anunciar uma revelação, uma exortação, um juízo de Deus (Is 58.1; Os 8.1; Jl 2.1). Também o som da trombeta inaugurará as últimas cenas do Dia de Cristo (Mt 24.31; 1 Co 15.52; 1 Ts 4.16).

v. 3. *"E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono."*

v. 4. *"E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus."*

Este anjo desempenha a função de "sacerdote". Não há anjo algum que, oferecendo incenso com as orações dos santos, possa torná-las aceitáveis diante de Deus. Este outro anjo, sem dúvida alguma, é o Senhor (Hb 5.1-6,9,10).

No Antigo Testamento, Jesus nos é apresentado como o "Anjo de Jeová" : Ele era o anjo que apareceu a Abraão (Gn 18); o anjo que guiou os filhos de Israel (Êx 32.34); o anjo que lutou com Jacó (Gn 32.22-32); o anjo que apareceu a Moisés na sarça ardente (Êx 3.1,2); o anjo que apareceu a Josué (Js 5.13-15); o anjo que defendeu o sumo sacerdote Josué (Zc 3).

Lemos nas Escrituras de dois altares: o altar de ouro para oferecer incenso (Êx 14.26,27), e o altar dos holocaustos (Êx 40.29). O fumo do incenso representa

o cheiro suave de Cristo (leia Ef 5.2), e as orações de "todos os santos" (cremos que desde Abel até os da Grande Tribulação) sobem juntas, não do incensário de ouro, mas da mão do Anjo até diante de Deus.

v. 5. *"E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos."*

Como resposta às orações, que subiram desde a mão do Anjo Sacerdote, este tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a Terra. Em Ezequiel 10.2 lemos um ato semelhante, quando são espalhadas brasas acesas sobre a cidade. As vozes, os trovões, os relâmpagos e os terremotos foram a resposta de Deus no seu julgamento, prestes a manifestar-se.

v. 6. *"E os sete anjos; que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las."*

As primeiras quatro trombetas (7-12), que se assemelham aos quatro primeiros selos (6.1-8), formam um grupo à parte, e têm um caráter mais brando que as três últimas.

Os juízos nos toques das trombetas serão completados ao serem derramadas as taças da ira de Deus, numa duplicidade de julgamento. É a dupla forma de juízo que Deus manifesta contra a Besta e seus seguidores, porque eles sofrerão, igualmente, ambas as manifestações.

Primeira Trombeta (8.7) — Complemento do segundo selo

v. 7. *"E o primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra, que foi queimada na sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada."*

Semelhante a sétima praga sobre o Egito (Êx 9.22-25) e sobre Sodoma (Gn 19.24) acontecerá com o toque desta trombeta, que exterminará a *"terça parte da terra"*.

Poderia Deus, se quisesse, ter feito uma destruição total, mas na sua misericórdia poupou deste extermínio os outros dois terços da Terra, para dar lugar ao arrependimento e à conversão (Ap 9.20,21). Diz alguém que este juízo que fere a terça parte da Terra é destinado à esfera do antigo Império Romano, que inclui quase toda a Europa Ocidental.

Três elementos são usados nesse juízo: *saraiva*, que dá idéia de um juízo súbito e esmagador, vindo de cima (Is 28.2-17; Ap 16.21); *fogo*, que é a expressão da ira de Deus (Dt 32.32; Is 33.14); e *sangue*, que significa morte tanto física (Ez 14.19) como moral (At 2.19,20). É Deus intervindo com o seu braço estendido contra os habitantes da Terra (Ez 7.1-27).

"*Queimou-se a terça parte das árvores*". As árvores simbolizam o orgulho dos homens (Jz 9.8-15; Ez 31; Dn 4.4-27). "*E toda a erva verde foi queimada*", demonstrando que os juízos de Deus atingem de um modo geral toda humanidade (Is 40.6-8; 1 Pe 1.24).

Segunda Trombeta (8.8,9) — Um monte (reino) em chamas

v. 8. *"E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte*

ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar."

v. 9. *"E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus."*

As águas do mar recordam Êxodo 7.19,20. Há grande controvérsia nesta interpretação, porque alguns a interpretam literalmente, dizendo que, pela segunda trombeta, é lançado um torpedo ao mar, pela fúria das guerras marítimas e também pela gula dos homens famintos em matar desesperadamente os peixes. Outros a interpretam simbolicamente, o que aceitamos: "O grande monte ardendo representa um reino (Is 2.2; Jr 51.25; Zc 4.7; Sl 46.2).

As manifestações contra a Besta, iniciadas "quando a paz for tirada da terra" (Ap 6.3,4), se generalizarão nas nações que constituem o império da Besta; tomarão vulto e culminarão por envolver completamente um dos dez reinos, que será lançado, *"ardendo em fogo"*, contra os demais reinos seguidores da Besta. Muito pior do que uma guerra civil, isto por se tratar de homem contra homem e grupo contra grupo, matando-se uns aos outros, num completo desentendimento, sem nenhum comando ou objetivo determinado. Será um ato de verdadeira loucura, de possessão maligna.

Um dos reinos do Império Romano ressuscitado será alvo especial da vingança de Deus, e ficará *ardendo em fogo* e será lançado no *mar* (Is 17.12,13; Ap 17.15). O mar aqui representa o mundo num estado de rebelião e agitação (Is 57.20).

O domínio de Satanás (leia Apocalipse 13.1-9) só produz blasfêmias. Morrerá *a terça parte das criaturas que tinham vida no mar*, indica morte moral e espiritual da humanidade. *Perder-se-á a terça parte das*

naus. O peso da mão de Deus atingirá o comércio mundial, as comunicações e os transportes entre vários países. Será destruída a terça parte dos navios mercantes e de guerra.

Terceira Trombeta (8.10,11) — Revelação do Chefe da "Babilônia Mística"

v. 10. *"E o terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas."*

v. 11. *"E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas."*

Das ervas conhecidas, o absinto é uma das mais amargas. Vê-se aqui que esta substância nociva vem do céu, mostrando-se como uma grande estrela ou meteoro, que explode, espalhando pedaços para todos os lados, que vão cair sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas. Absinto é sinônimo de veneno (Jr 9.15; 23.16; Lm 3.19).

Compreendemos isso simbolicamente: "Estrelas" representam dignatários religiosos. *"A grande estrela"* simboliza um chefe distinto a quem competia difundir a luz espiritual, mas que se tornou um grande apóstata. Por causa dos seus pecados, os juízes de Deus o alcançam. Podemos julgar ser esse a mesma personagem de Apocalipse 17, ou seja, o chefe da "Babilônia Mística", a grande prostituta, que havia alcançado o seu apogeu e glória.

"*Caiu ardendo como uma tocha*". Semelhante ao *monte ardendo em fogo.* O monte refere-se a um reino e a estrela a uma pessoa.

"*Caiu sobre a terça parte dos rios e fontes de águas*". *Rio* simboliza vida de uma nação (Ez 29.3; Is 8.7,8); e *fontes de águas,* as origens da influência que atua sobre essa vida (Jr 6.7).

"*O nome da estrela era Absinto*". Absinto é sinônimo de veneno e contaminação: "*e a terça parte das águas tornaram-se amargas*" – a terça parte das vidas humanas na Terra ficou contaminada, envenenada por essa falsa doutrina, que causará morte espiritual.

Com a elevação da Besta, após ser entronizada em Roma como chefe supremo do Império, também surgirá um grande chefe religioso (*a grande estrela que cai do céu*), para cumprir-se o que está escrito: "E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na iniqüidade" (2 Ts 2.11,12). Sim, surgirá da união da cristandade que vive alienada de Deus, a grande prostituta de Apocalipse 17, e se elevará à esfera mais alta junto ao imperador em Roma. A sua doutrina religiosa (absinto) e a sua ação no poder atinge a terça parte das nações de toda a Terra, influenciando-lhes a própria vida, envenenando-as. Este grande chefe será poderoso e eminente; exercerá tão grande influência sobre o imperador, a Besta, que o dominará completamente (Ap 17.3).

Mas isto acontecerá somente enquanto houver paz *religiosa* porque, com a atitude do Falso Profeta em Jerusalém (Ap 13.12-17), que liderará a grande perseguição, também esse grande chefe, juntamente com a comunidade separada de Deus, que se diz cristã, sofrerá trágicas conseqüências, porque os *dez reis* que compõem o império se lançarão contra ele e contra a

sua doutrina, fazendo tudo cair por terra (Ap 17.16,17), que é o cumprimento de Isaías 2.18-21; 30.22; 31.7.

Os homens hoje estão prevenidos acerca desta fase da Grande Tribulação: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em justiça" (Rm 1.18).

Quarta Trombeta (8.12,13) — Eclipse total

v. 12. *"E o quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas, para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite."*

É interessante notar a seqüência desses julgamentos, que obedecem à mesma ordem de Apocalipse 16: na terra, nos rios, e fontes das águas, e no sol. O toque da quarta trombeta marcará o princípio do eclipse total desses astros, já anunciado na abertura do sexto selo (Ap 6.12) e também previsto em Mateus 24.29 e Lucas 21.25,26; leia Êxodo 10.21.

Como já dissemos, aceitamos a aplicação simbólica, mas cremos também em uma manifestação sísmica, que terá lugar concomitantemente. Assim, podemos dizer: Com o toque da quarta trombeta vem a natural conseqüência do envenenamento das vidas humanas: a verdade é abandonada e as trevas predominam. O sol, a lua e as estrelas simbolizam o conjunto das autoridades constituídas desde o chefe supremo até a mais simples autoridade.

O sol representa a autoridade máxima — a Besta. A lua representa uma autoridade de grande eminência, muito ligada à Besta e de grande prestígio e respeito

no império — o eminente chefe religioso, representado como a "grande estrela". As estrelas representam as demais autoridades menores, que governarão juntamente com a Besta. Exemplifiquemos: os juízos de Deus são manifestos sobre a parte ocidental do restaurado Império Romano. Os homens afastam-se de Deus com as suas mentes obscurecidas.

Motivado pela situação reinante de guerras e escaramuças, ocasionando mortes em grande escala e uma anarquia predominante e confusa, que cada vez mais se torna agressiva, que envolverá todo o império, surgirá um grande descrédito da Besta e seus asseclas, eclipsando a autoridade deles.

Os castigos anunciados pelas quatro primeiras trombetas não alcançam o homem, mas os seus recursos no mundo exterior em que habita; no entanto, os das três últimas alcançam mesmo o homem.

v. 13. "*E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! Ai! dos que habitam sobre a terra. por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar!*"

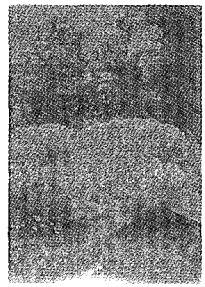
Um anjo anuncia a intensificação do sofrimento. Certamente é a mensagem mais intensiva dos verdadeiros adoradores de Deus, dos quais já falamos. Anjo significa enviado (talvez uma das testemunhas: Ap 11). Sua voz e autoridade no falar vêm trazer grande inquietude ao reino da Besta.

A humanidade agora não dá importância à voz de Deus pela pregação do Evangelho da Graça, mas, *naquele tempo*, Deus lhes falará na sua ira; e no seu furor os confundirá (Sl 2.5).

É interessante notar a distinção de uma classe especial, já especificada duas vezes; a dos que *habitam na*

terra (Ap 3.10; 6.10). Refere-se aos apóstatas, que hão de receber o castigo de Deus mais rigorosamente. São os que têm o seu interesse na Terra; são os que abandonam o Senhor dispostos a ter a Terra como sua possessão permanente (leia o Salmo 2.1-3). A eles estão destinados os "ais".

9 A QUINTA E SEXTA TROMBETAS



(Cap. 9.1-21)

v. 1. *"E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo."*

Há um "ai" ligado a cada uma das últimas três trombetas. Os cento e quarenta e quatro mil israelitas assinalados são preservados por Deus da catástrofe dos "gafanhotos". A quinta trombeta é juízo especial sobre os apóstatas.

"*Caiu do céu uma grande estrela*". Caiu não significa que foi derribada do céu, mas que veio com permissão de Deus (leia 2 Tessalonicenses 2.11,15). Verifica-se, igualmente, que a "estrela" já é vinda, isto é, já estará em evidência; por isso, podemos julgar ser ela a mesma estrela referida em Apocalipse 8.10,11. Compreendemos, assim, que nessa ocasião será investido no poder máximo de sua hierarquia o grande chefe religioso, assumindo a liderança plena da "Babilônia Mística", a falsa agremiação religiosa formada pela cristandade alienada de Deus, que ecumenicamente agirá sob a mesma bandeira. A sede do seu governo

ção dos mortos (Necromancia), e mais toda a sua linhagem: Candomblé, Umbanda, etc., formando uma série de atos de feitiçaria e de demônios, que andam juntos, também com o "Espiritismo Científico", muito usado em nossos dias (José Arigó e outros), tudo isso representa, desde algum tempo, o verdadeiro culto aos demônios. (Leia com atenção: Êxodo 22.18; Levítico 19.26,31, 20.27; Deuteronômio 18.9-12; Isaías 8.19,20).

Em conseqüência disso, a corrupção assola, motivando os desequilíbrios mentais, as loucuras em diversos graus, as possessões e as opressões malignas de toda espécie, confundindo jovens e velhos nos mesmos sentimentos "*avançados*" de um mundo corrupto. Se agora já é assim, como hão de ser aqueles dias, quando todos os demônios estarão soltos e agirem com toda liberdade, com ações mais que malignas, fazendo "ciranda" dos homens?!

"*Do poço do abismo*". Não se diz apenas "do abismo", mas "do poço do abismo", demonstrando o lugar mais baixo do abismo. Lugar onde foram encarcerados os anjos rebeldes, "*que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação*" (Jd 6; leia 2 Pedro 2.4).

Lendo em Gênesis 1.1-3 encontramos o versículo 2 como um grande parêntese, cobrindo um longo espaço de tempo entre os dois versículos. Meditando bem podemos observar o seguinte:

"*No princípio criou Deus os céus e a terra*". O v. 2 diz: "*E a terra era sem forma e vazia*". Segundo o profeta Isaías, Deus não a criou vazia, pois logo foi habitada (Is 45.18), mas houve uma desolação, uma transformação na sua superfície, e foram dispersos os seus moradores (Is 23.1).

Pelos dizeres de Judas 6 e 1 Pedro 2.4, admitimos

que a Terra era habitada por anjos. Pelas evidentes provas de vida animal há milhões de anos na Terra por escavações e estudos feitos por geólogos, com a descoberta de grandes ossadas de monstruosos animais pré-históricos, admitimos a hipótese de ser essa época a idade áurea dos répteis, que eram os habitantes animais da primitiva Terra.

Assim, há quem afirme que, depois da sua queda, o grande querubim (Ez 28.11-27; leia Isaías 14.12-15) passou a conquistar *os anjos habitantes da Terra,* conseguindo inúmeras adesões. Por este motivo, Deus ordenou aos anjos fiéis que se recolhessem ao Céu e mandou aprisionar no *poço do abismo, em escuridão e prisões eternas, até o juízo daquele grande dia,* que é justamente a época que estudamos, todos os anjos habitantes da Terra que aderiram a Satanás.

(O Diabo, a grande serpente, com os demais que caíram do Céu, foi expulso pelo cataclismo de que já falamos em Apocalipse 6.12-17, item 4, do nosso comentário.)

E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas como guarda e protetor daquela criação que agora estava transformada em um verdadeiro caos, numa desolação profunda e incompreendida. Com a expulsão, Satanás passou a habitar com seus súditos no espaço, tornando-se chefe das *potestades do ar* (Ef 2.2). Mesmo assim, Satanás ficou com livre entrada na Real Câmara, perante o trono, onde comparecia para trazer suas acusações contra os santos do Senhor neste mundo (1 Rs 22.19-23; Jó 1. 6; 2.1; Lc 23.31,32).

"E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gn 1.2); "Observei a terra, e eis que estava vazia; e os céus, e não tinham a sua luz" (Jr 4.23). Assim é descrito o estado em que ficou a primitiva Terra depois do cataclismo, antes de ser re-

criada, e antes do aparecimento da luz: abismo, desolação, confusão era o estado dela. Da ação da terceira pessoa da Trindade saiu toda a beleza que contemplamos no nosso grande mundo.

"E disse Deus: Haja luz. E houve luz" (Gn 1.3). Notamos que a luz não foi criada naquele momento. Aqui, o bondoso Criador interveio, separando a grande massa de fragmentos misturada com nevoeiros espessos, e deixando a luz livre para brilhar.

"Disse Deus: Haja luz" (*Fiat lux*) — como alguém que acende um interruptor elétrico. — "E houve luz". Em seqüência, agradou-se Deus desse pequeno fragmento da "*grande esfera*" que explodiu, no qual habitamos, e que não era nem redondo nem quadrado; não tinha forma descritível, mas aprouve a Deus recriá-lo, pondo em perfeita ordem tudo o que fora destruído pelo cataclismo. Somente no quarto dia da criação é que Deus organizou o sistema planetário, colocando a luz no fragmento grande, o "*luzeiro maior*" para governar o dia.

Colocou a Terra agora recriada entre os demais fragmentos, também já organizados e recriados, que mais tarde foram chamados de planetas. Deu como satélite à nossa Terra o *luzeiro menor*, com a finalidade de governar a noite (Gn 1.14-18). Assim foi feito o nosso sistema planetário, que é formado de nove planetas já descobertos, além de outros pequenos satélites que seguem a órbita do Sol e vivem sob a influência do astro-rei, uma estrela de quinta grandeza.

v. 2. "*E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha e, com a fumaça do poço, escureceu-se o sol e o ar.*"

v. 3. "*E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder como o poder que têm os escorpiões da terra.*"

v. 4. *"E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm na testa o sinal de Deus."*

v. 5. *"E foi-lhes permitido que não os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando fere o homem."*

v. 6. *"E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles."*

v. 7. *"E o aspecto dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre a sua cabeça havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e o seu rosto era como rosto de homem."*

v. 8. *"E tinham cabelos como cabelos de mulher, e os seus dentes eram como de leão."*

v. 9. *"E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído de suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate."*

v. 10. *"E tinham cauda semelhante às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses."*

v. 11. *"E tinham sobre si um rei, o anjo do abismo; em hebreu era o nome Abadom, e em grego, Apoliom."*

v. 12. *"Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais."*

Como nos referimos acima, esses "gafanhotos" do poço do abismo não são semelhantes aos da oitava praga do Egito (Êx 10.10-20). Os gafanhotos (animais) que conhecemos não têm rei (Pv 30.27); mas esses têm um rei (v. 11), cujo nome é em hebreu "Abadom" e em grego "Apoliom", que significa em ambas as línguas "destruição". Esse rei, ou anjo do abismo, é o próprio Satanás. O promotor desse terrível "ai" não é a *estrela caída*, mas o chefe invisível, que é um espírito e o príncipe das potestades do ar (Ef 2.2).

A angústia dos homens, no tempo da quinta trombeta, faz-nos lembrar os sofrimentos do endemoninhado gadareno (Lc 8.26-30). Aqui, esses demônios ou anjos decaídos que não souberam guardar o seu principado, mas aderiram a Satanás em sua rebelião, adquiriram em suas prisões o aspecto terrível como são vistos por João, que bem caracteriza os seus pecados. São apresentados na figura de gafanhotos (devoradores): como cavalos aparelhados para a guerra (atacantes rápidos); com os rostos de homens (ordem e inteligência); com cabelos como de mulheres (vaidosos); com os dentes como de leões (vencedores terríveis); com couraças (bem protegidos); e com asas (velozes, de fácil movimento).

Assim preparados são soltos para execução desse juízo — "*o juízo daquele grande dia*" (Jd 6). Não vieram para causar dano às ervas, nem às árvores, nem às verduras, nem lhes era permitido matar os homens, mas somente atormentá-los por cinco meses, com um tormento semelhante ao do escorpião quando fere o homem. O tormento será tão grande que os homens desejarão morrer, mas a morte fugirá deles.

Sabemos o quanto sofrem os endemoninhados agora, quando os demônios não têm tanta liberdade. Como será naquele tempo, quando os demônios gozarão de plena liberdade e estarão preparados para aplicar esse

tormento?! Ai dos homens que *não têm em suas testas o sinal de Deus*! Os judeus apóstatas serão os primeiros a sofrer a conseqüência triste desse primeiro "ai". Eis que vêm depois disso, ainda dois "ais" .

Sexta Trombeta (9.13-21) — A cavalaria infernal

v. 13. "*E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus...*"

Os ângulos do altar de incenso formavam quatro pontas forradas de ouro (Êx 30.3). Daí partiu a ordem. Não se diz de quem é a voz, como no cap. 6.6, mas, certamente, é de Deus, a quem o incenso é oferecido sobre esse altar, e quem recebe as orações dos santos (8.3,4).

v. 14. "*... a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates.*"

É importante notar que não somente no poço do abismo encontram-se anjos presos para o dia e hora desse juízo. Aqui a ordem é soltar quatro anjos caídos, que estavam presos junto ao rio Eufrates. Foi justamente naquela região que o homem foi criado; onde pecou e caiu; de onde foi desterrado; onde foi praticado o primeiro homicídio e onde originou-se a "grande Babel" que muito tem enganado as nações com a sua fábula satânica de "Rainha do céu" (leia Jeremias 44.17-19; Ezequiel 8.6-14).

v. 15. "*E foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para a hora, e dia e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.*"

O segundo "ai" difere muito do primeiro, quando os homens eram apenas atormentados. É muito triste saber que estas terras onde o Evangelho tem sido pregado serão entregues às trevas infernais. Aqui, é revelada a concentração para a batalha do grande dia da ira de Deus, e lembra a profecia de Ezequiel contra Gogue (Ez 38 e 39). O grande e poderoso exército infernal aguarda a ordem emanada do altar, para o momento e hora daquele juízo.

v. 16. *"E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles."*

v. 17. *"E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saíam fogo e fumaça e enxofre."*

v. 18. *"Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam de suas bocas."*

v. 19. *"Porque o poder dos cavalos está nas suas bocas e nas suas caudas, porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes e têm cabeças e com elas danificam."*

v. 20. *"E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar."*

v. 21. *"E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces."*

O Judaísmo e o Cristianismo apóstatas hão de adorar e obedecer cegamente a Satanás e aos seus dois representantes na Terra (2 Ts 2; Ap 13). Será preparado o grande exército infernal com toda a sua armadura: fogo, jacinto e enxofre, denominada de "armadura ofensiva do inferno". Marcharão primeiramente contra Jerusalém, com o objetivo de riscar do mapa a nação inteira e fazer desaparecer a memória de Israel da face da Terra (Sl 83.4). Não se trata de uma guerra vulgar. A terça parte dos homens (de Israel) será morta, para cumprir-se Zacarias 14.1,2. Será uma cena indescritível. Serão usados os mesmos elementos da destruição de Sodoma e Gomorra: fogo, fumo e enxofre (Gn 19.24,27,28). Hoje, podemos pensar nos elementos de uma guerra nuclear que trarão destruição total e completa sobre a face da Terra. Este será o segundo "ai".

Com toda a evolução da Europa e todos os seus grandes conhecimentos nesta época atômica em que vive o mundo, quando os homens já conquistaram a Lua e trabalham para conquistar os planetas (leia Obadias 1.4), os homens entregam-se à mais grosseira idolatria e perversidade: é indício do regresso ao paganismo (Rm 1.21-32; 2 Tm 3.1-5).

"*Os outros homens*" (v. 29) não se arrependeram e não deixaram as obras de suas mãos (Is 47.9,12). Aqui demonstra a verdadeira idolatria pagã (Dt 4.28; Sl 115.4,7; Is 2.8; Jr 1.16; 25.6,7,14), que se junta à adoração aos demônios. Não adorarão diretamente ao diabo, mas aos demônios, que são os espíritos que tremem ante o julgamento que lhes está reservado (Mt 8.28,29).

"*Não se arrependeram*" de seus homicídios, de suas feitiçarias, de sua prostituição e de sua ladroíce; por isso lhes será destinado o terceiro "ai": destruição e assolação.

10 O ANJO E O LIVRINHO



(Cap. 10.1-11)

v. 1. *"E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo..."*

Aqui é um intervalo que aparece entre a sexta e a sétima trombeta, como também houve entre os selos, compreendido até Apocalipse 11.14.

Este anjo é o Senhor. Antes da abertura do sétimo selo, Ele apareceu na sua dignidade sacerdotal (Ap 8.3); agora, entre o toque da sétima trombeta, aparece da mesma forma, como "Anjo Forte" . Percebemos a sua dignidade real, como Ele se apresenta:

1. Vestido de uma nuvem. Símbolo de glória divina. Deus desceu sobre o monte Sinai em uma espessa nuvem (Êx 13.21; Nm 11.25); quando Salomão edificou o templo, Jeová veio numa nuvem e encheu a casa (1 Rs 8.10,11); há várias manifestações do Senhor em nuvem (Êx 40.34; 19.9; Sl 104.13 Ap 1.7).

2. Por cima da sua cabeça estava o arco celeste. A nuvem fala de juízo divino, de tempestade, de ira, mas

o "arco-íris" fala-nos de misericórdia (Gn 9.12-16), que é a missão do Anjo na Terra;

3. O seu rosto era como sol. A frase é a prova evidente da divina pessoa na visão (Sl 84.11; leia Apocalipse 22.5);

4. Os seus pés como coluna de fogo (leia Apocalipse 1.15,16).

v. 2. *"... e tinha na mão um livrinho aberto, e pôs o pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra..."*

Em Apocalipse 5, o Cordeiro tinha na sua mão um livro fechado; mas o Anjo Forte tem na sua mão "um livrinho" aberto. Era pequeno o livro, porque tratava apenas de uma mensagem de Deus, talvez referente à parte que segue depois de soar a sétima trombeta. Estava aberto para provar a brevidade dos acontecimentos das coisas que nele estavam escritas (leia Deuteronômio 11.24; Josué 1.3; Salmo 8.6).

v. 3. *"... e clamou com grande voz, como quando brama o leão; e, havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes."*

É o leão da tribo de Judá que brama. O Anjo faz ouvir a sua voz majestosa, cheia de poder (Os 11.10; Jl 3.16). É a voz poderosa de Cristo (Sl 68.33). Não foi um grito de angústia nem de terror, mas um brado de poder e de vingança sobre os seus inimigos, que usurpam o domínio da Terra.

Diante daquela voz majestosa, os sete trovões fizeram soar as suas vozes, como um retumbante eco de "améns", confirmando o brado forte do Anjo (leia Jó 26.14; Salmo 29). O trovão representa a voz de Deus no julgamento (1 Sm 7.10; Sl 18.13).

v. 4. *"E sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, mas ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas."*

Alguns acham que o Salmo 29 é a explicação do que disseram os sete trovões, devido à expressão: "A voz do Senhor" está repetida sete vezes. Mas João recebeu ordens para selar o que ouviu e não escreveu (2 Co 12.4); as coisas reveladas são para os homens, mas as encobertas são para o Senhor (Dt 29.29).

v. 5. *"E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu."*

v. 6. *"E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora;"*

v. 7. *"Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos."*

O Anjo Forte visto por João, cujo pé direito estava sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, demonstra que todo o globo terrestre pertence a Cristo, por direito e por resgate (Dn 7.14; Mt 11.27; 28.18; At 2.36; Rm 14.9; Fp 2.9; Hb 1.2; 2.8; 1 Pe 3.22).

Apesar de Jesus Cristo apresentar-se como o Anjo Forte nessa visão, isso não o impede de jurar por *Aquele que vive para todo o sempre*; mesmo sendo, como é, a segunda pessoa da Trindade e haja tomado parte em toda a criação, celeste e terrestre, como verdadeiro Deus. Vemo-lo, todavia, aqui, no lugar de Filho, de

Redentor, de Cordeiro pascal e de Anjo (leia 1 Coríntios 15.26,27; Filipenses 2.5-8).

Ele jurou que *não haveria demora.* Sim, não haverá mais demora para o estabelecimento do Reino de Cristo e início de seu governo pessoal e direto sobre toda a criação de Deus. No seu juramento, Ele diz:

"Nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos". Qual será esse segredo de Deus? Segredo é mistério; e nós já conhecemos, como diz a Bíblia: o "mistério da injustiça" (2 Ts 2.7); "o mistério da impiedade" (1 Tm 3.16) e "o mistério da sua vontade" (Ef 1.9), que é: *"tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra"* (Ef 1.10).

Graças a Deus que vai ser revelado o segredo de Deus. Isso será quando o sétimo anjo tocar a sua trombeta. O poder do mal será aniquilado; Satanás, o usurprador, será preso para sempre; e o reino do Filho de Deus enriquecerá de bênçãos esta mundo exausto e agonizante.

v. 8. *"E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra."*

v. 9. *"E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel."*

v. 10. *"E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo."*

v. 11. *"E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis."*

A mesma voz que João ouvira (v. 4) determinou-se que tomasse da mão do Anjo o livrinho aberto. João obedeceu, e o Anjo, ao entregar-lhe o livrinho, mandou que ele o comesse, avisando-lhe o resultado: tornar-se-ia amargo ao ventre, mas na boca seria doce como mel. A mesma coisa aconteceu com Ezequiel (Ez 2.8; 3.3,15,26). O rolo era doce na boca e no ventre amargo como fel.

Comer é tornar nosso o que comemos (Jo 6.49-58). Aquele que não acha a Palavra de Deus doce (Sl 119.103), nunca a mastigou bem. Mas quantas vezes a mensagem é saborosa quando é transmitida e torna-se amarga quando se cumpre (leia Jeremias 15.16); isto também acontece quando temos que dar ao próximo a mensagem e recebemos em troca perseguição e vitupério (leia 1 Reis 19.1-7; 22.8-28; Mateus 14.1-12).

"*Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e reis*". Para João era demais... Já estava velho, sem esperança. Quando tudo lhe parecia findo na vida terrena, recebe ainda do Senhor esta nova missão. Fala aqui da sua liberdade. Graças a Deus assim aconteceu.

"Quando Nerva assumiu o governo do Império, deu-lhe a liberdade e ele regressou a Éfeso. Policarpo, Papias e Inácio foram seus discípulos. Irineu, o qual foi discípulo de Policarpo, relata que ele continuou a residir em Éfeso até a sua morte, no reinado de Trajano" (Dicionário J. Davis).

João ainda teve oportunidade de falar pessoalmente de todas estas verdades. Agora o seu próprio "Apocalipse" está traduzido em tantas línguas quantas está traduzida a Bíblia Sagrada, dando testemunho e, assim, cumprindo a profecia: "*Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e reis*".

11 AS DUAS TESTEMUNHAS E A SÉTIMA TROMBETA



(Cap. 11.1-19)

Com os primeiros catorze versículos deste capítulo termina o intervalo iniciado em Apocalipse 10.1. Do versículo primeiro ao catorze, há ainda duas grandes visões, assim descritas:

1. O tempo da Grande Tribulação (vv. 1,2);
2. As duas testemunhas (vv. 3-14).

v. 1. *"E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo e disse-me: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram."*

v. 2. *"E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses."*

João, depois que tomou o livrinho da mão do "Anjo Forte" e o comeu, conforme a ordem deste, ficou cheio da mensagem que deveria profetizar. Em seguida, "foi-lhe dada uma cana semelhante a uma vara" (medida com 2,70 metros de comprimento), e o Anjo ordenou ao apóstolo que medisse o Templo de Deus, o altar, e os que nele adoram.

Havia se passado vinte e cinco anos desde que o Templo e a cidade de Jerusalém tinham sido destruídos, quando João escreveu o livro do Apocalipse; porém, no tempo desta visão, os israelitas estarão em grande número em Jerusalém (Ez 36.24; 37.21; 45.13; Lc 21.24), e o Templo estará reedificado. Então será medido juntamente com o altar e os adoradores ali (leia Ezequiel 40.3). Isto significa que chegou o tempo de Deus aceitar novamente o seu povo e abençoar a casa erigida ao seu nome. Leia 1 Reis 9.3; 2 Crônicas 7.15,16; Ezequiel 39.27-29.

Os verdadeiros adoradores se conformarão com as medidas divinas e serão separados (medidos) dos apóstatas e infiéis, que continuarão no *átrio que está fora do Templo.* Eis aqui o cumprimento de Romanos 11.26: "E assim todo Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador e desviará de Jacó as impiedades".

"*O átrio foi dado às nações*", significando terrível condição para o Israel apóstata, que ficará do lado de fora, sob a influência satânica e idólatra (Mt 12.34-45), adorando a Besta e o Falso Profeta.

"*Pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses*" ou 1.260 dias [os últimos três anos e meio da septuagésima semana de Daniel] (Dn 9.27), que é o período da grande Tribulação, em que o Israel fiel será guardado e separado (medido) (leia Apocalipse 12.6).

As duas testemunhas (11.3-14)

v. 3. *"E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco."*

Nesse tempo, o período da Grande Tribulação, tal como nunca houve na Terra (Jr 30.4-7; Dn 12.1; Mt 24.21,22; Ap 3.10), será após a queda da grande "estrela" (Ap 8.10), quando o Anticristo estará no seu apogeu de domínio e força e todo o Israel apóstata curvado perante ele, seguido dos povos gentios habitantes de toda a Terra, época em que também o Israel fiel e os gentios salvos (Ap 7.1-8; 9-17), como pregadores do Evangelho do reino, denodadamente dão a sua mensagem de juízo, aparecem em Jerusalém *duas grandes testemunhas*, incumbidas de profetizar por todo o período de mil duzentos e sessenta dias (ou 42 meses), vestidas de saco.

Dois grandes vultos sobressairão dentre os verdadeiros adoradores naquela época, assim como foram usados por Deus Moisés e Arão para falarem a Faraó.

Segundo a lei mosaica, o testemunho de dois é verdadeiro (Dt 19.15). Dois anjos testificaram da ressurreição de Jesus (Jo 20.12), e dois varões vestidos de branco foram testemunhas da sua ascensão (At 1.10). Igualmente, nos dias da Grande Tribulação, Deus levantará dentre a multidão de pregadores do Evangelho do reino, dois grandes líderes, um "Moisés" e um "Elias", dotados de todas as características e milagres operados por esses servos de Deus (Êx 7.19; 1 Rs 17.1).

Alguns ensinam que serão Enoque e Elias, dizendo que os mesmos não morreram e, portanto, precisam falecer, baseados em 1 Coríntios 15.50 e Hebreus 9.27. Vejamos, porém, o que diz Hebreus 11.5: "Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus". Enoque foi trasladado para não ver a morte, visto como alcançou testemunho de que agradara a Deus.

Se Deus o trasladou para não ver a morte, está claro que o mesmo Deus não pode contradizer-se agora, permitindo que o seu servo morra. Compreendemos que Enoque alcançou o grau de santidade e pureza, em tão alta escala, adquirida do próprio Deus com quem andava (vivia interligado: Gênesis 5.22,24), que chegou onde disse o Senhor Deus: "Eis que o homem é como um de nós" (Gn 3.22).

Elias, por sua vez, não sendo tão fiel e importante diante de Deus como Enoque, Deus, no entanto, o trasladou, como prova de seu amor para com o seu servo, isto para demonstrar aos próprios céus como será a trasladação da Igreja. Elias deixou cair a sua capa (2 Rs 2.12-14), simbolizando que despiu-se dos seus andrajos humanos. O que vai acontecer com o arrebatamento ou trasladação da Igreja é a mesma coisa: *todos os crentes fiéis serão tomados pelo Espírito Santo e elevados aos céus.*

Glória seja dada ao Senhor! No momento de serem tomados (num abrir e fechar de olhos) serão transformados, isto é, deixarão os seus andrajos e serão capacitados de entrarem no Céu, diante do trono de Deus, sem necessidade de morrer. Será que Elias ainda precisa morrer? Se assim é, também não haverá a transformação dos vivos (1 Co 15.51,52).

A referência que Jesus fez a Elias comparando-o com João Batista (Mt 17.10-13), não quer dizer que Elias *reencarnou* e veio como João Batista; não, absolutamente não. Jesus apenas confirmou as palavras do anjo a Zacarias: "Não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João; porque será grande diante do Senhor... e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus, e irá diante dele no *espírito e virtude de Elias*, para converter os corações dos pais aos

filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto" (Lc 1.13,15-17).

Isto de acordo com a profecia de Malaquias (Ml 4.5,6). Apenas Jesus estava exemplificando os ministérios de ambos: Elias pregava com autoridade e sem receio (1 Rs 18.22-40), igualmente João fez isso (Mt 3.7-12); Elias enfrentou Acabe, que, apesar de tudo, o respeitava (1 Rs 17.1; 18.17,18; 21.17-24), semelhantemente João Batista enfrentou Herodes, que também o tinha em grande respeito (Mt 14.3,4).

Cremos que naquela época, Deus levantará *dois grandes personagens* dentre os pregadores do Evangelho do reino, talvez um do grupo dos assinalados de Israel e um do grupo dos gentios salvos, que, cheios de poder e virtude de Deus, anunciarão a mensagem do juízo, com o mesmo poder e operação de maravilhas como aqueles dois grandes homens de Deus, no tempo em que estiveram na Terra.

v. 4. *"Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra."*

Em Zacarias 4.3,11,12, o profeta descreve duas oliveiras e dois raminhos de oliveira, que estão junto ao castiçal de ouro. Aqui aparecem *duas oliveiras* e *os dois castiçais de ouro.* Com a interpretação dada a essa visão de Zacarias (cap. 4) e baseados na interpretação de Paulo, com relação à oliveira, que nos fala de testemunho (Rm 11), podemos assegurar que essas *duas testemunhas* representarão naqueles dias em Jerusalém a Palavra de Deus; por isso são chamadas "oliveiras" e, por serem eminentes líderes ou "anjos" que estarão à frente de dois grandes grupos (judeus e gentios), tendo em si a luz do Espírito

Santo, são chamados "castiçais" ou "lâmpadas" (leia Apocalipse 1.20).

v. 5. *"E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto."*

v. 6. *"Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem."*

Como já dissemos, toda a operação maravilhosa será feita no mesmo espírito de Moisés e Elias: *"Fogo sairá de sua boca"* (2 Rs 1.10-12); *"fechar o céu para que não chova"* (1 Rs 18); *"poder sobre as águas para convertê-las em sangue"* (Êx 7.17); *"e ferir a terra com toda a sorte de pragas"*, como fez Moisés no Egito.

João conservava a viva impressão de Cristo no monte da Transfiguração (Lc 9.30), e, quando se descortinou aos seus olhos essa sublime visão das duas testemunhas, pareceu-lhe contemplar aquele maravilhoso quadro e ouvia as palavras de Moisés e Elias.

v. 7. *"E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e as vencerá, e as matará."*

Esta Besta refere-se ao líder do ressurgido Império Romano, sob a "ponta pequena" (Dn 7.8), que unido ao seu grande aliado, o Falso Profeta (Ap 13.12), virar-se-á furiosamente contra os santos de Israel (Dn 7.22,24), e as duas testemunhas sofrerão a morte.

v. 8. *"E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado."*

Em Jerusalém o mal chegará ao seu apogeu, evidenciando a atuação direta do homem do pecado (2 Ts 2.3,4); porém Deus está ao lado dos seus servos. Jerusalém identifica-se com *Sodoma* (Is 1.2,9,10) e *Egito*, lugares estes onde o Senhor, por figura, também foi crucificado.

Sodoma celebrizou-se pela sua maldade (Gn 18.20; 2 Pe 2.6-8; Jd 7); o Egito celebrizou-se pela opressão sobre o povo de Israel (Êx 1.14). Aqui não se refere, absolutamente, a qualquer outra cidade da Terra, mas a Jerusalém tão-somente (Lc 13.33,34).

v. 9. *"E os homens de vários povos, e tribos, e línguas e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros."*

Deus permitiu que Jesus Cristo fosse sepultado (Mt 27.57-60) com todos os requisitos e distinções que bem merecia (Is 53.9); mas graças a Deus não ficou na sepultura; ressuscitou depois de três dias e três noites (Mt 12.40; 16.21; 17.22,23; 20.19; 27.62-66; Mc 9.31; Lc 9.22).

Também *as duas testemunhas* serão mortas, e os seus corpos jazerão ao relento por *três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros.* Deus permitirá isso para que seja evidenciado o seu poder aos olhos de todos, e não aconteça como aconteceu com Jesus, que foi envolvido no embuste dos judeus quanto à sua ressurreição (leia Mateus 28.11-15). Desta maneira, ninguém poderá

negar a realidade, porque será testemunhada *por homens de vários povos, e tribos, e línguas e nações.*

v. 10. "*E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra.*"

O apóstolo Paulo diz: "Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo. Cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre; cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas" (Fp 3.18,19). Estes são os infiéis, apóstatas, cegos e endurecidos, que são classificados entre *os que habitam na terra.* Estudemos ainda: Apocalipse 3.10; 6.9,10; 8.13; 11.9,10; 13.8; 14.6,7; 17.8.

v. 11. "*E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre os seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram.*"

v. 12. "*E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.*"

Depois daqueles três dias e meio (à semelhança de Jesus), veio o Espírito de Deus (leia Ezequiel 37) e foram ressuscitados à vista de todos os seus inimigos o que deixou estes com grande temor e espanto. Deus realizará a sua maravilha e quem o poderá contestar? E foi ouvida uma voz do Céu: *Subi cá* (leia Apocalipse 4.1). *E subiram ao céu em uma nuvem,* à semelhança de Jesus (At 1.9), o que lembra também o arrebatamento de Elias (2 Rs 2.11).

v. 13. *"E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu."*

v. 14. *"É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá."*

Conforme a descrição acima, assim acontecerá. O grande profeta Jeremias, pelo Espírito Santo, adverte em seu livro: "Dai glória ao Senhor vosso Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem os vossos pés nos montes tenebrosos, antes que, esperando luz, ele a mude em sombra de morte, e a reduza à escuridão" (Jr 13.16).

Hoje os homens são advertidos pela Palavra de Deus, sem todavia darem a atenção merecida, a tudo o que está escrito. Nessa época, mesmo forçado pelas circunstâncias de um grande terremoto, que fez *cair a décima parte da cidade e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu,* não houve um sincero arrependimento para buscar a *Deus em verdade.*

A cidade de Jerusalém será destruída parcialmente e a morte atingirá um número positivo e verdadeiro (sete mil), talvez dos mais exaltados e rebeldes, que não glorificaram o nome do Senhor. Os julgamentos continuarão e as "taças da ira de Deus" serão derramadas como demonstração do terceiro "ai" aqui anunciado.

Sétima trombeta (11.15-19) - alegria do Céu

v. 15. *"E tocou o sétimo anjo a trombeta..."*
Com o toque da sétima trombeta, os céus romperam em triunfo, continuando o grande culto de louvor a Deus, que serve de introdução ao relato da luta, cujo fim vitorioso celebram antecipadamente, porque o fato só se torna efetivo depois de passar o terceiro "ai" (Ap 15).

"... e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre."

É anunciada com grandes vozes, vozes de júbilo e de vitória, a impotência dos homens para governarem o mundo. Satanás tem tomado o lugar de eminência; por isso, Deus arrancará das mãos dos homens todo o domínio (Dn 2.44; 7.13,14,27; Lc 1.33). Hoje toda a criação geme (Rm 8.23,24), mas virá brevemente o dia em que será liberada para a glória dos filhos de Deus (Rm 8.20,21).

v. 16. *"E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus* rostos *e adoraram a Deus."*

v. 17. *"Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todopoderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder e reinaste."*

v. 18. *"E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra."*

Em adoração contínua no Céu, e diante daquela imensa alegria de que todos estão possuídos, *os vinte e quatro anciãos prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,* rendendo ações de graças pela grande vitória alcançada:

1. "*Iraram-se as nações, e veio a tua ira*". Os homens rebelaram-se contra o Senhor e contra o seu ungido (Sl 2; leia Jeremias 5.4,5; Lucas 19.14; Atos 4.24-28); mas veio a recompensa de Deus: serão arrancados das suas mãos o domínio e o reino, por causa da indignidade deles. Na sua ira, Deus levará as nações à grande batalha, no dia em que vingar-se de seus inimigos (Is 63.1-6).

2. *"E o tempo dos mortos, para que sejam julgados".* Aqui se refere ao tempo do julgamento dos mortos, que se verificará perante o Trono Branco (Ap 20.11-15). Antes desse acontecimento haverá o julgamento das nações vivas, que terá lugar logo após a vinda de Jesus, quando vier com os seus santos para estabelecer o reino milenar (Jl 3.12,14; Zc 14.4,5; Mt 25.31-46).

3. *"E o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes".* Tempo de galardões ou recompensas àqueles a quem se destina o reino (Mt 25.34). Fala-se aqui dos profetas, dos santos e dos que temem o nome do Senhor, que ainda estarão na Terra.

Refere-se aos "santos do Altíssimo" mencionados por Daniel (7.25-27), e aos gentios "que temem o nome do Senhor", que aguardam como nação o dia do grande livramento (leia Isaías 60.10-13; Apocalipse 21.25,26). Os santos da Igreja nessa época já receberam galardões diante do Tribunal de Cristo (2 Co 5.10); após o arrebatamento com Cristo (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.13-27; leia Isaías 40.10; Apocalipse

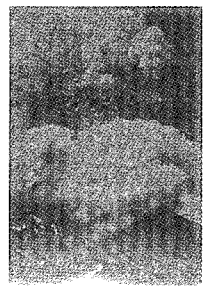
22.12). Os decapitados durante a Grande Tribulação também hão de receber galardões com a vinda de Cristo em glória, e participarão do privilégio da primeira ressurreição (Ap 20.4-6).

4. *"E o tempo de destruíres os que destroem a terra".* Esta referência é alusiva a Satanás e seus anjos. São eles que desde os primórdios da criação lutam para destruir a Terra e seus habitantes. Toda a causa dos sofrimentos, misérias e grandes perturbações havidas na Terra, é infligida por este "mais que maligno" e sua casta de demônios. Eles sabem que já estão julgados (Jo 16.11), e tremem ante qualquer palavra do Senhor (Lc 8.27-33). Satanás é um inimigo vencido. Chegará, porém, o dia da sua completa destruição, quando todos serão lançados no Inferno (Mt 25.41; leia Apocalipse 20.10).

v. 19. *"E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do concerto foi vista no seu templo; houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva."*

Simultaneamente com o ecoar das vozes de triunfo e grande alegria, louvores e ações de graças que registram a continuação do grande culto ao Deus Todopoderoso, *abriu-se no céu o templo de Deus e a arca do concerto foi vista no seu templo.* Isto é um sinal de segurança e da graça de Deus para com os seus santos, que continuaram a louvar o que vive para sempre; mas é também um sinal de efusivos julgamentos para os inimigos de Deus (leia Josué 6), quando será revelado nos relâmpagos, nas vozes, nos trovões, nos terremotos e nas grandes saraivas, todo o ardor de sua ira.

12 A MULHER E O DRAGÃO



(Cap. 12.1-17)

O historiador interrompe o relato em Apocalipse 11.19, para prosseguir no cap. 15.5. No interregno desse acontecimento, o Espírito Santo mostra detalhadamente, em seis itens, as visões do cap. 12. Dá-nos a descrição do reinado da Besta e do Falso Profeta (Ap 13), e ilumina-nos a mensagem por meio das sete visões entre os caps. 14 e 15.4.

A Mulher (12.1,2)

v. 1. *"E viu-se um grande sinal no céu: Uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça."*

Não foi somente João que viu esse grande sinal no céu, mas todos os circunstantes foram testemunhas dessa maravilhosa visão.

Nas Escrituras o povo de Israel e também a Igreja são comparados a uma mulher (Jr 4.31; 6.2; 2 Co 11.2; Gl 4.26; Ef 5.25-27,32). Aqui, porém, refere-se precisamente a Israel, porque foi Israel que deu o berço a

Cristo e à sua Igreja, e todos os povos, línguas e nações receberam a promessa, através do concerto feito a Israel (Jo 10.16; Rm 11.17,18; Ef 2.11,12,17,18).

A mulher é vista simbolicamente:

a. "*Vestida de sol*" — Israel, na Nova Aliança, está na luz do Sol, isto é, Cristo mesmo, como brevemente aparecerá em poder supremo, como o Sol da justiça (Ml 4.2). O povo de Deus serve desde o princípio para iluminar o mundo (Mt 5.14,16; Fp 2.15).

b. "*Tendo a lua debaixo de seus pés*" — Israel, na Nova Aliança, está com os pés firmados na Antiga Aliança. Mesmo na Dispensação da Graça Israel continua a observar a Lei.

c. "*E com uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça*" — Os doze patriarcas e as doze tribos, são uma gloriosa coroa para Israel.

v. 2. "*E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz.*"

O dar à luz um filho sempre traz dores e ânsias também no sentido espiritual (Gl 4.19).

"*As dores de parto*" são uma figura aplicada pelos profetas para designar os padecimentos de Israel (Is 26.17), ou o castigo de que é ameaçado (Mq 4.9).

O Dragão Vermelho (12.3,4)

v. 3. "*E viu-se outro sinal no céu, e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as cabeças sete diademas.*"

Aqui, outro sinal chama a atenção de todos: "*Eis um grande dragão vermelho*". O dragão é Satanás; é chamado grande, porque parece pertencer a uma das or-

dens mais altas de todas as criaturas: "um querubim ungido" (leia Ezequiel 28.15). Era de uma classe de tão grande honra e poder, que o arcanjo Miguel, quando contendia com ele por causa do corpo de Moisés, "não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele" (Jd 9).

O dragão vermelho é figura do autor de toda guerra e homicídio. É visto com "sete cabeças", o que denomina sua excelente sabedoria (leia Ezequiel 28.3) e plenitude em astúcia; tem "dez chifres", que falam do seu poder para ferir e rasgar, e "sete diademas", pleno poder para reinar sobre todo o mundo (leia Apocalipse 13.1).

v. 4. *"E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra..."*

Isso é a revelação da verdadeira personalidade de Satanás (leia Ezequiel 28.12-19), onde ele aparece como "Lúcifer", o querubim protetor que habitava no Éden de Deus e entre as pedras afogueadas andava; mas agora é visto furioso por terem sido frustrados os seus primeiros planos (Is 14.13,14) e arrasta após si a terça parte das *estrelas do céu* [anjos caídos que lhe foram obedientes] (Dn 8.10). E lançou-os sobre a Terra (na conquista pelo mundo). Isto prova mais o seu orgulho e sua presunção.

"... e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho."

Vendo Deus que a sua obra estava magnífica após a criação de todos os animais em suas diferentes espécies, criou o homem à sua imagem, conforme a sua se-

melhança (Gn 1.25,27) e deu-lhe toda a primazia da criação.

Compreendendo Satanás o plano criativo de Deus, fez tudo o que estava ao seu alcance para destruir a obra criada. Na sua astúcia penetrou no Jardim, usando a serpente (Gn 3.1) e, por este meio, tentou a mulher que facilmente cedeu e levou consigo o seu marido (Gn 3.6).

Tendo Satanás arruinado o Paraíso e a vida feliz que vivia aquele casal e, conseqüentemente todas as demais criaturas, Deus prometeu à mulher que lhe daria uma semente pela qual se vingaria da Serpente — o diabo e Satanás (Gn 3.15). Satanás, depois de haver Deus prometido a liberdade ao homem, reforça as suas hostes, e toma medidas para corromper completamente a humanidade procurando evitar, assim, o cumprimento da promessa de Deus.

Conseguindo dominar as nações com os seus ardis, Satanás, em franca guerra contra Deus, oferece toda resistência, atacando em todos os setores, para conservar o mundo (criaturas humanas) em pecado, sob o seu domínio (Jo 14.30). Deus, todavia, levando a nação de Israel (a mulher), a cujo povo reafirma a grande promessa de livramento e, por esse mesmo povo, faz vir o Messias, a semente da mulher, prometida em Gênesis 3.15; leia Gênesis 49.10; Números 24.17; Salmo 60.7; Isaías 9.5,6; 33.22; Lucas 1.32,33.

Cumpre-se aqui o texto: "*E o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho*".

Satanás usou todas as suas artimanhas contra Israel, para evitar o cumprimento da promessa de Deus:

1. No deserto quando o povo pecava a cada passo: voltando-se à idolatria (Êx 32); rebelando-se contra Deus e contra Moisés (Êx 16.7-9; 17.1,2; Nm 11.1-10; 12; 14; 16; 20.7-13; 21.4-9; 25.1-9).

2. Na sua própria terra quando Israel deseja ser como as demais nações vizinhas, pedindo um rei e rejeitando o Senhor (1 Sm 8.6-8).

3. Na divisão do reino de Israel (1 Rs 12.1-26; 2 Cr 10), quando Jeroboão abraça a idolatria e com ela as dez tribos (1 Rs 12.26-33), vindo o reino de Israel a ser disperso e destruído (2 Rs 17).

4. Em Judá, que, por sua própria rebelião contra Deus, sofre trágicos castigos, até o povo ser levado para a Babilônia (2 Rs 24.18-20; 25; 2 Cr 36.11,12).

Satanás, furioso, permaneceu "parado diante da mulher", procurando por toda sorte dominar a nação, subjugando-a, destruindo-a, para evitar a vinda do Messias. "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estão debaixo da Lei, a fim de receberem a adoção de filhos" (Gl 4.4,5): "Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea, porque vós todos sois um em Cristo" (Gl 3.28).

Nascimento, Vida e Ascensão do Messias (12.7,8)

v. 5. *"E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono."*

Nascido Jesus (Is 9.6,7), conforme a promessa (Is 7.14; Lc 1.26-38), o diabo mobilizou todos os seus sequazes para destruir o menino e prejudicar o plano de Deus. Primeiro usou Herodes, o Grande (Mt 2.16); em seguida, por ser Jesus o segundo representante legal da humanidade em lugar de Adão que fracassou miseravelmente, foi o Senhor levado pelo Espírito Santo ao deserto, para sofrer a tentação do maligno e provar a

sua idoneidade para a obra (Mt 4.1-11). Jesus enfrentou Satanás cara a cara e o venceu. Graças a Deus!

Satanás, muito embora vencido, não se deu por derrotado. Tudo fez (usando os judeus) para tentar Jesus (Mt 21.23-27; 22.15-33,34-40; 26.1-5). Usou até Pedro para dificultar os passos de Jesus (Mt 16.22,23). Também usou Judas Iscariotes para tentar o Senhor e vendê-lo (Mt 26.14-16). Por fim, Cristo foi entregue à morte de cruz, ato que traria vitória para Deus e para a humanidade perdida, e derrota para Satanás. Este vinga-se, impondo a mais bárbara e cruel tortura a Cristo (leia Salmo 22; 129.3; Isaías 50.6; 53). Depois de Jesus morrer e ser sepultado, Satanás inspira os judeus a porem uma guarda escolhida no sepulcro, como o último esforço para evitar a ressurreição do Senhor (Mt 27.63-66).

Como Satanás é um inimigo vencido (Is 14.12; Mt 4.10; Lc 10.18; Ap 12.9,10), e está derrotado (Jo 16.33; Tg 4.7; 1 Jo 2.13,14), nada pôde fazer para evitar a execução do plano de Deus quanto à redenção dos homens. Graças a Deus!

Após a ressurreição de entre os mortos, Jesus Cristo ainda passou quarenta dias e quarenta noites com os seus discípulos (At 1.3), instruindo-os em tudo o que diz respeito ao Reino de Deus, até o momento que Deus o *arrebatou para si e para seu trono* (At 1.9-11; Hb 1.3).

O Conflito do Céu (12.5)

Deixando o v. 6 para estudarmos juntamente com os versículos 13 a 17, porque tratam do mesmo assunto, prossigamos no curso dos acontecimentos.

v. 7. "*E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos;*"

v. 8. *"Mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus."*

v. 9. *"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele."*

Muitos historiadores renomados afirmam que esta "batalha no céu" teve lugar com o arrebatamento do Filho ao trono de Deus, isto baseados em Daniel 12.1: "E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta pelos filhos de teu povo".

Esta interpretação, para nós, está certíssima. Lendo com atenção Daniel 12.1, compreendemos Êxodo 23.20 e Daniel 10.13-21. Miguel, um dos príncipes, foi o anjo a quem Deus confiou a guarda de Israel; ele levantou-se várias vezes contra as hostes satânicas em favor do povo de Deus.

Aqui se explica a visão que teve Jesus, quando disse a seus discípulos: "Eu via Satanás, como um raio, cair do céu" (Lc 10.18). Essa confirmação encontramos nas mesmas palavras de Jesus: "Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo" (Jo 12.31).

Triunfo e Alegria no Céu (12.10-12)

v. 10. *"E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite."*

v. 11. *"E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram a sua vida até à morte."*

v. 12. *"Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais..."*

Deus quer purificar a Terra e o Céu de todo o mal (Cl 1.20). Para isso ofereceu o seu próprio Filho (Jo 3.16; Hb 9.23), para consumar a grande obra da redenção. Com essa sublime vitória, que assinala um grande triunfo para o Céu, ficou certa a derrota do grande inimigo de Deus e dos homens, o que significa para a criação o livramento da escravatura e da agonia a que ainda hoje está sujeita (Rm 8.20,21).

O propósito do Dragão era destruir o Filho prometido; porém, foi derrotado fragorosamente e expulso do Céu, ele, o grande acusador, que acusava os santos diante de Deus, de dia e de noite. Ficou selada a condenação de Satanás e de seus anjos (Jo 17.4; 19.30; leia João 12.32). Agora Deus tem constituído um só Mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo, homem (1 Tm 2.5). Cristo, o Justo, o Advogado dos pecadores junto ao Pai (1 Jo 2.1,2). Satanás acusa. Jesus intercede. E a sua intercessão toda-poderosa é baseada no seu sacrifício, e pode manter a nossa posição diante de Deus e inutilizar as acusações do inimigo.

Todos os vencedores, desde os primeiros mártires da Igreja, incluindo os gentios salvos como através do fogo e o fiel remanescente de Israel, são salvos e vitoriosos *"pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de seu testemunho"*. Jamais alcançariam qualquer vitória pelos seus próprios méritos ou porque tenham passado por provas duras e terríveis e até mesmo pelo fogo da Grande Tribulação. Para provar a sua fé em Jesus e a confiança inabalável em seu Deus, *eles não amaram as suas vidas até a morte.*

Diante de tão grande vitória alcançada por Jesus, que culminou com a expulsão de Satanás, o Céu se

regozija e triunfa. Há, todavia, um "ai" de lamentação para os que "habitam na terra".

"... Ai dos que habitam na terra e no mar; Porque o diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo."

Esta é a causa da Grande Tribulação e a nação de Israel será a maior vítima. A morte dos seis milhões de judeus na Alemanha, determinada por Hitler, foi apenas um vislumbre da futura tribulação de Israel.

"*Terra*" aqui não se refere ao mundo ou globo terrestre, mas é uma alusão especial à nação de Israel, cujos dois terços sofrerão tremendo juízo, pois apenas uma terceira parte será remida em Jerusalém (Is 1.21-26; 4.3,4; Ez 22.19-22; Zc 13.8,9), e totalmente purificada, depois do reconhecimento de Jesus Cristo como seu verdadeiro Messias.

Israel Salvo é Guardado na Grande Tribulação (12.13-16,6,17)

v. 13. *"E quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão."*

Quanto não tem sofrido Israel entre as nações durante estes dezenove séculos? Tudo é o cumprimento do que disse o Senhor: "E vos espalharei entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós; e a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas" (Lv 26.33); "Assim saberão que eu sou o Senhor, quando eu os dispersar entre as nações e os espalhar pelas terras. Mas deles deixarei ficar alguns poucos, escapados da espada, da fome e da peste, para que contem todas as suas abominações entre nações para

onde forem; e saberão que sou o Senhor" (Ez 12.15,16). Quantos massacres como no caso da Alemanha, quantas perseguições em massa e quantos escárnios e zombarias o judeu tem sofrido pessoalmente sem nada poder dizer! Só o nome "judeu" é motivo de escárnio e desprezo: tem-se tornado sinônimo de crueldade.

v. 14. "*E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente.*"

v. 15. "*E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar.*"

v. 16. "*E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua boca, e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca.*"

"*Asas de águia*" tipifica a proteção de Deus (Êx 19.4; Dt 32.10-12). Mesmo assim Satanás fomenta ódio mortal contra Israel. Aqui fala de uma investida irresistível (leia Salmo 124; Isaías 59.19), levantando as massas, por meio da propaganda política da *sua boca*, contra o povo de Deus (leia Apocalipse 13.5,6; 16.13,14).

Quando a torrente de água torna-se impetuosa, então a terra (as nações terrenas) oferece a sua ajuda, como no caso da perseguição da Alemanha; como o mar Vermelho ajudou a Israel contra Faraó (Êx 14.27,28); como a terra ajudou Moisés contra Coré e seu grupo (Nm 16); e como, na atualidade, Israel é ajudado pelas nações democráticas.

Deus cumprirá a sua palavra: "Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então no

fim dos dias te virarás para o Senhor teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor teu Deus é Deus misericordioso, e não te desamparará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais" (Dt 4.30,31).

v. 6. "*E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.*"

Eis o período da Grande Tribulação, quando o Israel fiel é assinalado (medido) e também guardado por Deus (1 Rs 19.18; Dn 3), durante todo o período de mil duzentos e sessenta dias. "*Deserto*" significa lugar de isolamento. "*Lugar preparado por Deus*" significa o cuidado de Deus pelo seu povo (Rm 11.1-4). Mas não será a nação toda (Is 10.22,23; Rm 9.27; 11.5); porque haverá uma parte apóstata que obedecerá a Satanás e ao Anticristo (Falso Profeta). Como Deus sustentou Elias na seca (1 Rs 17.1-24) e guardou os sete mil que não dobraram oe seus joelhos a Baal, assim sustentará os israelitas fiéis, os 144.000 assinalados (Ap 7.3,4), no período da Grande Tribulação (Dn 7.8,21,25; leia Daniel 9.25-27).

v. 17. "*E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardaram os mandamentos de Deus e têm o testemunho da Jesus Cristo.*"

Quando Satanás estiver com o completo domínio da Terra (Ap 13), então será manifestada toda a atitude satânica contra a *semente da mulher*, isto é, contra o Israel fiel, que naquela época *guarda os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo*, e que são os pregadores do Evangelho do reino, de onde surgem as duas testemunhas.

13 A BESTA QUE SUBIU DO MAR E A QUE SUBIU DA TERRA



(Cap. 13.1-18)

A besta que subiu do mar (13.1-10)

v. 1. *"E eu pus-me sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres, dez diademas, e sobre as cabeças um nome de blasfêmia."*

Eis que surge do *mar* (dentre as nações: Is 17.12,13; Ap 17.15) uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres... *Besta,* nas Escrituras, refere-se tanto a reinos como a reis (Dn 7.2-7,17,23).

Afirmam alguns teólogos que aqui a besta é o Império Romano ressuscitado, que aparece a João justamente como apareceu a Daniel, como o quarto animal do cap. 7.7. Os dez chifres ou pontas são dez reinos que existirão nesse Império (Dn 7.24; leia Apocalipse 17.7,12,13). A besta será apoiada por todas as nações em troca de promessas fabulosas de "paz e segurança". Visto naturalmente, esse reino será tão magnífico como o reinado de Cristo no Milênio; mas, na realidade, será um reino brutal, animal, evidenciando o

espírito de uma fera (besta). Veja o comentário de Apocalipse 6.1,2 — julgamos ser o cumprimento da visão dos selos.

v. 2. *"E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de um urso, e a sua boca, como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio."*

Nesta forma de revelação, feras ou aves de rapina são símbolos do verdadeiro caráter de um império mundial gentílico, guerreiro e agressor, estabelecido pela força (Dn 7.17). Daniel tinha visto os reinos da Babilônia, Pérsia e Grécia, sob a figura de um leão, um urso e um leopardo (Dn 7.3-6). João vê a besta como semelhante ao leopardo, com pés de urso e boca de leão, tipificando o reinado dela, à semelhança daqueles reinos nos seus diferentes aspectos de governo.

Esta besta, sendo o último e mais perfeito representante dos poderes gentílicos do mundo (como a grande imagem em seu aspecto final: Daniel 2), tem todas as características das precedentes. Ela é, realmente, a quarta besta no último tempo de seu reino; agora revivificada e restaurada no poder de Satanás, que levantará a sua força contra o Rei dos reis e encontrará a sua ruína nas mãos dele, depois que o Senhor e os seus santos reinarem sobre o mundo.

v. 3. *"E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta."*

João não vê aqui o Império Romano de seu tempo, o qual deixou de existir no ano 455 d.C., mas a futura Roma, tal como existirá nos últimos dias da nossa

dispensação. "*A sua chaga mortal foi curada*". Isto prova morte e ressurreição, evidenciando a morte e o ressurgimento político da besta, que coincide com Daniel 9.27, o que se dará na septuagésima semana de Daniel, ou na última metade da semana de anos para Israel.

"*E toda a terra se maravilhou após a besta*". Quantas vezes não tem acontecido um indivíduo arrogar-se agitador de massas, falar contra seu governo, fazer discursos sobre a situação do mundo e sobre a maneira de melhorar a vida na Terra. Logo o tal indivíduo é olhado como um "redentor", um "grande líder". Assim será o surgimento da besta: apresentar-se-á com aspecto singular, como um homem que age entre as massas, sem maldade, mas é dotado de toda a energia satânica e tomará vulto e se engrandecerá; blasfemará ostensivamente contra Deus: toda a terra se maravilhará dele e o seguirá.

A expressão "maravilhou-se" fala não somente do *maravilhar-se* no sentido de aplausos e louvores, mas de *adoração* e endeusamento completos que renderão à besta, a qual será adorada universalmente, como acontecia aos antigos reis, que se julgavam os deuses supremos de toda a Terra.

v. 4. "*E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?*"

O dragão é Satanás (Ap 12.9), o chefe invisível que dirige todo o sistema do mal contra a Terra. A besta, cuja chaga mortal foi curada, a primeira besta, é o chefe supremo do Império Romano restaurado, um chefe político, que terá como sede de seu governo a cidade de Roma. A segunda besta, a que subiu da terra, é o Falso Profeta ou Anticristo, um judeu apóstata e ateísta,

o segundo chefe visível do mais terrível sistema do mal, o qual será empossado como rei de Israel (um dos dez), que tem a sede de seu governo na cidade de Jerusalém. Todos eles exigem adoração e serão adorados, imitando a adoração devida ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

v. 5. *"E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias..."*

Daniel estava considerando as pontas do quarto animal, em sua visão, quando viu a saliência da "ponta pequena" sobre as outras pontas "que possuía uma boca que fala grandiosamente" (Dn 7.8). João contempla o cumprimento dessa visão: a besta (a ponta pequena), arrogante no poder que lhe foi dado, insurge-se contra grandes coisas e blasfema contra o Todopoderoso e sua obra.

"... e deu-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses."

Nas ações iníquas, praticadas pela besta, notam-se as expressões: "foi-lhe dada uma boca"; "deu-se-lhe poder"; "foi-lhe permitido fazer guerra aos santos"; "deu-se-lhe poder sobre toda tribo, língua e nação". Esse poder provém de Deus (leia 1 Reis 22.19-23), que não quer que o mundo pereça na obstinação em que tem vivido (Ez 18.23; 1 Tm 2.4). O homem tem resistido a todos os rogos de Deus em seu favor (Pv 23.26; Is 1.18; Mt 11.28); por isso, Deus vai permitir a toda a humanidade tragar o amargo fruto da sua rebeldia e desobediência.

Durante todo o segundo período da Grande Tribulação, que é de quarenta e dois meses ou mil duzentos

e sessenta dias, ou ainda a última metade da septuagésima semana de Daniel (três anos e meio) será permitido à besta fazer tudo de acordo com o seu propósito e isso até o seu trono ser visitado pelo julgamento de Deus.

v. 6. *"E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu."*

A especialidade do adversário é maltratar e lançar todo o impropério contra o seu inimigo. Assim, a besta, em sua grande campanha, blasfema com todo o ardor satânico, com vingança e ódio contra Deus, contra seu nome, contra o Tabernáculo e contra os que habitam no Céu.

v. 7. *"E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los..."*

Estes santos são "o resto da semente da mulher" (Ap 12-17; leia Daniel 7.25; Apocalipse 11.7).

"... e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua e nação."

"A Grande Tribulação é esse período de angústia sem igual que envolve, de certo modo, o mundo todo (Ap 3.10); mas é, especialmente, o tempo de angústia para Jacó (Jr 30.7), tendo por centro Jerusalém e a Terra Santa. Operará na parte de Israel que terá voltado à Palestina na incredulidade. A sua duração será de três anos e meio, a última metade da última semana da visão de Daniel (Dn 9.15-17; Ap 11.2,3)" (Pequeno Dicionário Bíblico).

v. 8. *"E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto desde a fundação do mundo."*

Esta besta estabelecer-se-á como Deus (leia 2 Tessalonicenses 2.4). Ela é objeto da adoração mundial e também de adoração individual. Haverá, como resultado, uma completa separação: todos a adorarão, exceto aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro. Essa adoração é levada a efeito pela atuação direta da segunda besta, o Falso Profeta, que agirá como agente informativo da grande besta, fazendo milagres em seu nome (leia 2 Tessalonicenses 2.9,10) e levantando uma imagem à besta, a qual todos devem adorar, sob pena de morte (leia Daniel 3.1-6; 12.11; Mateus 24.15; 2 Tessalonicenses 2.4).

v. 9. *"Se alguém tem ouvidos, ouça."*

Os santos, que são perseguidos sob o poder e a vingança da besta, clamam aos céus por misericórdia. E logo, naquela terrível situação de angústia, surge uma palavra de conforto que muito os alegra. *"Se alguém tem ouvidos, ouça"*. É uma palavra de advertência! Uma palavra de esperança! É uma boa nova que está prestes a ser anunciada.

v. 10. *"Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto..."*

Eis a nova que manifesta o cumprimento da justiça de Deus: "Com a medida com que tiverdes medido hão de medir a vós" (Mt 7.2). A violência dos opressores

recairá sobre as suas próprias cabeças: todo o mal feito aos santos do Senhor reverterá contra os inimigos de Deus.

"... Aqui está a paciência e a fé dos santos."

Deus vinga o seu povo (Dt 32.35; Is 1.24). Esta verdade dá alento e maior confiança aos santos que sofrem. Eles não adoraram a besta; mas, por serem impotentes diante de todo aquele poderio infernal, não a puderam vencer: foram levados ao cativeiro e à morte, mas triunfaram na fé e perseveraram na confiança do seu Deus.

A besta que subiu da terra (13.11-17)

v. 11. *"E vi subir da terra outra besta..."*

A primeira besta subiu do *mar* (nações), o que lembra a agitação e o estado de perturbação e instabilidade dos povos em seus governos políticos. A segunda besta subiu da *terra*, símbolo daquela parte do mundo para onde estão voltadas todas as atenções divinas e humanas — a Terra da Promessa — por dependerem dela como verdadeira bússola aos planos e propósitos de Deus, com relação ao bem de toda a humanidade (Gn 12.7).

A primeira besta governará sobre dez reis (Ap 17.12,13); a segunda será um *dos dez*, que, por sua vez, será empossada em Jerusalém como rei de Israel.

Enquanto as duas testemunhas (11.3) anunciam a vinda do reino de Cristo, Satanás faz surgir o falso Cristo com todo o aspecto do Cristo verdadeiro, para fazer acreditar que é a resposta à profecia das duas testemunhas. O povo, falho de discernimento espiri-

tual, deixar-se-á enganar. O Senhor disse: "Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis" (Jo 5.4). Assim se cumprirá essa profecia.

A segunda besta será chamada Anticristo, porque é oposta a Cristo; mantém franca rebelião contra Deus, diz ser o verdadeiro Cristo e ostenta o aspecto exterior de Jesus na operação de sinais sobrenaturais, a fim de enganar todo mundo com milagres e prodígios de mentira (2 Ts 2.9,10). É chamado também de "Falso Profeta", pelos milagres que opera, quer na presença da primeira besta, quer na de todo mundo, "de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens" (vv. 13,14).

Em Jerusalém, entre os judeus, o Falso Profeta operará sinais prodigiosos pelo poder satânico e será o primeiro a assentar-se no templo de Deus, que será reedificado logo no início da restauração do Império Romano (Ez 43.8; 44.7) [leia os capítulos 40 a 44 de Ezequiel, sobre o Templo]. Exigirá que todos o adorem, e se engrandecerá sobre todos os deuses, e contra o Deus dos deuses falará coisas maravilhosas (Dn 11.36; leia Isaías 14.13,14). Os israelitas, no tempo dos macabeus, julgaram ser Antíoco Epífanes esse homem, pelos atos malignos que praticou.

"... e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro..."

Não simboliza força, nem representa potências reunidas. Seu caráter é muito pior do que o da primeira besta. Aparenta ser manso e ter a docilidade de um cordeiro, mas com o único fim de enganar Israel e ser aceito como o seu Messias.

João aponta-o como o verdadeiro Anticristo: "Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também muitos têm feito anticristos, por onde conhecemos que é já a última hora. Saíram de nós (judeus e cristãos), mas não eram de nós (tornaram-se ateístas); porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifeste que não são todos de nós" (1 Jo 2.18,19).

"... e falava como o dragão."

Completamente antagônico a Jesus, mesmo tendo aparência mansa e pacífica, o Falso Profeta usa de muita autoridade e arrogância nas suas palavras. Jesus, no sermão do monte, dizia: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5.3-10). Porém, o Falso Profeta falará como o Dragão, ostentando a sua autoridade e pregando em sentido contrário a este maravilhoso sermão. Jesus omitia-se e não queria que ninguém o propalasse quando fazia algum milagre (Mt 8.4; 9.30; 12.16; etc.), em cumprimento de Isaías 42.1,2; porém, o Falso Profeta apresentar-se-á como um superhomem e fará públicas as suas realizações.

O povo de Israel esperava de Jesus uma atitude forte e agressiva e completa liderança para reinar;

queria que expulsasse os romanos da Palestina e se constituísse rei de Israel. Na multiplicação dos pães, o povo o queria fazer rei (Jo 6), mas Jesus fugiu para o monte. Todo o israelita pensava assim (como também ainda pensam que deveria ser assim) com relação ao Messias, e ninguém compreendia um rei espiritual. Os discípulos também pensavam da mesma maneira, procurando escolher os melhores lugares (Mt 20.20-28). O próprio João Batista, quando no cárcere, teve o mesmo pensamento (Mt 11.2,3), não obstante ser ele testemunha de que Jesus era o Filho de Deus (Jo 1.32-34).

E assim Israel esperava um reino material e poderoso. Foi a maior decepção para eles e seus líderes: Jesus só falava das coisas espirituais, e de um reino espiritual e santo, que seria formado com base no sacrifício dele próprio. Isto porque não podiam compreender o plano de Deus para a salvação de toda a humanidade.

A maneira como o Falso Profeta ou Anticristo se imporá ao povo de Israel, fazendo ouvir a voz do Dragão, revela a sua grande astúcia. Satanás sabe inteiramente o porquê da rejeição de Jesus e assim inspira o seu representante junto a Israel, para preencher todas as medidas exigidas pela nação. Eis porque lhe será fácil a conquista dos apóstatas; mas, o verdadeiro Israel, os assinalados, serão libertos dos ardis satânicos.

Daniel 11.36-39 descreve como o Falso Profeta ou Anticristo viverá em Jerusalém. Ele será um judeu apóstata, verdadeiro ateísta, que não respeitará o Deus de seus pais (referindo-se ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó) e contra o Senhor falará coisas espantosas. É muito importante sabermos que o Anticristo nunca poderia apresentar-se como o Messias, ainda que falso, se não fosse um judeu; porque, de outro modo não seria aceito por Israel.

v. 12. *"E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada."*

Aqui fica demonstrada a aliança entre o Anticristo (a segunda Besta, que é chamada de Falso Profeta pela ação de milagres que opera) e o Império Romano. A restauração do Império ou a cura da sua ferida mortal, será considerada pelos judeus um milagre da parte de Deus em seu favor, mas o Senhor lhe responde pelo seu profeta: "Ouvi, pois, a Palavra do Senhor, homens escarnecedores, que dominais este povo, que está em Jerusalém. Porquanto dizeis: Fizemos concerto com a morte, e com o inferno fizemos aliança; quando passar o dilúvio do açoite, não chegará a nós, porque pusemos a mentira por nosso refúgio, e debaixo da falsidade nos escondemos. Portanto, assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu assentei em Sião uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse. E regrarei o juízo pela linha, e a justiça pelo prumo, e a saraiva varrerá o refúgio da mentira, e as águas cobrirão o esconderijo. E o vosso concerto com a morte se anulará; e a vossa aliança com o inferno não subsistirá, e, quando o dilúvio do açoite passar, então sereis oprimidos por ele" (Is 28.14-17). Esta profecia cumprir-se-á nesse tempo.

Os antigos imperadores exigiam a adoração de seus súditos e consideravam-se deuses. Os magos e falsos profetas mantinham essa adoração supersticiosa aos imperadores (leia Atos 13.6-12; 2 Timóteo 3.8), erigiam suas imagens, colocando-as nos templos de seus deuses para serem adorados. Assim procederá o Anticristo, exercendo a sua função de Falso Profeta.

v. 13. *"E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens."*

v. 14. *"E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida de espada e vivia."*

Diz Paulo a Timóteo: "E, como James e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé" (2 Tm 3.8). Esses dois magos ou falsos profetas tudo fizeram para desmoralizarem Moisés ante Faraó: lançaram as suas varas e as transformaram em serpentes (Êx 7.12); as águas do rio se tornaram em sangue (Êx 7.22); fizeram subir rãs sobre a terra do Egito (Êx 8.7); mas reconheceram que era o dedo de Deus e nada puderam realizar quanto à praga dos piolhos (Êx 8.18,19). Assim o Anticristo *"faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens"*. E para melhor agradar a besta, sugeriu que se fizesse sua imagem, a fim de que fosse adorada, colocando-a no templo de Deus em Jerusalém (esta é a abominação da desolação: Mateus 24.15), fazendo cessar todos os sacrifícios e ofertas de manjares, os ritos sagrados de Israel (Dn 9.27).

v. 15. *"E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta."*

Satanás é o autor dessa operação. O "*espírito*" que foi dado à imagem da besta é apenas "*movimento*" e não vida. Só Deus pode dar a vida.

João jamais poderia compreender, na época em que viveu na Terra, como poderia uma estátua falar, se não possuísse espírito; eis porque ele diz que foi concedido ao Falso Profeta *que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse.* Mas, o Anticristo ou Falso Profeta é mentiroso e enganador em todos os aspectos. Por isso cremos na hipótese de uma grande mistificação, apresentada com técnica. É tão comum para nós, que vivemos neste século, ver autômatos da aço andando e trabalhando, fazendo coisas que admiram; bonecos fazendo acrobacias, mexendo com os olhos, andando e saltando, falando e tocando instrumentos, tudo por ação de aparelhos especializados, que dão origem a todos estes feitos; robôs com cérebro eletrônico.

Contamos de "um grande milagre", acontecido em Belém do Pará pelo ano de 1948: "A santa que chorava", cujas lágrimas foram vistas por milhares de curiosos, que afluíam de toda parte e de todas as camadas sociais à casa de D. Zenóbia, à Avenida Conselheiro Furtado. E o que foi? Simplesmente embuste e artimanha maquiavélica para ganhar dinheiro: uma pequena aplicação nos olhos de uma figura (quadro) da "Senhora das Graças", que algum tempo depois transformava-se em pequenas bolhas, imitando lágrimas. Como não poderá fazer também esse homem inspirado pelo Inferno coisas semelhantes?

A idade gentílica começa com a adoração obrigatória de uma imagem de escultura (Dn 3), e assim, no término do gentilismo, é feita uma imagem e imposta a sua adoração, sob pena de morte (leia Daniel 3.15). Israel no tempo das maravilhas de Deus no Egito e no deserto, mostrou-se propenso a abandonar os cultos a Deus para prostrar-se diante do bezerro de fundação (Êx 32.1-6); semelhantemente, o povo do tempo do

fim abandonará o Senhor para prostrar-se diante da imagem da Besta (Ap 9.28,21).

v. 16. "*E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na mão direita ou na testa...*"

"Na antiga dispensação, Deus exigia que todos os machos do povo da Israel tivessem uma marca no corpo, a circuncisão (Gn 17.10-13,21,23-27; Js 5.2,5). Deus proibiu que fizessem qualquer outra marca (Lc 19.28). Na nova dispensação, há uma marca, um selo espiritual (Ef 1.13; leia Marcos 16.17). No apocalipse há outros exemplos de marcas especiais: 1. Os 144.000 receberam uma marca na testa (7.1-8; 14.1-3); 2. Os habitantes da Nova Jerusalém terão o nome de Deus nas testas, para sempre (22.4). O Falso Profeta, querendo imitar a obra do Espírito Santo, também experimentará sua marca. Mas todo o que se deixar assinalar, e conseqüentemente adorar a besta, receberá de Deus a devida punição (14.9-11)." [Extraído do livro *A Visão de Patmos.*]

O povo terá que submeter-se à vontade da besta, e quem se recusar a obedecer será morto. Todos serão marcados com um sinal na mão ou na testa. Os fiéis preferirão morrer a aceitarem a submissão à vontade da besta.

v. 17. "... *para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número de seu nome.*"

Conhecemos vários casos de crentes que foram habitar em algumas cidades, onde ficaram impossibilitados de comprar até alimentos para dar aos seus filhos,

porque eram crentes em Jesus Cristo, pois o chefe religioso proibiu que o comércio atendesse aos servos de Deus. Já de agora sabemos como será duro naquele tempo para os fiéis que não hão de submeter-se ao sinal da besta e à sua adoração: todo o trabalho ou comércio e as coisas indispensáveis à vida lhes serão negados.

Com essa atitude do Falso Profeta, romperam-se todos os concertos estabelecidos pela besta, cumprindo-se literalmente Daniel 7.25: Israel será entregue nas mãos da besta por *um tempo, e tempos, e metade de um tempo* (a metade da septuagésima semana de Daniel, ou três anos e meio, ou 1.260 dias ou ainda 42 meses, os dias da Grande Tribulação (Ap 11.3; 13.7). Será movida uma grande perseguição religiosa, jamais igualada no mundo inteiro, contra os israelitas assinalados (os 144.000: Ap 7.1-8; 12.13-17), que se constituirão uma força contra a besta em todo o mundo e especialmente dentro da Jerusalém; e também contra as novas igrejas cristãs, formadas pelos "salvos como que através do fogo", os quais sofrerão decapitação (Ap 7.9-17); também contra a "Babilônia Mística", da qual já falamos e ainda falaremos mais tarde. Ela será destruída e arrasada (Ap 17.16,17); e, enfim, contra tudo o que se adora (2 Ts 2.4,5).

v. 18. "*Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta; porque é o número de um homem; e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.*"

"Nenhum ímpio entenderá, mas os sábios entenderão" (Dn 12.10); "O que é espiritual, discerne bem tudo" (1 Co 2.15). O sinal, o nome da Besta e o núme-

ro do seu nome não são conhecidos. Mas sabemos que um dia Deus revelará aos seus fiéis.

"O número 666". Os entendidos buscam as interpretações e fazem muitos cálculos, com vários nomes, para encontrar o número da besta. Diz alguém: sete é o número completo e perfeito, é o número de Deus (veja nota sobre o número sete: Ap 1.4), mas seis é o número incompleto e é o número do homem, ao qual sempre falta uma coisa para ser perfeito. Aqui temos o número "seis" três vezes, e significa a humanidade caída, cheia de orgulho, desafiando a Deus. O número 666 significa "o dia do homem" em desafio a Deus, na sua alucinação, sob o poder de Satanás (leia Isaías 14.12-15; Atos 12.20-23).



(Cap. 14.1-20)

Primeira visão (14.1-5)

O CORDEIRO E OS SEUS REMIDOS NO MONTE SIÃO

v. 1. *"E olhei, eis que estava o Cordeiro sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em sua testa tinham escrito o nome dele e o de seu Pai."*

"No estudo de Apocalipse 13, vimos homens adorando a besta; agora a visão nos dá um maravilhoso quadro dos 144.000 redimidos adorando o Cordeiro. João viu o *Cordeiro sobre o monte Sião.* A cidade de Davi era Jerusalém (1 Rs 8.1). O templo foi edificado no monte Moriá (2 Cr 3.1); o palácio de Davi, no monte Sião (2 Sm 5.7-9). *Monte Sião* é o lugar escolhido como sede do glorioso reinado da Cristo e seus santos durante o Milênio (Is 2.3; Mq 4.1,2). Sião também é o símbolo do lar dos remidos e do lugar de adoração eterna do povo a Deus" (Hb 12.22-24). [Extraído do livro *A Visão de Patmos.*]

Estes 144.000 nada têm a ver com a Igreja. Os anciãos referidos (v.3) são distintos dos 144.000, e incluem e representam a Igreja.

Os russelitas, também conhecidos por testemunhas-de-jeová, querem afirmar que os 144.000 são o número dos que hão de ser salvos, dentre todas as nações e através de todos os tempos, e os únicos redimidos. Mas, aqui, cai por terra esse ensino herético, porque são os anciãos que representam a Igreja, e esses 144.000 são os assinalados de Apocalipse 7, onde inclui todo o remanescente de Israel salvo pela vinda do Libertador (Rm 11.26).

v. 2. *"E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas."*

v. 3. *"E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra."*

João ouve uma voz maviosa do céu, *como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão* (expressa o grande número dos que cantavam), vozes de harpas com o seu som melodioso. Eram os gentios salvos, os mártires da Grande Tribulação, que foram decapitados pelo testemunho de Jesus (Ap 7.9-17); e que agora cantavam, diante do Trono, dos anciãos e dos seres viventes, um cântico novo (Ap 5.), que ninguém pode aprender. Eles cantavam no Céu, triunfantes e alegres, diante do Trono, enquanto os seus companheiros dentre os judeus, aqueles que formaram ao seu lado, aqui na Terra, em luta pela pregação do Evange-

lho do reino, contra as duas bestas que, igualmente, sofreram os horrores da Grande Tribulação. Estavam na Terra, triunfantes e felizes, no monte Sião com o Messias e Salvador, gozando já da bem-aventurança do Milênio, onde ouviam e aprendiam o maravilhoso hino da vitória.

v. 4. *"Estes são os que não estão contaminados com mulheres, porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro."*

v. 5. *"E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus."*

Este testemunho escrito da parte do Senhor, em favor daqueles que lhes são fiéis, é uma demonstração do reconhecimento de Deus pelos seus servos (leia Salmo 32.2; João 1. 47; Romanos 2.28,29; 9.6,7).

"*São virgens; não se contaminaram com mulheres*". Isto não quer dizer que os 144.000 são somente homens, ou são somente meninos recém-nascidos como quer interpretar alguém. Esta expressão equivale dizer: "Eles não se corromperam com a idolatria e corrupções prevalecentes na Terra" (leia Jeremias 51.7; Daniel 11.38; Apocalipse 17.1-5).

"*São os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá*". Não se refere aqui à Igreja, a Esposa (leia Cantares 5.1; 2 Coríntios 11.2; Efésios 5.25,27), mas à reconciliação ou retorno de Israel ao Senhor (leia Jeremias 31.32,33; Ezequiel 11.19,20; 36.27,28; Oséias 2.16-23). Por essa razão o Senhor levará as nações a juízo (Jl 1.1-3).

"*São as primícias compradas dentre os homens*". "Primícias. Nome que se dava à parte das coisas que os

israelitas adquiriam para oferecer a Jeová (Lv 22.12; Nm 5.9; 18.8; 31.28,29). Os primeiros frutos colhidos, penhores das futuras messes, pertenciam ao Senhor. Em favor do povo levariam uns molhos de espiga na festa dos pães asmos e dois pães na festa da semana (Lv 23.10,17). Em proveito individual cada um levaria ao Senhor as primícias do fruto de sua terra" (Êx 23.19; Dt 26.1-11) [Dicionário J. Davis]. Os 144.000 são as primícias dentre os israelitas comprados para Deus e para o Cordeiro.

"*Na sua boca não se achou engano, porque são irrepreensíveis*". Diz Sofonias: "O remanescente de Israel não cometerá iniqüidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa, porque serão apascentados e deitar-se-ão, e não haverá quem os espante" (Sf 3.13).

Segunda visão (14.6,7)

UM ANJO PROCLAMA O EVANGELHO ETERNO

v. 6. "*E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo...*"

v. 7. "*... dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.*"

Há um só Evangelho (1 Cr 15.14; Gl 1.8). Este Evangelho é eterno no plano de Deus, desde a fundação do mundo (leia Romanos 3.25; Efésios 3.9,11; Colossenses 1.26; 1 Pedro 1.20). O Evangelho pregado nessa oca-

são é o do reino (Mt 24.24), cujos pregadores serão os fiéis restantes do povo de Israel e os gentios salvos como através do fogo.

Anjo, aqui, não prova ser uma criatura angelical. *Anjo* significa *mensageiro*, e esse mensageiro pode ser um homem. Podemos dizer: É um portador das boas novas com uma mensagem escrita, própria para a época. A mensagem distingue-se do Evangelho da graça, pelo espírito. Na graça a mensagem é amor e misericórdia, mas aqui a mensagem é de juízo.

O Evangelho eterno significa o Evangelho da época, com a mensagem às nações, tribos, línguas e povos, como uma ordem expressa vinda do Trono: "*Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora de seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas*" (leia o Salmo 96).

Terceira visão (14.8)

OUTRO ANJO ANUNCIA A QUEDA DA BABILÔNIA

v. 8. "*E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu! Caiu Babilônia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição!*"

Um segundo anjo anuncia a queda da grande Babilônia. Este epíteto, tomado de Daniel 4.20, está ligado ao nome de Babilônia (Ap 17.5), que significa grande *confusão* ou *pandemônio*. Babilônia é uma figura de iniqüidade religiosa; não é propriamente a Igreja Romana em si, como dizem, mas uma comunhão de credos, igrejas e seitas dentro da própria cristandade, liderada, ecumenicamente pela Roma papal (Ap 17.9; leia 1 Pedro 5.13). Sua queda é celebrada por antecipação, de acordo com Isaías 21.9, e está descrita

nas visões de Apocalipse 17 e 18, onde Babilônia é vista como uma mulher *que deu de beber e embriagou a todas as nações com o vinho de sua fornicação, o que equivale dizer: arrastou à idolatria* (Jr 51.7).

Quarta visão (14.9-12)

UM TERCEIRO ANJO ANUNCIA O JULGAMENTO DOS ADORADORES DA BESTA

v. 9. *"E seguiu-se o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber o sinal na testa ou na mão..."*

v. 10. *"... também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos e diante do Cordeiro."*

v. 11. *"E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome."*

A quarta visão é uma *contra-ordem divina* ao edito da besta: *"Seriam mortos todos os que se recusassem adorar a besta e a sua imagem, e não recebessem o sinal na testa ou na mão"* (Ap 13.15,16). No apogeu de sua vanglória diziam: *"Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?"* (Ap 13.4). Agora a sentença saiu do Trono, com dura manifestação do juízo de Deus contra os adoradores da besta. Alguns são levados a desculpar-se: receberam a marca na testa, mas não no coração; porém, nenhum culpado poderá evitar o juízo de Deus (Sl 75.8; Is 51.17; Jr 25.15) e Deus não tem "o culpado por inocente" (Êx 54.7; Nm 14.18; Na 1.3).

"*O vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado*". O vinho é derramado puro, isto é, o juízo será sem misericórdia.

"*Será atormentado com fogo e enxofre*". Este tormento terrível será individual; cada um padecerá eterno sofrimento (leia Apocalipse 20.10; 21.8). Ao fogo, para torná-lo muitas vezes mais quente, é adicionado enxofre. O reino de Sodoma e Gomorra foi destruído com fogo e enxofre, que o Senhor fez chover desde os céus (Gn 19.24). A segunda morte é a eterna separação de Deus "no lago que arde com fogo e enxofre" (Ap 21.8), lugar onde serão atormentados, para sempre, os adoradores da besta, e isto na presença dos santos anjos e do Cordeiro, que lhes aparecem na glória, cuja presença lhes aumentará o remorso e a dor (Lc 16.23).

"*E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre*". A fumaça produzida pelo fogo e o enxofre daquele lago é eterna (Is 34.10). Seu suplício é sem fim e nunca terão repouso. Só em Cristo está o descanso para a alma aflita (Mt 11.28), graças a Deus. Porém, "horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31).

v. 12. "*Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.*"

João, diante de tão assombroso quadro, exorta os santos à paciência e à perseverança (leia Apocalipse 13.10) e a guardarem fielmente os mandamentos de Deus: "Porque esta é a caridade de Deus; que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados" (1 Jo 5.3; leia Miquéias 6.8; João 14.15,21,23; 2 João 6). Paulo diz: "Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Je-

sus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior, para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus" (Ef 3.14-19); "Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do Evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda a criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro" (Cl 1.23).

Parafraseemos o texto: Aqui está a recompensa dos santos, adquirida pela sua paciência e pela fiel guarda dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus.

Quinta visão (14.13)

A BEM-AVENTURANÇA DOS MORTOS

v. 13. *"E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam."*

Uma voz do Céu, a voz de Cristo (10.4), ordena a João escrever, especialmente para encorajar aos que recusaram aceitar o sinal da Besta.

Eles, que não receberam o selo do Espírito Santo como os crentes fiéis de hoje; que consideram a morte

uma derrota infringida pelo inimigo, e não apenas uma transição para uma vida melhor com Deus, precisavam de uma afirmativa consoladora da parte de Deus, que lhes garantisse a vida do além túmulo. Aqui está o Senhor respondendo e ordenando a João escrever: "*Bem-aventurados* (felizes no superlativo) *os mortos que desde agora morrem no Senhor*". Não é exclusivamente sofrer o martírio; é, do modo geral, morrer firme na fé em Cristo (1 Co 15.20; 1Ts 4.16). O Espírito Santo lhes afirma ainda que, embora venham a perder o fruto de seus trabalhos aqui na Terra, *as suas obras os seguem*; hão de receber tudo em glória no Céu, sem fatigas e sem sofrimentos.

Será grande o contraste entre "os bem-aventurados mortos" e os que receberam a marca da besta, aqueles que descansam dos seus trabalhos, mas estes não têm repouso nem de dia nem de noite, e o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre.

Sexta visão (14.14-16)

A CEIFA DA TERRA

v. 14. "*E olhei, e eis uma nuvem branca e, assentado sobe a nuvem, um semelhante ao Filho do Homem, que tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro e, na mão, uma foice aguda.*"

v. 15. "*E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e sega! É já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura!*"

v. 16. "*E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada.*"

O Senhor Jesus Cristo apresenta-se aqui como o Filho do homem. Com este título Ele se apresentará quando vier para reinar sobre o mundo (leia Daniel 7.13; Mateus 24.30,31; Apocalipse 1.7).

"A ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos; o trigo é separado do joio" (Mt 13.36-43). É o cumprimento de Joel 3.12-17, quando as nações são congregadas no vale de Josafá, para juízo (Jl 3.2,11-14). Esta é apenas uma visão simbólica daquele juízo.

Alguns intérpretes dizem que o personagem do v. 14 não é Cristo, porque recebe ordem de outro anjo (v. 15), e sua ação é paralela à do anjo do v. 17. Mas aqui, o anjo não está dando ordem e sim, à semelhança dos três anjos dos vv. 6,7,9 que anunciavam o juízo, também sai do santuário (11.19), de junto de Deus, e publica a sentença.

Sétima visão (14.17-20)

A VINDIMA DA TERRA

v. 17. *"E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda."*

v. 18. *"E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras!"*

v. 19. *"E o anjo meteu a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus."*

v. 20. *"E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios."*

Dizem grandes teólogos: "A vinha da terra compreende toda apostasia religiosa do mundo: 'É o dia da vingança do nosso Deus'. Cumprir-se-á, finalmente, o Salmo 83. As suas palavras são aplicáveis a esse tempo do fim (Is 34.1-8; Jr 25.15,16,30,31)".

Por antecipação, João viu como será realizado o grande triunfo do povo de Deus: O grande e poderoso exército, cujo número irá muito além da perspectiva humana (Ap 9.13-21), com toda a sua "armadura do inferno": fogo, fumaça e enxofre, lança-se, numa cena indescritível contra Israel, com todo ardor maligno. "Jerusalém será tomada, as casas saqueadas, as mulheres forçadas e a metade dos habitantes da cidade será arrastada para o cativeiro" (Zc 14.2).

Dentro da maior angústia e desmaiando ante o terror aflitivo implantado no momento, sofrendo a mais cruel dor imposta pelos instrumentos de Satanás, será Israel arrastado ao martírio e ao degredo.

Justamente, na planície de Jezreel, nas terras de Megido; no mesmo local onde serviu de teatro às mais sangrentas lutas de Israel, onde os israelitas por ação de Baraque derrotaram Sísera (Jr 5.19,20). Onde Azarias lutou contra Jeú (2 Rs 9.27); Faraó Neco contra Josias (2 Rs 23.29), etc.; nesse mesmo lugar onde Zacarias, lembrando esse último encontro, profetizou ser o ponto central do juízo de Deus.

Apressando-se, em socorro de Israel, vem do Céu seu glorioso e sublime Messias à frente de suas hostes celestiais (Ap 19.11-16). Cumprir-se-á Apocalipse 16.15: Cristo vem também *como vem um ladrão*, subitamente sobre as hostes que se arrasam. Estarão em plena luta: Israel sendo arrastado e massacrado, todos

em verdadeira carnificina e destruição total; serão surpreendidos pela presença majestosa do Senhor. Tomados de surpresa, muito embora fosse plano de Satanás evitar a manifestação de Jesus em glória, ficarão os grandes exércitos em verdadeiro pânico e procurarão fugir, juntamente, quando se cumprirá a seguinte passagem: "...e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?" (Ap 6.15-17). [Jesus Cristo é o Salvador de toda a humanidade, em todas as épocas.]

O alvo principal é destruir o povo de Israel, mas essa ação trará vingança de Deus sobre as nações opressoras: "O dia da vingança está no meu coração" (Is 63.4); "Porque a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e o seu furor sobre os exércitos delas; ele as destruiu totalmente e as entregou à matança" (Is 34.2).

"*O lagar foi pisado fora da cidade*" (v. 20). Jerusalém é a cidade em referência. Fora da cidade significa a Palestina em seu todo — 41.400 quilômetros quadrados. Diz Joel, em sua visão profética desse mesmo acontecimento: "*O lagar está cheio*".

"*E saiu sangue do lagar, até os freios dos cavalos*". Será muitíssimo mais horrendo que a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., quando, diz o historiador Josefo, na cidade correu tanto sangue, que o fogo em muitas casas se apagou.

"*Pelo espaço de mil e seiscentos estádios*". Formar-se-á um grande rio de sangue, cuja torrente atingirá 50 quilômetros, mais ou menos.

As visões de Apocalipse 14 chegam evidentemente ao término dos julgamentos na própria vinda do Se-

nhor. A manifestação do Anticristo é respondida pela manifestação do Cristo que, como o dia, termina a noite. Nas taças de Apocalipse 16 há a destruição do mal, enquanto as visões anteriores classificam, de maneira divina, os objetos da ira. As taças dão-nos detalhadamente a sucessão dos acontecimentos.

15 O CÂNTICO DA VITÓRIA



(Cap. 15.1-8)

Este capítulo contém uma introdução aos vv. 1-4, os quais são uma parte da seção precedente daquele grande parêntese constituído das visões dos caps.12,13,14.1-4, de Apocalipse, seguindo-se as visões das sete taças, que anunciam as últimas sete pragas, quando é consumada a ira de Deus (Dn 11.38).

Visão dos anjos (15.1)

v. 1. *"E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus."*

No cap. 14, Deus revela-nos os seus propósitos, dando-nos uma ampla visão dos acontecimentos que se hão de seguir. A ceifa e a vindima só se realizarão depois de derramadas as taças do cap. 16. Neste versículo, são vistos, antecipadamente, os sete anjos com as sete taças, complemento da ira de Deus, cuja manifestação foi iniciada com a abertura do sexto selo. Depois, o Senhor vem para fazer a colheita, executando a sua

vingança; então pisará o lagar do vinho da sua ira (Is 63.1-6) e tratará os habitantes da Terra conforme a sua justa justiça (Ap 19.15; Sl 3.8).

O mar de vidro (15.2-4)

v. 2. *"E vi um como mar de vidro misturado com fogo e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro e tinham as harpas de Deus."*

v. 3. *"E cantavam o cântico da Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor, Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos!"*

v. 4. *"Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos."*

Novo quadro antecipa a continuação da história. Este prelúdio em que se reúnem os cânticos de Moisés e do Cordeiro recorda a descrição semelhante que inaugura a visão dos sete selos (4.9-11) e das sete trombetas (8.3-5). A glória de Deus é exaltada no momento em que os juízos vão ser executados. O "mar de vidro", que de acordo com Apocalipse 4.6 está diante do trono de Deus, simboliza a sua graça e serve de refúgio aos vencedores da besta. Aqui o "mar de vidro" está misturado com fogo, sinal das provas de Deus pelas quais passaram os vencedores. Tudo agora está transformado. Na Terra a besta tirou-lhes a vida, tendo uma

aparente vitória; mas a vitória foi dos fiéis de Deus. Na Terra dizia-se com arrogância: "Quem é semelhante à besta?" (Ap 13.4); no Céu, os vencedores, cheios de júbilo e gratidão a Deus, cantam: "Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome?"

O Cântico de Moisés é, de acordo com vários intérpretes, o que lemos em Êxodo 15 e o Cântico do Cordeiro é o que João nos deu em Apocalipse 5.9,10. Trata-se aqui de um "solo", cujas palavras o autor chama de "Cântico de Moisés" e "Cântico do Cordeiro", para assinalar a unidade indissolúvel de ambos os pactos, com os quais se há de cumprir a redenção.

Os vencedores da grande carnificina e martírio promovidos pelas nações agora salvos, em pé na praia do mar de vidro, no Céu, cantam e louvam ao Todo-poderoso, por seu grande livramento; compare Êxodo 15, quando todo o povo de Israel, na praia do mar Vermelho, cantava o cântico da vitória sobre os egípcios.

Os sete anjos com as sete taças cheias das últimas pragas (15.5-8)

v. 5. *"E, depois disto, olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu."*

v. 6. *"E os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do templo, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelo peito."*

v. 7. *"E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre."*

v. 8. *"E o templo encheu-se com a fumaça da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no*

templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos."

Com o v. 5 desde capítulo, o historiador volta ao relato do cap. 11.19, isto é, João, depois de revelar as visões dos caps. 12 e 14, volta ao fio da história que começará a relatar sobre o anjo ao tocar a sétima trombeta (11.15).

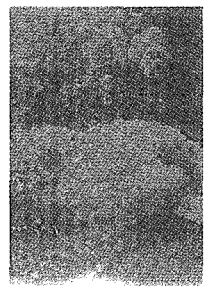
Diz o cap. 11.19: "*E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do concerto foi vista no seu templo*". Do mesmo modo afirma o v. 5: "*e eis que o templo do tabernáculo do Testemunho se abriu no céu*".

Os sete anjos que vinham para ministrar o serviço saíram do templo, prontos e bem ataviados, para executarem o mandado do Senhor. *Seus vestidos eram de linho puro e resplandecente*, símbolo de pureza e *estavam cingidos com cintos de ouro*, sinal da justiça divina. Nestas condições, receberam de um dos quatro animais as sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. Nas salvas está o complemento da ira de Deus: o derramamento é muito rápido e o seu efeito ultrapassa tudo quando já aconteceu.

"*O templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do poder; e ninguém podia entrar no templo*". Lembra a dedicação do Templo em Jerusalém (1 Rs 8.10,11; 2 Cr 5.13,14). Mas aqui não é uma nuvem que enche o Templo e, sim, o fumo da glória de Deus, que simboliza juízo (Êx 19.18; Is 6.4). Deus, na sua justa indignação e no ardor de sua ira, rompe em chamas de julgamento sobre a humanidade extraviada (Sl 97.3; 2 Ts 1.7,8). "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31); "Porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12.29; leia Isaías 33.3-14).

Não havia lugar para intercessão: o tempo da misericórdia era passado, e Deus levantou-se para julgar a Terra (Êx 7.3,7-9).

16 AS TAÇAS DA IRA DE DEUS



(Cap. 16.1-21)

v. 1. *"E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus."*

Chegamos ao fim da série dos juízos de Deus. É do Templo, agora como corte de julgamento dos inimigos de Deus, que sai a grande voz, que ordena: *"Derramai as salvas da ira de Deus sobre a terra! Derramai!"* significa o complemento da ira divina (Jr 10.25). *"Terra"*, aqui, é a forma de governo existente, o mundo da Besta.

Já dissemos que os juízos manifestados com os toques das trombetas serão complementados ao serem derramadas as taças da ira de Deus.

Primeira taça (16.2) — a chaga: juízo sobre o trono da Besta

v. 2. *"E foi o primeiro e derramou a sua taça sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem."*

Esta primeira praga é semelhante à que caiu no Egito (Êx 9.9-11). Aqui são atingidos todos os adoradores da Besta, mormente os judeus apóstatas que possuem o seu sinal. O que para eles parecia vitória e grande privilégio, começou ser derrota e sofrimento. Havia tanta vantagem em servir a Besta e o Falso Profeta... Agora, começa uma chaga má e maligna a atormentar as suas vidas na terra.

Segunda taça (16.3) — morte dupla

A expressão "má e maligna" bem demonstra o caráter dessa chaga (ferida incurável produzida por Satanás), que é o fruto obtido pelos servidores dos demônios.

v. 3. "*E o segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda alma vivente.*"

Lembra aqui a primeira praga do Egito (Êx 7.19-14). Sugere que deixou de existir a moralidade e mostra a morte em duplo sentido, por uma apostasia completa. "O mar tornou-se como morto, e morreu toda a alma vivente": duas vezes morto (Jd 12.13).

"Não é do homem que caminha o dirigir seus passos" (Jr 10.23). A presunção do homem em opor-se a Deus, leva-o a receber o castigo que a sua própria culpa merece. Quando o homem quer dirigir-se por si mesmo, isso lhe resulta a morte. Só há uma esperança para cada homem e para toda a humanidade: deixar-se dirigir por aquele que conhece os passos de cada indivíduo. Somente Jesus Cristo pode fazer isso (Jo 2.24,25).

O 'mar", aqui, representa os gentios e, literalmente, pode-se entender o que acontecerá na abertura do segundo selo, que é apenas o início desse julgamento.

Com a abertura do segundo selo "*a paz é tirada da terra*" (Ap 6.3,4). Iniciam-se as manifestações de desagrado ao governo da Besta; surgem guerrilhas e atos subversivos com tanta agressividade que atingem completamente um dos reinos da Besta (Ap 8.8,9) — segunda trombeta — resultando a morte da terça parte dos habitantes da Terra. Completando esse juízo, que vem da parte de Deus contra os homens ímpios, é derramada a segunda taça: a própria Besta com a sua poderosa força atinge essas nações rebeladas. Essas criaturas já estão mortas espiritualmente; cumpre-se literalmente a abertura do quarto selo: "*sangue como de um morto*". E ainda são mortas excessivamente as criaturas existentes nessas nações: "*duas vezes morto*" (Jd 12,13). Além da morte espiritual de que já foram vítimas, serão atingidos em massa pela morte física. O morticínio é tão grande que essas nações são vistas como um mar de sangue coagulado. É o resultado calamitoso do reinado da Besta.

Terceira taça (16.4-7) — retribuição de Deus

v. 4. *"E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue."*

v. 5. *"E ouvi o anjo das águas que dizia: Justo és tu, ó Senhor, que és, e que eras, e santo és, porque julgaste estas coisas."*

v. 6. *"Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também tu lhes deste sangue a beber; porque disto são merecedores."*

v. 7. *"E ouvi outro do altar, que dizia: Na verdade, ó Senhor, Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos."*

Considerando os julgamentos, verificamos a semelhança da terceira taça e da terceira trombeta, com a diferença que as águas se tornaram em sangue. O sentido aqui também é simbólico, porque "rios simbolizam a vida de uma nação (Ez 29.3) e "fontes de águas" simbolizam as origens de influência que atuam sobre essa vida (Jr 6.7). Com a terceira trombeta a vida do povo ficou envenenada moral e espiritualmente; agora, estará morta.

"E ouvi o anjo das águas". Como ficou dito, o sentido aqui também é simbólico. Isto não quer dizer absolutamente que as águas tenham "anjos" ou "guarda das águas" ou ainda "mãe-d'água", como existem doutrinas falsas que admitem isto. "Águas" são povos, multidões, nações (Ap 17.15). "Anjo das águas" refere-se ao anjo autorizado a guardar as nações atingidas por esse julgamento (leia Êxodo 23.20; Daniel 10.13,20).

Deus é louvado pelos seus justos juízos. Assim como eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, Deus lhes retribui da mesma maneira, dando-lhes sangue a beber. Cremos que aqui seja a continuação da catástrofe sucedida com o derramamento da segunda taça. É justo que Deus condene os perseguidores de seu povo a beberem sangue, literalmente falando, para assim compreenderem o que significa a morte em seu duplo sentido, isto é, apenas uma prova dada como antecipação do lago de fogo e enxofre.

João ouve uma voz vinda do altar; é o próprio Altar dos Julgamentos que fala. Exemplificando: encontramos o sangue de Abel falando (Gn 4.10), e o altar é a base dos juízos de Deus, que nos fala da morte de Cristo. Deus ouvirá também a voz dos santos mártires, desde Abel até os da Grande Tribulação (Ap 8.5). A implacável ira de Deus, santo e justo em seus juízos, fi-

nalmente cairá sobre os homens culpados, porque acima da morte de todos os santos e profetas está a morte de Cristo (Hb 12.24) requerendo do Trono uma resposta segura e firme.

Quarta taça (16.8,9) — o sol

v. 8. *"E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo."*

v. 9. *"E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória."*

Simbolicamente, o sol aqui representa a suprema autoridade do Império Romano. Mostra a crescente, mas justa, severidade da mão de Deus; quanto a ser derramada a quarta taça sobre o "sol", sugere uma angústia intensa (Dt 32.24; Ml 4.1). Nota-se a diferença entre os vv. 1 e 2 do cap. 4 de Malaquias.

Diz o texto que "foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo". Aqui, admitimos o mesmo simbolismo da quarta trombeta (Ap 8.12). A Besta (o sol), sentindo-se eclipsada em seu poder e prestígio, pela situação reinante (guerras, escaramuças, atos subversivos) entre seus súditos, arremessa-se contra os descontentes (que passam a ser suas vítimas) para exterminá-los com fogo, isto é, os exércitos e toda força poderosa da Besta abrasarão e destruirão completamente os seus adversários, com todo o seu poder bélico. "Haverá guerra até o fim", confirma o anjo a Daniel (Dn 9.27).

"E os homens foram abrasados com grandes calores". Fala do efeito dessa praga sobre as consciências

dos homens (porque é Deus executando os seus juízos), que, mesmo assim, não se humilharão e nem se arrependerão, embora "*abrasados com grandes calores*" (destruídos pelas próprias armas da Besta), ainda permanecerão em seus propósitos de desobediência e endurecimento de coração contra Deus, e continuarão a blasfemar do nome do Deus Todo-poderoso, do Deus que possui o supremo domínio sobre o mundo que lhe pertence, e "*tem poder sobre estas pragas*", e que poderia vir em defesa deles.

No Egito, quando tinham de confessar que as pragas eram de Deus (Êx 8.18,19), os egípcios, ao invés de se arrependerem, endureciam mais o coração. Da mesma maneira são os súditos da Besta e do Falso Profeta; depois de conhecerem que as pragas são de Deus, não se arrependerão para lhe darem glória.

Quinta taça (16.10,11) — reino tenebroso

v. 10. *"E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e os homens mordiam a língua de dor."*

v. 11. *"E, por causa das suas dores e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu e não se arrependeram das suas obras."*

Nas primeiras quatro taças, as quatro divisões da natureza também são simbolicamente representadas por: a *terra*, o *mar*, os *rios* e o *sol*. A primeira e quinta taças atingem especificamente o reino da Besta, ferindo-o na sede de seu poder. Tinham dito: "*Quem é semelhante à besta e quem pode pelejar contra ela?*" (Ap 13.14). Aqui o Senhor responde na sua ira. A própria Besta (chefe do Império Romano) e o Falso Profeta

(Anticristo) são reservados para uma terrível condenação (Ap 19.20) e os que se associam ao governo daquele reino caem sob a mão de Deus.

Na quinta trombeta como na quinta taça, encontra-se evidenciada "a profundeza de Satanás" (Ap 2.24): Satanás agindo em sua plenitude — será solta uma casta de demônios, mais que maligna (Ap 9.1-12), que está reservada para esse juízo (1 Pe 2.4; Jd 6). Ali os sofrimentos infernais atingirão as nações de um modo geral; aqui serão destinados exclusivamente à Besta, na própria sede de seu império. O reino tornar-se-á plenamente "tenebroso", isto é, ficará inteiramente coberto pelo poder das trevas espirituais: Satanás, com completo domínio sobre os homens, age à vontade sobre seus demônios infernais (Leia o comentário sobre a quinta trombeta (Ap 9.1-12).

O trono da Besta começou a ser visitado "*com uma chaga má e maligna*" (primeira taça: Ap 16.2), e, nessa oportunidade, Satanás em plena demonstração de sua malignidade arremessa-se contra o trono da Besta, cirandando com os súditos mais diretos (leia com atenção Lucas 8.26,27), onde se mostra uma pequena sombra do que é um endemoninhado; nessa ocasião, será mil vezes pior. Os vassalos da Besta *morderão as suas próprias línguas de dor*, à semelhança dos que sofrerão no lago de fogo (Mt 25.30), tal é o sofrimento produzido pelas chagas em conseqüência das primeiras cinco pragas.

Sexta taça (16.12) — preparação para a grande batalha

v. 12. "*E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente.*"

Deus fez secar o mar Vermelho. Fez secar também o rio Jordão em tempo de enchente. Vai fazer secar ainda o Eufrates, o grande rio de 2.165 Km de comprimento, de 3 a 10 metros de profundidade e de 200 a 400 metros de largura.

Também está profetizada a seca do Nilo, o grande rio do Egito (Is 11.15). Assim, o caso da sexta trombeta (Ap 9.13,14) e da sexta taça aqui referidos demonstra que o rio Eufrates como um dos limites do Império Romano, uma espécie de barreira que divide o Oriente do Ocidente, uma vez seco, permitirá a marcha dos reis do Oriente à Terra Santa. Aqui é quando se cumpre a Palavra: "Deus congregará as nações para derramar sobre elas a sua ira" (Sf 3.8; leia Joel 3.2).

Pequeno parêntese — prelúdio da batalha do grande dia da ira de Deus (Ap 6.17; 16.13-16)

v. 13. *"E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs;"*

v. 14. *"Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso."*

Já encontramos um parêntese entre o sexto e o sétimo selos, entre a sexta e a sétima trombetas; agora é entre a sexta e a sétima taças.

A trindade satânica deixará sair de sua boca *três espíritos imundos, os quais vão ao encontro dos reis de todo mundo* para os congregar para aquele grande dia do Deus Todo-poderoso. O dragão (Satanás) usará a Besta (chefe do Império Romano) e o Falso Profeta

(Anticristo), para provocar o movimento político e militar, de que há de resultar o ajuntamento das nações, que serão arregimentadas na terra de Israel, especialmente contra os duzentos milhões que formam a "cavalaria infernal" (Ap 9.13-19), isto é, os exércitos dos reis do Oriente, a fim de cumprir-se Isaías 63.4: "Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o ano dos meus redimidos é chegado"; "Congregarei todas as nações, e com elas entrarei em juízo" (Jl 3.2); "Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuição pela luta de Sião" (Is 34.8); porque o desejo de todos é o extermínio de Israel (leia mais Salmo 110.5,6; Zacarias 12.1-9).

Estes espíritos de demônios farão maravilhas diabólicas e levantarão um grupo de nações contra outro grupo (Ag 2.22).

Quando Cristo aparecer, já as nações estarão em guerra cruciante, em extermínio completo. Satanás estará furioso, preparando os seus exércitos para uma destruição final. Jesus, pessoalmente, fará cessar a luta e todos em pânico procurarão esconder-se da sua presença. Os que arrogantemente resistirem a Ele, serão mortos pelo sopro da sua boca.

v. 15. *"Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas."*

Eis a grande advertência do Senhor, através de toda esta dispensação. Para o arrebatamento da Igreja, Cristo *vem como vem o ladrão de noite* (Mt 24.43,44; leia Lucas 21.34). Será um momento inesperado para muitos. Paulo diz: "Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como o ladrão" (1 Ts 5.4). Quem não vigiar

e não se der por avisado sofrerá a perda da grande bem-aventurança.

Também Cristo *virá como vem o ladrão*, subitamente, sobre as hostes reunidas. Estarão em plena luta e serão tragados e surpreendidos pela presença majestosa de Jesus.

v. 16. *"E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom."*

Armagedom é um nome simbólico dado por João à cena da última grande luta espiritual descrita em Apocalipse 20.7-19: *"E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou. E o diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre".*

Origina-se da expressão *"Gogue e Magogue"* (Ez 38.11), e é mencionada em 2 Crônicas 35.22: "Vale de Megido", que significa "lugar de multidões". É um nome sugestivo de terríveis conflitos e perturbações.

Sétima taça (16.17-21) — está feito

v. 17. *"E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito!"*

A sétima e última taça é derramada no ar. Já estudamos que Satanás passou a habitar no espaço, tor-

nando-se "o príncipe das potestades do ar" (Ef 2.2). Cremos que "as hostes espirituais da maldade" (Ef 6.12) foram atingidas, pois o propósito de Deus é extinguir completamente o mal de toda a sua criação.

A grande voz do Trono, ecoando em todo o Céu, vinda do Templo: "*Está feito*". Jesus disse: "Está consumado", ao concluir a obra da redenção, pelo oferecimento de sua vida na cruz do Calvário (Jo 19.30). Agora tudo tem chegado à consumação. Chegou o fim de toda oposição e da destruição das obras humanas feitas sem Deus (Is 2). É o golpe final da justiça de Deus contra a Besta e o Falso Profeta. Aqui, é quando a "pequena pedra" bate nos pés da grande estátua, destruindo-a completamente (Dn 2).

v. 18. "*E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto.*"

Vozes, trovões e relâmpagos, a continuação do grande julgamento manifestado no Céu e confirmado na Terra pelo grande terremoto. No estudo desde livro vimos vários terremotos, porém nenhum é descrito com tanta ênfase e realidade.

v. 19. "*E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira.*"

Jerusalém é designada por "a cidade santa" (Ap 11.2); para ela o Senhor tem um ajuste de contas especial (Is 28.17-21; Os 12.2; Mq 6.2); o Senhor reunirá Israel em Jerusalém e a purificará de todas as suas

escórias, "como se funde a prata no meio do forno" (Is 1.21-28; Ez 22.19-22). Mas "a grande cidade", aqui, entendemos referir-se a Roma (Ap 17.18), a qual é a cidade "que reina sobre os reis da terra", sede do Império Romano ressuscitado.

Será, portanto, Roma fendida em três partes e todas as cidades das nações cairão. Tornar-se-á o mundo um verdadeiro caos, porque todas as cidades ficarão em completa ruína. O Rio de Janeiro, Nova Iorque, Londres, Paris, enfim as grandes e pequenas cidades da Terra ficarão reduzidas a escombros.

Deus lembra-se da grande Babilônia. Não se refere aqui à capital do Império Babilônico, onde foi edificada a Torre de Babel (Gn 11.1-9), cujas profecias vaticinadas contra ela foram já literalmente cumpridas (Is 6.1,2; 13; 14.1-23; 21.1-10; 47.1-3; Jr 50; 51). No cap. 51, comparando com 50.26, disse Jeremias, que ela seria reduzida a montões, tal como existe hoje. Mas, aqui *Deus lembra-se* da "Babilônia mística", cuja queda foi anunciada e celebrada por antecipação, no cap. 14.8: "*para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira*".

v. 20. "*E toda ilha fugiu; e os montes não se acharam.*"

Lembra a abertura do sexto selo (Ap 6.14), o prelúdio desse acontecimento que terá o seu real cumprimento nesse tempo.

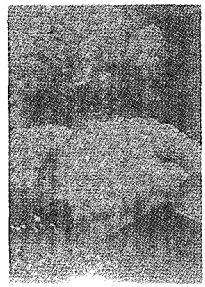
Já dissemos que a Terra mudará a sua configuração, tornando-se quase reduzida ao caos, em que se encontrava no princípio, conforme Gênesis 1.2, para o Senhor criar "novos céus e nova terra", onde habita a justiça (Is 65.17; 2 Pe 3.13) e preparar um novo mundo para os seus santos (Is 51.16; 66.22).

v. 21. *"E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva, porque a sua praga era mui grande."*

Enquanto são destruídas as cidades, com grande alvoroço e morte, a confusão torna-se maior pela mudança brusca de lugares, sítios e povoações inteiras situadas nas ilhas e montes. Toda a humanidade fica em verdadeira perplexidade e turbação, e ainda cai do céu sobre os homens uma grande saraiva (chuva de granizo), cujas pedras pesam, cada uma, um talento, ou seja, trinta quilos.

Ó Senhor, salva mais e mais os pecadores agora.

17 A MULHER ASSENTADA NUMA BESTA



(Cap. 17.1-18)

v. 1. "*E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas;*"

v. 2. "*Com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição.*"

Um dos sete anjos que executavam as ordens do juízo das taças convida João para ver de perto "*a grande prostituta que se assenta sobre muitas águas*", cuja condenação é motivada por ter contaminado os reis e a todos quantos habitam na Terra, os quais se embebedaram com vinho da sua prostituição.

v. 3. "*E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobra uma besta de cor escarlate, que estava cheia de nomes de blasfêmia e tinha sete cabeças e dez chifres.*"

Sem hesitar, João deixa-se levar pelo anjo. Sem dizer palavra alguma, e em espírito, foi transportado a um deserto, onde viu com espanto uma mulher, que é a grande prostituta, a grande Babilônia, cuja condenação já fora anunciada desde os céus com grande júbilo (Ap 14.8). Ela cavalgava sobre uma Besta cor de escarlata que tinha sete cabeças e dez chifres.

Sem dúvida alguma, trata-se da "Besta" que subiu do mar, do cap. 13, representada aqui com todas as suas características: sete cabeças e dez chifres, de cor de escarlata (poder outorgado pelo dragão vermelho e suas características). Ela estava no deserto, tipificando o seu poder universal; e também estava "*cheia de nomes de blasfêmias*", significando as suas atividades contra Deus.

A mulher estava assentada sobre a besta. Compreende-se que haverá uma submissão direta, talvez oriunda de um pacto amistoso do Império Romano ressuscitado (a Besta) ao poder religioso que dominará na época, a mulher, cujo chefe é a grande "estrela" referida em Apocalipse 8.10 (leia nosso comentário).

v. 4. "*E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia de sua prostituição.*"

A mulher é vista aqui pouco antes de sua condenação, e o anjo mesmo se incumbe de falar a seu respeito. Ela está trajada de púrpura e muito bem adornada com ouro e pedras preciosas, demonstrando-se grandemente atraente em sua aparência falsa e também está vestida de escarlata, que é a cor predileta de Roma. Tem na sua mão um cálice de ouro, cujo conteúdo diz das profundezas da iniqüidade que oferece a povos,

línguas e nações, sobre os quais está assentada (muitas águas).

"*O cálice está cheio das abominações e imundícia da sua prostituição*", cuja bebida tem embriagado os habitantes da Terra. Dois grandes males são aqui manifestos: "*abominação*" (idolatria, adoração de imagens) [leia Deuteronômio 7.25,26,4,5; 12.2,3 1 Samuel 15.23; 2 Reis 25.13; Isaías 44.19; Ezequiel 16.30] e "*imundícia da sua prostituição*" (corrupção) [leia Gálatas 5.19-21; Efésios 5.3-5; Colossenses 3.5,6).

v. 5. "*E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições da Terra.*"

Mistério é segredo ainda não revelado. A besta estava cheia de nomes de blasfêmias, mas a mulher tinha em sua testa o nome: *Mistério.* Não se trata aqui do "Mistério da injustiça" (2 Ts 2.7), que se refere a uma pessoa, o homem do pecado, o Anticristo ou Falso Profeta, que será destruído por Cristo na sua vinda. Aqui, refere-se à mulher, ao poder religioso, que será destruído pelos dez reis e pela própria Besta (17.16,17), antes da vinda de Cristo para julgamento.

v. 6. "*E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.*"

Vejamos o que diz o professor W.G.Moorehead:

"A prostituta é a cristandade alienada de Deus e inteiramente secularizada. Esta é a nossa mais solene convicção. Cremos que o romanismo é o principal objetivo desta terrível profecia. Mas a organização católica grega, como ela é na Rússia e no Leste da Europa, como também o protestantismo infiel estão envol-

vidos e incluídos na predição. Começaremos com a identificação do romanismo com este símbolo. É o romanismo oficial e hierárquico com que estamos tratando, não o corpo de aderentes ao sistema. A realidade histórica e a descrição profética aqui traçadas são tão exatas e perfeitamente idênticas que não dão margem a um engano.

"Roma papal diz ser mãe e chama a si mesma de 'mãe de todas as igrejas', a senhora e mestra de todos os cristãos. O papa arroga a si a autoridade sobre todos eles e sobre o mundo. Em 1825, o papa Leão XII emitiu uma medalha, que tinha de um lado a sua própria imagem e do outro a Igreja de Roma, simbolizada por uma mulher, tendo em sua mão esquerda uma cruz e na direita um cálice, com a legenda: *Sedet super universum*, isto é, *'O mundo inteiro é o seu trono'*. Se pudesse, ela dominaria ainda" (Ap 17.15).

A "mulher" tem sede numa cidade de sete montes (Ap 17.9-18). Por mais de mil anos Roma (a cidade) e o papado têm sido considerados praticamente como uma e a mesma coisa. Ainda hoje Roma é o papado. Nenhuma outra cidade é chamada a "cidade dos sete montes"; nenhuma outra tem governado sobre a Terra. A Roma pagã governou o mundo por séculos. A Roma papal tem durante muitas eras empunhado o domínio em nosso planeta como nenhuma outra cidade. É em Roma que a mulher "está assentada". A cidade e o sistema são coalescentes.

O nome inscrito na testa da prostituta indica um sistema religioso apóstata, e em seu primeiro plano está o romanismo. Cada coisa no culto desta enorme organização é envolvida em mistério, com o propósito de impressionar os homens com seus segredos e sua secreta autoridade sobrenatural. Seu uso persistente de uma língua morta, a celebração da missa, seu con-

fessionário, sua pretensa absolvição, sua pretensão de fixar os destinos dos homens mesmo no mundo invisível, seus ritos e cerimônias místicas, seus vestuários sacerdotais, seus movimentos, atitudes e artifícios, tudo se envolve em mistério. Tudo é combinado para revestir o sistema de um misticismo só encontrado no antigo ritualismo pagão. A Igreja Grega também é caracterizada pela semelhança das feições pagãs, ainda que um pouco menos acentuada.

A conexão da prostituta com o poder mundial (cavalgando sobre este) é percebida no domínio universal que o papado arroga a si. Ele quer para Roma a supremacia sobre os povos e governos. Nem sempre Roma tem podido exercer sua arrogante pretensão, mas quando pode, faz. Até hoje a Sé de Roma reclama sua absoluta supremacia sobre todas as nações, sobre todos os governos e povos. Não é união com o Estado que ela quer, mas domínio sobre o Estado. De domínio sobre as autoridades civis, é a posição que pretendem as "igrejas nacionais", quer protestantes, quer católicas, ou gregas. Roma exalta sua autoridade sobre todos os países e igrejas.

Ela cavalga ou procura cavalgar o poder universal para sujeitar a si toda a autoridade e governo.

A mulher de escarlata é intolerável perseguidora: ela é vista embriagada com o sangue dos santos. Aqui novamente o paralelismo entre o símbolo e o sistema religioso apóstata é maravilhosamente perfeito. Contai, se puderdes, as vítimas da obra sanguinolenta de Roma no mundo, suas crueldades e assassínios. É duvidoso se a Roma pagã matou mais seres humanos que a Roma papal. Neste respeito Roma não é a única culpada. A igreja grega e alguns grupos protestantes têm igualmente tingido suas mãos no sangue de alguns dos mais nobres e puros filhos de Deus. Não é sem uma profun-

da significação que a prostituta é trajada de escarlata e carmesim: ela é de índole sanguinária, e está tingida de sangue.

A prostituta é a "mãe das abominações", ou seja, é idólatra: imagens, relíquias, seres humanos ("os santos") e anjos são objetos de devoção em toda a cristandade apóstata. A virgem Maria, com a vasta multidão de seus adoradores, tem um lugar de veneração muito mais alto do que teve *Minerva* na Grécia, *Ceres* em Roma, ou *Diana* em Éfeso. A oração a ela excede à do Filho e à do próprio Pai. Nada provoca mais facilmente a ira dos seus fanáticos devotos do que o ensino de que Maria, bem-aventurada como foi, por ser escolhida para dar o berço ao Filho de Deus, não tem parte em nossa salvação, não pode fazer coisa alguma para nos livrar do pecado e nos reconciliar com Deus. Desde que Pio IX oficialmente proclamou o dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, esta foi colocada em um lugar de eminência e autoridade nunca dantes alcançado. Acrescentando-se a isto o dogma da infalibilidade papal, decretado em 1870 pelo Concílio do Vaticano, pode-se compreender a que altura de arrogância e blasfêmia este sistema romano tem chegado.

v. 7. *"E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres."*

João ficou grandemente admirado vendo a mulher com todo aquele aparato, pelo que o anjo prontificou-se a revelar-lhe todo o mistério, tanto da "mulher" como da "besta". Graças a Deus, aqui não deixa confusão, mesmo que nas interpretações humanas não haja entendimento, porque aqui é o próprio anjo que revela.

Quem é a Besta? (17.8-17)

v. 8. *"A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição. E os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá."*

Eis a revelação sobre a "Besta", que nos apresenta neste versículo os quatro estados do Império Romano:

1. "*Foi*". Um período de existência. Os anais da História dizem-nos que Roma começou a ser uma potência no ano 754 a.C. Foi República até o último século a.C., época em que se tornou Império. Durante cinco séculos foi um Império poderoso mas, no século V, as tribos germânicas começaram a vibrar-lhe golpes formidáveis na região ocidental.

2. "*Já não é*". Um período de ausência — a cidade de Roma foi destruída e, durante os séculos que se seguiram, os turcos e os sarracenos demoliram a parte oriental do Império Romano; hoje, Roma existe, as instituições romanas existem, mas não o Império Romano.

3. "*Há de subir do abismo*". Sua volta procedente do abismo. Esta terceira fase prevista aproxima-se da sua realização. Satanás fará reviver o império e imprimirá nele o cunho do seu caráter. Devemos distinguir entre ressurgimento da Besta (Império Romano) e a revivescência satânica. Ao iniciar-se a septuagésima semana de anos da profecia de Daniel, já o império estará formado, mas a revivescência satânica só ocorrerá no meio da semana, o que coincide com a expulsão de Satanás do Céu (Ap 12). O que João vê neste versículo (8) é a aurora da restauração do Império: "Está prestes a subir".

4. "*Irá à perdição*". Sua ruína é a fase final da existência do Império Romano, império que o Senhor julgará quando vier no seu poder; então lançará a Besta (chefe do Império Romano) juntamente com o Anticristo, ambos vivos, no lago de fogo (Ap 19.20).

"*E os que habitam na terra se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá*". Ainda com a palavra os intérpretes: "Quando o império, animado pelo espírito satânico tomar a sua última forma, todos se admirarão, exceto os remidos de entre os judeus que ainda vivem na Terra. Satanás fará subir do abismo um poder a que ele mesmo dará forma, sujeitando-o ao seu domínio. Sob as características de um império, oculta-se um caráter diabólico. Os homens hão de maravilhar-se e adorarão tanto a Satanás como aos seus instrumentos humanos (Ap 13.4-12). Naquele tempo os santos na Terra serão o remanescente dos judeus cujos nomes estão inscritos no Livro da Vida. Esses não se deixarão enganar. Dentro da esfera da cristandade, à vista da espantosa maravilha — o reaparecimento da Besta — todos se deixarão dominar, exceto aqueles santos.

v. 9. "*Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.*"

João é advertido a compreender bem a visão, a fim de não interpretar ou julgar nesciamente.

"*Aqui há sentido, que tem sabedoria*". Requer muita atenção e de algum modo um exame nítido e perfeito, para se ter o conhecimento certo.

"*As sete cabeças são sete montes*". A cidade de Roma está situada sobre o rio Tibre e é, como já dissemos, a cidade universalmente conhecida por "cidade das sete colinas".

E a mulher está assentada sobre eles, demonstrando fixidez e posse.

v. 10. "*E são também sete reis: cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo.*"

v. 11. "*E a besta, que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.*"

Sete cabeças ou sete sistemas sucessivos de governo civil e político completam a história do império, desde o seu início até o final.

"*Cinco já caíram*" ou já passaram:

1. A dinastia dos sete primeiros reis: Rômulo, Pompílio, Túlio Hostílio, Anco Márcio, Tarquino Prísco, Sérgio Túlio e Tarquino, o Soberbo (de 754 a 510 a.C.).
2. A realeza foi abolida e o governo foi confiado aos cônsules, cujo poder era absoluto (de 510 a 300 a.C.).
3. A República (de 300 a 58 a.C.).
4. O Primeiro Triunvirato: Júlio César, Pompeu e Crasso (de 58 a 44 a.C.).
5. O Segundo Triunvirato: Lépido, Antônio e Otávio (de 44 a 31 a.C.).

"*Um existe*". É o sexto sistema, um governo imperial, com as suas sete dinastias, sob o qual João foi desterrado para a Ilha de Patmos, no reinado de Domiciano. Era a forma de governo existente nos dias do apóstolo.

Primeira dinastia, os Césares: Augusto (Otávio), de 31 a.C., a 14 d.C; Tibério, de 14 a 37 d.C; Calígula, de 37 a 41 d.C; Claúdio, de 41 a 51 d.C; Nero, de 51 a 68 d.C; os três: Galba, Olhão e Vitellio, de 68 a 69 d.C.

Segunda dinastia, os Flávios: Vespasiano, de 69 a 79 d.C; Tito, de 79 a 81 d.C; Domiciano, de 81 a 96 d.C.

Terceira dinastia, os Antoninos: Nerva, de 96 a 98 d.C; Trajano, de 98 a 117 d.C; Adriano, de 117 a 138 d.C; Antonino Pio, de 138 a 161 d.C; Marco Aurélio, de 161 a 180 d.C; Commodo, de 180 a 192 d.C.

Quarta dinastia, os Severos: Pertina e Didio, 193 d.C. (os dois alguns meses); Septimo Severo, de 193 a 213 d.C; Caracolla, de 213 a 217 d.C; Macrino, de 217 a 218 d.C; Heliogabalo, de 218 a 222 d.C; Severo Alexandre, de 222 a 238 d.C.

Quinta dinastia, a anarquia militar: Gordiano III, de 238 a 244 d.C; Valeriano, de 253 a 260 d.C; Aureliano, de 270 a 276 d.C; Probo, de 276 a 282 d.C; Dioclesiano, de 284 a 305 d.C. São estes os principais imperadores.

Sexta dinastia, acordo entre Licínio, de 313 a 323 d.C; e Constantino, de 313 a 337 d.C; e os três filhos de Constantino: Constantino II, Constante e Constâncio, de 337 a 361 d.C.; Juliano, de 361 a 363 d.C; Valentiniano e Valente, de 363 a 378 d.C; Teodósio, de 378 a 395 d.C.

Sétima dinastia, divisão do império em Ocidente e Oriente: Honório, primeiro filho de Teodósio, reinou no Ocidente, de 395 a 424 d.C; e Arcádio reinou no Oriente, de 395 a 408 d.C. Com a morte de Arcádio desapareceu o poderio romano no Oriente, ficando todavia Valentiniano III, que reinou em Roma, de 424 a 435 d.C; e Rômulo Augústulo, que reinou de 435 a 455, data em que Odoacro, rei dos herulos, apoderou-se de Roma, terminando assim o Império Romano.

"*Outro ainda não vindo*". Será o Império Romano caído (ferido de morte) que ressurgirá materialmente, sob novas condições (Ap 13.1). Será a Besta a sétima cabeça do sistema civil e político do Império Romano, contando desde o seu início até o final: e também será a *oitava dinastia* na ordem dos Césares. O governo da Besta será por pouco tempo: *irá à perdição* (Dn 7.26).

v. 12. *"E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta."*

v. 13. *"Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta."*

Como já explicamos, o Império Romano ressuscitado governará sobre uma Liga de Dez Nações, que constituirão dez reinos em toda a Terra. Será um reino confederado, que, juntamente com a Besta, terá pouco tempo.

v. 14. *"Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos e fiéis."*

Evidencia aqui a união da Besta com os seus confederados contra o Cordeiro. É um pequeno lembrete do "grande dia da ira" que se aproxima. Vencerão com Ele todos os chamados, os eleitos, os fiéis, graças a Deus.

v. 15. *"E disse-me: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas."*

Eis a revelação e posição que deseja alcançar a grande "Babilônia mística", assentada sobre povos, multidões, nações e línguas, procurando unir e juntar sob o seu protetorado a quem desejar.

Vejamos nossas notas sobre Ecumenismo, no livro "Aventura Ecumênica":

"Em 1905, um novo tipo de ecumenismo nasceu na América, que culminou com a criação do Conselho

Federal das Igrejas, mais tarde denominado Conselho Nacional de Igrejas. A doutrina cristã foi menosprezada e o 'serviço' foi enaltecido. A participação oficial da seita e a centralização progressiva da autoridade acionaram o novo tipo de organização no sentido de uma superigreja. Posteriormente, aparecem novos movimentos na esfera mundial que foram designados pelos líderes ecumênicos como correntes principais da cooperação protestante; eles, afinal, uniram-se para formar o Conselho Mundial de Igrejas. Primeiro surge a Conferência Mundial de Cooperação, realizada em Edimburgo em 1910. A sua principal finalidade foi a de organizar uma investida unida pela evangelização do mundo. Sua posição era marcadamente teológica. A fase missionária de Edimburgo foi a perpetuada no Conselho Internacional de Missões organizado em 1921; a fase teológica do Conselho Mundial da Fé e Ordem estabeleceu-se em Lausane em 1927. Nesse caso, em Estocolmo, surge o Conselho Universal da Vida e do Trabalho (p. 15).

"A Igreja Católica Romana está completamente a par do desenvolvimento desta resolução. O Papa João XXIII convocou um concílio ecumênico, cuja primeira etapa já se realizou. É o primeiro de sua espécie desde 1870. Sua finalidade é unir a cristandade, o que significa a volta de todos os 'hereges' ao seio da Igreja-Mãe. Por enquanto, os convites foram enviados aos prelados católicos romanos, embora fosse insinuado que os líderes ortodoxos orientais podem ser convidados. O protestantismo foi reconhecido a ponto de ser criado um secretariado para a unidade, que oferece um meio-termo, através do qual as relações entre os protestantes e os católicos podem ser encorajadas e mantidas. Os líderes protestantes poderão assistir ao Concílio Ecumênico do Vaticano como observadores não ofici-

ais. A visita do arcebispo anglicano de Canterbury ao Papa João XXIII, em 2 de dezembro de 1960, marcou um significativo desenvolvimento do movimento ecumênico moderno. O fato indica que todo o mundo está envolvido neste esforço gigantesco" (pp. 10,11).

As Assembléias de Deus e o ecumenismo

Qual a sua posição?

Pronunciamento da XVI Convenção Geral das Assembléias de Deus:

"De acordo com a Palavra de Deus divinamente inspirada, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil, entidade puramente cristã evangélica, necessitando definir-se quanto às tendências unionistas, ultimamente alastrando-se pelo Universo, pela voz de seu Ministério reunido em Convenção Geral, nos dias 19 a 21 de novembro de 1962, na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, declara:

1 - Reconhece que há dois (2) tipos de união no Cristianismo em geral:

a) fusão de denominações e religiões diversas sem profissão de fé definida;

b) união cristã bíblica.

"O *Ecumenismo*, que, literalmente, significa "mundial", pretende unir as religiões em suposto cumprimento de João 17.21. Está representado pelo Concílio Mundial de Igrejas e pelo Concílio do Vaticano atualmente em execução. Essa idéia encontra seu campo de ação notadamente na Igreja Católica Romana, na Igreja Ortodoxa e em vários ramos do Protestantismo, e evidencia, em nossos dias, teor apóstata, representado pelo modernismo teológico que desposa.

2 - Nossa posição à luz da Bíblia Sagrada:

"Somos contrários ao tipo de ecumenismo acima exposto, por motivos nele preponderantes, que são contrários à sã doutrina. Como seja: a) de um lado, estão aqueles que dão à prática da idolatria propriamente dita a da justificação através de supostas boas obras; b) de outro lado, estão aqueles que, no modernismo teológico que desposam, negam a inspiração verbal das Santas Escrituras, a deidade de Jesus Cristo, seu nascimento virginal, o novo nascimento necessário ao homem para tornar-se cristão, a ressurreição de Cristo, sua segunda vinda e as doutrinas correlatas. Se desposássemos essas heresias, estaríamos traindo a Cristo, traindo a Bíblia e negando frontalmente as causas que deram origem à Reforma do século XVI, causas que reconhecemos ainda permanecem em nossos dias. Igualmente estaríamos traindo aqueles que foram martirizados por amor à fé que professamos, e nos tornando indignos deles.

"Nossa união, que em verdade cumpre João 17.21: 'que sejam todos um, assim como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós para que o mundo creia que tu me enviaste', baseia-se na união fraternal em Cristo, através de sua obra redentora e na operação individual (no cristão) e coletiva (na igreja) do seu Espírito, 'procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz' (Ef 4.3).

"Essa união não forma uma superigreja e sim uma Igreja espiritual, viva e unida nos laços do amor de Cristo, derramado nos corações pelo Espírito Santo (Rm 5.5) e edificada 'sobre o fundamento dos apóstolos e profetas' (Ef 2.20)."

Recife, 23 de novembro de 1962
Antonio Petronilo dos Santos - Presidente
Antonieto Grangeiro Sobrinho - Vice-Presidente

Armando Chaves Cohen - 1° Secretário
José Pimentel de Carvalho - 2° Secretário

v. 16. "*E os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.*"

v. 17. "*Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.*"

O momento da condenação chega para a grande "prostituta".

A perseguição religiosa que a besta promoverá não será somente contra o Israel fiel e os gentios salvos, mas "contra tudo o que se chama Deus ou se adora" (2 Ts 2.4).

Assim, no momento de ser erigida a "imagem da Besta" e imposta a adoração obrigatória liderada pelo Falso Profeta, rei em Jerusalém, todos os dez confederados apoiarão o intento contra a Babilônia mística, à qual *aborrecerão, e a deixarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo* (leia Salmo 27.2; Miquéias 3.2,3; Tiago 5.3).

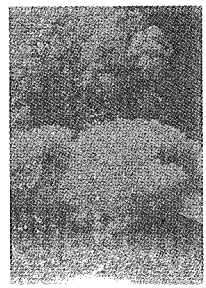
Quem é a "prostituta"? (17.18).

v. 18. "*E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.*"

"*É a grande cidade que reina*". Roma nos dias de João era a capital do Império Romano; no tempo dos Césares; e nos dias da Besta, também será a capital do Império que reinará sobre os reis da Terra, material-

mente falando. A Roma papal, cuja sede é no Vaticano, tem governado (espiritualmente falando) o maior sistema religioso que já se implantou na Terra e será também o "trono" da "grande estrela que caiu do céu ardendo como tocha" (Ap 8.10), o grande líder que será levantado na época, à frente da Babilônia mística. Aqui termina a revelação do anjo, pela qual fica comprovada toda a verdade sobre a Roma papal.

18 LAMENTAÇÃO SOBRE A TERRA



(Cap. 18.1-24)

v. 1. *"E, depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha poder, e a terra foi iluminada com a sua glória."*

v. 2. *"E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio de toda ave imunda e aborrecível!"*

v. 3. *"Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela. E os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de sua delícias."*

Estamos estudando, na interpretação deste texto, vários intérpretes, e concluímos, concordando com a seguinte descrição: "Neste capítulo não veremos os agentes humanos (a Besta e os dez reis). A ruína do sistema corrupto da Babilônia é delineada unicamente por Deus. Não se trata doutro julgamento a juntar ao descrito no capítulo anterior, mas apenas a revela-

ção de que é Deus quem julga. Outro anjo desce do Céu. As suas ações são ditadas do Céu. É provido de grande autoridade e a sua presença e glória iluminam a Terra. Com voz forte, anuncia: '*Caiu, caiu a grande Babilônia*'."

Com a demonstração feita no capítulo anterior, fica bem claro qual das babilônias é julgada nesta ocasião. A Babilônia, o grande Império de Nabucodonosor, a cabeça de ouro da estátua (Dn 12), foi extinta em 539 a.C, por Ciro, o rei dos persas. Sua queda foi *num momento* (Jr 51.8). Daniel conta que na noite seguinte à grande festa de Belsazar, o rei dos caldeus foi morto, e Dario, o medo, tomou posse do reino (Dn 5.30,31). O novo rei era filho de Assuero, da Média, e regente de Ciro em Babilônia. Com 62 anos de idade assentou-se no trono e reinou apenas um ano na Caldéia, tempo em que Ciro concluiu as suas conquistas e veio assumir as rédeas do governo do novo Império Medo-Persa. Como cidade, Babilônia serviu de capital aos reinos medo-persa e grego e, depois da morte de Alexandre, foi abandonada à destruição.

Do modo como foi destruída a antiga cidade do Eufrates, por causa das suas abominações, também é anunciada a queda da Babilônia mística, o grande poder religioso, cujo chefe se levantará na época, revelado "na grande estrela que caiu do céu" (8.18). É um sistema que, pela sua maldade, tem de ser destruído, porque, além de corromper a mente dos seus sacerdotes, esforça-se por instruí-los na maldade, em todos os seus aspectos. O uso do confissionário é o principal meio de semear os germes dessa maldade nas almas dos que neles confiam.

Como vimos, a sede da grande Babilônia mística é Roma, mas ela está assentada sobre povos, nações e línguas. Ela se tornará:

"*Morada de demônios*", cujo lugar próprio é o abismo (Lc 8.31).

"*Abrigo de todo espírito imundo*", que é o lugar onde Satanás estabelece as suas hostes espirituais da maldade (leia Efésios 6.12).

"*Abrigo de toda ave imunda e aborrecível*", significando a multiplicidade dos agentes de Satanás (Jr 5.27; Mt 13.4).

Aquela que, na sua pretensão e arrogância, tem dado às nações o seu fruto e se intitula *habitação do Espírito Santo*, é vista assim aos olhos de Deus.

v. 4. *"E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas."*

O Salvador clama desde o Céu: *"Sai dela povo meu!"* Quantas criaturas sinceras e boas, cujos sentimentos estão voltados para Deus, encontram-se aprisionadas pelas correntes das atrações e enganos que lhes oferece a "Babilônia" dos nossos dias? Quantas vezes, mesmo dos púlpitos, os líderes religiosos defendem os seus programas de atrações e ao invés de pregar santidade, pureza e amor, pregam sobre esportes, política e diversas organizações para atrair os seus incautos ouvintes? Quantas vezes são combatidos os que melhor desejam apresentar-se à Igreja; são chamados de fanáticos e até de hereges! *"Sai dela povo meu!"* ecoa como um grito de aflição de um pai pelos seus filhos queridos. É a voz do Senhor que determina. É o complemento do convite de Jesus: "Vinde a mim todos os que vos achais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

Jeová, na sua aflição amorosa, antevendo a destruição do império babilônico com toda sua idolatria, cla-

ma ao seu povo pelo profeta: "Sai do meio dela, ó povo meu, e livre cada um a sua alma, por causa do ardor da ira do Senhor!" (Jr 51.45).

O cristão não deve ficar preso ao pecado, mas, para alguns, isso não tem importância. Muitos modernistas declaram: "Eu já cri, já fui batizado, posso fazer o que quiser e ainda serei salvo". Isto é apenas um embuste de Satanás, para prender o incauto e inexperiente. O Senhor diz: "O que perseverar até o fim será salvo" (Mt 10.22; 24.13). Temos o exemplo de Ló, que para ser salvo, teve que sair de Sodoma, obedecendo à chamada; enquanto sua esposa sofreu o castigo, porque estava com o coração preso nos pecados de Sodoma.

Quem não obedecer à voz bendita do Senhor, que clama, tornar-se-á participante dos pecados cometidos com sombra de religiosidade e incorrerá nas pragas que estão determinadas contra a Babilônia mística.

v. 5. *"Porque já os seus pecados se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das iniqüidades dela."*

"E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre, cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome para que não sejamos espalhados sobre a face da terra" (Gn 11.4). Esta foi a primeira atitude contra Deus feita pelos homens, que excluía terminantemente qualquer ato de Deus das obras deles. Foi Babel essa cidade, cuja terra serviu de berço à grande Babilônia dos tempos idos. O nome "Babilônia" significa "profanação contra Deus". Emprega-se hoje o termo: *Grande Babilônia ou Babilônia moderna* quando queremos nos referir a grandes centros onde há confusão de massas, profanação, pecado e miséria de toda a espécie. Queri-

am fazer nome construindo um monumento que atingisse o céu. O monumento que a Babilônia mística vem construindo é a soma dos seus pecados e o volume das culpas diante de Deus (leia Esdras 9.6; Jr 51.9).

v. 6. *"Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai-lhe a ela em dobro."*

Os dez reis confederados com a Besta e o Império Romano ressuscitado, que participaram de todas as delícias da Babilônia mística sorvendo o cálice da sua prostituição (pecados e misérias de toda a espécie), foram usados por Deus para retribuir-lhe em porção dobrada o mal que ela fez aos santos.

v. 7. *"Quanto ela se glorificou e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto, porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, não sou viúva e não verei o pranto."*

Uma lamentação profunda vem do anjo que falava: *"Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve!"* Quando ostentosamente se mostrou a toda gente, enganando tudo e todos no apogeu de suas delícias, como vivia regaladamente no seu orgulho e na sua presunção e dizia: *"Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto!"* Não sabia que lhe aguardava a sentença do juízo; não sabia ou não queria saber que Deus não dorme e nem julgará pelos métodos humanos e nem fará acepção de pessoas; *"foi-lhe dado outro tanto de tormento e pranto"*.

Ó Deus, tem piedade dos que estão enganados! A cegueira espiritual e o apogeu de uma vida de pecado, lhes tem tirado a visão da realidade do juízo que lhes espera.

v. 8. *"Portanto, num dia virão as suas pragas: a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo, porque é forte o Senhor Deus, que a julgou."*

Em Jeremias 51.8,9 o profeta faz uma breve lamentação sobre a sorte de Babilônia: "Num momento caiu Babilônia, e ficou arruinada; gemei sobre ela; tomai bálsamo para a sua dor, porventura sarará. Queríamos sarar Babilônia, mas ela não sarou; deixai-a, e vá cada um para a sua terra; porque o seu juízo chegou até o céu e se elevou até as mais altas nuvens". Esta profecia não é dirigida diretamente à cidade, mas ao reino babilônico; contudo a cidade ficou arruinada e grande foi a sua dor. Assim a Babilônia mística sofrerá.

Aqui revela uma série de castigos num só dia; porque o juízo é de Deus. Os lamentadores clamam: *"Ai daquela forte cidade!"* A Babilônia mística tem se tornado como uma fortaleza intransponível; mas no juízo ficará revelado que quem é forte é o Senhor que a julga.

O termo *Roma* é o inverso do vocábulo *amor;* são, portanto, duas palavras antagônicas. Em Roma ou Babilônia mística, o interesse do ganho e do lucro sobre o capital está acima e é oposto a toda e qualquer ação do amor. Deus é amor, mas também é um Deus de justiça, que ao culpado não terá por inocente (Êx 34.7; Nm 14.8; Na 1.3).

v. 9. *"E os reis da terra, que se prostituíram com ela e viveram em delícias, a chorarão e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio."*

v. 10. *"Estarão de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! Ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! Pois numa hora veio o seu juízo."*

Os dez reis da Besta, muito embora houvessem provado do cálice da grande prostituta, contudo agora são seus inimigos e elementos usados para esse juízo. Esta lamentação é feita pelos demais reis que vivem na Terra ou por grandes líderes do povo, os quais se prostituíram e viveram em delícias com ela; estes chorarão e, cheios de medo, tremerão ante a expectação daquele grande e rápido juízo.

"*Numa hora veio o seu juízo.*" Como dissemos, os castigos são impostos num dia, mas numa só hora conclui-se todo o juízo, evidenciando o poder de Deus na consumação dos julgamentos.

v. 11. "*E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra, porque ninguém mais compra as suas mercadorias;*"

v. 12. "*Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda madeira odorífera, e todo vaso de marfim, e todo vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore;*"

v. 13. "*e cinamomo, e cardamomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgaduras, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens.*"

v. 14. "*E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti, e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás.*"

v. 15. "*Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando, e lamentando,*"

v. 16. *"e dizendo: Ai! Ai daquela grande cidade, que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata, adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas."*

v. 17. *"E todo piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe."*

v. 18. *"E, vendo a fumaça do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade?"*

v. 19. *"E lançaram pó sobre a cabeça e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai! Ai daquela grande cidade, na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência! Porque numa hora foi assolada."*

Da mesma maneira como eram realizados, com grandes vantagens, os negócios com toda sorte de mercadorias na Babilônia dos caldeus, assim na Babilônia mística há mercadorias para serem negociadas. Os mercadores da Terra lamentam, não porque amam, mas porque estão arruinados completamente os seus negócios, vendo-se privados das vinte e oito (28) espécies de mercadorias do seu tráfico.

Perguntamos, não são vendidas estas coisas atualmente? Que diremos dos artífices que vendem ouro e prata, transformados em imagens, cordões e medalhas, santinhos e relíquias?! Que diremos das demais mercadorias aqui descritas, tudo para gozo e vaidade de uma geração caída e levada pela ostentação de um perdido e concupiscente?! Que diremos ainda dos negócios, de corpos e de almas de homens?! Estas são as últimas

mercadorias citadas nesta série (v.13). A invenção do Purgatório é a fonte mais rica nesse negócio profano, que permite a permuta das *almas* por *dinheiro* de onde advém uma renda incalculável, que esse sistema apóstata usa no seu tráfico. Que diremos, também, das indulgências e da venda de missas?! Há mercadoria de todo preço, à vontade do freguês. A lamentação é grande, porque esgotaram-se todos os recursos; secaram-se todas as fontes de prazer e pereceu todo o orgulho. Exclamam todos: *Numa hora foi assolada!*

v. 20. *"Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela."*

Agora, a atenção de todos volta-se para o Céu, pela voz do mesmo anjo: *"Alegra-te sobre ela, ó Céu!"* enquanto na Terra são ouvidos os ais, os suspiros e forte lamentação, no Céu há alegria e gozo pelo grande triunfo.

Aqui são mencionados *"santos apóstolos e profetas"*, evidenciando o peso do sofrimento causado a todos, desde o dia da grande apostasia ou da manifestação desse sistema apóstata, até o dia do seu juízo. *"Santos apóstolos"* referente à Igreja propriamente dita e *"profeta"*, aos elementos salvos (judeus e gentios) durante a Grande Tribulação.

v. 21. *"E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada."*

v. 22. *"E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de flauteiros, e de trombeteiros, e ne-*

nhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais;"

v. 23. *"E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias."*

v. 24. *"E nela se achou o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra."*

Simbolicamente, Jeremias determinou a Seraías que lançasse o livro da profecia sobre a antiga Babilônia, no meio do rio Eufrates (Jr 51.60-64). Também simbolicamente, repete-se aqui a mesma operação: o anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, para selar a sorte dos que se rebelaram contra Deus e escandalizaram o mundo (leia Mateus 18.6,7).

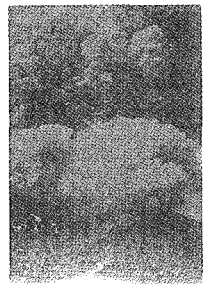
São atos simbólicos que se repetem, mas Jeremias na sua lamentação diz: "Queríamos sarar Babilônia, mas ela não sarou" (Jr 51.9). Mas a sentença é pronunciada com ênfase, como um canto fúnebre, sobre o infiel e apóstata "poder religioso":

"Nunca mais se ouvirá em ti a voz do harpista..., nunca mais se ouvirá a música; a voz do esposo e da esposa desaparecerão de ti; os artífices com as suas imagens, nichos, medalhas, santinhos e relíquias e com todas as suas artes de engano, não se acharão mais em ti; as velas, com seus espevitadores, castiçais e a luz da candeia, não mais luzirão em ti; e todo o ruído de mó, tudo que possa demonstrar vida, em ti se não ouvirá mais, porque as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias e muitos ricos e poderosos eram teus mercadores... Nunca mais, nunca mais serás achada!"

Ali, ainda há uma esperança de soerguimento, eis porque muitos intérpretes dizem que a antiga Babilônia ainda será reedificada; mas aqui, "jamais ou nunca mais será achada" — Tudo por quê? — Porque nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos e de todos os que foram mortos na Terra.

Há alguém que assevera que a Roma papal derramou muito mais sangue do que a Roma pagã. Quem desejar pode conferir com a história da Igreja e verá os atos praticados pela chamada "Santa" Inquisição, cujo fundador foi Inácio de Loiola, um dos maiores assassinos que o sol já cobriu, mas que, contudo, foi canonizado "santo" pelos bons serviços prestados à Igreja de Roma. O que fará ainda essa Igreja quando o poder estiver nas mãos e tiver a inspiração direta de Satanás?!

19 ALEGRIA E TRIUNFO NOS CÉUS



(Cap. 19.1-21)

v. 1. "*E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande multidão, que dizia: Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor nosso Deus;*"

v. 2. "*Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos.*"

João voltou a sua atenção para o Céu, de onde vinha uma voz, partida de uma grande multidão jubilosa diante de Deus. Era a continuação do grande culto de louvor iniciado em Apocalipse 4. A cena é a mesma: o Trono no centro, junto aos quatro animais; em redor os vinte e quatro tronos e os anciãos neles assentados, e ainda em redor a grande multidão de milhões de milhões e milhares de milhares (5.11). Agora o louvor sobe diante do Trono com grande regozijo: Deus, com o seu grande poder, tem julgado a grande prostituta que havia corrompido a terra com a sua prostituição.

Poderá o leitor perguntar: "Mas os céus alegram-se pela condenação de alguém?" Aqui não é a condenação de uma pessoa, mas de "*um poder*" ou de "*um sistema religioso*" que arrastou muitas criaturas à perdição. Deus ama o pecador e não quer que ninguém se perca (leia Isaías 1.16-18; 55.6,7; Ezequiel 18.23; 1 Timóteo 2.3); porém, Deus aborrece o pecado porque este separa o homem de Deus (Is 59.2,3; leia Romanos 6.23).

A primeira palavra de vitória foi: "Aleluia!" o grito de alegria pelo grande triunfo. "Aleluia" é uma palavra hebraica composta de duas expressões: *halelu* (louvai) e *Iah* (Deus ou Senhor), formando assim a sentença: "Louvai ao Senhor!".

Graças a Deus, há um povo aqui na Terra, que não estranhará esta expressão de louvor, porque já os seus ouvidos estão abertos para ouvir e os seus lábios prontos para exclamar: "Aleluia!". No Céu também os louvores não são silenciosos e nem a adoração ao Senhor é como quem está diante de um morto. Deus é o Deus vivo, e diante dele estão os vivos, e onde existe vida existe barulho e as "glórias" e "aleluias" são proferidas com todo o vigor. Como será para aqueles que estão acostumados apenas com símbolos e desejam cultuar a Deus com o rigor de um silêncio profundo?! Cremos que o Céu dos remidos é só um, e o lugar de louvor será ali. Como será para aqueles que não gostam de barulho? Deus será para eles mal-educado?

"*Salvação*" significa livramento: "Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados; mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as dominações; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades, os quais, deixando o caminho di-

reito, erraram segundo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça; porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, foram outra vez envolvidos nelas e vendidos, tornou-se o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado" (2 Pe 2.9,10,15,20,21).

A Babilônia mística está enquadrada dentro deste texto. Aquela que se jactava de "única verdadeira", "única santa" e que possui "santos", *única* em tudo e que "fora dela não há salvação", eis aí a sua condição diante de Deus. No grande julgamento, o Senhor opera *salvação*; permanecendo, todavia, imutável em sua glória, e honra, e poder maravilhoso na execução de sua obra.

"*Porque verdadeiros e justos são os teus juízos*". Estes são atributos próprios de Deus, os quais foram mais uma vez demonstrados perante os céus, no julgamento da "grande prostituta", cujos pecados são proclamados em dois itens:

1. *"Que havia corrompido a terra com a sua prostituição"*. Deixaram o caminho direito e erraram seguindo o caminho de Balaão, o profeta venal (2.14); toleraram Jezabel, mulher que se dizia profetiza e consentiram o seu ensino e engano, comendo dos sacrifícios da idolatria e se prostituindo (2.20), arruinando, assim, o mundo com seus escândalos e feitiçarias.

2. "*E das mãos dela vingou o sangue dos seus servos*". "Porque com o juízo com que julgares sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós" (Mt 7.2; leia Marcos 4.24; Lucas 6.38). Quantos servos de Deus morreram como verdadeiros mártires, condenados por esse *sistema infer-*.

nal? A Babilônia de Nabucodonosor, a Grécia dos ídolos e mesmo a Roma pagã, com toda a sua tirania contra os cristãos, fizeram juntas muito menos mortes do que a Babilônia mística durante a sua formação e apogeu. Agora temos apenas um vislumbre da sua crueldade; mas, quando ela estiver sendo ajudada diretamente por aquele que é mais do que maligno, como agirá? Deus é o vingador de seu povo (leia 1 Tessalonicenses 4.6; 2 Tessalonicenses 1.8).

v. 3. "*E outra vez disseram: Aleluia! E a fumaça dela sobe para todo o sempre.*"

O segundo grito da vitória é ouvido: Aleluia! E é seguido pelo ato final do juízo, de acordo com a expressão fúnebre do anjo: "Nunca mais..." O incêndio desse grande juízo testemunhará a condenação de todos os prevaricadores para todo o sempre.

v. 4. "*E os vinte e quatro anciãos e os quatro animais prostraram-se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: Amém! Aleluia!*"

Deus está assentado no seu Trono. "Ante aquele louvor espontâneo e sincero, que bem diz da alegria e grande triunfo nos céus por tão sublime vitória, os vinte e quatro anciãos, como representantes dos remidos, e os quatro seres viventes, como representantes da própria criação, e símbolo do governo de Deus, como prova de uma confirmação da parte destes e seus representados, prostram-se e adoram a Deus, repetindo enfaticamente: *Amém* (confirmação final — "Assim Seja"); *Aleluia*, "Louvai ao Senhor."

v. 5. *"E saiu uma voz do trono, que dizia: louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes."*

A voz sai do Trono. Chama a atenção de todos os servos do Senhor para louvar a Deus. "Bom é louvar ao Senhor, e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo" (Sl 92.1). É como uma advertência ao prenúncio do aparecimento do Senhor da glória, a fim de reinar; e das Bodas do Cordeiro.

É o preparativo para um grande "*aleluia*" ao romper dos dois eventos, para os quais todos os servos de Deus, grandes e pequenos, devem estar atentos.

v. 6. *"E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina."*

Logo a seguir à advertência do Trono, João ouviu o grande grito de vitória e de triunfo, rompido em um só momento, vindo a voz de uma grande multidão, que, como o reboar das vozes de muitas águas e de grandes trovões, proclama com vibração: "*Aleluia!*" .Seguindo-se logo o anúncio da vitória: "*Pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina*"; "*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo*" (11.15).

Aqui é o reino que se evidencia e Cristo é vindo para reinar sobre a Terra (primeiro evento).

v. 7. *"Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou."*

O segundo evento é o canto maravilhoso no Céu, que expressa o grande contentamento pela presença da esposa do Cordeiro, a Igreja, e pela comemoração das Bodas, prestes a se realizarem. Aqui estão todos os remidos nesta maravilhosa proclamação, incluindo a Igreja, que aí é a homenageada.

A "prostituta" queria apresentar-se como a mulher privilegiada, com todo o direito às Bodas, mas agora a esposa do Cordeiro toma o seu verdadeiro lugar, enquanto a impostora recebe a paga de seu engano.

Cristo recepcionará a sua Noiva após o arrebatamento, no lugar chamado "Tribunal de Cristo" (Rm 14.10; 2 Co 5.10). Em figura, vemos, em Gênesis 24.63-67, Eliézer entregando Rebeca ao seu noivo Isaque no deserto. Assim, o Espírito Santo, depois de ter buscado a Noiva (a Igreja) a entregará a Cristo, para que, perante o Pai, sejam celebradas as Bodas.

v. 8. *"E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos."*

Estes são os trajes característicos da Esposa. A noiva, quando se adorna para o seu casamento, procura apresentar-se irrepreensível perante o noivo. Assim o Noivo celeste deseja ver a sua Noiva irrepreensível, trajando a rigor e sem mácula. "Em todo o tempo sejam alvos os teus vestidos, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça" (Ec 9.8).

"*Linho fino*" representa a justiça dos santos ou as ações justas deles. Deus não esquece de toda boa obra e trabalho feito em seu nome (Hb 6.10).

v. 9. *"E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus."*

Na *Parábola das Bodas* (Mt 22.1-14) os convidados que recusaram não eram dignos e foram destruídos, tipificando aquela geração que rejeitou o Senhor, mas a "*casa*" se encheu de convidados de todas as partes que foram trazidos pelos servos das Bodas (leia Mateus 8.10-12).

Os convidados são bem-aventurados. Devemos distinguir entre a esposa e os convidados: Os santos do Antigo Testamento serão os convidados de honra que assistirão a tão insigne festa; são chamados "amigos do esposo" (leia João 3.29), que, juntamente com as miríades dos céus, compõem o número de convidados que comparecerão às Bodas do Cordeiro.

Cremos que um dos atos dessa maravilhosa festa será a celebração da Ceia do Senhor, conforme as palavras de Jesus: "Porque vos digo que a não comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus" (Lc 22.16; leia Lucas 22.27-30).

v. 10. "*E eu lancei-me a seus pés para o adorar, mas ele disse-me: Olha, não faças tal; sou teu conservo e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus; adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.*"

João, inteiramente maravilhado das coisas que lhe mostrava e dizia o anjo, lançou-se a seus pés para o adorar, mas o ser celeste não aceitou esse gesto de reverência.

Isto é uma reprovação aos que gostam de se endeusarem. O que se diz dos pés, mãos e anéis, que são dados aos incautos e ignorantes para beijar?! O que se diz dos confessionários onde a pobre e miserável criatura se ajoelha diante de um homem para confessar-lhe os pecados? Cristo lavou os pés aos seus discípulos, e o Papa dá os seus pés para serem beijados!

Manifestação de Cristo para reinar — sua vinda propriamente dita (19.11-18)

Este é o grande evento, o clímax de toda profecia. Aqui se consolidam as profecias do Antigo Testamento a respeito da glória do Messias. Vejamos as referências bíblicas que nos são citadas por grandes teólogos sobre o assunto: (Sl 2; 45; 47; 50.1-6; 68; 110; Is 11; 24.19,23; 25; 26; 63.1-6; 65.5-16; Dn 2.44,45; 7.9-14; Jl 3; Zc 14; Hb 3).

Lucas 21.25-27 descreve que, em meio à angústia e perplexidade, estando as nações desmaiando ante o terror implantado pala Besta, que atingirá o remanescente de Israel e a multidão dos gentios salvos como que pelo fogo, e toda a humanidade prestes a exterminar-se na grande batalha do Armagedom, aparecerá o Filho do homem numa nuvem com poder e grande glória, com imenso cortejo das miríades celestiais.

v. 11. *"E vi o céu aberto..."*

Abriram-se os céus quando sobre o Filho do homem veio o Espírito Santo, para Jesus começar o seu ministério público na Terra (Mt 3.16; At 10.38). Abriu-se o Céu para o primeiro mártir da Igreja contemplar o que o esperava na glória (At 7.55). Abriu-se também, para regozijo do apóstolo banido e desolado na solitária ilha de Patmos. Abrir-se-á outra vez, ainda, para os habitantes da Terra presenciarem a cavalaria celestial sair para a conquista da Terra.

Numa visão profética, o salmista Davi canta: "O meu coração ferve com palavras boas; falo do que tenho feito no tocante ao rei; a minha língua é a pena de um destro escritor. Tu és mais formoso do que os filhos dos homens; a graça se derramou em teus lábios; por

isso, Deus te abençoou para sempre. Cinge a tua espada à coxa, ó Valente, com a tua glória e a tua majestade. E neste esplendor cavalga prosperamente, pela causa da verdade, da mansidão e da justiça, e a tua destra te ensinará coisas terríveis. As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei, e por elas os povos caíram debaixo de ti". Nesta bela linguagem, o salmista descreve o aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, como Salvador e Rei, que vem para julgar com justiça. Paulo falou deste acontecimento quando pregou em Atenas (At 17.31).

"... e eis um cavalo branco..."

Aqui não se refere ao mesmo "*cavalo branco*" da abertura dos seis primeiros selos (6.2). Aqui é Cristo montado sobre um "cavalo branco", símbolo da vitória.

"... O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça."

Ele é a fiel testemunha (1.5). Ninguém na Terra tem alcançado este nome, porque em todos os homens habita a fraqueza e o engano (leia 1 Crônicas 1.2; Romanos 3.4).

v. 12. "*E os seus olhos eram como chamas de fogo...*"

O mesmo da visão de 1.14 — onisciência divina.

"... e sobre a sua cabeça havia muitos diademas..."

Indica a sua autoridade suprema e absoluta. Na Terra, os homens lhe deram uma "coroa de espinhos"; mas agora Ele é visto com as coroas que possui, pro-

vando o seu poder e a sua majestade gloriosa. No Céu os santos possuem coroas [simbolicamente] (4.4-10).

"... e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo."

Foram dados na Terra muitos nomes e títulos para o Messias: "O seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz" (Is 9.6); "Jesus" (Mt 1.21); "Emanuel" (Is 7.14); "o profeta de Nazaré da Galiléia" (Mt 21.11); "O Filho de Davi" (Mt 20.31; 21.9; Mc 10.47); "o Filho do carpinteiro" (Mt 13.55); "o Filho do homem" (Mt 24.30; 26.64); "o Filho de Deus" (Mt 16.16; Jo 6.69); "o Filho do Altíssimo" (Lc 1.32); "o Filho de José" (Lc 4.22; Jo 6.42); "o Filho de Maria" (Mc 6.3); "o Salvador do mundo" (Jo 4.42); "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.28); "o Leão da tribo de Judá" (Ap 5.5). Porém, quando Cristo se manifestar em glória para reinar, como Rei dos reis e Senhor dos senhores, terá um novo nome, que fala da sua vitória, da eminência do seu poder.

v. 13. *"E estava vestido de uma veste salpicada de sangue..."*

Não significa aqui o sangue vertido da cruz. É o sangue dos inimigos no dia da "vingança do nosso Deus" (Is 34.8; leia Isaías 63.1-6); o que também é visto nos vv. 17-21.

"... e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus."

Somente o apóstolo João é que aplica este título a Cristo, o Verbo — a Palavra (Jo 1.1; 1 Jo 1.1; 5.7).

Ele é o Verbo e, como tal, tem uma existência pessoal, independente e eterna (Jo 1.1,2). Como Verbo é o Criador de todas as coisas (Jo 1.3). Assim, Cristo, designado aqui como a Palavra de Deus, é a expressão de Deus em relação à iniqüidade do homem. Porque Deus é tão puro de olhos que não pode ver o mal nem observar a iniqüidade (Hb 1.13).

v. 14. *"E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro."*

Paulo diz: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós vos manifestareis com Ele em glória" (Cl 3.4). Aqui está o cumprimento deste versículo. "E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos" (Jd 14). "E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande... Então virá o Senhor meu Deus e todos os santos contigo, ó Senhor" (Zc 14.4,5).

A Igreja triunfante, juntamente com todos os santos do Antigo Testamento, tomará parte dessa gloriosa manifestação. Todos estarão presentes na vitória de Cristo sobre a Besta e o Falso Profeta (Dn 7.26,27), e no julgamento das nações vivas (Mt 25.31-46), as quais se congregarão no grande vale formado pela separação do monte das Oliveiras (Zc 14.4), em cumprimento de Joel 3.2,11,12.

Estes exércitos não são compostos de anjos, mas dos *santos* que constituem "a esposa do Cordeiro" e os amigos do esposo (Jo 3.29). Para qualquer parte que

Ele vá, sua esposa o acompanha. Do que lhe pertence, ela compartilha. Se Ele julga, ela se assenta com Ele no Trono (1 Co 6.1-3; Ap 2.27). Se Ele se assenta como Rei, ela é a rainha que com Ele se assenta para reinar (Ap 3.21). Se Ele sai como Capitão e Chefe, ela o segue como o seu exército. Esses exércitos são os santos de Cristo, que estão com Ele, os "chamados, e eleitos e fiéis" (Ap 17.14)."

v. 15. *"E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações..."*

Este maravilhoso exército vem ornamentado da glória do Senhor: "Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem" (2 Ts 1.10). A única arma existente é a "*espada que saía da sua boca*". Isaías diz: "Mas julgará com justiça os pobres, e repreenderá com eqüidade os mansos da terra, e ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio" (Is 11.4). Não se refere, portanto, a nenhuma *arma carnal*, mas à sua Palavra viva e poderosa (leia Isaías 49.2; Hebreus 4.12). A Palavra que atuará nos seus inimigos é a mesma palavra que no jardim do Getsêmane *os derrubou por terra* (Jo 18.5,6). Aqui mostra a imediata aplicação do castigo no julgamento.

"... e eles as regerá com vara de ferro..."

Lembra o Salmo 2.9, uma vara de ferro, indicando uma administração de justiça inflexível e de retidão: "E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade o cinto dos seus rins" (Is 11.5).

"... e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso."

Aqui não se refere à ceifa, *quando os bons são separados dos maus* (Mt 13.47-50; leia Mateus 25.32), mas à vindima, que representa o castigo implacável sobre o mal (Ap 14.17-20).

"*Ele mesmo é o que pisa o lagar*": "Eu pisei só o lagar" (Is 63.3). Fica bem entendido o feito do Senhor Jesus nessa ocasião.

v. 16. "*E na veste e na sua coxa tem escrito este nome:* REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES."

Esta é a descrição de Cristo na sua realeza. O seu traje ou vestes significa o seu caráter e modo de proceder.

"*Rei dos reis, e Senhor dos senhores*" é a proclamação de sua glória, cujo título indica domínio universal (leia Daniel 2.47;1 Timóteo 6.14-16).

v. 17. "*E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde e ajuntai-vos à ceia do grande Deus;*"

v. 18. "*Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tributos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam, e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes.*"

No v. 9 há uma proclamação aos bem-aventurados, "*àqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro*"; mas aqui é um convite intensivo feito por um anjo às aves: "*Vinde à ceia do grande Deus*". Não é uma celebração no Céu, mas na Terra; consiste de carnes dos mortos, homens de todas as categorias, que caem sob o poderoso golpe do Rei dos reis.

Este convite é feito na derrota de Gogue, momentos antes da batalha do Armagedom. É um convite duplo, pois tem sido feito publicamente, durante quase dois mil anos. Em 2 Tessalonicenses 2.10-12, Deus revela o que aguarda os que se recusam a aceitar o Salvador.

O grande dia da ira de Deus (19.19-21)

v. 19. *"E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército."*

v. 20. *"E a besta foi presa e, com ela, o falso profeta, que, diante dela, fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre."*

v. 21. *"E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes."*

É maravilhosa a descrição do grande "Dia da ira de Deus". A Besta, o ditador romano, juntamente com os reis sob o seu domínio (os dez), que congregam o maior exército jamais visto em todo o mundo, após a convocação astuta e bem preparada por Satanás, pelo trabalho dos três espíritos imundos (Ap 16.13,14), encontram-se reunidos, para enfrentarem o Senhor, quando se manifestar em glória (Sl 2.1-3).

Chega, então, a hora marcada para a grande batalha, *"a batalha daquele grande dia do Deus Todo-poderoso"* (Ap 16.14). Os inimigos se reúnem sob a direção de Satanás, cuja primeira intenção é atacar Israel, para destruir todos os planos de Deus em refe-

rência à Terra, pois desses planos dependem todos os concertos divinos para o governo do mundo e para a redenção da humanidade. "Disseram: Vinde, desarraiguemo-los para que não sejam nação, nem haja mais memória do nome de Israel"(Sl 83.4; leia Salmo 83.13; Daniel 2.35).

Cumpre-se nesse desfecho a conclusão das visões sobre o sexto selo, quando Deus responde às orações de seus santos, o que causará a poderosa manifestação císmica de que lemos em Apocalipse 6.12-17.

Quem quer que lute contra os planos divinos, se deparará com o Deus e será destruído. Desde a antiguidade Deus jurou por si mesmo que, enquanto a Terra existisse, Israel não deixaria de ser uma nação para sempre (Jr 31.35,36). A antiga promessa aos pais — *amaldiçoarei os que te amaldiçoarem* — ainda permanece. Aquele que guarda Israel não tosquenejará nem dormirá. Este assalto combinado por Satanás e o poder mundial, para exterminar o resto de Israel, marca o clímax e o limite de sua grande tribulação, do "dia da angústia de Jacó" (Jr 30.7) e constitui o desafio final a Deus, que Ele não deixará passar despercebido. Assim, vem do Céu, apressando-se em socorro de Israel, o Messias deles, à frente das hostes celestiais. Então Israel irá ao encontro de Cristo, com gritos de júbilo. "Bendito o que vem em nome do Senhor" (Mt 23.39).

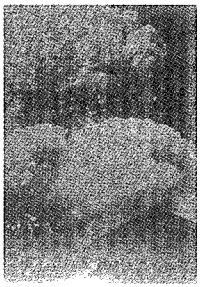
O poderoso Rei dos reis ordena primeiramente a prisão dos dois principais inimigos: A Besta e o Falso Profeta, que são lançados vivos no grande "lago de fogo e enxofre", na presença de todos os seus seguidores. "*Quem é semelhante à Besta? E quem poderá batalhar contra ela?*" (Ap 13.4). Cristo, o grande e poderoso Senhor, aquele que venceu o maligno e triunfou na sua grande obra de redenção, já era vencedor, pelo preço de seu sangue, e, agora, para provar diante de

todos, o valor de sua pessoa, prende os dois grandes cabeças e os lança vivos no "lago de fogo e enxofre".

Após essa maravilhosa demonstração de poder, a majestade do Senhor destrói todos os demais inimigos com a espada que sai da sua boca. Não será preciso travar luta entre o exército celestial e os exércitos dos homens reunidos, pois apenas Cristo fala e logo os seus inimigos perecem (Jo 18.4-6). "Como labareda de fogo, Ele toma vingança dos que não conhecem a Deus e não obedecem ao seu Evangelho" (2 Ts 1.8; leia Deuteronômio 10.17; Jeremias 50.44; Apocalipse 17.14).

A pedra cai (Dn 2.34-46) e, de um só golpe, põe fim ao domínio dos gentios (Lc 21.24). Os "tempos dos gentios" começaram com o cativeiro de Judá por Nabucodonosor (2 Cr 36.1-21). Israel foi posto de parte por causa da sua idolatria e também, pelo grande pecado de, mais tarde, rejeitar o Messias.

20 MIL ANOS DE BÊNÇÃOS



(Cap. 20.1-15)

Satanás é preso por mil anos (20.1-3)

v. 1. *"E vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão."*

v. 2. *"Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos."*

v. 3. *"E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo."*

Satanás não é somente amarrado e banido dos céus. Compare o fato de os espíritos maus rogarem a Jesus que Ele não os enviasse para o abismo (Lc 8.31), o que, de acordo com Marcos 5.10, significa que Ele não os enviasse fora da província. O "*abismo*" é a casa de prisão dos espíritos maus (leia Judas 6; Apocalipse 9.1,2), e os encerrados ali estão expulsos da esfera da humanidade. Não confundir "*abismo*" com lago de fogo.

As cadeias aqui não são de ferro ou aço, mas Satanás é realmente amarrado em pessoa e preso no abismo, que é fechado e selado. Sobre este assunto, leiamos algumas idéias defendidas por teólogos eruditos.

"Não significa que o povo se tornará tão esclarecido que Satanás, ainda que deixado livre, não pode mais continuar a enganar, e assim está 'virtualmente amarrado'. É por meio de tais desvios exegéticos que a força e a significação das afirmações da Palavra de Deus são roubadas. Não é sobre o povo da Terra que se opera a mudança, nem é dele que se fala aqui, mas sobre Satanás: ele é amarrado e encarcerado. Não se diz que o povo, isto é, a humanidade, torna-se tão instruída, tão fortificada contra os ataques do maligno de modo a ficar imune, enquanto o Diabo mesmo é deixado livre para continuar sua obra. Não. Satanás em pessoa é agrilhoado e preso. Isto não significa outra coisa. O fechar e guardar todas as casas de uma cidade não seria a mesma coisa com a prisão e o encarceramento do ladrão. Não se trata de prevenção contra Satanás, Significa, realmente, que ele foi amarrado e lançado na prisão, pelo período de mil anos (2 Pe 2.4; Jd 6).

"A idéia defendida por alguns que o Milênio é já presente, e que Satanás está amarrado ou sendo amarrado foi primeiro sustentada por Agostinho que interpretou assim, animado pelo aparente triunfo da Igreja, quando Constantino, o imperador romano, 'converteu-se' ao Cristianismo. O certo é que nem naquele dia, nem depois, Satanás foi ou está sendo amarrado por qualquer cadeia de evidência, e muito menos aprisionado. Até hoje, como em todo o passado, e agora talvez mais terrivelmente do que nunca, ele está como leão, rugindo, buscando a quem possa tragar. Ele tem conseguido alguma coisa entre os que professam crer e seguir a Cristo, e ninguém pode evitar os seus ataques — especialmente os que se julgam imunes.

"A idéia adventista da prisão da Satanás é ainda mais absurda. Segundo este modo de ver, Satanás é simplesmente deixado à toa numa terra arruinada e desolada porque todos os justos estão nos céus e todos os maus estão mortos, e Satanás, privado de qualquer oportunidade de enganar (não há alguém que não seja enganado), percorre desconsoladamente o mundo vasto por mil anos. Isto seria um triunfo pobre para o Senhor Jesus."

O estabelecimento do reino (20.4-6)

v. 4. *"E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela Palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos."*

Eis o estabelecimento do reino. O reino de Cristo abrangerá todo o mundo e a prosperidade e a paz rodearão o globo e prevalecerão de pólo a pólo (Is 9.6,7; Dn 7.13,14; Mq 4.1-4; Zc 8.3-29; 14.1-21). A sede do reino será Jerusalém e a nação de Israel (Is 2.2-4; Jl 3.17,20; Mq 4.2).

João vê tronos e as autoridades supremas do reino assentadas sobre eles, com poder para julgar. A promessa aos vencedores é de reinarem com Ele (2 Tm 2.12) sobre as nações (Ap 2.26,27). Também, Jesus prometeu aos seus discípulos que os poria sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel (Mt 19.28; Lc 22.30; 1 Co 6.2,3).

As almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela Palavra de Deus, participam

de todas as bênçãos do Milênio. É aquela grande multidão vista com palmas nas mãos (Ap 7.9-17), que agora está triunfante, junto com Cristo e sua Igreja.

Vejamos esta nota sobre o Milênio: "O Milênio é o período em que, pela última vez, o homem é posto à prova e em circunstâncias as mais favoráveis que possamos imaginar, pois haverá um reinado de justiça num mundo melhor: os céus abertos em bênçãos, a Terra cheia de conhecimento da glória de Deus e, como advertência para o futuro, a lembrança dos julgamentos anteriores. O grande problema do *mal* torna-se claro. Não será possível desculpar o pecado atribuindo-o à ignorância, a um mau governo ou às circunstâncias da vida, como tantas vezes se tem feito".

Mil anos de bênçãos sobre a Terra: "E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho do leão e a nédia ovelha viverão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e os seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como boi. E brincará a criança de peito sobre a toca do áspide, e o já o desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. E acontecerá naquele dia que as nações perguntarão pela raiz de Jessé, posta por pendão dos povos, e o lugar do seu repouso será glorioso" (Is 11.6-10).

"O seu nome será: Príncipe da Paz" (Is 9.6). A maldição será tirada da Terra (Rm 8.20-22). "Em vez de espinheiros (símbolo da maldição), crescerá a faia" (Is 55.13). Israel será a primeira dentre todas as nações e por Israel serão abençoadas todas as nações da Terra, conforme a promessa feita a Abraão (Gn 22.18). Cumpre-se a união das dez tribos de Israel com Judá (Ez 37.15-28), e nesse

tempo haverá um só reino que tomará posse de toda a terra prometida a Abraão (Gn 15.18), a qual se estende do Eufrates ao mar Mediterrâneo.

v. 5. *"Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição."*

v. 6. *"Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos."*

A primeira ressurreição é inaugurada por Cristo, as primícias (1 Co 15.20; Cl 1.18) dentre os mortos: havendo outras ressurreições, depois da ressurreição dele (Mt 27.52,53).

Portanto, a primeira ressurreição atinge da ressurreição de Cristo até a dos mártires da Grande Tribulação, que ressuscitarão quando Cristo vier com a sua Igreja. Paulo diz: "Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda" (1 Co 15.23). "*Na sua vinda*" compreende as duas ressurreições: no arrebatamento da Igreja (1 Ts 4.14-16) e na sua manifestação em glória; leia o versículo 4 e descubra a expressão: "*viveram*".

"*Mas os outros mortos não reviveram*". Os outros mortos (os homens que desde Adão morreram nos seus delitos e pecados) não reviveram, *"até que os mil anos se acabaram"*. Em João 5.28,29, Jesus esclarece as duas fases da ressurreição: "E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação". O anjo, revelando a Daniel, diz: "E muitos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno" (Dn 12.2).

Aqui fica provado que entre a primeira e a segunda ressurreição haverá um espaço de mil anos. E somente depois da destruição total de Satanás, e para a devida prestação de contas perante o Trono Branco, é que haverá a segunda ressurreição, quando todas as demais criaturas comparecerão diante de Deus, dando cada local conta de seus mortos [em cada lugar que forem sepultados] (vv. 13,14).

Satanás é solto e derrotado para sempre (20.7-10)

v. 7. *"E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão."*

v. 8. *"E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como areia do mar, para as ajuntar em batalha."*

v. 9. *"E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou."*

v. 10. *"E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre."*

O Milênio não é o estado final. Quando Satanás completar os mil anos de prisão, terá chegado o fim dessa dispensação; então, novamente solto, sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da Terra, designadas por Gogue e Magogue (multidão), para ajuntá-las em batalha. Este tão grande e numeroso exército é comparado à areia do mar.

Tenhamos em vista que todo o Israel será salvo logo no princípio do Milênio (Jr 31.31-34; Rm 11.26), não só eles mas todos os que durante esse período nasceram em Israel (Is 59.20,21). O mesmo sucederá aos gentios no início do Milênio. Quanto aos que nascerem no Milênio, uns serão salvos, outros não.

O Milênio será o último teste pelo qual o homem passará. "... toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente" (Gn 5.5). O homem é mau, é obstinado, porque ele é carne (Gn 6.3). O homem tem na sua natureza a insatisfação personificada: se ele sofrer alguma coisa, reclama porque está mal; se ele está bem, e tudo lhe sorri e vive uma vida regalada e esplêndida, reclama porque poderia estar melhor. Nessas circunstâncias, os filhos dos que nasceram no Milênio nunca experimentaram tentação do maligno e sempre tiveram uma vida abundante de bênçãos; contudo reclamarão pela obediência forçada a Cristo. Não será obediência ditada pela fé, mas imposta pelo medo (leia Salmo 18.44,45; Zacarias 14.17-19).

Durante o Milênio, a morte é como uma maldição para os pecadores (leia Isaías 65.20). A população aumentará continuamente, e aqueles povos ou nações que só aparentemente reconhecem Cristo como Rei, afastar-se-ão o mais possível de Jerusalém. Apesar de usufruírem todas as bênçãos do Reino de Cristo não lhe dão lugar em seus corações; portanto, quando Satanás for solto, dirigir-se-á a essas nações e elas se submeterão ao seu domínio. Revelar-se-á a verdadeira natureza do homem! O homem tem sido provado sob várias circunstâncias e por diversas formas — pela inocência, pelo governo humano, pela Lei e pela graça e, agora, pela última vez sob um governo perfeito e glorioso; mas, ainda desta vez, se demonstrará que, devi-

do à sua natureza pecaminosa, o homem é incapaz de satisfazer os requisitos fixados por Deus.

Ao terminar o Milênio, a multidão designada por Gogue e Magogue, e Armagedom, vem dos quatro cantos da Terra; arrastada por Satanás para a última luta contra Deus e seu povo. O objetivo deles é destruir o arraial dos santos (o povo judeu) e assolar a cidade amada (Jerusalém). Cristo só intervém depois de se completar o cerco à nação de Israel. O juízo será súbito e fulminante, pois é Deus quem castiga: "De Deus desce fogo do céu e os devora". Assim serão varridos os ímpios da face da Terra; ficarão apenas os santos. Chega a vez do julgamento determinado desde o princípio (Gn 3.15). O enganador da humanidade é lançado finalmente no lago de fogo e enxofre, preparado para ele e seus anjos (Mt 25.41). A Besta e o Falso Profeta (Anticristo) já ali estarão desde o início do Milênio, entregues ao seu eterno destino. Não surpreende que no fim de mil anos, ainda ali se encontrem. O fato exemplifica as palavras do Senhor, em Marcos 9.49.

O juízo final — o Trono Branco

v. 11. "*E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.*"

Um grande Trono foi visto por João, à semelhança do Trono visto no início (Ap 4.2-6); porém, este Trono não está na Terra, como no juízo das nações vivas (Mt 25.31), nem no Céu, procedendo dele relâmpagos, trovões e vozes e ainda com o arco-íris, indicando a permanência fiel de Deus no cumprimento de suas promessas; mas aqui, o Trono é "grande", porque repre-

senta o poder infinito de Deus; é "branco", porque representa a justiça perfeita e completa de Deus.

Quem é o Juiz? Pelas palavras do próprio Senhor, sabe-se quem é o Juiz: E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo Juízo (Jo 5.22). O Juízo do Grande Trono Branco é um juízo somente dos mortos e é uma cena fora da história humana; porque *diante da presença do que está assentado no Trono, fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles.* A passagem da Terra e do Céu dá lugar a novo Céu e nova Terra, preparados (não criados) ou feitos para a eternidade (Is 66.22; 2 Pe 3.13).

v. 12. *"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida, e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras."*

O Grande Trono Branco é estabelecido antes da introdução de um mundo novo e eterno (leia 2 Pedro 3.7-10). Saímos da esfera limitada do tempo, e entramos na eternidade. Aqui cada um é julgado individualmente.

Como já dissemos: "*Os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram*". O Milênio já passou, e diante do Trono Branco haverá a segunda ressurreição, que atingirá de Adão até o último a morrer em seus delitos e pecados: todos hão de comparecer perante o Trono Branco. "*Abriram-se os livros*". Daniel teve essa visão (Dn 7.10). Aqui, os "*livros*" de que nos fala o texto são simbólicos: Deus registra todas as nossas palavras (Mt 12.36,37); nem as mais insignificantes faltas são esquecidas (Lc 21.2,3), porque toda a natureza humana é pecaminosa (Sl 51.5) e, diante do

Trono Branco, todos responderão pelos frutos colhidos na sua vida terrena; serão julgados *segundo as suas obras. O juízo é segundo as obras* (Ec 12.14) que são o produto da fé provada (1 Pe 1.7), quer para os salvos (2 Cr 5.10; Ap 22.12; leia 1 Coríntios 3.13-15), quer para os perdidos (Jó 34.11; Jr 17.10; Mt 16.27; Rm 2.5-11; 1 Co 3.9).

"*E abriu-se outro livro, que é o da vida*". "Livro da Vida — Registros judaicos: Quando alguém morria, o seu nome era riscado da lista que as autoridades guardavam, e que se supunha compreender somente os nomes dos vivos (Is 4.3; Ap 21.27)" (Dicionário Bíblico Universal). Os verdadeiros seguidores de Jesus têm os seus nomes escritos no "Livro da Vida" (Lc 10.20; Fp 4.3). Jesus promete ao vencedor: "O que vencer... de maneira nenhuma riscarei o seu nome do Livro da Vida" (Ap 3.5). Ter o nome escrito no "Livro da Vida" é ter garantida a sua entrada na Nova Jerusalém (Dn 12.1; Ap 21.17). Somente quem pecar contra o Senhor será riscado do seu livro, e isso significa morte eterna (Êx 32.32,33; leia Levítico 23.30; Salmo 69.28; Ezequiel 18.4).

v. 13. "*E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras.*"

v. 14. "*E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte.*"

v. 15. "*E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.*"

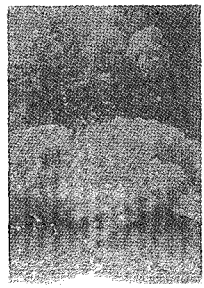
Cada um, de per si, dará conta de seus mortos. A Morte retinha o corpo e o Inferno ou Hades (o inferno

transitório) retinha as almas; porém Jesus já os venceu e tem em seu poder as chaves (Ap 1.18). A Morte e o Inferno foram lançados no lago de fogo (1 Co 15.26). "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei" (1 Co 15.55,56). Ambos só tiveram existência devido ao pecado (Rm 5.12; 6.23).

"Os ímpios serão lançados no inferno, e todas as gentes que esquecem de Deus" (Sl 9.17). É tão eterno o sofrimento dos perdidos como é eterna a existência de Deus.

Ó Deus eterno, rico em poder e grande em misericórdia, tem piedade desta pobre humanidade, cega e desviada de ti, Pai! Perdoa-lhe a salva-a.

21 O novo Céu e a nova Terra



(Cap. 21.1-27)

v. 1. "*E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.*"

É a aurora do grande e eterno dia. Lemos em 20.11 "que a terra e o céu fugiram, e não se achou lugar para eles"; isto na consumação do "grande dia da ira de Deus", que finaliza com a apresentação do Grande Trono Branco.

Por João contemplar agora "um novo céu e uma nova terra", não significa um extermínio do mundo material que agora existe, mas uma transformação completa e radical, quando, literalmente, o mar desaparecerá.

Aqui fica compreendido o que diz Pedro em sua segunda carta (3.10-13); e também o que diz Isaías 65.17, quando damos lugar à explicação científica, cuja nota transcrevemos no comentário do cap. 6, vv. 12-17, item quatro.

"*E o mar já não existe*". Isto não somente significa que desaparecerá da Terra a inquietação das massas e as rebeliões constantes dos povos e das nações, coisas

que são figuradas como o "*mar*" (Is 57.20; Lc 21.15; Ap 17.15). Cremos também que, literalmente, o mar desaparecerá. Por que o mar é símbolo de separação e a separá não terá lugar na "nova Terra" (leia Isaías 66.20-23). A inumerável multidão de judeus e gentios salvos não ocupará a Terra como nações, mas como indivíduos em relação a Deus (leia João 10.16).

v. 2. "*E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.*"

Esta descrição da Nova Jerusalém é simbólica; ela não está sobre a Terra. João via "*que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido*". Essa é a cidade celestial, a "cidade do Deus vivo", a "Jerusalém celestial" (Hb 12.23); a "Jerusalém que é de cima [...] a qual é mãe de todos nós" (Gl 4.26). Este também é o "lugar" que o Senhor foi preparar para os seus (Jo 14.2).

"*De Deus descia do céu*". Estas palavras são repetidas no v. 10. A descida a que se refere o v. 2 só se realiza mil anos depois da que se menciona no v. 10. A primeira é já na eternidade; e a última é no início do Milênio. Durante o Milênio a maravilhosa cidade estará acima da Terra (leia v. 24) e, dali, Cristo reinará e com Ele os seus santos. Aqui, porém, ela desce de Deus, do lugar da mais alta glória até a Terra eterna.

Mil anos passaram desde a celebração das bodas do Cordeiro (Ap 19.7,8); agora, após aquele período de glórias, ela é vista ainda como a esposa ataviada para o seu marido. Se o gozo da esposa é completo, o de Cristo é supremo. Ele deu tudo o que tinha, para assegurar a posse de tão valiosa pérola. Tudo é descrito em linguagem figurada. Pergunto: O que será a realidade?

A Jerusalém terrestre (Ap 11.2) não será removida da Terra, e a sua glória durante o Milênio é descrita pelos profetas do Antigo Testamento (Is 62.2-5).

v. 3. *"E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus."*

Falam os mestres: "A expressão 'eis aqui' chama a nossa atenção para o fato de o Tabernáculo de Deus estar com os homens. Deus andou com Adão e falou com ele no Jardim do Éden. Apareceu aos patriarcas de Israel. Habitou no antigo Tabernáculo. Estava em Cristo nos dias da sua carne. Habita na Igreja pelo seu Espírito. Este modo de Deus habitar com os remidos na Terra será substituído na eternidade pela real presença de Deus. O Tabernáculo é o conjunto dos santos celestiais. O Tabernáculo, o lar dos santos, desce do Céu e Deus desce com ele.— Por que se emprega a palavra 'Templo' nestas relações entre Deus e os homens? A palavra 'Templo' poderia parecer-nos mais adequada em virtude de o antigo Tabernáculo, erguido no deserto, relacionar-se com as jornadas dos filhos de Israel.

"O Tabernáculo era a expressão de um estado de coisas temporário, ao passo que o Templo era um edifício de caráter permanente. Da expressão 'Tabernáculo de Deus com os homens', conclui-se que os santos não terão habitação permanente na nova Terra, mas estarão todos juntos, tendo em seu meio o próprio Deus. Neste versículo temos quatro fatos: 1. O Tabernáculo de Deus com os homens; 2. Habitará com eles; 3. Serão o seu povo; 4. O próprio Deus estará com eles, e será o seu Deus. Estes fatos mostram o alcance do mais ele-

vado grau de bênção. O que Deus é, o que Deus tem, torna-se o eterno quinhão dos homens, de todos os homens na Terra. Aqui não se menciona o Cordeiro. Deus é tudo em todos para sempre."

Aqui será o antítipo do Santo dos Santos, do antigo Tabernáculo e Templo, o qual, como esta cidade, era o lugar da presença de Deus, que estava ali entronizado sobre o querubim do propiciatório (Êx 25.22). O Santo dos Santos era livre de qualquer luz natural, iluminado somente pela "*Shechinah*" da glória de Deus. Mesmo as brilhantes descrições nos profetas da restaurada e exaltada Jerusalém terrestre são, apenas, pálidas descrições típicas da glória desta cidade de Deus. "O nome da cidade naquele dia", diz Ezequiel, "será (em hebraico, 'Jeová Shammah') Jeová está ali" (Ez 48.35).

v. 4. "*E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas.*"

No Milênio não existirá condição perfeita e absoluta de gozo, porque haverá ainda lágrimas a enxugar (leia Zacarias 14.17-19; Apocalipse 7.17). Mas, na vida eterna, no gozo eterno, no lar de glória com Deus, Deus "limpará toda a lágrima", fazendo cessar as tristezas, removendo as causas de qualquer constrangimento. Cessará a morte, o pranto, o clamor, a dor, porque o pecado, que deu origem a todos esses males, não mais existe!

v. 5. "*E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.*"

v. 6. "*E disse-me mais: Está cumprido; Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida.*"

Do trono de Deus e do Cordeiro (22.3) procede a divina e final revelação a João.

"*Eis que faço novas todas as coisas*". O Senhor aqui não está combatendo os seus inimigos, mas, graciosamente, e por seu grande prazer para com o povo salvo, resgatado pelo sacrifício vivo de seu amado Filho, faz novas todas as coisas, para o louvor do seu nome e a felicidade dos fiéis (Is 43.19; leia 2 Coríntios 5.17).

João recebeu ordens para escrever (leia Êxodo 31.18; 34.27; Deuteronômio 6.9; Jeremias 30.2; Hebreus 2.2), porque são palavras verdadeiras e fiéis. "O Senhor falou, e foi feito; mandou e logo apareceu" (Sl 33.9).

"*Está cumprido*". "Está consumado" (Jo 19.30). Antes de Jesus render o espírito ao Pai, bradou com voz bem forte essas palavras (Mt 27.50). A obra ficou perfeitamente completa!

Agora, o eterno Deus é que fala: "Eu sou (aquele que é, o que era, o que há de vir, o Todo-poderoso) o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim" (Is 41.4; 44.6; 48.12; Ap 2.8). Todas as coisas têm nele o seu princípio e o seu fim, e por Ele é que subsistem.

"*A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida*". É o último convite. O Senhor com amor ardente pelas criaturas, ainda lhes oferece a fonte da água cristalina (Is 55.1; Jo 4.10,14; 7.37).

v. 7. "*Quem vencer herdará todas as coisas, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.*"

Eis a última promessa ao vencedor (Ap 2.7,11,17,26-28; 3.5; 12.21). Paulo diz: "Assim que já não és mais servo mais filho; e se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo" (Gl 4.7). "E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e coherdeiros de Cristo" (Rm 8.13). "Dando graças ao Pai

que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz" (Cl 1.12); "... a sorte entre os santificados pela fé em mim" (At 26.17; leia Jó 42.10; Mateus 19.29).

"*E eu serei seu Deus, e ele será meu filho*". João considera este direito, adquirido unicamente pela "caridade de Deus". "Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus" (1 Jo 3.1). Mediante o reconhecimento de Jesus como Salvador, cada criatura, individualmente, alcança este direito (Jo 1.12). Todas as pessoas são criaturas de Deus, porém o *direito de filho* é dado como galardão ao vencedor, uma vez que permaneça fundamentado e firme na fé, e não renegue a esperança do Evangelho (Cl 1.20-23).

Consideremos as vantagens dos "filhos de Deus" (Sl 127.3; Is 54.13; 56.5; Rm 8.14-17; 1 Jo 3.2). Ser filho de Deus é ser nascido de Deus (Jo 1.13; 1 Jo 3.9); é ser gerado da semente incorruptível, pela Palavra de Deus (1 Pe 1.23; Tg 1.18); é nascer de novo (Jo 3.3,7); é nascer da água e do Espírito (Jo 3.5). Da água, que tipifica o batismo (Mc 16.16; At 2.38), não do despojamento da imundície da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus (1 Pe 3.21), a qual é recebida pela lavagem da água da regeneração, pela palavra (Ef 5.26), que transforma o pecador em uma nova criatura (2 Co 5.17; Gl 6.15).

v. 8. "*Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte.*"

Oito classes de pessoas são referidas aqui, que terão a sua parte no "lago de fogo"; — tímidos não se refere

aos humildes, pessoas que muitas vezes não têm coragem de falar nem em sua defesa própria; mas, compreende os covardes, que, por temor de se declararem por Jesus, recusam-se, muitas vezes, a aceitá-lo como Senhor e Salvador pessoal (1 Co 6.9), e também a outros que, por medo e covardia, o abandonaram na liça, negando o seu nome, para serem agradáveis ao mundo (2 Tm 4.10,14,15).

As sete outras classificações são bem conhecidas: "*obras da carne*" (1 Co 6.10; Gl 5.19-21; Ef 5.5-8; 1 Tm 1.9; Ap 22.15). A condenação desses é certa, "porque a inclinação da carne é morte; é inimizade contra Deus e nem pode agradar a Deus" (Rm 8.4-8).

"*A sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre*". O fogo torna-se muitas vezes mais quente quando queima junto com o enxofre. Nesta visão, João vê os acontecimentos na Eternidade. A Besta, o Falso Profeta e o próprio Satanás já tiveram esse destino (Is 27.1). Agora são os homens que participam dessa condenação (Mt 7.23; 13.40-42; 25.41,46); "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo; e não perdoou o mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; e condenou à subversão as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza, e pondo-as para exemplo dos que vivessem impiamente" (2 Pe 2.4-6); "Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram?..." (Hb 2.3).

"*O que é a segunda morte*". A morte do espírito é a separação de Deus. Diz Isaías que os participantes da glória da nova Terra, após adorarem o Senhor, "Sai-

rão, e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu bicho nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne" (Is 66.24). E diz Jesus: "Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga, porque cada um será salgado com fogo..." (Mc 9.48,49). Não se consomem, mas são preservados em suplício para todo o sempre.

A nova Jerusalém (21.9-27)

v. 9. *"E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro."*

Um dos sete anjos que estavam em conexão perfeita com o julgamento da "prostituta", que é identificada como a cidade de Babilônia, a antítese da pura Noiva, da verdadeira Cidade (Ap 16.17; 7.1), convida o apóstolo a ver "a esposa, a mulher do Cordeiro".

"No Antigo Testamento a figura do matrimônio emprega-se da mesma maneira. Israel era, assim, a esposa de Jeová (Is 54.1; Jr 31.32), agora repudiada por causa da sua infidelidade mas que voltará ainda (Os 2) e será recebida e reabilitada. Novamente o seu Criador será o seu marido, e uma bênção maior que a primitiva lhe será outorgada. No Salmo 45 o Rei de Israel, o Messias, é o Noivo. Cantares de Salomão é um cântico místico de consórcio. Jerusalém leva o nome do Senhor: 'Este é o nome pelo qual ela será chamada: Jeová a nossa justiça (Jr 23.6; 33.16). A Terra também será 'desposada' (Is 62.4).

"No Novo Testamento emprega-se a mesma figura. João Batista fala do seu gozo como o 'amigo do Noivo'

e de ouvir a voz do Noivo (Jo 3.29). Na parábola das virgens (Mt 25), onde os cristãos são os que saem ao encontro do Noivo, porque eles não são a noiva, que ainda é Israel (de acordo com o sentido geral das profecias) embora ela não apareça na cena. Alguns percebem nas bodas de Caná da Galiléia também um reflexo do mesmo pensamento."

v. 10. *"E levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu."*

v. 11. *"E tinha a glória de Deus. A sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente."*

Voltamos, com esta visão, aos acontecimentos do Milênio (leia Ezequiel 40.2). É vista a Cidade-Noiva, com a sua gloriosa luz e beleza, luz clara como cristal e brilho comparado ao da pedra jaspe. Ela descia do Céu, não até a Terra, mas acima da Terra (v. 24; leia Isaías 60.3).

v. 12. *"E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel."*

v. 13. *"Da banda do levante, tinha três portas; da banda do norte, três portas; da banda do sul, três portas; da banda do poente, três portas."*

v. 14. *"E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro."*

v. 15. *"E aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro."*

v. 16. *"E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais."*

v. 17. *"E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a de um anjo."*

v. 18. *"E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro."*

v. 19. *"E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda;"*

v. 20. *"O quinto, sardônica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisópraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista."*

v. 21. *"E as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade, de ouro puro, como vidro transparente."*

O muro com as suas doze portas, doze anjos, doze nomes das tribos, doze fundamentos, mostra alguma relação com a cidade santa, a esposa do Cordeiro, e a Jerusalém terrestre (Ez 48.31-34). Que esta cidade não pode ser uma habitação terrestre, vê-se pelas suas medidas: aproximadamente 2.220 quilômetros de comprimento, largura e altura! Precisamente o que estas medidas significam não podemos interpretar, mas é provável que contenham a idéia de simetria perfeita.

A entrada tem de ser pelas portas. Como ninguém pode entrar na cidade a não ser pelas portas, e, evidentemente, como estão escritos sobre as doze portas os nomes das doze tribos de Israel, ninguém pode ter entrada à salvação de Deus independentemente de Israel, "porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4.22). Em cada porta se exerce poder e autoridade sobre a respectiva tribo (Mt 19.28). Os concertos da promessa são primeiramente de Israel e mesmo o que nós, os gentios, hoje gozamos, é derivado da raiz e da seiva da sua oliveira (Rm 9.4; 11.15-24).

As doze portas são doze pérolas. A pérola significa unidade, pureza e grande valor. Estas portas de pérola lembram-nos os bons pensamentos do Senhor e o seu amor para com a Igreja. O custo duma linda e valiosa pérola (Mt 13.45,46) não pode ser calculado. Para comprá-la, o Senhor deu tudo quanto tinha.

A disposição em que estão as portas, de três em três, nos pontos cardeais, indica ser a cidade quadrangular, tendo a forma perfeita de um cubo, por serem a medida de comprimento, largura e altura perfeitamente iguais. A medida foi até *doze mil estádios*. Um estádio era igual a um oitavo da milha romana, ou seja, 185 metros. Assim, a cidade mede 2.220 quilômetros no seu quadrado, ou seja, 555 quilômetros de comprimento; 555 de largura e 555 de altura, com a base de 308.025 quilômetros quadrados. A cidade é toda de ouro puro semelhante a vidro puro (2 Co 5.1) e só Deus pode ser o grande arquiteto dessa preciosa maravilha.

Enquanto estavam escritos nas portas os nomes das doze tribos de Israel, nos doze fundamentos do muro estavam escritos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (Ef 2.20). Isto significa que o muro repousa sobre o trabalho dos apóstolos da proclamação e autoridade do Evangelho.

O muro media 144 côvados de altura (um côvado ou um cúbito tinha 66 centímetros), ou seja, 95 metros e quatro centímetros. Era construído todo de jaspe, pedra preciosíssima.

Os fundamentos são guarnecidos ou adornados com pedras preciosas. Cada uma das doze pedras usadas no fundamento reflete um aspecto particular da glória divina. Combinadas, apresentam como que a glória natural de Deus. O jaspe é a pedra usada na edificação do muro, e é o seu primeiro fundamento. As cores das outras pedras são: safira (azul); calcedônia (castanho claro); esmeralda (verde) — cor do arco celeste que João viu ao redor do trono de Deus (Ap 4.3); sardônica (azulado); sárdio (cor de carne); crisólito (áureo); berilo (verde-mar); topázio (amarelo dourado); crisópraso (verde mesclado de amarelo; um verde dourado); jacinto (violeta); ametista (púrpura). Nestas pedras preciosas e no conjunto das cores resultantes da passagem da luz através daqueles prismas, temos uma revelação maravilhosa do ser Supremo. Paulo, escrevendo a Timóteo (1 Tm 6.13-16), declarou que Deus habita na luz inacessível; Deus é luz e não há nele treva alguma. O arco-íris tem sete cores. Na Escrituras o número sete é o símbolo da perfeição, e o número doze, símbolo de governo.

v. 22. *"E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor, Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro."*

v. 23. *"E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada."*

"Não vi templo nela". Isto significa livre e perfeito acesso a Deus, sem intervenção de qualquer sacerdote

ou mediador, porque ela é o próprio Templo ou Tabernáculo de Deus. Se Cristo é o Cordeiro em que habita a divindade (Cl 1.19), e pelo qual Deus se manifesta (Jo 17.26), então na cidade não é necessário qualquer templo. Desde o princípio (Gn 1), a Terra tem carecido do Sol para governar o dia, e da Lua para governar a noite; tal não será preciso na cidade celestial. O Cordeiro que morreu por nós é a lâmpada da glória divina. É Ele que difunde a luz por toda a Cidade. Deus manifesta-se no Cordeiro, cujo sacrifício será recordado eternamente.

v. 24. *"E as nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra."*

v. 25. *"E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite."*

v. 26. *"E a ela trarão a glória e honra das nações."*

v. 27. *"E não entrará nela coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira, mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro."*

Durante o Milênio, as nações e os reis da Terra subirão a Jerusalém terrestre para adorar a Deus (Sl 72.8-11; Is 60.1-3; Zc 14.16). Nesse tempo eles levantarão os olhos para Jerusalém Celestial, sobre o monte Sião, onde está a glória de Deus, e de onde essa glória emana. Naquela nova terra as nações andam à luz da cidade; os reis trazem a ela a glória e honra das nações, como um tributo sagrado, um sacrifício de louvor.

Na cidade não pode, de modo algum, entrar o pecado. Nenhum pecador, por pequena que seja sua culpa, poderá suportar o fulgor da glória divina. Só podem

entrar na cidade e participar daquelas bem-aventuranças aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro. Ali não haverá noite. A própria cidade é uma grande luz, luz que nunca perde o seu brilho; nenhuma sombra ofuscará a sua luz. A longa e escura noite passou, e para a Igreja rompe o dia eterno de glória, dia que não conhece o pôr do Sol.

22 A ETERNIDADE COM CRISTO



(Cap. 22.1-21)

v. 1."*E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro.*"

v. 2. "*No meio da sua praça e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações.*"

João continua a contemplar a visão da Jerusalém celestial, vendo agora o rio e a árvore da vida para a saúde das nações; isto significa dizer que, mesmo no estado eterno de glória, a bem-aventurança do homem é dependente de sua comunhão com Deus.

Em Gênesis 2.10 fala-se de um rio que saía do Éden, para regar o Jardim, que se dividia em quatro rios (Gn2.11-14). A Jerusalém terrestre terá também o seu rio (Ez 47.1; Zc 14.8).

Repetimos, isto se dará na Jerusalém terrestre. Bem se tem dito: "As coisas terrestres são modeladas na semelhança das celestiais" (Êx 25.40; 26.30; 27.8). O

rio sobre a terra, com suas árvores, frutos e remédios, é como um raio de luz projetado pela árvore da vida da Jerusalém Celestial. A árvore da vida faz pensar no Éden. A árvore do "conhecimento do bem e do mal" não aparece mais. Como diz alguém: "A árvore cujo fruto trouxe a morte, secou-se na cruz".

O rio aqui procede do trono de Deus e do Cordeiro. O trono de Deus fala da majestade, e no Cordeiro vemos a graça do Bem-amado. Estes atributos — poder, majestade e graça — caracterizam o governo que precede do Trono, governo em que os santos se regozijam e sob o qual as nações habitarão em paz" (Sl 36.8; 46.4).

v. 3. *"E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão."*

v. 4. *"E verão o seu rosto, e na sua testa estará o seu nome."*

v. 5. *"E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia, e reinarão para todo o sempre."*

São descritas aqui sete glórias dos remidos:

1. *Nunca mais haverá maldição.* Isto significa absoluta ausência do pecado e santidade perfeita. Quando o pecado entrou no mundo, foram amaldiçoados a serpente (Gn 3.14), a Terra, e também Caim (Gn 4.11). Lemos que todos os que são das obras da Lei estão debaixo da maldição (Gl 3.10). Nem a maldição nem os seus efeitos poderão entrar na santa cidade de Deus.

2. *Ali estará o trono de Deus e do Cordeiro.* Vemos os remidos associados para sempre àquele Trono. O governo será perfeito e abençoado; nada o perturba-

rá. No cap. 3 lemos: "o trono do meu Pai"; agora lê-se: "o trono de Deus e do Cordeiro". É, de fato, o eterno trono de Deus.

3. *Os seus servos o servirão.* O Céu não significa ociosidade. Os santos nunca terão motivo para se aborrecerem. O seu ministério será perfeito. De que natureza será, não sabemos. Na glória, Deus tem muitas surpresas reservadas para os seus santos. Alegremente tomaremos posse da vida eterna e para sempre o serviremos. Por amor, serviremos com alegria e liberdade.

4. *E verão o seu rosto.* Leia 1 Pedro 1.8; "o qual não o havendo visto, amam". Momento feliz aquele em que as nossas almas poderão contemplar o nosso bendito Salvador e Senhor, cujo amor nos dá ânimo para atravessarmos esta escura noite de pecado e tristeza. Oh! Como será alegre vê-lo como Ele é, e ter a oportunidade de contemplá-lo para sempre!

5. *Nas suas testas estará o seu nome.* Isto significa a posse legítima e eterna. O seu nome e a respectiva glória serão nossos para sempre. Dele teremos, além do nome, uma semelhança espiritual. Seremos a viva expressão dele e de seu caráter.

6. *Dia sem fim.* Não haverá noite, nem trevas, nem necessidade de luz artificial, como a de uma lâmpada, nem da luz natural, como a do Sol. Que coisa maravilhosa! Nele viveremos uma eterna mocidade!

7. *Um Reino eterno.* Reinarão para todo o sempre. Tais serão as bem-aventuranças dos remidos no porvir. É evidente a relação entre o Milênio e a eternidade. Os santos, nas alturas, nunca cessarão de reinar. O Trono é eterno e muitos serão os tronos e as coroas dos santos. Serviremos e reinaremos por toda a eternidade. Como é gloriosa esta parte final do livro! Bem cedo será uma realidade para nós.

Admoestações e promessas finais - conclusão (22.6-21)

v. 6. *"E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer."*

O Apocalipse, rigorosamente falando, termina no v. 5. O resto do capítulo é, por assim dizer, um epílogo, cujas palavras, proferidas pelo anjo ou pelo Senhor, se destinam a salientar a verdade e o valor do que fora revelado. Nenhum outro livro revela tão admiravelmente as glórias reservadas por Deus para os seus servos e em nenhum outro livro se assegura de modo tão categórico que estas coisas são "fiéis e verdadeiras". A fidelidade e a verdade de Deus são asseveradas várias vezes. No cântico de louvor, os mártires proclamam: "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor, Deus Todo-poderoso" (Ap 15.3). A grande multidão no Céu, a uma voz, exclama: "Verdadeiros e justos são os teus juízos" (Ap 16.7). E Deus declara: "Estas palavras são verdadeiras e fiéis" (Ap 21.5). O anjo procura salientar, não a grandeza e a glória das revelações, mas a fidelidade e a veracidade delas.

v. 7. *"Eis que presto venho. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro."*

Seis vezes encontramos, nesta mensagem, a expressão "eis que cedo venho" (Ap 3.11,20; 16.15; 22.7,12,20). Mesmo que as palavras sejam diferentes em cada versículo, o sentido é o mesmo. Isto evidencia que Deus quer que, durante os séculos, a esperança da volta do Senhor seja para os remidos sempre viva, imediata, purificadora (1 Jo 3.3).

A "volta do Senhor", para Deus, sempre é "cedo", dado o ilimitado tempo da eternidade (2 Pe 3.8).

"*Bem-aventurado o que guarda as palavras*". Guardar as palavras significa estimá-las e viver de acordo com elas. Há grande recompensa, a bem-aventurança eterna aos fiéis observadores.

v. 8. "*E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostravam para o adorar.*"

v. 9. "*E disse-me: Olha, não faças tal, porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.*"

João afirma com evidência tudo quanto viu e ouviu. Muito embora já houvesse acontecido (Ap 19.20) pela segunda vez, ficou tão deslumbrado com a gloriosa visão, que teria adorado o anjo se este a isso não se opusesse.

Os anjos não aceitam adoração. Paulo recomenda: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão" (Cl 2.18).

"Gnosticismo - Sistema de filosofia cujos partidários pretendiam ter um conhecimento sublime da natureza e atributos de Deus. O fundo das doutrinas gnósticas era uma explicação do mal pela coexistência de dois princípios; era, pois, um método mais científico. De um Deus inefável, de que nada pode ser afirmado, saiu, por emanação, o mundo em que vivemos. Começou por espíritos livres de toda mistura. Mas a esta emanação sucedeu a encarnação; foi a queda que, segundo alguns gnósticos, começou por corpos de mulheres. Noutros

termos, é o mal de que só nos podemos libertar pela redenção. Se a matéria é o princípio do mal, todo o corpo é mau, toda a carne é abominável. Daí a condenação absoluta da vida, da procriação, do casamento e também da propriedade das coisas materiais" — *Dicionário e Enciclopédia Internacional*

Os anjos são criaturas de Deus, são espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a vida eterna (Hb 1.14; leia Gênesis 19.16; Daniel 3.28; 7.10,11; Mateus 22.30; 24.36; 26.53; Lucas 12.8,9).

"*Adora a Deus*". Adorar a qualquer criatura é pecar contra Deus. Nada deve tomar o lugar de Deus na nossa vida. O anjo declara-se conservo de João, dos profetas e de todos os que guardam as palavras deste livro. Só Deus deve ser adorado. "Todos os anjos de Deus o adorem" (Hb 1.6).

v. 10. "*E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque próximo está o tempo.*"

Em Daniel 12.4, lemos a ordem: "Fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo", que se referia a um futuro remoto. Agora, João recebe a ordem: "Não seles as palavras da profecia deste livro, porque próximo está o tempo".

Estamos vivendo no tempo do fim. Isso se acentua ao notarmos a aproximação evidente de Jesus. Observemos com atenção os acontecimentos atuais do mundo, comparando a inclinação dos homens de hoje com Mateus 24.37-39 e Lucas 17.26-30. O proceder é o mesmo, os sentimentos carnais e humanos são os mesmos. Isto evidencia mais um sinal da vinda do Salvador e que o arrebatamento da Igreja se aproxima.

"*O tempo está próximo*". Podemos dizer a nós, que vivemos nestes dias, que "o tempo é chegado". Jesus não está agora somente às portas, mas está na porta. Esta mensagem é motivo para o despertamento dos fiéis. Os que amam a vinda de Jesus terão certo o seu galardão (2 Tm 4.8).

v. 11. *"Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda."*

É o estado progressivo nas pessoas, do bem ou do mal, e assim será até a vinda de Cristo: "Os hábitos formam o caráter, e o caráter define o destino".

Este versículo refere-se a duas classes de pessoas: más e boas. Cada estado se eleva a ponto de se tornar estável. Cada um prosseguirá no seu caminho escolhido, ou para as profundezas do abismo, ou para a pureza e perfeição (Ez 3.27; Dn 12.10; 2 Tm 3.13).

v. 12. *"E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra."*

Mais uma vez a promessa do Senhor é repetida. Os galardões são distribuídos no "Tribunal de Cristo" (Rm 14.10; 2 Co 5.10), juízo não condenatório, mas compensatório (1 Co 3.10-15; leia João 5.24; Romanos 8.1). Os galardões ministrados aos santos, todos correspondem ao mérito da obra de cada um (Is 40.10; 1 Co 3.8; 2 Co 9.6; Cl 3.23,24). Além das coroas, há outros privilégios que serão ministrados aos santos: um reino eterno (Dn 7.27; Tg 2.5); a cidade celestial (Fp 3.20; Hb 11.6; Ap 21.1-7); e um novo nome (Ap 2.17).

v. 13. *"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro."*

Jesus Cristo é o verdadeiro Deus (Is 9.6; 44.6; 54.5; Jo 20.28; At 20.28; Rm 9.5; Tt 2.13; Hb 1.8; 1 Jo 5.20). O Filho é igual ao Pai (Jó 14.4; Jo 5.19,20,26; 14.7-9;). O Filho é eterno (Is 41.4; 48.12; Ap 1.8,11; 21.6).

v. 14. *"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas."*

v. 15. *"Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira."*

No cap. 7 (vv. 14,15), os vestidos dos remidos devem ser lavados e branqueados no sangue do Cordeiro, para estarem perante o trono de Deus. Aqui a aplicação do sangue dá acesso à árvore da vida e entrada na cidade santa pelas portas.

"E não entrará nela coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira" (Ap 21.27). Ali não pode entrar o pecado e todos os que estão na lista de Apocalipse 21.8. Para dar ênfase, é repetida a mesma sentença, acrescida de "cães". Não se refere a animais, mas aos que têm suas vidas semelhantes à desses caninos: vida de intriga e ódio. O destino dessas criaturas é o lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte.

Graças a Deus, "Aquele que nos amou (Jo 3.16; Rm 5.8) e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (Ap 1.5), purificará as nossas consciências das obras mortas, para servirmos ao Deus vivo (Hb 9.14). "Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna" (Rm 6.22).

v. 16. *"Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente Estrela da manhã."*

Esta é a assinatura de nosso Senhor Jesus Cristo, que autentica o livro. Como qualquer livro precisa da assinatura de seu autor, para dar mais valor à obra, assim Jesus, também, assina esta importante e maravilhosa obra e a recomenda às igrejas.

Numa autenticidade perfeita, Jesus confirma a sua real descendência e a eminência do seu reino, oriundo da casa de Davi, sendo Ele mesmo o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Também lembra a sua vinda para a igreja, como a "resplandecente estrela da manhã".

Para Israel, Ele é o "Sol da Justiça", e com Ele nascerá o grande dia milenário (Ml 4.2). Para a Igreja, sua Noiva querida, Ele é a "resplandecente estrela da manhã", que brilhará antes do despontar daquele grande e sublime dia. A estrela brilha antes de nascer o Sol, assim Cristo vem primeiro buscar a sua Igreja, para depois aparecer a Israel como o Sol.

v. 17. *"E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve, diga: Vem! E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida."*

As primeiras duas frases do v. 17 são a resposta à última parte do v. 16: *"Eu sou a resplandecente estrela da manhã"*. A Igreja resgatada, composta de todos os salvos pelo sangue de Jesus, ouve-o dizer: "É a voz do seu amado" (Ct 5.2,16); e ela responde prontamente: "Vem!" A resposta da Esposa junta-se à do Espírito Santo. Então todos os que estiverem atentos e derem ouvidos a esta sua palavra se juntarão e, congratulando-se pela sua chegada, exclamarão com alegria: "Vem!"

"*Quem tem sede venha*". É agora o tempo deste ardoroso convite. Devemos instar "em tempo e fora de tempo", não perdendo ocasião. As almas estão sedentas e precisam dessedentar-se na "fonte da água da vida". O convite é de graça, e é para todas as criaturas, sem exceção: "Quem quiser tome de graça da água da vida" (leia Isaías 55.1; Jeremias 2.14; João 7.37).

v. 18. "*Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro;*"

v. 19. "*E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritas neste livro.*"

É um aviso e um testemunho solene contra os modificadores da doutrina do Senhor. Moisés já exortava: "Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando" (Dt 4.2); "Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás" (Dt 4.2; 12.32).

Jesus determinou aos seus discípulos: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; *ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado*" (Mt 28.19,20).

Agora é proclamado o terrível pecado de se acrescentar ou diminuir as palavras da profecia deste livro. A condição é triste para o infrator: 1) Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; 2)

é a última promessa, como também
da Bíblia. É a "chave de ouro" que ence
rança dos salvos, fechando este maravi

-se dito que durante o período de s
, Jesus era o "Homem de dores"; que at
Homem de paciência"; e que, finalment
eber a sua Igreja, será o "homem de r
7).
uele que testifica estas coisas". Demo
cuidado de Jesus para provar a veraci
velação. Fica provado, e fora de qualqu
João foi apenas o elemento humano us
para escrever o livro (Ap 1.11), mas
autor foi "Aquele que testifica estas co
do todo do livro], nosso Senhor Jesus
tamente cedo venho". É a última adver
o aviso escrito e revelado desde os céu
esponde de coração, cheio de alegria:
m, Senhor Jesus!"

1. "*A graça de nosso Senhor Jesus Cr*
dos vós. Amém!"

tigo Testamento termina com uma alus
Cristo. De um modo semelhante, o No

Oliveiras (Zc 14.4; Ml 4.2). As circunstâncias são muito diferentes. Trata-se de dois aspectos de sua vinda, relacionados, respectivamente, com a graça e o julgamento. O Antigo Testamento fecha com a ameaça de uma maldição, o Novo, com a bênção da graça.

Esta é a bênção apostólica:

"A GRAÇA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO SEJA COM TODOS VÓS. AMÉM!"